

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
SELMA ZAGO DA SILVA BORGES

UM ESTUDO DA ARQUITETURA TEXTUAL DO GÊNERO
ENTREVISTA

UBERLÂNDIA
2007

SELMA ZAGO DA SILVA BORGES

**UM ESTUDO DA ARQUITETURA TEXTUAL DO GÊNERO
ENTREVISTA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Lingüística, Curso de Mestrado em Lingüística, do Instituto de Letras e Lingüística da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito para a obtenção de título de Mestre em Lingüística.

Área de concentração: Estudos em Lingüística e Lingüística Aplicada.

Linha de pesquisa: Estudos sobre texto e discurso.

Orientadora: Profa. Dra. Maura Alves de Freitas Rocha

**Uberlândia
2007**

FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

B732e Borges, Selma Zago da Silva, 1970-
Um estudo da arquitetura textual do gênero entrevista / Selma Zago da
Silva. - 2007.
231 f.: il.

Orientadora: Maura Alves de Freitas Rocha.
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Uberlândia, Programa
de Pós-Graduação em Linguística.
Inclui bibliografia.

1. Linguística aplicada - Teses. I. Rocha, Maura Alves de Freitas.
II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em
Linguística. III. Título.

CDU: 801

Selma Zago da Silva Borges

Um estudo da arquitetura textual do gênero entrevista

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Lingüística, Curso de Mestrado em Lingüística, do Instituto de Letras e Lingüística da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito para a obtenção de título de Mestre em Lingüística.

Área de concentração: Estudos em Lingüística e Lingüística Aplicada.

Linha de pesquisa: Estudos sobre texto e discurso.

Uberlândia, 30 de outubro de 2007.

Banca Examinadora

Profª. Dra. Maura Alves de Freitas Rocha – UFU

Profª. Dra. Irma Beatriz Araújo Kappel – UFTM

Prof. Dr. Ernesto Sérgio Bertoldo

Dedico à minha mãe, **Zenaide Zago da Silva**, que, na labuta da arte de coser, encorajou-me aos embates da vida.

A meu pai, **Joviano Xavier da Silva**, que, no silêncio, nas palavras mudas, desejou a mim o melhor.

A meu esposo, **Fausto Antônio Borges**, incansável cooperador, a quem muito devo.

À minha amada filha, **Isabela Cristina Borges**, pelo doce carinho, pela presença e apoio constantes.

A meu amado filho, **Hugo Leonardo Borges**, cujo humor e carinho amenizaram os solitários momentos desta pesquisa.

Agradecimentos

A meu avô, Tranqüilo Zago, mestre da sabedoria e lucidez, que em poucas palavras impulsionou-me para as batalhas da vida, pela constante atenção com minhas idas e vindas a Uberlândia;

À minha avó, Luiza Bizinoto Zago, que, por trás de uma aparente fragilidade, encorajou-me, pela sua valiosa atenção e zelo pelos meus estudos.

À minha família, pelo incentivo constante;

À minha sogra, Izaura Quirina Borges, pela incondicional presteza, atenção e auxílio prestados a mim e a meus filhos em todos os momentos de que precisei;

À minha amiga e filha, Isabela Cristina Borges, por estender sua mão nos momentos de embate com os dados, tabelas e gráficos;

À amiga Pauliana Duarte Oliveira pela partilha em dividir os momentos solitários que o mestrado nos traz;

Aos amigos professores, Luciana Santos Andrade, Renato Silva Rodrigues e Rivo Lopes Medeiros, Viviane Honorato da Silva, Wellington Arantes Nunes, que participam dessa trajetória e impulsionaram-me a seguir;

Às amizades semeadas nos corredores e bancos da faculdade, às amigas, Hejaine de Oliveira Fonseca, Marilza Borges Arantes, Nara Rúbia Martins Borges, Regina Félix, Roselaine das Chagas, Viviane Raposo Pimenta, pelos empréstimos, partilha, hospitalidade, atenção;

Às professoras doutoras, Fernanda Mussalim e Luísa Helena Borges Finotti, pelas sugestões valiosas na qualificação;

À Profa. Dra. Maura Alves de Freitas Rocha, pela orientação segura e, principalmente, pela confiança que em mim foi depositada;

À Secretaria da Educação do Estado de Goiás e à Secretaria Municipal de Educação de Itumbiara, pelo apoio recebido;

Ao Mestrado em Linguística, na pessoa do Prof. Dr. Ernesto Sérgio Bertoldo, pela presteza, carinho e atenção que sempre a mim foram estendidos.

A todos que, em prece, no olhar, no aperto de mão, desejaram-me o melhor.

Muito obrigada!

"Eu escrevo sem esperança de que o que eu escrevo altere qualquer coisa. Não altera em nada... Porque no fundo a gente não está querendo alterar as coisas. A gente está querendo desabrochar de um modo ou de outro..."

Clarice Lispector

“Sem conhecer a força das palavras, é impossível conhecer os homens.”
Confúcio

RESUMO

Investigou-se, neste trabalho, a arquitetura textual do gênero entrevista jornalística em duas revistas de circulação nacional: revista *Veja* – seção Amarelas – e revista *Superinteressante* – seção Superpapo/Papo. A principal hipótese de trabalho foi a de que, embora o gênero entrevista seja uma atividade de linguagem altamente padronizada, que implica expectativas normativas específicas da parte dos interlocutores, possibilita, em sua arquitetura, maior heterogeneidade de seqüências textuais. Nesse sentido, a característica de estabilidade do gênero entrevista é determinada a partir das regularidades apresentadas no conteúdo temático, na construção composicional e no estilo; e a dimensão conteúdo temático pode ser investigada quando se parte dos estudos da organização seqüencial do texto. Para isso, foram identificadas as três dimensões constitutivas do gênero segundo as concepções bakhtinianas – conteúdo temático, construção composicional e estilo. Em seguida, foi realizado o estudo da estrutura composicional do gênero entrevista com base na teoria das seqüências de Adam (1997) e no estatuto dialógico das seqüências de Bronckart (2003). Para o desenvolvimento da pesquisa, trabalhou-se com dois *corpora*: um *corpus* de análise do perfil dos entrevistados, correspondente a todas as entrevistas publicadas nos anos de 2004, 2005 e 2006; um *corpus* de análise, constituído de vinte entrevistas, sendo dez entrevistas de cada revista, nesses mesmos anos. Nesse *corpus*, as análises foram realizadas mediante as fases sucessivas da construção interna da entrevista: abertura; apresentação do entrevistado e assunto; desenvolvimento; e encerramento. A partir desses estudos, concluiu-se que, no plano de ação da linguagem, o gênero entrevista não pode ser compreendido, produzido sem referência aos elementos de sua situação de produção, de forma que se deve considerar os aspectos da interação e das condições sócio-históricas de produção. No plano do estilo, a investigação mostrou que entrevistador e entrevistado, ao proferirem os enunciados, são investidos de papéis sociais vinculados ao exercício dos rituais da imprensa jornalística e, assim, revelam o caráter mediatizado da enunciação. O estilo também revela o caráter dialógico e polifônico do enunciado, a inseparabilidade entre a análise do gênero de seus modos e redes de transmissão e do quadro social de sua produção e publicação. No plano da construção composicional, apesar de a entrevista se constituir de seqüências dialogais e apresentar um domínio de seqüências explicativas – o que justifica o caráter estável do gênero – em ambas as revistas, foi significativa a variedade de ocorrência de seqüências – argumentativa, narrativa, descritiva – que entrecruzam e constituem esse gênero. Em relação à identificação da seqüência dominante por fases da entrevista, os resultados foram ainda mais diferenciados, comprovando, assim a natureza composicional heterogênea da linguagem. As análises evidenciaram a relação direta entre o conteúdo temático e o modo de planificação do gênero, pois as seqüências se adaptam ao conteúdo dizível a fim de atender os propósitos dos produtores do texto. Apesar de as características descritas do gênero investigado serem determinadas a partir de regularidades apresentadas no conteúdo temático, construção composicional e estilo, o caráter cambiante dos gêneros permite que o gênero entrevista apresente suas singularidades na forma de organização do dito e nos meios lingüísticos que o operam para dizê-lo.

Palavras-chave: gênero; entrevista jornalística; construção composicional; conteúdo temático; estilo.

ABSTRACT

It was investigated, in this study, the textual architecture of the genre journalistic interview in two magazines of national circulation: *Veja* magazine - section Yellow - and *Superinteressante* magazine – section Superpapo/Papo. The main hypothesis of study was that, although the interview genre is an activity of highly standardized language, that implies specific normative expectations of the part of the text producers, it makes possible, in its architecture, bigger heterogeneity of the textual sequences. In this direction, the characteristic of stability of the interview genre is determined from the regularities presented in the thematic content, the composition construction and in the style; and the dimension thematic content can be investigated when it begins from the studies of the text sequential organization. That is why, three genre constituent dimensions according to Bakhtin's conceptions were identified – thematic content, composition construction and style. After that, it was carried out the study of the composition structure of the interview genre based on Adam's sequences theory (1997) and on the Bronckart's dialogue statute of the sequences (2003). For the development of the research, two *corpora* were studied: a *corpus* of analysis of the interviewees' profile, corresponding to all interviews published in the years of 2004, 2005 and 2006; a *corpus* of analysis, that is constituted of twenty interviews, being ten interviews of each magazine, in these same years. In this *corpus*, the analyses were carried out through the successive phases of the interview internal construction: opening; presentation of the interviewee and subject; development; and closing. From these studies, it was concluded that, in the language action plan, the interview genre cannot be understood, produced without reference to the elements of its production situation, so, the aspects of the interaction and the social-historical conditions of production must be considered. In the style plan, the investigation showed that when interviewer and interviewee pronounce the sayings, they incorporate social roles linked to the exercise of the journalistic press rituals and, thus, they reveal the discourse mediated character. The style also reveals the dialogic and polyphonic character of the saying, the inseparable characteristic between the genre analysis of their ways and nets of transmission and of the social picture of its production and publication. In the composition construction plan, although the interview constitutes itself of dialogue sequences and presents an explanatory sequences domain - that justifies the genre stable character - in both the magazines, it was significant the variety of sequences occurrence - argumentative, narrative, descriptive - that intercross and constitute this genre. In relation to the identification of the dominant sequence by interview phases, the results were still more differentiated, proving thus, the nature composition heterogeneous of the language. The analyses evidenced the direct relation between the thematic content and the way of genre planning, because the sequences adapt themselves to the content that can be said in order to deal with the text producers intentions. Although the characteristics described of the genre investigated are determined from regularities presented in the thematic content, composition construction and style, the genres changeable character allows that the interview genre presents its singularities in the organization way of the said and in the linguistic means that operate to say it.

Key-words: genre; journalistic interview; composition construction; thematic content; style.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 - As bases da tipologização no quadro da Linguística Textual	33
FIGURA 2 - Os planos de organização da textualidade	34
FIGURA 3 - Esquema prototípico da seqüência narrativa	41
FIGURA 4 - Esquema prototípico da seqüência argumentativa	43
FIGURA 5 - Esquema prototípico da seqüência descritiva	45
FIGURA 6 - Esquema prototípico da seqüência explicativa	46
FIGURA 7 - Esquema básico da seqüência dialogal	48
GRÁFICO 1 - Distribuição de entrevistados conforme o gênero (masculino/feminino) - Revistas Veja e Superinteressante	71
GRÁFICO 2 - Distribuição de entrevistados conforme a nacionalidade - Revistas Veja e Superinteressante	72
GRÁFICO 3 - Distribuição de profissões/ocupações dos entrevistados de maior ocorrência - Revistas Veja e Superinteressante.....	73
GRÁFICO 4 - Distribuição de ocorrências das categorias de títulos nos sumários referentes às entrevistas conforme Aguiar (2003) - Revistas Veja e Superinteressante	79
GRÁFICO 5 - Distribuição de ocorrências das categorias de títulos nas entrevistas conforme Aguiar (2003) - Revistas Veja e Superinteressante	80
GRÁFICO 6 - Distribuição de ocorrências de seqüências na fase de desenvolvimento das entrevistas conforme a categorização de Adam (1997) - Revista Superinteressante: entrevista 16	83
GRÁFICO 7 - Distribuição de ocorrências das formas lexicais referentes ao sujeito entrevistado no sumário e na seção introdutória das entrevistas - Revista Veja	86
GRÁFICO 8 - Distribuição de ocorrências das formas lexicais referentes ao sujeito entrevistado no sujeito entrevistado na seção introdutória das entrevistas - Revista Superinteressante	88
GRÁFICO 9 - Distribuição comparativa de ocorrências de seqüências na fase de abertura das entrevistas conforme a categorização de Adam (1997) - Revistas Veja e Superinteressante	114

GRÁFICO 10 - Distribuição comparativa de ocorrências de seqüências na seção introdutória das entrevistas conforme a categorização de Adam (1997) - Revistas Veja e Superinteressante	115
GRÁFICO 11 - Distribuição de ocorrências de seqüências na fase de desenvolvimento e encerramento da entrevista conforme a categorização de Adam (1997) - Revista Veja	118
GRÁFICO 12 - Distribuição de ocorrências de seqüências na fase de desenvolvimento e encerramento da entrevista conforme a categorização de Adam (1997) - Revista Superinteressante	119
GRÁFICO 13 - Distribuição comparativa de ocorrências de seqüências na fase de desenvolvimento e encerramento das entrevistas conforme a categorização de Adam (1997) - Revistas Veja e Superinteressante	119
GRÁFICO 14 - Distribuição comparativa de seqüências conforme a categorização de Adam (1997) - Revista Veja	123
GRÁFICO 15 - Distribuição comparativa de seqüências conforme categorização de Adam (1997) - Revista Superinteressante.....	124
GRÁFICO 16 - Distribuição comparativa geral de seqüências conforme a categorização de Adam (1997) - Revistas Veja e Superinteressante	124

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - Número e percentagem de distribuição dos entrevistados conforme o gênero (masculino/feminino) - Revistas Veja e Superinteressante – Ano 2004/ 2005/ 2006	144
TABELA 2 - Número e percentagem de distribuição dos entrevistados conforme a nacionalidade - Revista Veja/Ano 2004	144
TABELA 3 - Número e percentagem de distribuição dos entrevistados conforme a nacionalidade - Revista Veja/Ano 2005	145
TABELA 4 - Número e percentagem de distribuição dos entrevistados conforme a nacionalidade - Revista Veja/Ano 2006	145
TABELA 5 - Número e percentagem de distribuição dos entrevistados conforme a nacionalidade - Revista Superinteressante/Ano 2004	146
TABELA 6 - Número e percentagem de distribuição dos entrevistados conforme a nacionalidade - Revista Superinteressante/Ano 2005	146
TABELA 7 - Número e percentagem de distribuição dos entrevistados conforme a nacionalidade - Revista Superinteressante/Ano 2006	146
TABELA 8 - Número e percentagem de distribuição de profissões/ocupações dos entrevistados - Revista Veja/Ano 2004	147
TABELA 9 - Número e percentagem de distribuição de profissões/ocupações dos entrevistados - Revista Veja/Ano 2005	148
TABELA 10 - Número e percentagem de distribuição de profissões/ocupações dos entrevistados - Revista Veja/Ano 2006	149
TABELA 11 - Número e percentagem de distribuição de profissões/ocupações dos entrevistados - Revista Superinteressante /Ano 2004	150
TABELA 12 - Número e percentagem de distribuição de profissões/ocupações dos entrevistados – Revista Superinteressante /Ano 2005	150
TABELA 13 - Número e percentagem de distribuição de profissões/ocupações dos entrevistados - Revista Superinteressante /Ano 2006	151
TABELA 14 - Número e percentagem de distribuição dos títulos nos sumários	

conforme Aguiar (2003) - Revistas Veja e Superinteressante	151
TABELA 15 - Número e percentagem de distribuição dos títulos nas entrevistas conforme Aguiar (2003) - Revistas Veja e Superinteressante	152
TABELA 16 - Número e percentagem de ocorrências de seqüências na fase de desenvolvimento da entrevista conforme a categorização de Adam (1997) - Revista Superinteressante: entrevista 16	152
TABELA 17 - Número e percentagem de ocorrência das escolhas lexicais referentes ao sujeito entrevistado no sumário e seção introdutória das entrevistas - Revista Veja	153
TABELA 18 - Número e percentagem de ocorrência das escolhas lexicais referentes ao sujeito entrevistado no sumário e seção introdutória das entrevistas - Revista Superinteressante	154
TABELA 19 - Número e percentagem de ocorrências de seqüências na fase de abertura (parágrafo introdutório) das entrevistas conforme a categorização de Adam (1997) - Revista Veja	155
TABELA 20 - Número e percentagem de ocorrências de seqüências na fase de abertura (parágrafo introdutório) das entrevistas conforme a categorização de Adam (1997) - Revista Superinteressante.....	155
TABELA 21 - Número e percentagem de ocorrências de seqüências na seção introdutória das entrevistas - fase de abertura e fase de apresentação do entrevistado e assunto - conforme a categorização de Adam (1997) - Revista Veja	156
TABELA 22 - Número e percentagem de ocorrências de seqüências na seção introdutória das entrevistas - fase de abertura e fase de apresentação do entrevistado e assunto - conforme a categorização de Adam (1997) – Revista Superinteressante	156
TABELA 23 - Número e percentagem geral de ocorrências de seqüências na fase de desenvolvimento e encerramento da entrevista conforme a categorização de Adam (1997) - Revista Veja	157
TABELA 24 - Número e percentagem de ocorrências de seqüências na fase de desenvolvimento e encerramento da entrevista conforme a categorização de Adam (1997) – Revista Superinteressante	157
TABELA 25 - Número e percentagem de ocorrências de seqüências na fase de desenvolvimento e encerramento da entrevista conforme a categorização de Adam (1997) – Revistas Veja e Superinteressante	158

TABELA 26 - Número e percentagem da distribuição geral de seqüências nas fases de abertura (parágrafo introdutório), desenvolvimento e encerramento conforme a categorização de Adam(1997) - Revista Veja	158
TABELA 27 - Número e percentagem da distribuição geral de seqüências nas fases de abertura (parágrafo introdutório), desenvolvimento e encerramento conforme a categorização de Adam(1997) – Revista Superinteressante	159
TABELA - 28 Distribuição comparativa geral de seqüências conforme a categorização de Adam (1997) - Revistas Veja e Superinteressante	156
	159

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1. REFERENCIAL TEÓRICO	23
1.1 A noção bakhtiniana de gênero como pertinente aos estudos da linguagem	23
1.2 O gênero como instrumento de investigação das ações de linguagem	26
1.3 A teoria das seqüências textuais de Adam	30
1.3.1 A noção de seqüência segundo Adam	34
1.3.2 As seqüências textuais segundo a categorização de Adam	38
1.3.2.1 A seqüência narrativa	40
1.3.2.2 A seqüência argumentativa	42
1.3.2.3 A seqüência descritiva	44
1.3.2.4 A seqüência explicativa	46
1.3.2.5 A seqüência dialogal	47
1.4 A infra-estrutura geral dos textos proposta por Bronckart	49
1.4.1 O estatuto dialógico das seqüências segundo Bronckart	51
1.5 Gênero entrevista	53
1.5.1 A questão da categorização do gênero entrevista impreso em revistas	53
1.5.2 Algumas observações gerais sobre o gênero entrevista e sua organização	55
1.6 O emprego do conceito de mídiun nos estudos do gênero entrevista	60
2. METODOLOGIA	63
2.1 Universo da pesquisa	63
2.2 Perguntas de pesquisa, hipóteses e objetivos	64
2.3 Coleta e organização dos dados	66
3. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	69
3.1 Plano de ação da linguagem: situação de produção	69
3.2 Plano das propriedades lingüístico-discursivas: o estilo	76
3.2.1 Par pergunta/resposta	77
3.2.2 Títulos	78
3.2.3 Abertura da entrevista	83
3.2.4 Fechamento da entrevista	85
3.2.5 Formas referenciais	85

3.2.6	Linguagem formal e informal	92
3.2.7	Formas de tratamento	94
3.2.8	Marcas de segmentação	96
3.2.8.1	Marcas de segmentação e posicionamento enunciativo	97
3.2.8.2	Recursos gráficos e posicionamento enunciativo	98
3.2.9	Estratégias de uso da linguagem	99
3.2.10	Categorias de perguntas	102
3.3	Plano geral do texto: a construção composicional	107
3.3.1	Configuração das entrevistas	107
3.3.2	Organização básica da entrevista	108
3.3.3	Modalidade oral e escrita	109
3.3.4	Mídium	111
3.3.5	A heterogeneidade sequencial do gênero entrevista	112
4.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	129
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	136
	ANEXOS	143
	ANEXO A - Tabelas	144
	ANEXO B - Modelos	160
	Modelo 01 - Identificação das características pertinentes ao gênero entrevista ...	160
	Modelo 02 - Identificação das seqüências nas entrevistas	167
	ANEXO C - Entrevistas - Revista Veja	168
	ANEXO D - Entrevistas - Revista Superinteressante	208

INTRODUÇÃO

Desde a Grécia Clássica, há preocupação com a delimitação e com a nomeação dos textos. Foi com Platão e também com Aristóteles, aproximadamente três séculos antes de Cristo, que surgiu a classificação dos gêneros literários. Foram esses filósofos que consolidaram as linhas gerais da base teórica que até hoje sustenta a análise de tudo o que se entende como gênero. No dizer de Machado, I. (2005), Aristóteles, em *Poética*, classifica os gêneros como obras da voz, tomando como critério de classificação o modo de representação mimética (imitação da realidade). Assim, poesia de primeira voz é representação da lírica; a poesia de segunda voz, da épica; e a poesia de terceira voz, do drama.

Ainda, segundo Machado, I. (2005), antes de Aristóteles, Platão havia proposto uma classificação binária, cujas esferas eram domínios precisos de obras representativas de juízo de valor, isto é: ao gênero sério pertencia a epopéia e a tragédia; ao gênero burlesco, a comédia e a sátira. Já em *A República*, Platão descreve a tríade proveniente das relações entre realidade e representação, de forma que ao gênero mimético ou dramático pertencem a tragédia e a comédia; ao expositivo ou narrativo, o ditirambo, o nomo e a poesia lírica; ao gênero misto, a epopéia. Essa classificação tríade fundada na mimese é a base para a *Poética* de Aristóteles, em que a tragédia é tomada como paradigma para o que ele chama de poesia.

Segundo Bonini (2002), desde *A Arte retórica* e *A Arte de poética*, de Aristóteles, temos um testemunho das discussões sobre a caracterização do discurso¹. Para o autor, o que chegou até nós, como marca daquele período, foi o conjunto de fórmulas de composição de textos quase à margem do ato comunicativo e do contexto social de ocorrência. Essa reflexão de Bonini nos permite compreender a concepção clássica da identidade dos textos — narração, descrição e dissertação ou argumentação — por muito tempo praticada nas escolas sob o nome de redação escolar. Por outro lado, em oposição ao propósito da tipologia dos textos, Molino (1990 apud Adam 1997) declara:

¹ É importante ressaltar que, a partir do século XVI, deu-se mais ênfase ao estudo específico dos gêneros literários, embora a origem deles tenha por base a obra **República**, do filósofo grego, Platão (428 a.c – 347 a.c).

Malgré lês nombreuses recherches consacrées à cette question, les conclusions auxquelles on aboutit ne sont guère encourageantes: les classifications maniables – celles par exemple qui distinguent (cf. Werlich) description, récit, exposition, argumentation, instruction – ne sont pas distinctives et ne fournissent qu’un cadre vague sans garantie d’homogénéité ni de régularité, tandis que les classifications qui visent à être homogènes, rigoureuses, monotypiques et exhaustives sont contraintes de se perdre dans une ramification sans limites qui les rend rapidement inutilisables sans qu’elles soient plus assurées. Ce qui nous conduit à la thèse suivante: *il ne saurait exister de théorie générale du discours ou du texte*. (MOLINO, 1990 apud ADAM, 1997, p.5-6) ².

Outra visão, dentre muitas outras, sobre a identidade dos textos surgiu em meados do século XX com Mikhail Bakhtin; ao contrário das antigas orientações voltadas para a tipologização e para a classificação, a concepção bakhtiniana de gêneros do discurso, *tipos relativamente estáveis de enunciados*, leva em consideração aspectos da interação e as condições sócio-históricas de produção.

Segundo Machado, I. (2005), o surgimento da prosa comunicativa e a sua conseqüente emergência reivindicaram outros parâmetros de análise das formas interativas que se realizam pelo discurso. Assim, nos estudos que Bakhtin desenvolveu sobre os gêneros discursivos são considerados não a classificação das espécies, mas o dialogismo do processo comunicativo, de forma que as relações interativas são processos produtivos de linguagem. Assim, gêneros e discursos passam a ser focalizados como esferas de uso da linguagem verbal ou da comunicação fundada na palavra. Graças à abertura conceitual a partir desses estudos bakhtinianos, foi possível, conforme a autora, considerar as formações discursivas do amplo campo da comunicação mediada pelos meios de comunicação de massas ou das modernas mídias digitais.

Mas, para Bonini (2002), foi somente a partir do final dos anos 1980 que a noção de gênero ocupou o centro de um grande debate que tem possibilitado o surgimento de várias e fecundas abordagens teóricas transdisciplinares, dentre as quais se destacam o modelo sócio-retórico de Swales (1990), o socioconstrutivista de Bronckart (2003) e o configurista de Adam

² “Apesar das numerosas pesquisas dedicadas a esta questão, as conclusões às quais se chega não são muito encorajadoras: as classificações manejáveis – aquelas, por exemplo, que distinguem (cf. Werlich) descrição, narração, exposição, argumentação, instrução – não são distintivas e fornecem apenas um quadro vago sem garantia de homogeneidade nem de regularidade, enquanto as classificações que visam ser homogêneas, rigorosas, monotípicas e exaustivas são forçadas a se perder em uma ramificação sem limites que as tornam rapidamente inutilizáveis sem que elas sejam mais seguras. Isto nos leva à seguinte tese: é impossível existir teoria geral do discurso ou do texto”. [N.T.] Tradução nossa.

(1997). Portanto, veremos, a seguir, de forma resumida, como essas três abordagens teóricas se estruturam, uma vez que elas possibilitam a reflexão sobre a identidade dos textos³.

Entendamos, primeiramente, o modelo sócio-retórico de Swales. Nas palavras de Bonini, o mérito principal das formulações teóricas de Swales está no fato de ele:

[...] conceber a língua como fato social, estabelecendo um programa de pesquisas de certas coerências interdisciplinares que ampliou bastante o escopo dos estudos lingüísticos e introduziu um elemento de transformação da própria visão de língua, ao levar em conta as propriedades panorâmicas do gesto interativo. (BONINI, 2000, p.6).

Swales (1990), ao tratar a linguagem como forma de ação entre os sujeitos, marcada socialmente, institui o conceito de comunidade discursiva e, inevitavelmente, ao de gênero. Após definir gênero, comunidade discursiva e tarefa, Swales parte para uma explicação do modo como a estrutura genérica se constitui, pois, para ele, é a partir dessa estrutura que o gênero se concretiza. Dessa forma, partindo da estrutura da introdução em artigos científicos, o autor estabelece um modelo resultante dessa análise.

Para esse modelo, Swales dá o nome de *CARS (Creating a research space)*, que diz respeito tanto a critérios gerais, pragmáticos, retóricos e discursivos quanto a critérios estruturais, ao trabalhar com movimentos (*moves*) – blocos discursivos obrigatórios, organizados a partir da função retórica a ser desempenhada e que podem ser divididos em passos (*steps*), opcionais ou não. O conjunto desses movimentos e passos, moldado pelo propósito comunicativo, forma blocos textuais de informação que vão caracterizar a estrutura interna de um dado gênero.

Para Bonini (2002), os seguidores da abordagem sócio-retórica de Swales chegam a pleitear um campo de estudo denominado análise de gênero, tendo em vista que nessa abordagem são utilizados, de algum modo, tanto o aparato descritivo dos retóricos clássicos quanto a analítica sociointerativa de Bakhtin.

Já o socioconstrutivista de Bronckart (2003), assim nomeado por Bonini, inscreve-se no quadro epistemológico do interacionismo sócio-discursivo que, segundo Bronckart, é uma

³ Rojo (2005) explica em seu ensaio *Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas* que há duas vertentes metateoricamente diferentes que tomam como base as teorias dos gêneros. A autora as denomina teorias dos gêneros do discurso ou discursivos e teoria de gêneros de texto ou textuais. A primeira centra-se na descrição das situações de enunciado em seus aspectos sócio-históricos; a segunda, na descrição da composição textual. Para a autora, embora adotem concepções metodológicas diversas para o tratamento dos “gêneros”, todas acabam por fazer descrições de “gêneros”, de enunciados ou de textos pertencentes ao gênero.

versão mais específica do quadro geral do interacionismo social. Essa versão fundamenta-se nas seguintes idéias:

[...] sustentamos que a atividade de linguagem é, ao mesmo tempo, o lugar e o meio das interações sociais constitutivas de qualquer conhecimento humano; é nessa prática que se elaboram os mundos discursivos que organizam e semiotizam as representações sociais do mundo; é na intertextualidade resultante dessa prática que se conservam e se reproduzem os conhecimentos coletivos e é na confrontação com essa intertextualidade sócio-histórica que se elaboram, por apropriação e interiorização, as representações de que dispõe todo agente humano, representações *in fine* individuais, no sentido de que se organizam em função das características específicas do percurso experiencial de cada agente, erigindo-se, desse modo, em uma pessoa irredutivelmente singular. (BRONCKART, 2003, p.338-339).

Baseando-se nesse fundamento, Bronckart apresenta um quadro teórico e metodológico para a análise dos processos em ação em toda produção textual. Para tanto, propõe a delimitação e uma definição dos três níveis principais da arquitetura textual: a infraestrutura, os mecanismos de textualização e os mecanismos enunciativos. Além disso, o autor propõe uma conceitualização das operações de linguagem nas quais se baseiam a organização e o gerenciamento de cada um desses níveis acima citados: operações constitutivas dos mundos específicos correspondentes aos tipos de discurso, operações de caráter dialógico geradoras das seqüências convencionais e operações de gerenciamentos das múltiplas funções da textualização e dos mecanismos enunciativos.

Esse modelo de análise sócio-interacionista é bem sintetizado por Soares (2006). Segundo a autora, esse modelo propõe a análise dessas ações semiotizadas, em suas relações de interdependência com o mundo social e com a intertextualidade, seguida da arquitetura interna dos textos e do papel da língua natural com suas características próprias de constituição.

Uma outra abordagem teórica transdisciplinar, também citada por Bonini, diz respeito aos estudos de Adam (1997), que propõem a passagem de uma teoria das estruturas a uma hipótese sobre a estrutura seqüencial dos textos e sobre os protótipos de esquemas seqüenciais de base narrativa, descritiva, argumentativa, explicativa e dialogal. De acordo com Bonini (2002), a idéia de seqüência é o ponto central para operacionalização de todo o quadro conceitual da abordagem de Adam que, segundo Bonini, apresenta a virtude de pôr em destaque e clarear bastante o processo de composição dos gêneros. Ressaltamos que, a fim de não nos alongarmos, discutiremos essa abordagem no decorrer de nosso trabalho.

Devido às grandes diferenças entre as abordagens acima mencionadas, faz-se necessário especificar o percurso de investigação que delineamos ao longo desta pesquisa.

Nesse percurso, nossas decisões para a discussão teórica perpassam a concepção bakhtiniana de gêneros, a saber: os estudos de Schneuwly e Dolz (2004), que adotam a noção de “gênero” e não de “tipo de texto”, consideram o gênero como instrumento de apropriação da linguagem e os estudos dos gêneros orais de domínio público; a hipótese de Adam (1997) sobre a estrutura sequencial dos textos como forma de teorizar, de maneira simplificada, sobre a heterogeneidade composicional dos discursos; o estudo de Bronckart (2003), que nos orienta em direção à compreensão das ações de linguagem e dos textos que as materializam. Em Bronckart, podemos perceber uma releitura dos estudos de Adam sobre as seqüências e a construção do estatuto dialógico dessas nos estudos da linguagem e, principalmente, na organização do conteúdo temático.

Além disso, outros teóricos que constituem pontos de referências nesse estudo são: Bonini (2002, 2005), que permite um olhar meticoloso sobre a noção de seqüência textual, conforme delineada por Adam (1997). Em uma abordagem, mais específica, estão algumas bases de orientação para o estudo do gênero entrevista jornalística impressa: Bonini (2000, 2001, 2005), Hoffnagel (2003), Marcuschi (2000, 2001, 2003, 2005), Maingueneau (2001, 2005, 2006), Rojo (2001, 2005), Rojo e Schneuwly (2006) e Schneuwly e Dolz (2004).

De modo geral, esses autores, embora possam apresentar focos diferenciados em seus estudos, têm em comum um constante diálogo,⁴ de forma a nos permitir compreender melhor o objeto a ser investigado e, conseqüentemente, o funcionamento da linguagem. Como aponta Marcuschi (2003, p.35), “[...] o trabalho com os gêneros textuais é uma extraordinária oportunidade de se lidar com a língua em seus mais diversos usos autênticos no dia-a-dia.”

O objeto de análise da presente pesquisa é o gênero entrevista jornalística (imprensa escrita) em revistas de circulação nacional: revista *Veja* (seção Amarelas) e revista *Superinteressante* (seção Superpapo). A escolha desse gênero pautou-se nos pressupostos seguintes: o de a entrevista ser uma variante da conversação, considerada o gênero textual mais característico da comunicação humana, visto que, “além de matriz para a aquisição da linguagem, a conversação é o gênero mais básico da interação humana.” (1983, LEVISON, apud MARCUSCHI, 2005, p. 14); o caráter primordialmente oral que possibilita a redefinição

⁴ De acordo com Machado, A. (2005), embora os trabalhos de Bronckart, Schneuwly e Dolz possam apresentar focos diferenciados, as teses globais e as que se referem a *textos, gêneros de textos, tipos de discurso e tipos de seqüência*, assim como os elementos centrais do método de análise de textos, são por eles compartilhados.

de alguns aspectos centrais na observação da linguagem em uso e as diferentes categorizações e agrupamentos que são concedidas a esse gênero.

Outro motivo que nos levou a investigar o gênero entrevista está estritamente direcionado aos estudos lingüísticos na área dos gêneros jornalísticos, visto que há muitos campos a serem explorados em termos de descrição e da compreensão de como funcionam os gêneros jornalísticos. Segundo Kidermann (2003), embora haja uma certa recorrência a textos jornalísticos, existem poucos estudos nessa área, pois a grande maioria dos trabalhos está voltada mais a questões micro-estruturais da língua e não vinculadas à instância enunciativa. Para Bonini (2001), quando há estudos referentes a gêneros jornalísticos, geralmente restringem-se aos gêneros notícia, reportagem e editorial.”⁵

Somando-se aos motivos acima citados, o gênero entrevista nas revistas selecionadas – *Veja* e *Superinteressante* – apresenta um grau de complexidade (extensão do texto, públicos-alvo, variedades de propósitos e entrevistados, etc.) em sua estrutura organizacional que nos permite pensar lingüisticamente na natureza composicional profundamente heterogênea da produção da linguagem e, assim, ver de perto a constituição heterogênea da linguagem.

Portanto, na presente pesquisa, investigamos a arquitetura⁶ textual do gênero entrevista, partindo da identificação das três dimensões constitutivas do gênero, segundo as concepções bakhtinianas: conteúdo temático, construção composicional e estilo. Para essa investigação, partimos das seguintes hipóteses: a) o gênero entrevista é uma atividade de linguagem altamente padronizada que implica expectativas normativas específicas da parte dos interlocutores e, mesmo assim, possibilita em sua arquitetura uma maior heterogeneidade de seqüências textuais; b) a característica de estabilidade do gênero é determinada a partir das regularidades apresentadas no conteúdo temático, na construção composicional e no estilo; c) a dimensão conteúdo temático pode ser investigada quando se parte dos estudos da organização seqüencial do texto.

⁵ Apesar de as pesquisas desses autores estarem voltadas especificamente para a investigação que atende ao projeto PROJOR (Projeto Gêneros do Jornal – As relações entre teorias e suporte), achamos pertinente a afirmação dos autores, principalmente de Bonini, sobre a necessidade de mais estudos referentes aos gêneros jornalísticos. Nesta situação, podemos pensar nos gêneros jornalísticos que circulam entre outros suportes, como no caso de nossa pesquisa. Numa perspectiva mais didática, Zanelato (2002) também afirma que há evidente falta de material para o professor sobre os diversos gêneros discursivos que podem ser instrumentos para o ensino de língua materna e estrangeira numa perspectiva que contemple o gênero de forma ampla.

⁶ Levamos em consideração, neste estudo, que o sentido da palavra arquitetura presume organização, configuração. Portanto, consideramos que só é possível compreender essa palavra, partindo da investigação das dimensões essenciais e indissociáveis do gênero investigado (conteúdo temático, construção composicional e estilo).

Adiantamos que, entre as contribuições teóricas relevantes desta pesquisa, estão a seqüência como noção pertinente para o estudo do gênero, a heterogeneidade composicional do gênero investigado e a análise das dimensões indissociáveis e essenciais do gênero, conforme os estudos bakhtinianos. Além do mais, reservamos um lugar ao recente estudo da midiologia, uma vez que, ao trabalhar com esses textos de comunicação, consideramos que o modo de difusão do discurso não é um simples meio de transmissão.

Do ponto de vista de sua organização, esta dissertação está dividida em quatro capítulos. No primeiro capítulo, é exposta a fundamentação teórica na qual a pesquisa está apoiada. No segundo capítulo, é apresentada a metodologia: descrição do *corpus* da pesquisa e os procedimentos de análise. No terceiro capítulo, apresenta-se a análise dos dados. Dividido em três partes, esse capítulo está assim organizado: (i) o plano de ação da linguagem: situação de produção; (ii) o plano das propriedades lingüístico-discursivas: o estilo e (iii) o plano geral do texto: a construção composicional. Por último, no quarto capítulo, são tecidas as considerações finais, resultados e perspectivas acerca do trabalho.

CAPÍTULO 1

REFERENCIAL TEÓRICO

Introdução

Neste capítulo, apresentamos o arcabouço teórico que dá sustentação ao nosso trabalho. Em linhas gerais, o capítulo apresenta: a importância da concepção bakhtiniana para os estudos da linguagem em se tratando da noção de gênero, enunciado e heterogeneidade; a noção de gênero como instrumento, ou seja, o gênero como instrumento de investigação das ações de linguagem; a teoria sobre a estrutura seqüencial dos textos e sua pertinência para os estudos da linguagem e o estudo do gênero entrevista jornalística.

1.1 A noção bakhtiniana de gênero como pertinente aos estudos da linguagem

Sem sombra de dúvida, é imensurável a importância de Bakhtin⁷ para os estudos da linguagem. Em se tratando deste trabalho, sua contribuição está em compreendermos, de modo mais completo, o dialogismo, tomado como princípio fundamental da linguagem, a relação do enunciado com a construção do texto, o conceito bakhtiniano de gêneros do discurso⁸ e a heterogeneidade composicional dos enunciados.

⁷ Sobre Bakhtin, há uma passagem muito interessante em Faraco (2001, p. 30-31), em que ele diz que “na esteira de todos os pós- algum ismo, estamos vivendo um tempo em que se exercita uma forma de pensar que, afastando-se criticamente dos modelos totalizantes, dá mais atenção à dispersão, à pluralidade, à heterogeneidade, à polissemia, à descontinuidade, ao vivido. Ora, Bakhtin - em sua reconhecida atração pela eventicidade da existência; em sua manifesta má-vontade com as metanarrativas; em sua proverbial fascinação pelo plural, pelo heterogêneo, pelo multivocal, pelo centrífugo - acaba oferecendo um rico manjar para o nosso momento epistemológico.”

⁸ Segundo Bronckart (2003), em relação aos gêneros do discurso/ ou gêneros textuais, a terminologia de Bakhtin é muito flutuante, devido à evolução interna de sua obra e também, sem dúvida, a problemas de tradução. Os gêneros são mais freqüentemente tratados como gêneros do discurso, mas, também, como gêneros de texto.

Admitimos, em geral, que, somente a partir da difusão do conceito bakhtiniano de gêneros do discurso, foi possível definir que as inúmeras formas assumidas pela linguagem, em um dado momento, em uma dada comunidade, podem ser consideradas como pertencentes a um determinado gênero.

Se as atividades humanas estão intrinsecamente ligadas ao uso da linguagem, a variedade das produções verbais é consequência da variedade dos tipos de atividades humanas. Compreendemos, portanto, a seguinte afirmação de Bakhtin:

O emprego da língua efetua-se em formas de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua mas, acima de tudo, por sua construção composicional. [...] Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso*. (BAKHTIN, 2003, p.261-262).

Para Bakhtin (2003, p.276), o enunciado é definido “como a unidade da comunicação discursiva.” Para melhor compreensão desta afirmação, Bonini (2001) considera que, para Bakhtin, o ato comunicativo recebe o nome de enunciado e tem uma estrutura dialogal, na medida em que sua delimitação se dá em face das trocas entre os interlocutores, não havendo, assim, um receptor passivo. É nessa idéia de construção da linguagem compartilhada pelos interactantes envolvidos que se centra toda a reflexão de Bakhtin. Um enunciado, então, se fecha no momento em que o falante o envia a seu interlocutor que o interpreta de forma responsiva, podendo, em face desse enunciado, produzir um novo enunciado. Segundo esse autor, nessa visão, o gênero é um estruturador do enunciado.

Com isso, a pertinência dos estudos dessa unidade de comunicação em nosso trabalho está seguramente na afirmação de Bakhtin em caracterizar o enunciado pela *inteireza* acabada, que assegura a possibilidade de resposta, que é determinada por três elementos intimamente ligados ao todo orgânico do enunciado: exauribilidade do objeto e do sentido; projeto de discurso do falante e formas típicas composicionais e gênero do acabamento.

Tanto para Bakhtin quanto para nós, o último ou terceiro elemento é o mais importante – as formas estáveis de gênero do enunciado – que dizem respeito à escolha de um gênero, ao emprego de certas formas típicas em um dado campo da comunicação discursiva. “Se os gêneros do discurso não existissem e nós não os dominássemos, se tivéssemos de criá-los pela

primeira vez no processo do discurso, [...] a comunicação discursiva seria quase impossível.” (BAKHTIN, 2003, p.283).

Ao assumir essa posição a respeito do enunciado, primeiramente, compreende-se que o gênero molda a nossa fala; segundo, que os gêneros estão disponíveis nas sociedades, em determinada esfera social, para atender a escolha do falante em determinada situação comunicativa, o que vem nos provar que, apesar da maleabilidade, flexibilidade dos gêneros, estes mantêm estrutura/forma⁹ que possibilita sua caracterização. Isso significa dizer que: “[...] ao falante não são dadas apenas as formas da língua nacional [...], mas também as formas de enunciado obrigatórias,[...] os gêneros do discurso: estes são indispensáveis para a compreensão mútua quanto às formas da língua.” (BAKHTIN, 2003, p.285).

Comprendemos, portanto, que a posição de Bakhtin sobre a definição dos gêneros como *tipos relativamente estáveis de enunciados* e o seu caráter cambiante e flexível não se traduz, para o sujeito falante, pelo aleatório, pois, segundo o autor, “[...] um enunciado singular, a despeito de toda a sua individualidade e do caráter criativo, de forma alguma pode ser considerado *uma combinação absolutamente livre* de formas da língua [...]” (BAKHTIN, 2003, p.285).

Um outro ponto que devemos abordar é reconhecer que, para Bakhtin, a interação de linguagem constitui a realidade fundamental da língua, isto é, a interação estrutura o sistema. Portanto, “é necessário reconhecer, como o faz Adam, que os índices materiais presentes em um texto funcionam fundamentalmente como instruções, como sistemas de restrições destinados a orientar o leitor em sua interpretação.” (BRONCKART, 2003, p.146). Assim, tais índices são também condicionados, estruturados pela interação.

Com base nessas posições é que pretendemos abordar os estudos de Adam sobre os tipos de sequência, os quais possibilitam nosso entendimento sobre a heterogeneidade sequencial do gênero investigado. Mas, para isso, faz-se necessária a abordagem teórica de Schneuwly e Dolz (2004) que apresenta um constante diálogo com Bakhtin (2003), a respeito da analogia que caracteriza o gênero como instrumento e, concomitantemente, possibilita afirmar que o gênero pode ser objeto de análises empíricas.

⁹ É importante destacar que não é só nesse nível que se mantém estabilidade, mas em outros níveis como: estilo, conteúdo, etc.

1.2 O gênero como instrumento de investigação das ações de linguagem

Ao optarmos pelas bases teóricas de Schneuwly e Dolz (2004), elencamos os assuntos que apresentam convergência para os nossos propósitos. Propomos, assim, discutir neste tópico: a) as razões pelas quais os autores adotam a noção “gênero textual” e não de “tipo de texto”; b) a adoção do conceito de gênero como instrumento; c) a releitura da distinção bakhtiniana entre gêneros orais e escritos para melhor entendimento de definições de tipos e gêneros; d) as práticas e atividades de linguagem e a relação entre os gêneros orais e escritos.

Começamos pela problemática das tipologias textuais e discursivas que buscam a organização sistemática da diversidade e da heterogeneidade textual por critérios homogêneos.

De acordo com Schneuwly e Dolz (2004, p.172-173) “à medida que levamos em consideração os parâmetros das situações de comunicação, consideramos essas tipologias como tipologias discursivas.” Em consequência disso, os autores admitem três razões que os levaram a escolher a unidade gênero de textos em vez de tipo:

- a) os textos empíricos produzidos na ação de linguagem são heterogêneos do ponto de vista dos tipos (Bronckart, 2003; Adam, 1997);
- b) trata-se de construções teóricas, de instrumentos de pesquisa para compreender certos fenômenos lingüísticos;
- c) sua transposição para o terreno didático comporta um grande risco de derivas aplicacionistas e normativas, denunciadas por numerosos autores.

Em relação à concepção de gênero como instrumento, a tese de Schneuwly (2004, p.23) é a de que “o gênero é um instrumento. [...]. Como instrumento pode ser um fator de desenvolvimento das capacidades individuais.” Para explicar essa tese, o autor propõe duas considerações. A primeira refere-se à perspectiva do interacionismo social. Essa perspectiva propõe que a atividade do indivíduo é necessariamente tripolar: sujeito – instrumento – situação. A segunda, de acordo com a proposição de Rabardel (1993 apud Schneuwly, 2004), pode-se conceber o instrumento como tendo duas faces; por um lado, há o artefato material ou simbólico; por outro lado – o do sujeito –, há os esquemas de utilização do objeto que articulam suas possibilidades às situações de ação.

Sobre essa concepção de instrumento, ressaltamos que ela é de fundamental importância para todos que investigam a atividade de linguagem, principalmente, porque se enquadra na concepção bakhtiniana. Nessa concepção, sobre os gêneros, Bakhtin (2003, p.285) afirma que “[...] para o indivíduo falante eles têm significado normativo, não são criados por ele mas dados a ele.”

Desse modo, apesar de estarem disponíveis para os indivíduos, segundo Schneuwly (2004, p.30), “os gêneros se complexificam e tornam-se instrumentos de construções novas, mais complexas.” Para explicar essa complexificação, o autor reinterpreta a noção de gêneros secundários proposta por Bakhtin e afirma que

Os gêneros discursivos secundários (complexos – romances, dramas, pesquisas científicas de toda a espécie, os grandes gêneros publicísticos, etc.) surgem nas condições de um convívio cultural mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado (predominantemente o escrito) – artístico, científico, sociopolítico, etc. No processo de sua formação eles incorporam e reelaboram diversos gêneros primários (simples), que se formam nas condições da comunicação discursiva imediata. (BAKHTIN, 2003, p.263).

A respeito da noção de gêneros secundários, Schneuwly (2004) considera que eles não são espontâneos, pois sua apropriação implica um outro tipo de intervenção nos processos de desenvolvimento, diferente do necessário para o desenvolvimento dos gêneros primários. Nesses predomina uma dimensão de dominância de relações espontâneas, cotidianas, imediatas – um tipo particular de aprendizagem. Por outro lado, nos secundários, há uma dimensão de dominância de relações formais, mediadas pela leitura/escrita, em especial. Tudo isso comprova a afirmação do autor de que os gêneros secundários introduzem uma ruptura importante em pelo menos dois níveis: não estão ligados de maneira imediata a uma situação de comunicação e sua apropriação não pode ser feita diretamente, partindo de situações de comunicação.

Portanto, a construção de um gênero secundário implica dispor de instrumentos já complexos. Nessa construção, os gêneros primários são os instrumentos de criação dos secundários. Conforme Schneuwly (2004, p.35), “é, pois, necessário pensarmos, a um só tempo, na profunda continuidade e na profunda ruptura que a passagem de um a outro introduz.”

Evidentemente, com base nessas reflexões a respeito dos gêneros primários e secundários é que Schneuwly propõe algumas hipóteses sobre os tipos de textos, defendendo-

as com base nas seguintes posições. A primeira posição é a de que um tipo de texto é o resultado de uma ou de várias operações de linguagem efetuadas no processo de produção. Tais operações podem dizer respeito aos arquétipos psicológicos correspondentes aos mundos discursivos Bronckart (2003) e aos modos de geração de conteúdos, referindo-se aos tipos de sequencialidade distinguidos por Adam (1997). Soma-se à primeira posição, a segunda, que diz respeito à hipótese suplementar de essas operações de linguagem não se tornarem disponíveis de uma só vez, mas se constroem no curso do desenvolvimento.

É de se indagar acerca da importância das afirmações acima para o andamento de nossos estudos. Para tratar a questão do gênero e, mais estritamente, a heterogeneidade, faz-se necessário esse percurso – desde a noção bakhtiniana de gêneros orais e escritos à reelaboração dessas noções por Schneuwly – para, então, chegar à relação tipo e gênero.

Os tipos de textos “seriam, portanto, construções ontogenéticas necessárias à autonomização dos diversos tipos de funcionamento e, de modo mais geral, da passagem dos gêneros primários aos gêneros secundários.” (SCHNEUWLY, 2004, p.37-38). Esses tipos, de acordo com o autor, são construções necessárias para gerar uma maior heterogeneidade nos gêneros; para oferecer possibilidades de escolha e para garantir um domínio mais consciente dos gêneros, em especial, daqueles que jogam com a heterogeneidade. Dessa maneira, os tipos de textos são considerados “reguladores psíquicos poderosos, gerais, que são transversais em relação aos gêneros.” (SCHNEUWLY, 2004, p.38).

Outra contribuição de Schneuwly e Dolz (2004) está nos conceitos de práticas de linguagem e de atividades de linguagem. O primeiro conceito diz respeito às dimensões particulares de funcionamento da linguagem em relação às práticas sociais, tendo a linguagem uma função de mediação em relação a essas últimas. Portanto, as práticas de linguagem implicam tanto dimensões sociais quanto dimensões cognitivas e lingüísticas do funcionamento da linguagem numa situação de comunicação. O segundo conceito funciona como uma interface entre o sujeito e o meio e responde a um motivo geral de representação-comunicação.

É certo, pois, que esses conceitos, o de práticas e o de atividades de linguagem, estão diretamente relacionados aos estudos e às análises dos gêneros, porque, se nos propomos a definir um gênero como suporte de uma atividade de linguagem, as três dimensões constitutivas dos gêneros são essenciais: conteúdo temático que se tornam dizível através do gênero; a construção composicional particular dos textos pertencentes aos gêneros e o estilo, configurações específicas das unidades de linguagem. Sobre as três dimensões descritas,

Sheneuwly e Dolz (2004, p.75) afirmam que “são essas dimensões partilhadas pelos textos pertencentes ao gênero que lhes conferem uma estabilidade de fato, o que não exclui evoluções, por vezes importantes.” Essa afirmação converge com a visão bakhtiniana, segundo a qual os gêneros discursivos definem-se como formas estáveis tomadas pelos enunciados em situações reais de comunicação, que permitem estabilizar os elementos formais e rituais das práticas de linguagem.

De Bakhtin a Schneuwly e Dolz, é alicerçada a idéia de que cada gênero é caracterizado por uma estrutura mais ou menos convencional, de forma que o gênero funciona como um modelo comum para os indivíduos confrontados com as mesmas práticas de linguagem. Assim, o gênero é uma forma evidente que seu enunciado deve tomar. É, pois, para nós, uma forma evidente de investigar o funcionamento da linguagem em determinada prática de linguagem.

Conseqüentemente, todas essas considerações convergem para a tese de Schneuwly e Dolz (2004) que consideram o gênero um *megainstrumento* tanto do ponto de vista do uso, quanto da aprendizagem. Para o uso, o gênero fornece um suporte para a atividade nas situações de comunicação; para a aprendizagem, é uma referência para os aprendizes. Acrescentamos que, nesta pesquisa, ele é um instrumento de investigação de uma situação real/autêntica de comunicação.

No campo didático, os autores sugerem o ensino de língua com base nos gêneros orais e escritos. No entanto, apresentam uma acentuada relevância para a oralidade, principalmente, aos gêneros de domínio público, entre eles, a entrevista. Em se tratando das relações entre oralidade e escrita, assunto privilegiado em nossa pesquisa, Schneuwly (2004) afirma que

Não existe “o oral”, mas “os orais” em múltiplas formas, que, por outro lado, entram em relação com os escritos, de maneiras muito diversas: podem se aproximar da escrita e mesmo dela depender – como é o caso da exposição oral ou, ainda mais, do teatro e da leitura para os outros –, como também podem estar mais distanciados – como nos debates ou, é claro, na conversação cotidiana. Não existe uma essência mítica do oral que permitiria fundar sua didática, mas práticas de linguagem muito diferenciadas, que se dão, prioritariamente, pelo uso da palavra (falada), mas também por meio da escrita, [...]. (SCHNEUWLY, 2004, p. 135)

Ainda sobre essa relação entre gêneros orais e escritos, Rojo e Schneuwly (2006) explicam que não é uma relação de dicotomia e, sim, uma relação de continuidade e efeito de mútua interdependência, pois gêneros orais podem sustentar gêneros escritos; gêneros escritos

podem sustentar gêneros orais. Portanto, a partir desse posicionamento de entrelaçamento contínuo entre oral e escrito, os autores defendem a posição de que oralidade e escrita mantêm uma relação complexa de mútuo efeito e interferência nos gêneros orais formais públicos.

Em posição similar à de Rojo e Schneuwly, sobre as questões entre oralidade e escrita, Marcuschi (2001) pontua que essas relações entre oralidade e escrita não são óbvias nem lineares. Para o autor, elas refletem um constante dinamismo fundado no *continuum* que se manifesta entre essas duas modalidades de uso da língua. Além disso, Marcuschi acrescenta que não se pode postular polaridades estritas e dicotomias estanques e afirma que “o que conhecemos não são nem as características da fala como tal nem as características da escrita; *o que conhecemos são as características de um sistema normativo da língua.*” (MARCUSCHI, 2001, p.35).

Pretendemos, pois, com base nas posições dos autores acima mencionados, verificar tal relação a partir da análise do gênero entrevista que abordaremos em um tópico específico.

1.3 A teoria das seqüências textuais de Adam

Nosso objetivo, neste tópico, é o de delinear os caminhos que levaram Adam à sustentação de sua teoria. Bonini (2005) explica que Adam desenvolve seu quadro teórico a partir da reflexão sobre os conceitos de enunciado, gênero primário, protótipo, tipo e base de texto e superestrutura. Nesse quadro teórico, as linhas mestras são: a delimitação do campo da lingüística textual e a redefinição da noção de texto. Esclarecemos que essas linhas serão melhor explicitadas no decorrer desta discussão.

A principal motivação do trabalho de Adam (1997) parte da hipótese de existência de um pequeno número de tipos de seqüências de base: narrativo, descritivo, argumentativo, explicativo e dialogal. O trabalho de Adam tem, também, como objetivo teorizar a heterogeneidade composicional dos discursos. No entanto, para chegar a uma teoria, Adam faz um percurso que, a nosso ver, sustenta-se, em parte, na concepção bakhtiniana de gêneros do discurso.

Ao manter o diálogo com Bakhtin, Adam tem o seguinte propósito: buscar subsídios que sustentem sua tese. Para Adam, a definição de gênero como *tipos relativamente estáveis de enunciados* expressa, com clareza, a necessidade de classificações tipológicas e leva-nos a

compreender que a expressão *relativamente estáveis* pressupõe a existência de uma estrutura que configura um dado gênero capaz de se distinguir dos demais.

Por certo, o trabalho de Adam (1997, p.16) “é dominado pela vontade de pensar lingüisticamente a natureza composicional profundamente heterogênea de toda a produção da linguagem.” Essa heterogeneidade, para o autor, está geralmente na base da rejeição das vias tipológicas e, dessa forma, para sustentar esse posicionamento, o autor afirma que

[...] La complexité textuelle est observable et abordable d'un point de vue typologique à la seule condition d'adopter un point de vue modulaire. Les typologies énonciatives souvent retenues par les linguistes (Benveniste 1966, Weinrich 1973, Simonin- Grumbach 1975) sont certainement pertinentes à un niveau très précis de définition de la textualité et je ne considère la typologie séquentielle ici exposée que comme un point de vue partiel sur un objet hétérogène. Les modules énonciatif et séquentiel sont complémentaires et aucun ne constitue, à lui seul, une base de typologie susceptible de rendre compte intégralement de tous les aspects de la textualité et de toutes les sortes de textes. Cette modularité est certainement responsable du fait que l'on ne puisse assigner à chaque type de sequence une distribution très stricte de marques morpho-syntaxiques. (ADAM, 1997, p.16).¹⁰

Nessa perspectiva, delineamos a principal motivação desta pesquisa: verificar a heterogeneidade composicional da produção da linguagem proveniente da diversidade das seqüências que perpassam o gênero entrevista jornalística (imprensa escrita).

Adam, ao retomar a noção bakhtiniana de gêneros discursivos, acredita que, por trás das proposições teóricas de Bakhtin, perfilam duas hipóteses que, a nosso ver, são imprescindíveis para compreender as questões referentes à heterogeneidade.

A primeira hipótese refere-se aos *tipos relativamente estáveis de enunciados*. Esses estão disponíveis para infinitas combinações e transformações nos gêneros secundários. Retomamos, nesse sentido, o posicionamento de Schneuwly (2004), ao afirmar que a construção de um gênero secundário implica dispor de instrumentos já complexos e, nessa construção, os gêneros primários são os instrumentos de criação dos secundários. Dessa forma, para Adam, a apropriação dos gêneros primários para a construção dos secundários, significa fundar a complexidade das formas mais elaboradas sobre um certo número de

¹⁰ A complexidade textual é observável e abordável de um ponto tipológico com a única condição de adotar um ponto de vista modular. As tipologias enunciativas, freqüentemente conservadas pelos lingüistas (Benveniste 1966, Weinrich 1973, Simonin-Grumbach 1975), são por certo pertinentes a um nível muito preciso de definição da textualidade e eu considero a tipologia textual, aqui exposta, somente como um ponto de vista parcial sobre um objeto heterogêneo. Os módulos enunciativo e seqüencial são complementares e nenhum constitui, sozinho, uma base de tipologia suscetível de dar conta integralmente de todos os aspectos da textualidade e de todos os tipos de textos. Esta modularidade é certamente responsável pelo fato de que não se pode estabelecer para cada tipo de seqüência uma distribuição muito estrita de marcas morfossintáticas. [N.T]. Tradução nossa.

formas elementares, consideradas por esse autor como protótipos. Adam, então, conclui que “é uma hipótese sobre essas unidades mínimas de composição textual, formas fundamentais da linguagem ordinária que, deslocando a análise de Bakhtin do campo sócio-lingüístico dos gêneros discursivos na direção daquele mais estreitamente lingüístico da textualidade [...]” (ADAM, 1997, p.12).¹¹

A segunda hipótese refere-se às relações das unidades – frases ou proposições – com o “todo enunciado concluído” e sua organização seqüencial, visto que, para Bakhtin (2003), todos os enunciados dispõem de uma forma relativamente estável de estruturação de um todo. Bakhtin explica que “quando escolhemos um determinado tipo de oração, não o escolhemos apenas para uma oração, [...] escolhemos um tipo de oração do ponto de vista do enunciado *inteiro* que se apresenta à nossa imaginação discursiva e determina a nossa escolha”. (BAKHTIN, 2003, p. 286). Dessa maneira, a concepção sobre um determinado gênero do discurso, orienta-nos no processo do nosso discurso e, assim, para sua efetiva realização, o gênero escolhido, segundo Bakhtin, nos sugere os tipos e os seus vínculos composicionais.

Apesar de afirmar que o enunciado caracteriza-se por sua singularidade, individualidade e criatividade, Bakhtin não o considera como uma combinação absolutamente livre das formas da língua. Particularizando mais essa questão, Adam (1997) sustenta que a competência lingüística dos sujeitos é regulada por um feixe de constrangimentos locais e globais, textuais e discursivos, conforme a Figura 1, a seguir:

¹¹ Tradução nossa.

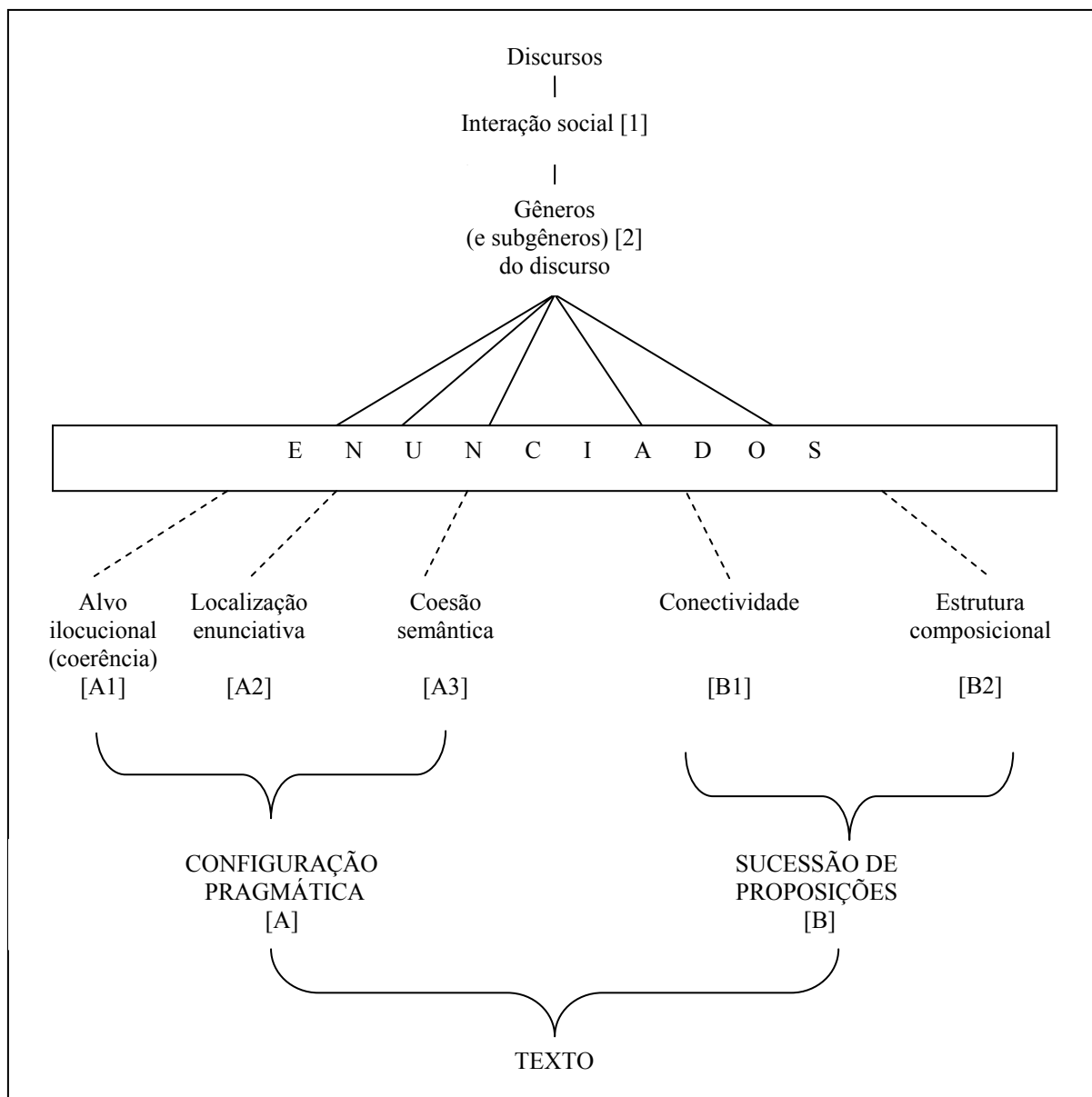


Figura 01: As bases da tipologização no quadro da Lingüística Textual
 Fonte: Adam (1997, p.17).

Os constrangimentos discursivos são aqueles ligados às práticas discursivas históricas e socialmente determinadas — localizados na parte superior da Figura 1 (são esses constrangimentos que interessam a Bakhtin). Os constrangimentos textuais são aqueles ligados à heterogeneidade da composição, dos quais os planos de organização dão conta — designados A1, A2, A3, B1 e B2 — localizados na parte intermediária e na parte inferior da Figura 1 (esse feixe de constrangimentos também pode ser visualizado na Figura 2, p. 34). Já os constrangimentos locais são determinados em uma língua dada, nos planos fônico e ortográfico, lexical, gramatical, e semântico-lógico.

De acordo com Adam, os planos de organização da textualidade dão conta do caráter profundamente heterogêneo de um objeto irredutível a um só tipo de organização. Apostando

no caráter teorizável desta diversidade e desta heterogeneidade, o autor analisa os diferentes planos de organização textual, de forma que podemos situar as bases do seu quadro teórico dentro deste plano de organização da textualidade, conforme a Figura 2, abaixo:

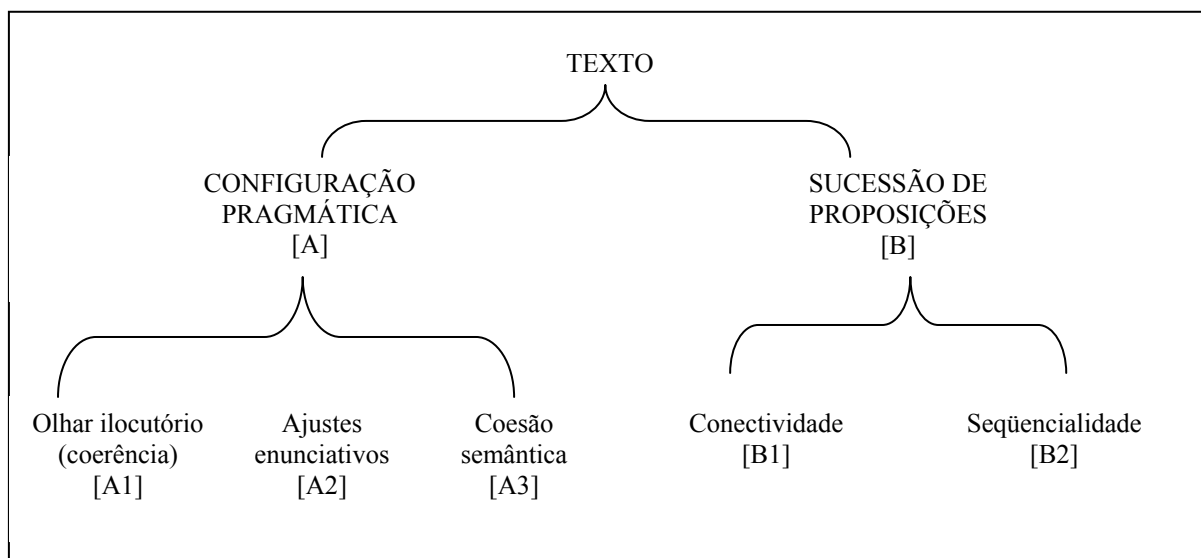


Figura 2: Os planos de organização da textualidade
Fonte: Adam (1997, p.21).

Assim, Adam (1997) define texto como uma estrutura composta de seqüências e, nesse sentido, propõe os objetivos da Linguística Textual: “prosseguir a análise lingüística além da frase complexa e dos simples pares de frase e, por mais difícil que pareça, aceitar situar-se nas fronteiras do lingüístico com o objetivo de explicar a heterogeneidade de toda a composição textual.” (ADAM, 1997, p.20).¹²

1.3.1 A noção de seqüência segundo Adam

Como as tipologias textuais sofrem do paradoxo de limitar e ao mesmo tempo revelar a multiplicidade de fatores, segundo Bonini (2005), Adam, então, objetiva estudar as formas mais estáveis, pensando-as, entretanto, como imbricadas numa atividade discursiva suscetível à heterogeneidade. É neste sentido que as seqüências são pensadas como protótipos e como formas que se adaptam ao conteúdo da interação e do gênero.

¹² Tradução nossa.

Uma leitura da Figura 2, à pagina 34, facilita a compreensão dos planos de organização da textualidade e indica o ponto estratégico em que Adam situa sua base teórica. Os planos referentes à sigla A correspondem à organização pragmática do discurso. Os planos B correspondem ao fato de que um texto é uma seqüência não aleatória de proposições. Estes cinco planos de organização complementar, A1, A2, A3, B1 e B2, correspondem a subsistemas ou módulos de gestão de toda a condução da linguagem e podem ser detalhados, levando-se em consideração as dimensões local e global dos fatos da língua.

Como nosso interesse centra-se em B2 (seqüencialidade), não explicaremos os planos A1 (olhar ilocutório), A2 (ajustes enunciativos), A3 (coesão semântica – mundos) e B1 (conectividade), os quais, também, são planos de organização textual. Para o autor, o plano B2 de organização da textualidade – seqüencialidade – é o que mais lhe interessa, pois, para ele, é o que parece constituir a base mais interessante de tipologia: “Temos aqui as seqüências textuais, propriamente, entendidas como um recurso cognitivo indispensável à produção e à compreensão do texto.” (BONINI, 2005, p.217).

A noção de seqüência, como unidade textual, é, assim, definida por Adam:

- un réseau relationnel hiérarchique: grandeur décomposable en parties reliées entre elles et reliées au tout qu'elles constituent;
- une entité relativement autonome, dotée d'une organisation interne qui lui est propre et donc en relation de dépendance/indépendance avec l'ensemble plus vaste dont elle fait partie. (ADAM, 1997, p.28).¹³

O princípio hierárquico que está na base dos cinco tipos de reagrupamentos seqüenciais refere-se à constituição da seqüência, unidade constituinte do texto, formada de pacotes de proposições – as macroproposições –, elas próprias formadas de *n* proposições. De acordo com Bonini (2005), a macroproposição dá conta de uma das características da seqüência e pode ser atualizada por uma ou várias proposições na superfície do texto. Já a proposição é definida como unidade de conteúdo que mapeia as relações significativas postas em um texto. Nesse caso, Adam (1997, p. 29) apresenta um exemplo de um esquema protótipo de uma seqüência narrativa oral que pode ser decomposta em 12 proposições reagrupadas em pacotes de macroproposições:

¹³ - uma rede relacional hierárquica: grandeza decomponível em partes ligadas entre elas e ligadas ao todo que elas constituem;
 - uma entidade relativamente autônoma, dotada de uma organização interna que lhe é própria em relação de dependência/independência com o todo mais amplo do qual ela faz parte. [N.T.] Tradução nossa.

- (1) [a] C'était pendant les vacances d'été euh
 [b] c'était un jm'rapelle plus quelle date
 [c] c'était quand j'étais avec deux copains
 [d] on avait été dans un chantier
 [e] on s'avait amusé à cache-cache
 [f] puis on a vu un grand tas de petits cailloux
 [g] alors on s'est mis en chaussettes
 [h] et on est monté dessus
 [i] et on s'poussait
 [j] on s'faisait des crochepattes sur les cailloux
 [k] et après euh y a un bonhomme qui nous a euh du moins engueulés
 [l] alors on s'est vite taillé
 [m] c'est tout.
 (ADAM,1997, p.29)¹⁴

Os quatro organizadores temporais *depuis* (*puis*), *então* (*alors*), *e depois* (*et après*) e *então* (*alors*) marcam a progressão dessa narrativa, assinalando os reagrupamentos de proposições: as proposições [a + b + c + d + e] constituem uma primeira macroproposição que se refere à situação inicial; [f] introduzida pelo organizador *depuis* (*puis*), constitui a uma segunda macroproposição e refere-se ao princípio da narrativa; as proposições [g + h + i + j] formam uma terceira macroproposição introduzida pelo organizador *então* (*alors*); a proposição [k], introduzida por *e depois* (*et après*), é interpretada como a quarta macroproposição, que permite, de uma certa maneira, a conclusão da narrativa; a proposição [l], introduzida por *então* (*alors*), corresponde à quinta macroproposição de situação final; finalmente, a proposição [m] corresponde à macroproposição característica de certas narrações orais.

Bonini (2005) explica que a seqüência, embora concebida como um mecanismo cognitivo, é determinada pelas condições externas do discurso. Afirma também que, para Adam, ela não se estabiliza pela imposição de propriedades intrínsecas da mente, mas por sua constante retomada em práticas discursivas.

¹⁴ [a] Era durante as férias de verão hum
 [b] era um eu não me lembro mais qual data
 [c] era quando eu estava com dois companheiros
 [d] a gente tinha ido a um canteiro
 [e] a gente tinha brincado de esconde-esconde
 [f] depois a gente viu um grande monte de pedrinhas
 [g] então a gente ficou de meias
 [h] e a gente subiu em cima
 [i] e a gente se empurrava
 [j] a gente se passava rasteira
 [k] e depois hum há um homem de bem que nos hum pelo menos repreendeu
 [l] então a gente fugiu depressa
 [m] é tudo.
 [N.T] Tradução nossa.

Outro aspecto a ser ressaltado por Adam é que uma ou outra seqüência em uma proposição individual só pode ser vista como essencialmente narrativa (ou descritiva, explicativa, dialogal e argumentativa), à dupla luz de suas características gramaticais e de sua inserção em um contexto, em uma seqüência de proposições que o interpretante interliga. Para Bonini (2005, p.218), nos exemplos a seguir, o verbo no passado, em (2), pode indicar que a proposição tenha base narrativa, mas, se considerarmos as alterações em (3) e (4), veremos que ela ganha caráter argumentativo e explicativo.

(2) A marquesa saiu às cinco horas.

(3) A marquesa saiu às cinco horas (então é uma mentirosa).

(4) A marquesa saiu às cinco horas (porque é casada).

A partir dessas situações, compreendemos que as marcas formais (gramática textual) interagem com uma exterioridade (condições de enunciação). É nesse sentido que Adam concebe uma pragmática textual, pois, como visto nos exemplos acima, a proposição está em relação pragmática de dependência com uma seqüência textual. Essa relação ocorre da seguinte forma:

(5) [# T # [Sequência(s) [macroproposição [proposição(ões)]]]]
(ADAM, 1997, p. 30)

Essa fórmula, segundo Adam, apresenta uma estrutura hierárquica elementar que vale para todos os textos. O sinal de sustenido (#) indica a delimitação das fronteiras do (para)texto, marcas de início e de fim de uma comunicação.

1.3.2. As seqüências textuais segundo a categorização de Adam

Ao retomar as reflexões sobre o conceito bakhtiniano de gêneros discursivos e as regularidades composicionais de que fala Bakhtin, Adam (1997) hipotetiza que essas regularidades estão na base, de fato, das regularidades seqüenciais. Dessa forma, propõe conservar as seqüências prototípicas seguintes: narrativa, descritiva, argumentativa, explicativa e dialogal. Os outros tipos foram desconsiderados, pois, para Adam, esses tipos se reduzem seja a simples descrições de ações (a maioria dos textos “procedurais” ou “instrutivos” e os textos “expositivos” em COMO), seja a atos de linguagem, e eles revelam, então, devido a essas descrições, planos ilocutórios e enunciativos de organização textual e não da seqüencialidade propriamente dita. Adam acrescenta que nessa mesma situação está a própria natureza da ordem na base do “injuntivo”. Quanto ao “preditivo” e ao “optativo”, o autor sugere que devem ser considerados como simples descrições do que deve ser.

Para explicar os esquemas prototípicos das seqüências, Adam faz uso da analogia do protótipo da ave, que achamos interessante mencionar. Segundo ele, da mesma maneira que o protótipo¹⁵ da ave – geralmente mais próximo do pardal ou do canário – permite distinguir um chapim, uma coruja, uma cegonha e mesmo um avestruz e um pingüim de outros animais, parece existir um esquema prototípico de uma seqüência que permite distingui-la de uma outra seqüência.

Para Adam (1997), as tipologias textuais globais parecem ser ambiciosas demais e só podem atingir os casos simples de estruturas seqüenciais quase homogêneas. Confrontada a essas, o autor propõe a abordagem seqüencial, que permite considerar os casos de estruturas seqüenciais heterogêneas. O que pode ser visto no exemplo de Adam sobre o tipo de estrutura seqüencial heterogênea (em que as proposições são marcadas por letras):

- (6) [a] Il y avait une fois un prince [b] qui voulait épouser une princesse, [c] mais une princesse véritable. [d] Il fit donc le tour du monde pour en trouver une, [e] et, à la vérité, les princesses ne manquaient pas; [f] mais il ne pouvait jamais s’assurer si c’étaient de véritables princesses; [g] toujours quelque chose en elles lui paraissait suspect. [h] En

¹⁵ Rosch (1978 apud Bonini, 2001), a partir de suas pesquisas em percepção, concebeu o conceito de protótipo. O agrupamento de conceitos em uma dada categoria se daria, segundo a pesquisadora, não pela alternância dos traços binários, mas pela semelhança com o protótipo, o membro que condensava os traços mais característicos da categoria.

conséquence, il revint bien affligé de n'avoir pas trouvé ce qu'il désirait. (ADAM, 1997, p.32)¹⁶

Nessa seqüência de *A Princesa sobre uma ervilha de Andersen*, a seqüência narrativa é dominante e a argumentação sublinha simplesmente o plano de texto. As proposições são demarcadas por letras e os conectores argumentativos marcam a seqüência das cinco macroproposições narrativas, induzindo aos reagrupamentos proposicionais seguintes:

(7) [a+b] MAS [c] POIS [d+e] MAS[f+g] EM CONSEQUÊNCIA[H].
(ADAM,1997, p.32)

A questão de superestrutura difundida amplamente por van Dijk (1984 apud Adam, 1997) é um assunto que, ao longo da teoria das seqüências textuais de Adam, é discutido, apesar de esse autor assumir, parcialmente, a primeira definição de superestrutura de van Dijk. Essa afirmação permite sustentar a hipótese de Bakhtin sobre as relações entre unidades e o enunciado “como todo concluído” e, também, assumir a mais recente concepção de superestrutura de van Dijk, definida como estruturas textuais superpostas às estruturas gramaticais. Adam, no entanto, abandona tais conceitos, pois, para ele, essas noções acabaram por recobrir unidades textuais vagas demais.

Adam então propõe trabalhar apenas com cinco tipos de estruturas seqüenciais – narrativa, descritiva, argumentativa, explicativa e dialogal – com base na definição de texto como “uma estrutura hierárquica complexa compreendendo *n* seqüências elípticas ou completas de mesmo tipo ou de tipos diferentes.” (ADAM, 1997, p.34).

Enfim, ressaltamos que, segundo Bonini (2005), a diferença fundamental da seqüência em relação ao gênero é sua menor variabilidade. Os gêneros marcam situações sociais, portanto, são essencialmente heterogêneos. Já as seqüências, componentes que atravessam o gênero, são essencialmente estáveis, por conseguinte, são facilmente delimitáveis. Desse modo, trataremos de apresentá-las.

¹⁶ [a] Era uma vez um príncipe [b] que queria desposar uma princesa, [c] mas uma princesa verdadeira. [d] Ele deu, pois, a volta ao mundo para encontrar uma, [e] e, na verdade, não faltavam princesas; [f] mas ele nunca poderia ter certeza se eram verdadeiras princesas; [g] alguma coisa nelas sempre lhe parecia suspeita. [h] Em consequência, ele voltou muito consternado por não ter encontrado o que desejava. [N.T] Tradução nossa.

1.3.2.1 A seqüência narrativa

Para identificar a seqüência narrativa, Adam (1997) parte de seis características que lhe são próprias, descrevendo-as do seguinte modo:

- a) a sucessão de eventos: a narrativa consiste na delimitação de um evento inserido em uma cadeia de eventos alinhados em ordem temporal;
- b) a unidade temática: a ação narrada necessita ter um caráter de unidade. Para que isso ocorra, ela deverá privilegiar um sujeito agente, desencadeando toda a ação narrada, a partir desse sujeito;
- c) os predicados transformados: o desenrolar de um fato implica a transformação das características do personagem;
- d) o processo: a narrativa deve ter um início, um meio e um fim. A estruturação básica da seqüência narrativa, na verdade, parte dessa idéia de processo. Para que haja o fato, é necessário que ocorra uma transformação, ou seja; no início, tem-se o estabelecimento de uma situação, no meio, uma transformação que transcorre em direção a um fim, uma situação final.
- e) a intriga: a narrativa traz um conjunto de causas, orquestradas de modo a dar sustentação aos fatos narrados¹⁷.
- f) a moral: muitas narrativas trazem uma reflexão sobre o fato narrado, que pode encerrar a verdadeira razão de se contar aquela história.

A partir das seis características descritas acima, Adam organiza a seqüência narrativa conforme a Figura 3, a seguir:

¹⁷ Segundo Bonini (2005, p.219), “a ausência de intriga pode levar certos autores a não considerar crônicas e relatos históricos ou técnicos de fatos como narrativa”. Para Bronckart (2003, p. 219), “[...] só se pode falar de seqüência narrativa quando essa organização é sustentada por um processo de **intriga**.”

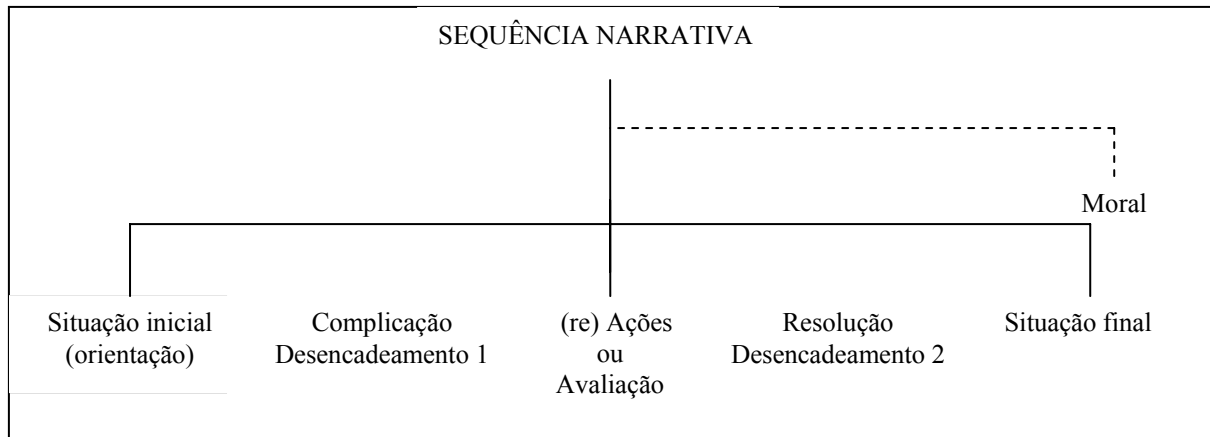


Figura 3: Esquema prototípico da sequência narrativa
 Fonte: Adam (1997, p.57).

Como se pode observar na Figura 3, o esquema prototípico da sequência narrativa constitui-se de cinco macroproposições principais, cuja ordem de sucessão é obrigatória:

- a) a macroproposição de **situação inicial** (de exposição, ou de orientação), na qual um “estado de coisas” é apresentado. Aparentemente, apresenta-se “equilibrado” na medida em que a sequência da história vai nele introduzir uma perturbação;
- b) a macroproposição de **complicação** (de desencadeamento, de transformação), que introduz essa perturbação e cria uma tensão;
- c) a macroproposição de **ações**, que reúne os acontecimentos desencadeados por essa perturbação;
- d) a macroproposição de **resolução** (de re-transformação), na qual se introduzem os acontecimentos que levam a uma redução efetiva da tensão;
- e) a macroproposição de **situação final** que apresenta o novo estado de equilíbrio obtido por essa resolução.

Além das cinco macroproposições principais, há duas fases cuja possibilidade na sequência é menos restrita:

- a) a macroproposição de **avaliação**, em que se propõe um comentário ao desenrolar da história e cuja posição na sequência não parece ser totalmente livre;

- b) a macroposição de **moral**, em que se explica a significação atribuída à história e geralmente aparece no início ou no fim.

Em um plano mais técnico, muitos modelos de seqüência narrativa foram propostos. O mais simples reduz-se à articulação de três fases: situação inicial (início); transformação (meio); e situação final (fim).

1.3.2.2 A seqüência argumentativa

Argumentar, segundo Bonini (2005), é a construção por um falante de um discurso que visa modificar a visão de outro sobre determinado objeto, alterando, assim, seu discurso. Além disso, Bonini explica que o ato argumentativo consiste, essencialmente, na contraposição de enunciados, tendo sua sustentação em operadores argumentativos que têm a função de pôr um enunciado que está sendo preferido a um já-dito, denominado *topos* que, segundo Ducrot (1987, 1988 apud Bonini, 2005, p. 221), “na sua forma mais característica, aparece implícito. Ou seja, já que conhecido pelo interlocutor, não precisa ser dito.”

Já Bronckart (2003), com base nas abordagens desenvolvidas especialmente por Apothéloz (1984), Borel (1981a), Grize (1974 e 1981) e Toulmin (1958)¹⁸, afirma que o raciocínio argumentativo implica uma tese a respeito de um tema. Sobre o pano de fundo dessa tese anterior são propostos os dados novos, que são objeto de um processo de inferência e que orienta para uma conclusão ou uma nova tese. No quadro do processo de inferência, esse movimento argumentativo, segundo Bronckart, pode ser apoiado por algumas justificativas ou freado por restrições. É, pois, do peso respectivo dos suportes e das restrições que depende a força da conclusão.

Observemos a Figura 4, a seguir, que descreve o esquema prototípico da seqüência argumentativa como proposta por Adam:

¹⁸ Sobre as referências bibliográficas de Apothéloz (1984), Borel (1981a), Grize (1974 e 1981) e Toulmin (1958) ver Bronckart (2003) que consta em nossa referência.

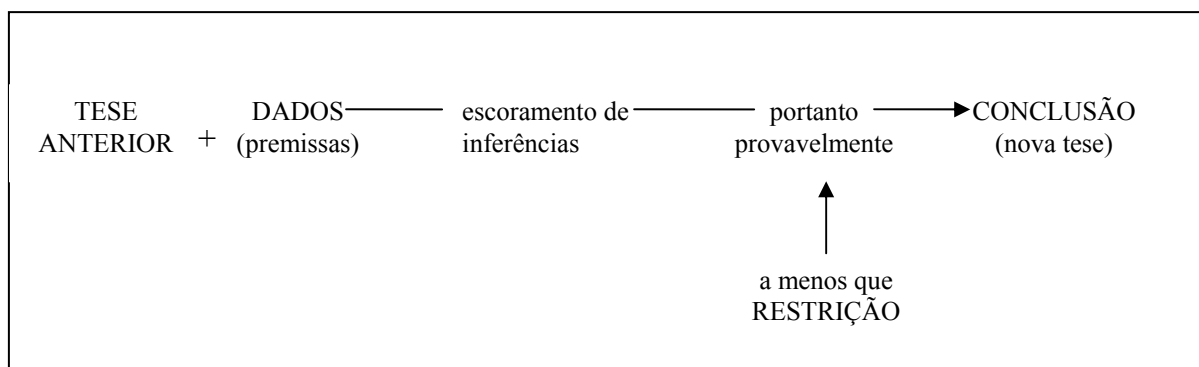


Figura 4: Esquema prototípico da sequência argumentativa inspirado em Toulmin (1958 apud Adam, 1997).
Fonte: Adam (1997, p.108).

A Figura 4 mostra-nos o esquema argumentativo que consiste, basicamente, na apresentação de um dado ou elemento explícito de sustentação (um argumento) e uma conclusão (um predicado), passando por um *topos* (um já-dito). Conseqüentemente, segundo Adam (1997), o protótipo da sequência argumentativa, conforme a Figura 4, apresenta-se como uma sucessão de quatro macroproposições:

- a) a macroproposição **de premissas** (ou dados), em que se propõe uma constatação de partida;
- b) a macroproposição de apresentação de **argumentos**, elementos que orientam para uma conclusão provável, podendo esses elementos serem apoiados por lugares comuns (*topoi*), regras gerais, exemplos, etc.;
- c) a macroproposição de apresentação de **contra-argumentos**, que operam uma restrição em relação à orientação argumentativa e que podem ser apoiados ou refutados;
- d) a macroproposição de **conclusão** (ou de nova tese), que integra os efeitos dos argumentos e contra-argumentos.

Esse modelo, de acordo com Bronckart (2003), pode ser realizado de modo simplificado: da macroproposição de premissas à macroproposição de conclusão, da macroproposição de argumentos à macroproposição de conclusão, deixando implícitas as outras macroproposições do esquema prototípico. Porém, esse modelo pode também ser realizado de modo mais complexo: explicitação da tese anterior, entrelaçamento dos argumentos e dos contra-argumentos, desenvolvimentos múltiplos do suporte de uns e/ou dos outros, etc.

1.3.2.3 A seqüência descritiva

A pertinência da seqüência descritiva quanto ao seu valor literário e seu grau de autonomia em relação aos segmentos discursivos em que se inserem, conforme Bronckart (2003), constituiu múltiplos debates que foram comentados por Adam (1997) e Adam e Pitijean (1989 apud Bronckart, 2003), que sustentaram a tese de um protótipo autônomo de seqüência descritiva e propuseram uma análise técnica detalhada de suas propriedades lingüísticas específicas.

Entretanto, há de se convir que a descrição é a seqüência menos autônoma dentre todas e dificilmente será predominante em um texto. Sua ocorrência mais característica é como parte da seqüência narrativa, principalmente na parte inicial (a situação), quando são introduzidos o espaço e os personagens do fato: “[...] a seqüência descritiva apresenta a particularidade de ser composta de fases que não se organizam e se encaixam em uma ordem linear obrigatória, mas que se combinam e se encaixam em uma ordem hierárquica ou vertical.” (BRONCKART, 2003, p.222).

Adam (1997) sugere para a descrição três partes: 1) uma ancoragem (onde se tem um tema-título); 2) uma dispersão de propriedades (contendo dois processos básicos - a aspectualização e o estabelecimento de relação); e 3) uma reformulação (onde se tem uma nova visualização geral do tema). Assim, Adam (1997) apresenta o protótipo da seqüência descritiva composta das macroproposições seguintes:

- a) a macroproposição de **ancoragem**, apresentação do tema da descrição, geralmente por uma forma nominal ou tema-título. Apesar de esse tema-título freqüentemente ser introduzido no início da seqüência, ele pode aparecer no curso da seqüência e, também, no final;
- b) a macroproposição de **aspectualização**, em que os diversos aspectos do tema-título são enumerados e, portanto, decompostos em partes, às quais são atribuídas particularidades;
- c) a macroproposição de **relacionamento**, em que os elementos descritos são assimilados a outros (comparação, metáfora).

Esses componentes, acima descritos, são apresentados em um esquema virtual. O termo virtual justifica-se, neste caso, porque os processos expostos no esquema não estão dispostos exatamente na ordem em que possam caracteristicamente ocorrer, mas de forma a compor um quadro desses processos. Vejamos então a Figura 5, a seguir, que ilustra esse esquema:

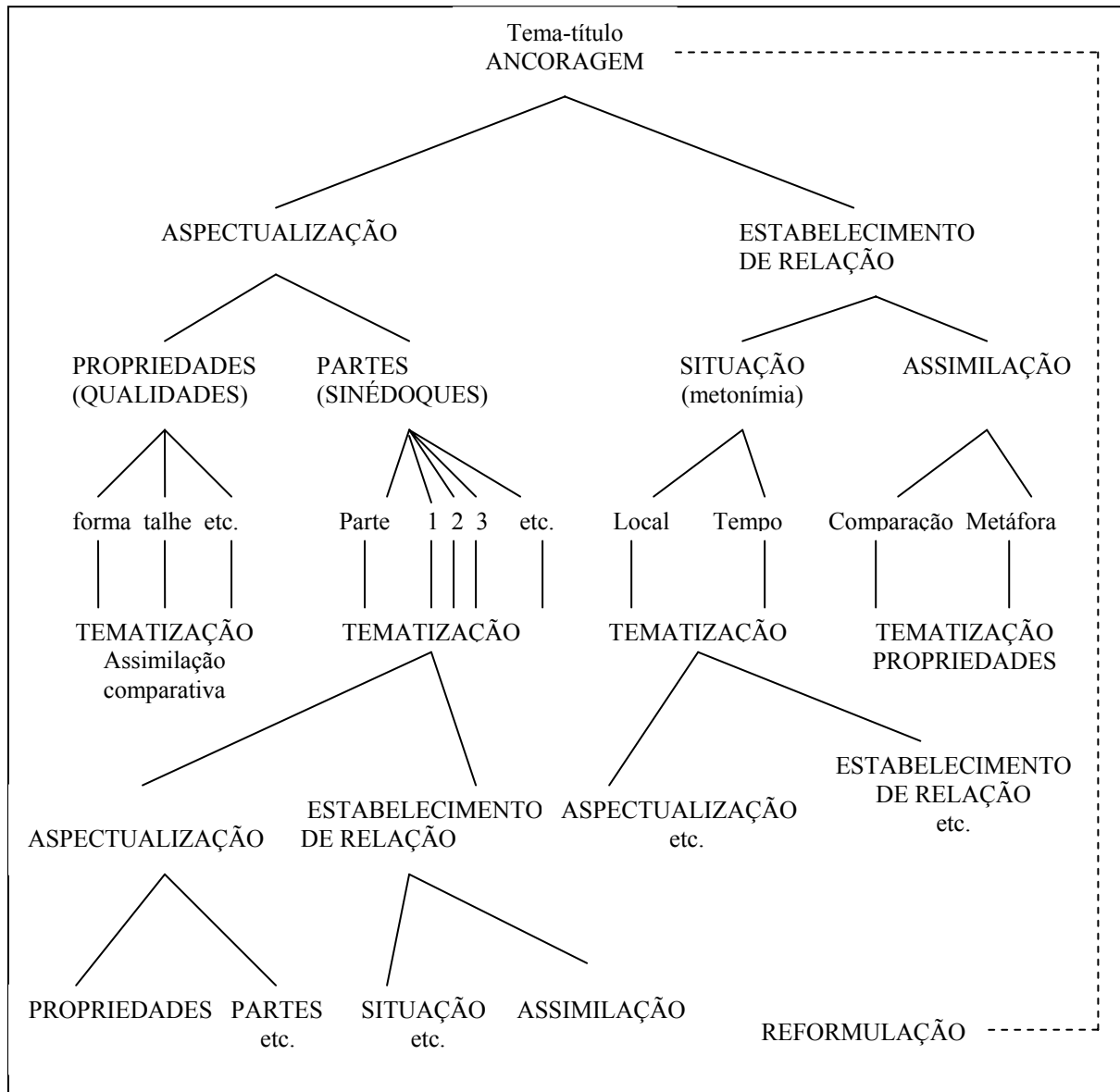


Figura 5: Esquema prototípico da sequência descritiva.
Fonte: Adam (1997, p.84).

Além disso, segundo Bronckart (2003), assim como a sequência narrativa, a sequência descritiva também apresenta um modelo rudimentar: tema-título e simples enumeração de suas propriedades, mas pode também ser realizada de modo mais complexo. Por exemplo, as

propriedades atribuídas às partes tornam-se um subtema, que se decompõe em partes, às quais são atribuídas propriedades que podem constituir, elas mesmas, um subsubtema, etc.

Em relação aos textos injuntivos, instrucionais, Adam (1997) sustenta que tais textos são organizados de acordo com as mesmas macroproposições, mesmo quando essa organização recai sobre ações e não sobre objetos. Para o autor, esses segmentos constituem descrições de ações, conseqüentemente, são assimilados como seqüências descritivas.

1.3.2.4 A seqüência explicativa

De acordo com Bonini (2005, p.223), “a explicação costuma ser chamada também de exposição.” Adam, no entanto, não acredita que haja uma seqüência expositiva, pois os casos apontados como exposição podem ser reinterpretados como uma seqüência descritiva ou como uma seqüência explicativa.

Ambas as seqüências têm como característica prover uma resposta à questão *Como?*. Na descrição, segundo Adam, tem-se uma forma procedimental, no sentido de responder a *Como fazer para...?*. Já em relação à explicação, seu propósito é construir um desenho claro de uma idéia. Para isso, responde-se à questão *Por quê?* ou *Como?*, mostrando quadros parciais de significação da idéia. A diferença entre a seqüência explicativa e a argumentativa consiste em dizer que a primeira visa transformar uma convicção (estado de conhecimento). Já a segunda, visa modificar uma crença (visão de mundo).

Vejamos a Figura 6, abaixo:

0.	Macroproposição explicativa 0: Esquematização inicial
1. Por que X? (ou Como?)	Macroproposição explicativa 1: Problemas (questão)
2. Porque	Macroproposição explicativa 2: Explicação (resposta)
3.	Macroproposição explicativa 3: Conclusão-avaliação

Figura 6: Esquema prototípico da seqüência explicativa.
Fonte: Adam (1997, p. 132).

A Figura 6, à página 46, mostra-nos o esquema prototípico da seqüência explicativa proposto por Adam (1997). Esse esquema, para o autor, apresenta-se na forma de uma seqüência simples, cujo protótipo é:

- a) a macroproposição de **constatação inicial**, que introduz um fenômeno não contestável;
- b) a macroproposição de **problematização**, em que é explicitada uma questão da ordem do porquê ou do como, às vezes, associada a um enunciado, aparentemente, contraditório;
- c) a macroproposição de **resolução** (ou explicação), que introduz os elementos de informações suplementares capazes de responder às questões colocadas;
- d) a macroproposição de **conclusão-avaliação**, que reformula e completa eventualmente a constatação inicial.

Em relação às seqüências precedentes, esse protótipo pode se realizar em formas de extensão e de complexidade muito variáveis.

1.3.2.5 A seqüência dialogal

Segundo Adam (1997) a seqüência dialogal é o componente principal dos gêneros textuais mais característicos da comunicação humana: a conversação e suas variantes (entrevista, conversação telefônica, debate etc.). Em relação às demais, segundo Bonini (2005), a seqüência dialogal, traz uma característica fundamental: o fato de ser poligerada, pois ela é formada, necessariamente, por mais de um interlocutor, diferenciando-se das demais seqüências até aqui analisadas.

Adam (1997), conforme a Figura 7, propõe o seguinte protótipo de seqüência dialogal:

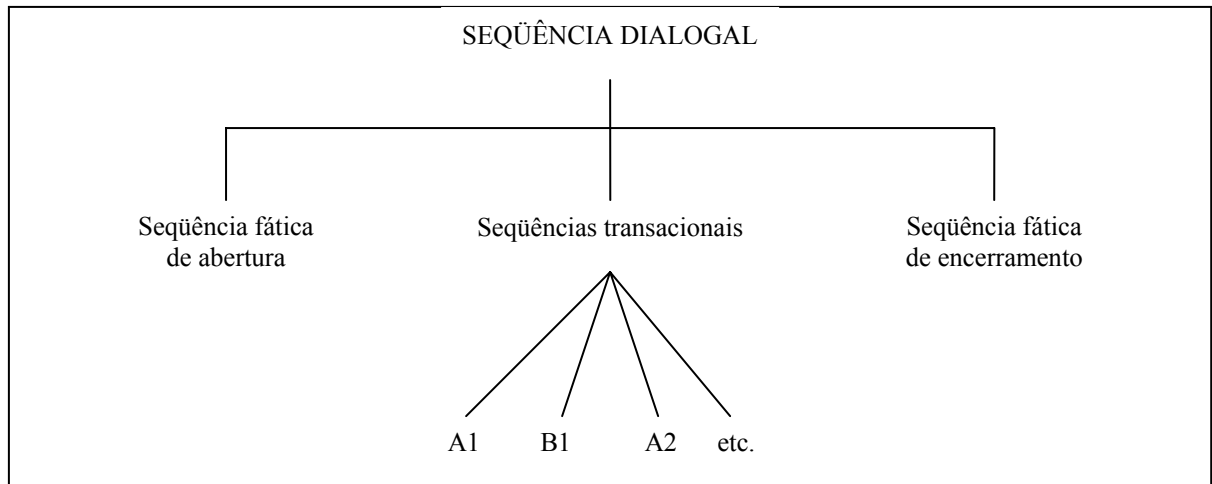


Figura 7: Esquema básico da seqüência dialogal adaptado a partir de Adam (1997).
Fonte: Bonini (2005, p.225).

Conforme a Figura 7, no nível supraordenado, primeiro nível, três macroproposições gerais podem ser distinguidas:

- a) uma macroproposição de **abertura**, de caráter fático, na qual os interactantes entram em contato, conforme os ritos e usos da formação social em que se inscrevem;
- b) uma macroproposição **transacional**, em que o conteúdo temático da interação verbal é co-construído;
- c) uma macroproposição de **encerramento**, novamente fática que, explicitamente, põe fim à interação.

Em um segundo nível, cada uma das três macroproposições pode ser composta em unidades dialogais ou trocas. Evidentemente, podem ocorrer várias trocas em cada macroproposição. A troca é composta de turnos de fala, intervenções que podem assumir uma estrutura binária (duas intervenções) ou ternária (três intervenções).

No último nível, cada intervenção pode ser decomposta em atos discursivos que compreendem os enunciados que realizam um ato de fala determinado (pedido, afirmação, injunção, etc.).

Como para as outras seqüências, esse protótipo pode se realizar em formas diversas, em função da amplitude e da complexidade dos encaixamentos hierárquicos que podem ocorrer.

1.4 A infra-estrutura geral dos textos proposta por Bronckart

Nosso interesse em Bronckart (2003) está relacionado ao seu trabalho sobre o estudo da arquitetura interna dos textos e, principalmente, porque o autor faz uma análise da teoria sequencial de organização dos textos de Adam. Logo, termos como seqüência, conteúdo temático, heterogeneidade textual estão imbricados na constituição da infra-estrutura geral dos textos proposta por Bronckart.

Sobre a análise da arquitetura interna do texto, Bronckart apresenta seu próprio aparelho conceitual, que se articula à hipótese geral de seu trabalho, segundo a qual todo texto é organizado em três níveis superpostos e em partes interativas, definidos pelo autor de folhado textual. Esses níveis são: a infra-estrutura geral do texto, os mecanismos de textualização e os mecanismos enunciativos.

Essa distinção de níveis de análise do texto, segundo Bronckart (2003, p.119), “responde adequadamente à necessidade metodológica de desvendar a trama complexa da organização textual, mas a lógica de sobreposição que propomos se baseia, mais profundamente, na constatação do caráter hierárquico de qualquer organização textual”.

A infra-estrutura geral do texto, nível mais profundo, é constituída pelo plano geral do texto, pelos tipos de discurso e pelas seqüências. Os mecanismos de textualização referem-se às séries isotópicas de organizadores e de retomadas nominais e contribuem para marcar ou “tornar mais visível” a estruturação do conteúdo temático; portanto, pressupõem uma organização mais profunda designada de infra-estrutura. Já os mecanismos enunciativos (as modalizações, as vozes enunciativas), por serem pouco dependentes da linearidade do texto são considerados como sendo de domínio do nível mais “superficial”, pois estão diretamente relacionados ao tipo de interação que se estabelece entre o agente-produtor e seus destinatários.

De acordo com Bronckart, os tipos de discurso são “como formas lingüísticas que são identificáveis nos textos e que traduzem a criação de **mundos discursivos** específicos, [...] articulados entre si por mecanismos de **textualização** e por mecanismos **enunciativos** [...]” (2003, p.149). Esses tipos constituem os elementos fundamentais da infra-estrutura geral dos textos.

Entretanto, segundo esse mesmo autor, a infra-estrutura textual também se caracteriza por outra dimensão, que é a organização sequencial ou linear do conteúdo temático, definido

como o conjunto das informações explicitamente apresentadas e traduzidas no texto pelas unidades declarativas da língua natural, sendo que as informações constituídas do conteúdo temático são representações construídas pelo agente-produtor. Trata-se de conhecimentos que estão estocados na memória desse agente em formas lógicas e/ou hierárquicas, as quais são chamadas de macroestruturas, desenvolvidas em diversas formas de organização linear: planos, esquemas, seqüências, etc., que, às vezes, têm sido denominadas de superestruturas textuais (para alguns autores como van Dijk (1980; 1981 apud Bronckart, 2003)).

Diante das diversas formas de organização do texto, Bronckart destaca os trabalhos de Adam (cf. 1990, 1991a, 1991b, 1992 apud Bronckart, 2003) sobre a teorização da organização dos textos baseada na noção fundamental de seqüência, uma vez que essa teorização, segundo Bronckart, é solidamente sustentada e é uma referência pouco contestável. Bronckart também esclarece que a planificação de qualquer segmento de texto pode ser feita de acordo com a forma de uma das seis seqüências. E a seqüencialização de um segmento de texto registra, segundo o autor, a existência de uma operação de caráter dialógico que se sobrepõe, localmente, às operações constitutivas dos mundos discursivos,¹⁹ aos quais se articulam os referidos segmentos. Em suma, a citação abaixo, revela o porquê do nosso diálogo com Bronckart, que assim afirma:

Conseqüentemente, como vimos, embora as seqüências sejam geralmente observáveis em um texto apenas como modalidade **local** de planificação, elas podem também ser utilizadas pelo agente-receptor como guias de leitura da **totalidade** do texto. A exploração dos protótipos de seqüências na produção traduz-se, portanto, por formas de planificação lingüisticamente marcadas, enquanto sua exploração no processo de leitura pode se efetuar em uma reconstrução que transcenda as formas lingüísticas empiricamente observadas. (BRONCKART, 2003, p.257).

Com base nessa posição, o autor apresenta os cinco tipos de seqüências, mantendo-as o mais estritamente possível dentro da análise proposta por Adam (1997).

¹⁹ Sobre essas operações constitutivas, Bronckart (2003, p. 151) explica que “[...] a atividade de linguagem, devido à sua própria natureza semiótica baseia-se, necessariamente, na criação de mundos virtuais. Esses mundos são sistemas de coordenadas formais que, de um lado, são radicalmente ‘outros’ em relação aos sistemas de coordenadas dos mundos representados em que se desenvolvem as ações de agentes humanos, mas que, de outro, devem mostrar o tipo de relação que mantêm com esses mundos da atividade humana. Por convenção, chamamos os mundos representados pelos agentes humanos de mundo ordinário e os mundos virtuais criados pela atividade de linguagem, de **mundos discursivos**. ”

1.4.1 O estatuto dialógico das seqüências segundo Bronckart

Em outra abordagem sobre a teoria seqüencial dos textos definida por Adam, Bronckart (2003) discute o papel específico que as seqüências desempenham na organização da infra-estrutura textual; o estatuto dialógico de cada uma e as operações sobre as quais se baseiam. Esses três pontos são o propósito de discussão ao longo desse tópico.

De acordo com Bronckart, o empréstimo de um protótipo de seqüência, disponível no intertexto²⁰, resulta de uma decisão do agente-produtor, tendo em vista suas representações sobre o destinatário e sobre o fim que se pretende. Na medida em que se baseiam nessas decisões interativas, as seqüências, produto de uma reestruturação do conteúdo temático, têm um estatuto fundamentalmente dialógico. Para melhor compreensão, Ferreira (2005) explica que a importância da dimensão dialógica, tal como proposta por Bronckart, diz respeito ao fundamento de que o texto é organizado tomando-se como base não só os objetivos do autor, mas a posição ou lugar atribuído ao leitor/ouvinte. Logo, se o texto só se constitui como tal na sua relação com o leitor/ouvinte, ele precisa ser organizado de modo a ser compreendido.

O estatuto dialógico da seqüência narrativa é determinado pela organização dos acontecimentos e/ou das ações evocadas, num movimento caracterizado sempre pela intriga, de modo a criar uma tensão, para depois resolvê-la, contribuindo para o suspense assim estabelecido para a manutenção da atenção do destinatário. É nesse movimento que, segundo Bronckart, a seqüência narrativa sobrepõe à cronologia dos acontecimentos uma dimensão interpretativa. Portanto, esses acontecimentos encontram-se organizados em um todo coerente, reconfigurados e clarificados, e essa clarificação oriunda do texto constitui um material na base do qual o destinatário é capaz de empreender uma tentativa de compreensão das questões da atividade humana.

As seqüências explicativas e argumentativas consistem em isolar um elemento do tema tratado, de forma que a apresentação desse tema (um objeto do discurso) seja adaptado às características presumidas do destinatário. Assim, o estatuto dialógico dessas seqüências refere-se às proposições seguintes: quando o agente-produtor considera que um objeto de discurso, embora incontestável a seu ver, corre o risco de ser de difícil compreensão para o destinatário, ele tende a desenvolver uma seqüência explicativa. Quando o agente-produtor

²⁰ De acordo com Bronckart, intertexto é “um conjunto mais ou menos organizado de gêneros de textos elaborados pelas gerações precedentes e indexados a situações-tipo de comunicação” (BRONCKART, 2003, p.210).

considera que um aspecto do tema que expõe é contestável a seu ver e ao destinatário, tende a organizar esse objeto de discurso em uma sequência argumentativa. Bronckart adverte que ambas as situações descritas podem acontecer simultaneamente e, nesse caso, produz-se um segmento que combina sequências explicativas e argumentativas.

Sobre o estatuto dialógico da sequência descritiva, Bronckart (2003, p.236) afirma que “a sequência descritiva também procede de decisões do agente-produtor orientadas pelo efeito que deseja produzir em seu destinatário: fazer ver em detalhes os elementos do objeto de discurso [...] e guiar o olhar do destinatário [...]”. É necessário destacar que, tanto para Adam quanto para Bronckart, essa sequência apresenta-se, quase sempre, articulada a outras sequências.

Já a sequência dialogal, que para Bronckart é evidentemente dialógica, define-se pelas decisões diretas tomadas pelos co-produtores no quadro da interação verbal em curso.

Ao contrário de Adam, Bronckart (2003) afirma que a consideração da dimensão dialógica das sequências possibilita um estatuto específico aos segmentos de textos nomeados de injuntivos, instrucionais ou procedimentais. Esses textos, de acordo com Adam, devem ser organizados conforme as regras gerais da sequência descritiva, apesar de apresentarem particularidades de fazer ver ações, mais do que objetos ou situações.

Ao reavaliar as sequências, conforme definidas por Adam, Bronckart afirma que elas são “modalidades particulares de planificação do conteúdo temático, baseadas em operações de caráter dialógico. [...] essas sequências contribuem para a organização da **infra-estrutura** textual [...]” (2003, p.237). Ou seja, é na infra-estrutura textual que as sequências se estabelecem como modos de organização profunda do texto, estruturando, dessa forma, o conteúdo temático. Portanto, a sequencialização de um determinado conteúdo temático baseia-se nas operações seguintes: operações criadoras de tensão, para a sequência narrativa; operações destinadas a fazer ver, para a sequência descritiva; operações destinadas a fazer agir, para a sequência injuntiva; operações que visam a resolver um problema ou a convencer, para as sequências explicativas e argumentativas; operações destinadas a regular a interação, para a sequência dialogal.

Com base nas cinco sequências definidas por Adam, podemos adequá-las à nossa proposta, acrescidas dos estudos de Bronckart sobre o estatuto dialógico das sequências, sobre papel específico que as sequências desempenham na organização da infra-estrutura textual e sobre as operações sobre as quais se baseiam.

1.5 Gênero entrevista

1.5.1 A questão da categorização do gênero entrevista impresso em revistas

Conforme Schneuwly (2003, p.21), “a moda das tipologias cedeu lugar à dos gêneros”. No entanto, o autor adverte que permanece a necessidade fundamental de classificar em toda a atividade de pesquisa.

Nesse sentido, Adam (1997) esclarece que todo o esquema de classificação cria problemas. No entanto, para ele, dessa afirmação só pode resultar uma saudável desconfiança ou, pelo menos, uma prudência que não deve em todo caso nos impedir de formular hipóteses de trabalho. Sobre esse posicionamento, Dipaux (1984 apud Adam 1997, p.8) afirma que: “Uma definição que não iria nunca colocar nenhum problema seria inútil. O mesmo serve para as tipologias.”

Sobre as críticas às tipologias concorrentes, Adam menciona simplesmente as de Werlich (1975), Beaugrande e Dressler (1981) e Bice Mortara Garavelli (1998). Nesses três casos²¹, somente os textos monogeridos são levados em conta e o diálogo é, assim, excluído.

Como fica, então, o gênero entrevista? Será que por ser intimamente ligado ao diálogo, não se enquadra nesses três casos? Pensamos que, partindo da noção de seqüência textual de Adam, podemos responder tais questionamentos, pois acreditamos que a entrevista jornalística é um objeto irredutível a um só tipo de organização.

Primeiramente, é relevante retomar a distinção bakhtiniana sobre os gêneros primários e secundários. O primeiro é constituído em situação de comunicação verbal espontânea e está em relação direta com a realidade existente e com os enunciados alheios. Já os gêneros secundários manifestam-se em circunstâncias de comunicação cultural mais complexa e evoluída. Schneuwly (2004) retoma essa distinção bakhtiniana dos gêneros e explica que a construção de um gênero secundário implica dispor de instrumentos já complexos. Logo, nessa construção, os gêneros primários são os instrumentos de criação dos secundários.

Vale ressaltar que, segundo Farias (1999), o caráter histórico de ambos os tipos (primário/secundário) está diretamente relacionado às diferentes esferas da comunicação

²¹ Sobre as referências bibliográficas de Werlich (1975), Beaugrande e Dressler (1981) e Bice Mortara Garavelli (1998). **Ver** Adam (1997) que consta em nossa referência.

social. Nesse caso, a escolha do gênero, necessariamente, deve se adequar à situação comunicativa e, com isso, as regras do gênero impor-se-iam. Nessa perspectiva, Farias admite que “o gênero entrevista estaria mais próximo dos secundários, uma vez que nele a individualidade de quem fala é limitada pela formalidade, padronização e estereótipo impostos pelo gênero.” (FARIAS, 1999, p.21), o que, a nosso ver, possibilita deduzir a complexidade do gênero investigado, ora próximo aos gêneros da comunicação verbal espontânea, do diálogo, ora próximo aos gêneros que se manifestam em situações culturais complexas. Tudo isso nos leva a crer que essa **situação dual** contribui para o caráter heterogêneo do gênero entrevista e da própria linguagem em situação comunicativa real e, de certo modo, é consonante com as diversas categorizações impostas pelos estudiosos, como poderemos ver no decorrer deste estudo.

Com base nos tipos de seqüência de Adam, as seqüências narrativa, descritiva, e argumentativa são formas monogeridas, enquanto as explicativa e dialogal são formas poligeridas. No entanto, a nosso ver, o gênero entrevista constitui-se de práticas discursivas complexas, visto que é constituído por seqüências monogeridas e poligeridas. A razão dessa afirmação deve-se ao fato de que “[...] cada texto é uma realidade heterogênea demais para que seja possível encerrá-lo nos limites de uma definição estrita.” (ADAM, 1997, p.19).

Com relação às diversas abordagens sobre o ensino do gênero entrevista, estudos o categorizam e/ou agrupam de diferentes maneiras. Os agrupamentos de gêneros propostos por Schneuwly e Dolz (2004) correspondem: a) às finalidades sociais do ensino, de forma a atender os domínios essenciais de comunicação em nossa sociedade; b) de maneira flexível, a certas distinções tipológicas; c) a uma relativa homogeneidade quanto às capacidades de linguagem dominantes (narrar, relatar, argumentar, expor, descrever ações) implicadas no domínio dos gêneros agrupados. Em relação ao gênero entrevista, nesse agrupamento, esse gênero enquadra-se no domínio de comunicação, da transmissão e construção de saberes e, quanto às capacidades de linguagem dominantes, pertence ao expor.

Já nos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs (1998), as esferas e os agrupamentos dos gêneros foram selecionados com base em critérios que objetivem a efetiva participação do indivíduo nas diferentes esferas/instâncias sociais. Levaram-se em conta os usos sociais mais frequentes dos textos. Assim, os gêneros orais e escritos privilegiados para a prática de escuta e leitura de textos foram selecionados nas seguintes categorias: literários, de imprensa, de divulgação científica e publicidade (narrar, expor e argumentar). Nesse agrupamento, o gênero entrevista pertence ao domínio de imprensa na ordem do expor.

Tanto nos agrupamentos propostos nos PCNs quanto aos propostos por Schneuwly e Dolz, o gênero entrevista é predominantemente expositivo. Isso se deve ao fato de, na maioria das vezes, certas características serem ditadas pelo meio em que está inserido o texto. Por exemplo, no meio jornalístico, uma notícia deve ter um caráter de objetividade, o que leva a conferir esse tom de exposição aos fatos. Outra situação seria dizer que na entrevista, por ser uma variante da conversação, predomina o fator de ordem discursiva recorrente à própria atividade corriqueira de linguagem, dando origem às seqüências dialogal e expositiva. Adentremos no campo da entrevista.

1.5.2 Algumas observações gerais sobre o gênero entrevista e sua organização

De acordo com Bakhtin (2003), cada esfera comunicativa corresponde ao desenvolvimento de gêneros relativamente estáveis. Por certo, podemos dizer que na esfera social do jornalismo, a entrevista cristalizou-se num gênero que configura uma ação comunicativa dessa comunidade. Logo, a entrevista constitui o instrumento que orienta determinado evento comunicativo da comunidade jornalística.

Desse modo, partindo da metáfora de gênero como instrumento de investigação das ações de linguagem, podemos atribuir à entrevista a caracterização de que é um gênero pertencente à esfera jornalística. Como gênero, é um instrumento, pois apresenta, de um lado, esquemas de utilização e, de outro, é um artefato simbólico. O sujeito apropria-se desse instrumento, numa dada situação, para, então, concretizar uma situação comunicativa: a entrevista propriamente dita.

Para Kebrait-Orecchioni (apud Farias, 1999, p.22): “a entrevista é um gênero jornalístico oral, no qual o entrevistador objetiva que seu interlocutor fale a respeito de determinados temas, comunicando-os a terceiros (públicos, platéia, ouvinte, leitor), satisfazendo, assim, às expectativas do destinatário.”

A respeito da característica oral da entrevista, Marcuschi (2001) assume a posição de que a entrevista, publicada em revistas, é um gênero tipicamente de domínio misto. Para se chegar a essa afirmação, o autor explica que as relações mistas dos gêneros são estabelecidas a partir de alguns postulados, tais como: meio de produção e concepção discursiva, tendo em vista que a fala é de concepção oral e meio sonoro, e a escrita, concepção escrita e meio

gráfico. Assim, no caso da entrevista, para o autor, o meio de produção é gráfico e a concepção discursiva é oral, isto é, a produção e o meio são de modalidades diversas²².

Sob a ótica jornalística, Melo²³ (1985) propõe, de modo geral, a análise do gênero jornalístico sob o ponto de vista processual entre os acontecimentos (real), sua expressão jornalística (relato) e a apreensão pela coletividade (leitura). Para tanto, ele faz distinção de natureza entre os gêneros que se integram na categoria informativa e os que compõem a categoria opinativa. Conforme essa distinção²⁴, a nota, a notícia, a reportagem e a entrevista são inseridas na categoria informativa que estrutura a mensagem, partindo-se de um referencial exterior à instituição jornalística: sua expressividade está atrelada diretamente à eclosão e à evolução dos fatos e da relação que os jornalistas estabelecem com os protagonistas (personagens ou organização).²⁵

Bonini (2000), que também se dedica à análise de gêneros textuais pertencentes à comunidade jornalística, ao investigar o gênero entrevista jornalística por *e-mail*, para qual não encontrou uma descrição dentro da abordagem de gêneros, opta por uma adaptação com base nas informações que constam nos manuais de redação jornalística. Com isso, concebe a entrevista como “uma conversa orientada para um objetivo definido: recolher, com finalidade de publicação, opiniões, idéias, pensamentos e observações de uma fonte informativa humana através de interrogatório”. (BONINI, 2000, p.8). O autor acrescenta também que em qualquer entrevista jornalística a função da interação é uma publicação em co-autoria que deve trazer algo de novo sobre o entrevistado. Essa afirmação conduz à posição de Schneuwly (2004), que afirma que muitos autores consideram a entrevista uma prática de linguagem altamente

²² Julgamos importante ressaltar, conforme Marcuschi, que o contínuo dos gêneros no contexto da fala e da escrita traz à tona gêneros, sob os aspectos analisados, tidos como mistos. Entre eles: o meio de produção e a concepção discursiva. Para o autor, “situações deste tipo são muitas e o assunto não é tratado pelos manuais de língua portuguesa.” Marcuschi (2001, p. 40).

²³ Primeiro doutor em Jornalismo do Brasil, dedicou boa parte da década de 90 aos estudos dos gêneros. Em sua obra: “A Opinião no Jornalismo Brasileiro”, reafirma a separação entre jornalismo informativo e opinativo, através dos polêmicos critérios “intencionalidade determinante” (reprodução do real X leitura do real) e natureza estrutural dos relatos observáveis.

²⁴ Segundo Silva (1997, p. 8-9), “o jornalismo pode ser dividido em três grandes momentos de sua história. Na primeira fase, a imprensa foi organizada em pequenas empresas artesanais/comerciais, tendo as informações como necessárias a esse empreendimento capitalista. Depois da imprensa de informação (*jornalismo informativo*), surgiu a opinião (*jornalismo opinativo*). Os jornais passaram a ser instrumentos de luta política. Isto ocorre na fase das grandes transformações sociais, pela via revolucionária, como a Revolução Francesa. A terceira fase corresponde à volta ao jornalismo informativo, mas com a utilização de toda tecnologia moderna”.

²⁵ Informamos que, conforme a distinção de natureza entre os gêneros estabelecida por Melo (1985) na categoria opinativa integra os seguintes gêneros: editorial, comentário, artigo, resenha, coluna, crônica, caricatura e carta. Nesta categoria, de acordo com o autor, a estrutura da mensagem é co-determinada por variações controladas pela instituição jornalística, e adquire feições como autoria (o emissor da opinião) e angulação (visão temporal ou espacial que dá nexos à opinião).

padronizada, pois implica normas específicas da parte dos interlocutores, como um jogo de papéis.

Nesse jogo, cabe ao entrevistador: a) iniciar e terminar a entrevista; b) fazer perguntas; c) suscitar a palavra do outro; d) incitar a transmissão de informações; e) introduzir novos assuntos; e f) orientar e reorientar a interação. Ao entrevistado, uma vez que aceita a situação, cabe responder e fornecer as informações pedidas. Desses papéis, tem-se a visão do modelo canônico da entrevista que, impreterivelmente, é composta de pelo menos dois indivíduos: entrevistador e entrevistado. Portanto, a organização básica da entrevista segue o seguinte esquema, conforme Marcuschi (2000, p. 100):

(8) Entrevistador: pergunta [estabelece um tópico]

Entrevistado: responde [em relação ao tópico proposto]

Entrevistador: pergunta [sobre o mesmo tópico ou outro tópico]

Entrevistado: responde [em relação ao posto]

Tal esquema confirma a entrevista como variante da conversação. Segundo Goffman (1976 apud Marcuschi, 2005, p. 14), “[...] a linguagem é de natureza essencialmente dialógica e, com isso, realça o princípio fundamental do caráter par da linguagem.”

Levando em conta essa construção da entrevista por meio de perguntas e respostas, Oliveira (2002) conceitua a entrevista como um evento eminentemente interacional, cujo objetivo, nos dizeres de Fávero e Andrade (1998, p.155), é buscar “uma interpenetração informativa que visa à pluralização de vozes e à distribuição democrática da informação.”

Ainda, em relação à organização desse gênero, devemos destacar uma característica específica das entrevistas da mídia, oral e escrita, no dizer de Greatbatch (apud Hoffnagel, 2003): a presença da audiência (ouvintes, espectadores e leitores) que, embora participe indiretamente, está presente para os entrevistadores e entrevistados. Logo, as perguntas e respostas são produzidas com uma audiência específica em mente, pois, para Hoffnagel, essa audiência, no caso das revistas, refere-se a um público específico declarado: as entrevistas são dirigidas para adultos; jovens; adolescentes masculinos e ou/femininos; crianças; pessoas interessadas em assuntos específicos, como música, ciências, beleza, esporte, etc.

Sobre a condução da entrevista propriamente dita, Oliveira (2002) define esse gênero como um discurso assimétrico. Para ela, o entrevistador escolhe sobre o que se vai falar e a direção da conversação, além de optar pelo caráter polêmico ou contratual da entrevista. Todavia, o entrevistado pode conservar seu turno de fala por mais tempo, uma vez que é a ele que se quer ouvir.

Nessa construção da entrevista, Altman (2004) afirma que não há boa entrevista sem bom entrevistado. Para ele, perguntas frouxas e equivocadas implicam os mesmos resultados nas respostas: “a inteligência das questões e a descoberta do mote correto podem transformar conversas aparentemente inócuas em depoimentos fortes [...]” (ALTMAN, 2004, p.10).

Nessa perspectiva, o *Novo Manual da Redação da Folha de São Paulo* (1996) estabelece que o segredo de uma boa entrevista está na elaboração de um bom roteiro. Dessa maneira, sugere ao entrevistador extrair o máximo de informações sobre o entrevistado e o tema de que ele vai falar, pois com esse material em mãos é que se pode refletir sobre o objetivo a que o entrevistador pretende chegar. Além do mais, esse manual sugere que o melhor caminho é redigir perguntas tão específicas quanto possível, uma vez que as perguntas muito genéricas resultam em entrevistas tediosas. Esse caráter mais específico para a elaboração das perguntas nos conduz à afirmação de Hoffnagel (2003), que concebe a entrevista como um evento comunicativo e não como uma forma lingüística, pois a considera como uma constelação de eventos possíveis que se realizam como gêneros (ou sub-gêneros) diversos: entrevista jornalística, entrevista médica, entrevista científica, entrevista de emprego, etc.

Para a autora, esses vários gêneros (ou sub-gêneros), diferenciam-se quanto aos propósitos para a sua realização. No geral, toda entrevista pretende obter informações; no entanto, o tipo e uso dessas informações podem servir a vários fins. Para Greatbatch (1998 apud Hoffnagel, 2003, p.183), “a função básica da entrevista jornalística é a de suscitar informações ou opiniões de figuras públicas, especialistas, autoridades ou outras pessoas que estão nas notícias.”

Sobre os propósitos da entrevista, Altman (2004) aponta um outro lado desse gênero, referindo-se à sua dupla capacidade: a de identificar celebridades, expondo-as, mas também a de criá-las do dia para a noite,²⁶ pois a entrevista, como peça do jornalismo, ao tomar emprestado da política o culto à personalidade, transforma aqueles que a ela escuta em

²⁶ Segundo Altman (2004, p.9) “Foi assim com Madame Satã, o lendário rei da malandragem da Lapa carioca, fisgado por *Pasquim* em 1971. Satã era uma personagem conhecida no submundo – mas tornou-se cultuado e querido depois que apareceu na seção mais nobre do semanário carioca.”

cidadãos incomuns, em líderes, em professores, em donos da palavra. E o atrativo real da boa entrevista, segundo Altman, é a possibilidade de flagrar as idéias dos grandes nomes e transportá-las ao público que as lê. Isso confere, em comparação a outros gêneros, segundo Schneuwly (2004), a ligação fundamental com o universo da mídia.

Sobre o gênero entrevista, mais especificamente das publicadas, em revistas de circulação nacional, Hoffnagel (2003, p.183) afirma que as entrevistas veiculadas neste suporte variam muito em termos de seus objetivos ou propósitos (em relação ao tipo de informação e ao público-alvo) e sugere três tipos gerais:

- a) as que entrevistam um especialista em algum assunto com a finalidade de explicar um fenômeno. O especialista, raramente, é conhecido pelo público em geral, e suas credencias estão explicitadas na sessão introdutória da entrevista;
- b) as que entrevistam uma autoridade, geralmente conhecida pelo público, para obter sua opinião sobre um evento em destaque nas notícias, podendo ela estar ou não diretamente envolvida neste evento;
- c) as que entrevistam pessoas públicas (políticos, artistas, escritores, músicos, etc.) e que têm a finalidade de promover o entrevistado (ou entidade /grupo que ele representa) ou de fazer com que o público conheça melhor a pessoa entrevistada

Portanto, dentre a variedade de aspectos referentes à organização do gênero entrevista, alguns estão relacionados com a apresentação gráfica (o *layout*) das entrevistas e o espaço dedicado a ela; a linguagem e sua relação direta com o público-alvo – propósito e tópico da entrevista; o destaque a trechos da entrevista fora do contexto de perguntas e respostas; as formas de perguntas (abertas ou fechadas, diretas ou indiretas, mais polidas ou menos polidas, etc.); e outras.

Informamos que esses aspectos estão atrelados à nossa análise do gênero entrevista jornalística, mediante os três elementos os quais caracterizam o gênero: conteúdo temático, construção composicional e estilo.

É sabido que, ao passo de atribuir qualquer julgamento de conceitos à entrevista, deve-se ter em mente que as entrevistas são editadas. Embora raramente seja declarada de forma explícita, segundo Hoffnagel (2003), essa é uma das características importantes das entrevistas. A exemplo disso, é que se inclui apenas parte do material coberto na entrevista

original; marcas da oralidade (hesitações, falsos começos, repetições etc.) e da interação (sobreposições, pausas, etc.) são eliminadas, tanto das respostas quanto das perguntas. Essas marcas, quando aparecem, orientam a interpretação da interação. Mesmo assim, sem sombra de dúvida, a entrevista, conforme Schneuwly e Dolz (2004), nos dá uma possibilidade privilegiada para trabalhar as capacidades de planejamento de um texto longo.

A seguir, em se tratando do gênero entrevista e considerando-o no amplo campo da comunicação mediada pelos meios de comunicação de massas e das modernas mídias digitais, parece-nos legítimo analisar alguns aspectos relacionados à midiologia.

1.6 O Emprego do conceito de *mídi*um nos estudos do gênero entrevista

Em oposição à concepção clássica dos estudos dos gêneros literários, os estudos bakhtinianos, segundo Machado, I. (2005), incluem toda a sorte de diálogos cotidianos, bem como enunciações da vida pública, institucional, artística, científica e filosófica e, assim, graças a essa abertura conceitual, esses estudos deixaram espaço de investigação destinado à comunicação mediada pelos meios de comunicação de massas ou das modernas mídias digitais, apesar de o interesse pelos suportes materiais da enunciação ser recente.

A partir dessas considerações, este trabalho procura dar ênfase à produção midiática, material de nossa pesquisa, que, segundo Maingueneau (2005), desempenha um papel essencial na sociedade contemporânea, pois é a marca dessa sociedade. Prova disso, é que a todo o momento nos confrontamos com uma multidão de textos tão efêmeros quanto invasores, tais como: jornais, malas-diretas, cartazes, panfletos, catálogos, etc. Esses, para o autor, são enunciados aos quais geralmente lançamos um olhar distraído, sem lhes conceder a atenção de uma *leitura*, no sentido pleno da palavra.

Portanto, ao contrário dos estudos literários, em que a dimensão da comunicação verbal foi relegada a segundo plano, indiferentes a seu *mídi*um, Maingueneau (2006) apropria-se de conceitos fincados na midiologia²⁷ e afirma que uma das constantes dessa área

²⁷ A partir de suas pesquisas sobre a história das idéias, em 1991, Régis Debray propôs a constituição de uma nova disciplina, a midiologia. Ele afirma que: “A midiologia tem por objetivo ajudar, através de uma logística das operações de pensamento, a esclarecer a questão lancinante, indecível e decisiva, declinada aqui como “o poder das palavras”, acolá como “a eficácia simbólica” ou ainda como “o papel das idéias na história”, a depender do que se é: escritor, etnólogo ou moralista... Ela gostaria de ser o estudo das mediações através das quais “uma idéia se torna força material”. Mais adiante o autor acrescenta: “Uma mesa de refeição, um sistema de educação, um café, um púlpito de igreja, uma sala de biblioteca, um tinteiro, uma máquina de escrever, um

diz respeito à seguinte afirmação: ao tornar pensável o surgimento de uma obra, sua relação com o mundo no qual surge, essa obra torna-se, então, inseparável de seus modos de transmissão e de suas redes de comunicação. Compreende-se, pois, a partir dessa afirmação, que ao trazer o conceito *mídiu*²⁸ para nosso estudo, reservamos um lugar importante ao modo de manifestação material dos discursos, ao seu suporte, bem como ao seu modo de difusão, visto que essas mediações materiais intervêm na própria constituição da mensagem do texto. Maingueneau afirma que

Hoje, estamos cada vez mais conscientes de que o *mídiu* não é um simples “meio” de transmissão do discurso, mas que ele imprime um certo aspecto a seus conteúdos e comanda os usos que deles podemos fazer. O *mídiu* não é um simples “meio”, um instrumento para transportar uma mensagem estável: uma mudança importante do *mídiu* modifica o conjunto de um gênero de discurso. (MAINGUENEAU, 2005, p. 71-72).

Assim, as categorias midiológicas, tais como discutidas por Maingueneau — os suportes físicos, oral e gráfico (os enunciados estáveis e instáveis; os enunciados dependentes e independentes do ambiente); a especificidade do escrito e do impresso; a existência ou não de um contato físico imediato entre enunciator e co-enunciator; o caráter estático ou não dos interlocutores (o telefone celular, o rádio móvel) e outros — buscam atender o propósito da midiológica, que “propõe centrar a atenção do observador e do analista não mais somente naquilo que se presume que um certo suporte material ou meio de comunicar designa e significa, mas nesse suporte, nesse próprio meio”. (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004, p.334).

Em suma, é de se esperar que, a partir desse conceito, deixemos de ver os enunciados como um instrumento unívoco a serviço de uma finalidade. Além do mais, ressaltamos que, apesar de os estudos nessa área serem recentes, Maingueneau (2001, 2005, 2006) sugere possibilidade de análise sobre a qual se volta o olhar midiológico e nos orienta com exatidão para as mediações materiais sobre as quais debruçamos: a entrevista jornalística.

circuito integrado, um cabaré, um parlamento não são produzidos para “difundir informação”; eles não são “mídia”. Ainda assim, entram no campo da midiológica como locais e contextos de difusão, vetores de sociabilidades. Sem algum desses “canais”, sem esta ou aquela “ideologia”, não haveria a existência social tal como a conhecemos”. (DEBRAY, 1991 apud MAINGUENEAU, 2006, p. 212-213).

²⁸ Ao traduzir o *Curso de Midiológica Geral* (Vozes, 1993), obra de R. Debray, Maingueneau (2005, 2006) esclarece as razões pelas quais a forma *mídiu* (pl. *mídiuns*) parece ser a mais recomendável: por analogia à forma *midiológica* e pela existência de *médiu*, forma já dicionarizada para se referir a outro conceito.

Apresentados os pressupostos teóricos que nortearam a análise dos dados, passaremos a apresentar, no capítulo seguinte, os procedimentos metodológicos adotados na condução deste trabalho.

CAPÍTULO 2

METODOLOGIA

Introdução

Esta pesquisa caracteriza-se como um estudo textual e discursivo do gênero entrevista jornalística. Ela é de natureza analítico-descritiva e quantitativa, uma vez que se propõe analisar e descrever a estrutura do gênero entrevista.

Para tanto, neste capítulo, discutiremos a metodologia de pesquisa utilizada para a elaboração deste estudo, a fim de descrever como os dados foram coletados e organizados. Assim, apresentaremos o *corpus* da pesquisa, bem como os procedimentos adotados para a sua seleção e os instrumentos de análise em que será descrito o modo como os textos das entrevistas foram analisados.

2.1 Universo da pesquisa

O universo desta pesquisa foi formado por textos pertencentes ao gênero entrevista jornalística – imprensa escrita – em duas revistas de circulação nacional: revista *Veja*²⁹ (seção

²⁹ **Veja** é uma revista semanal brasileira publicada pela Editora Abril. Sua primeira edição é de 1968, e foi criada pelos jornalistas Victor Civita e Mino Carta. Com uma tiragem superior a um milhão de exemplares, *Veja* é considerada a revista de maior circulação no Brasil, e a quarta maior no mundo. A revista aborda temas a respeito do cotidiano da sociedade brasileira e, por vezes, mundial, como política, economia, cultura, comportamento e guerras, bem como conflitos e negociações diplomáticas. Seus textos são elaborados em sua maior parte por jornalistas, porém, nem todas as seções são assinadas. Trata também temas como tecnologia, ecologia e religião com certa regularidade. Possui seções fixas sobre cinema, literatura, música e guias práticos sobre assuntos diversos. A revista é entregue aos seus assinantes aos sábados e nas bancas aos domingos, mas traz a data das quartas-feiras. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Revista_VEJA> Acesso em 11 nov. 2006.

Amarelas) e revista *Superinteressante*³⁰ (seção Superpapo/Papo)³¹, constituído por dois *corpora*. O primeiro *corpus* – *corpus* de perfil dos entrevistados – corresponde a 191 entrevistados, os quais integram todas as entrevistas publicadas nos anos de 2004, 2005 e 2006. Desse total, 152 entrevistados são da *Veja* e 39 entrevistados, da *Superinteressante* (conforme Anexo A). O segundo *corpus* – *corpus* de análise – corresponde a vinte entrevistas, sendo dez entrevistas de cada revista, distribuídas nos anos de 2004, 2005 e 2006, conforme Anexos C (Entrevistas – revista *Veja*) e D (Entrevistas – revista *Superinteressante*). Sendo que, em ambas as revistas, 3 entrevistas correspondem ao ano de 2004; 3 outras entrevistas, ao ano de 2005; e 4 entrevistas, ao ano de 2006.

Optamos por trabalhar com essas revistas por serem as que apresentam maior variedade em termos de seus objetivos ou propósitos, tipo de informação, perfil de entrevistados, públicos-alvo e extensão do texto. Somando-se a isso, o gênero entrevista nas revistas selecionadas apresenta um grau de complexidade em sua estrutura organizacional que nos permite, conforme Adam (1997), pensar na natureza composicional profundamente heterogênea da produção da linguagem e, assim, ver de perto a constituição extremamente heterogênea da linguagem.

2.2 Perguntas de pesquisa, hipóteses e objetivos

Nesta pesquisa, procuramos, partindo de entrevistas jornalísticas impressas, responder as seguintes questões:

- a) em uma atividade de linguagem altamente padronizada, que implica expectativas normativas específicas da parte dos interlocutores, como a entrevista, há possibilidades de uma maior heterogeneidade de seqüências textuais?;

³⁰ A revista **Superinteressante** (chamada popularmente de "**Super**") é uma revista de curiosidades culturais e científicas, publicada mensalmente no Brasil pela Editora Abril desde Setembro de 1987 e em Portugal pela Abril/Controljornal. Sua grande concorrente é a *Galileu*, antigamente conhecida como *Globo Ciência*. Disponível em: < http://pt.wikipedia.org/wiki/Revista_superinteressante>. Acesso em 11 nov. 2006.

³¹ Em algumas edições do *corpus* de entrevistas selecionadas na revista *Superinteressante*, a seção em que a entrevista é inserida é intitulada de *Papo*, em edições mais recentes a mesma seção é intitulada de *Superpapo*.

- b) a característica de estabilidade do gênero é determinada a partir das regularidades apresentadas no conteúdo temático, na construção composicional e no estilo?e;
- c) a dimensão conteúdo temático pode ser investigada quando se parte dos estudos da organização seqüencial do texto?.

Diante das questões postas, a fim de respondê-las, foram elaboradas as seguintes hipóteses:

- a) o gênero entrevista é uma atividade de linguagem altamente padronizada que implica expectativas normativas específicas da parte dos interlocutores e, mesmo assim, possibilita, em sua arquitetura, maior heterogeneidade de seqüências textuais;
- b) a característica de estabilidade do gênero é determinada a partir das regularidades apresentadas no conteúdo temático, na construção composicional e no estilo; e,
- c) a dimensão conteúdo temático pode ser investigada quando se parte dos estudos da organização seqüencial do texto.

Por conseguinte, com base nas hipóteses, estabelecemos o seguinte objetivo geral do trabalho: investigar a arquitetura textual do gênero entrevista em duas revistas de circulação nacional.

Este objetivo geral, por sua vez, deveria ser alcançado pela realização de três objetivos específicos, quais sejam:

- a) investigar a hipótese de maior heterogeneidade de seqüências entre a construção dos textos veiculados nas revistas selecionadas;
- b) identificar as três dimensões constitutivas do gênero, segundo as concepções bakhtinianas: conteúdo temático, construção composicional e estilo; e,
- c) investigar o conteúdo temático e sua relação com a organização seqüencial do texto.

2.3 Coleta e organização dos dados

O primeiro procedimento adotado para analisar as entrevistas foi o de buscar uma base teórica relativamente clara para o estudo do gênero entrevista que possibilitasse a elaboração de critérios. Desse modo, ao estabelecer a base teórica deste estudo, foram elaboradas duas propostas a fim de atender os objetivos desta pesquisa. A primeira proposta consistiu em identificar as características pertinentes ao gênero entrevista. Já a segunda, atrelada aos objetivos da primeira, consistiu em identificar as seqüências que atravessam o gênero entrevista jornalística.

Na primeira proposta, realizamos, inicialmente, um levantamento do perfil dos entrevistados de acordo com a ocupação profissional, a nacionalidade e o gênero (masculino/feminino) distribuídos de acordo com as duas revistas – *Veja e Superinteressante* (conforme Anexo A³²) – visando a uma compreensão mais global dessa investigação; e, principalmente, ao papel institucional do entrevistado e à natureza dos objetivos das atividades desenvolvidas.

Após o levantamento do perfil dos entrevistados, elaboramos um questionário de identificação das características pertinentes ao gênero entrevista (conforme Anexo B – modelo 1). Essas características do gênero dizem respeito ao que é dizível por meio dele, aos meios lingüísticos que operam para dizê-lo e à forma de organização do dito. Desse modo, para a identificação dessas características e a fim de assegurarmos melhor representatividade dos dados, estabelecemos uma divisão de planos, assim distribuídos:

- a) plano de ação da linguagem (contexto ou situação de produção): emissor (perfil dos entrevistados) e receptor, objetivos, instituição social, conteúdo temático e tipo de situação;
- b) plano das propriedades lingüístico-discursivas (estilo): recursos gráficos visuais, forma de tratamento, nível de linguagem, marcas de oralidade, tipos de perguntas, mecanismos enunciativos, vozes, mecanismos de referenciação; e,
- c) plano textual (plano geral do texto ou construção composicional): organização e forma característica.

³² O levantamento do perfil dos entrevistados de acordo com a ocupação profissional, a nacionalidade e o gênero (masculino/feminino) estão distribuídos nas Tabelas 1 a 13.

Outro fato que devemos esclarecer é que, para essa proposta de análise, acatamos a divisão em fases do gênero entrevista segundo Schneuwly e Dolz (2004). Segundo os autores, essas fases podem ser distinguidas de acordo com as seguintes partes: a fase de abertura; a fase de apresentação do entrevistado e assunto; a fase do desenvolvimento da entrevista; a fase de encerramento e outros. Esclarecemos que, além dessas fases, selecionamos também como importante para a análise a apresentação da entrevista no sumário.

Quanto à segunda proposta, identificar as seqüências que atravessam o gênero entrevista jornalística, foi elaborada uma tabela, (conforme Anexo B – modelo 2) de identificação das seqüências que atravessam esse gênero, de acordo com a classificação de Adam (1997).

Por ser a seqüência dialogal dominante, em nossas análises identificamos somente as seqüências narrativa, descritiva, explicativa e argumentativa, conforme a classificação de Adam (1997). Dessa maneira, verificamos se esse gênero apresenta em sua arquitetura uma maior heterogeneidade de seqüências textuais. Evidentemente, não discordamos que a seqüência dialogal seja a dominante. Mas indagamos ainda quais são as outras seqüências que predominantemente entrecruzam e constituem esse gênero, uma vez que a natureza de toda a produção da linguagem é a de ser profundamente heterogênea.

Embora essas duas propostas sejam extremamente úteis, já que auxiliaram na consecução dos objetivos desta pesquisa, é preciso que se tenha claro que elas apenas constituem instrumentos que nos orientam na análise e descrição dos dados.

No capítulo seguinte, procederemos à análise e discussão dos resultados.

CAPÍTULO 3

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Introdução

Neste capítulo, apresentamos a descrição e análise dos dados obtidos. No intuito de tornar a exposição mais clara, procuraremos fazê-la em três partes, conforme as dimensões essenciais do gênero, tal como definido por Bakhtin. Na primeira e segunda parte, analisaremos as atividades sócio-discursivas desempenhadas pelo gênero. Na primeira, o plano de ação da linguagem e os recursos lingüísticos que as sustentam; na segunda, o plano das propriedades lingüístico-discursivas: estilo, tendo em mente que um dos objetivos propostos em nossa pesquisa é o de identificar as características pertinentes que formam a identidade do gênero entrevista. Na terceira parte, analisaremos a construção composicional: o plano geral do texto, e procuraremos aplicar o conceito de sequência no *corpus* de entrevistas, conforme a proposta teórica de Adam (1997), a fim de verificar a possibilidade de maior heterogeneidade de seqüências textuais entre a construção dos textos veiculados nas revistas selecionadas.

3.1 Plano de ação da linguagem: situação de produção

O plano de ação da linguagem diz respeito à representação do contexto – situação de produção – do gênero entrevista. Portanto, a esse contexto estão intrinsecamente relacionados os seguintes elementos: emissor e receptor; objetivos da enunciação; instituição social; conteúdo temático e tipo de situação. Informamos, ainda, que esses elementos serão analisados no decorrer desta seção.

Inicialmente, conforme os elementos que constitui o plano de ação da linguagem, apresentamos o perfil dos entrevistados; conforme a ocupação profissional, a nacionalidade e o gênero; distribuído de acordo com as duas revistas – *Veja* e *Superinteressante* –, visando a uma compreensão mais global dessa investigação, e, principalmente, ao papel institucional do entrevistado e à natureza dos objetivos das atividades desenvolvidas.

Ressaltamos que neste plano, analisamos o *corpus* do perfil de entrevistados (conforme Anexo A). Esse *corpus* é composto de 191 entrevistados, os quais integram todas as entrevistas realizadas nos anos de 2004, 2005 e 2006. Desse total, 152 entrevistas são da *Veja* (seção Amarelas) e 39 da *Superinteressante* (seção Superpapo).

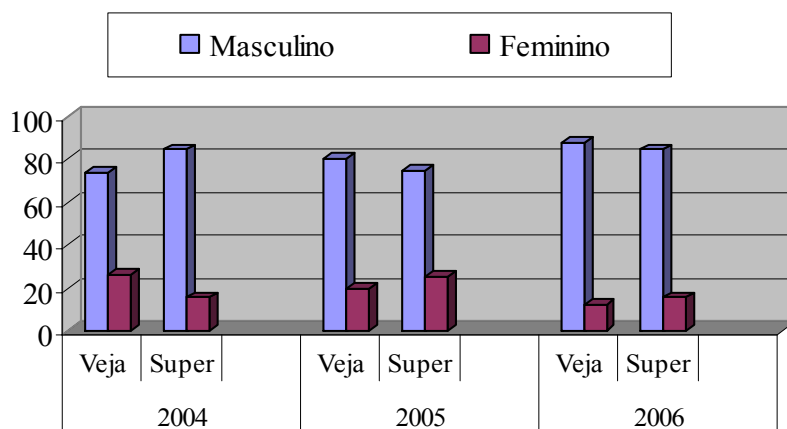
Tomando como base a análise do gênero entrevista³³, proposta por Schneuwly e Dolz (2004), o lugar social de produção do *corpus* que compõe esta pesquisa é a imprensa escrita. E é este lugar social que determina o contexto: os enunciadore, entrevistador e entrevistado têm os seguintes papéis institucionais: o entrevistador é um jornalista, representa a revista e gostaria de saber mais sobre o tema abordado, mas também é um mediador (que filtra o conteúdo, de acordo com a posição institucional da revista) entre o entrevistado e o público ausente (leitor). Nessa situação, o entrevistado, dentro do que é proposto pelo entrevistador, informa e esclarece o público sobre determinado conteúdo temático, o que se torna dizível por meio do gênero.

Para compreender esse jogo de papéis, como afirmado por Schneuwly (2004), faz-se necessário, em primeiro plano, conhecer melhor o perfil do entrevistado para, então, compreender como é construída essa situação de comunicação.

Consideremos, primeiramente, a distribuição de entrevistados conforme o gênero (masculino/feminino). Vejamos o Gráfico, a seguir:

³³ Apesar de Schneuwly e Dolz (2004) proporem a análise do gênero entrevista radiofônica, informamos que suas observações foram pertinentes para construirmos nossas análises como: o papel do entrevistador e o estudo da organização interna da entrevista.

GRÁFICO 1 - Distribuição de entrevistados conforme o gênero
(masculino/feminino) - Revistas *Veja* e *Superinteressante*

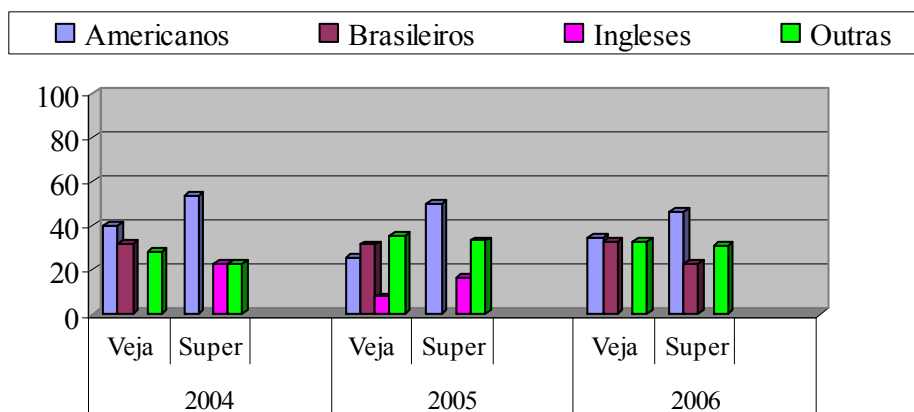


O Gráfico 1³⁴ revela-nos que, no ano de 2004, a revista *Veja* apresentou 74% de homens entrevistados e 26% de mulheres entrevistadas. A *Superinteressante*, 84,6% de homens para 15,4% de mulheres. Em 2005, a *Veja* apresentou um percentual de 80,4% para homens e 19,6% para mulheres; a *Superinteressante* 75% para os entrevistados e 25% para as entrevistadas. Em 2006, de acordo com o Gráfico 1, o número de homens entrevistados da revista *Veja* atingiu o maior percentual, ou seja, 88,2%, já o número de entrevistadas, foi o menor, 11,8%. Já em relação à *Superinteressante*, os dados revelam resultados semelhantes ao ano de 2004. Em ambas as revistas, notamos a acentuada diferença entre os entrevistados e entrevistadas e, com isso, a dominância de entrevistados.

Já o Gráfico 2, a seguir, mostra a distribuição de entrevistados conforme a nacionalidade.

³⁴ Informamos que as tabelas referentes aos gráficos, nesta pesquisa, estão disponíveis no Anexo A.

GRÁFICO 2 - Distribuição de entrevistados conforme a nacionalidade -
Revistas Veja e Superinteressante

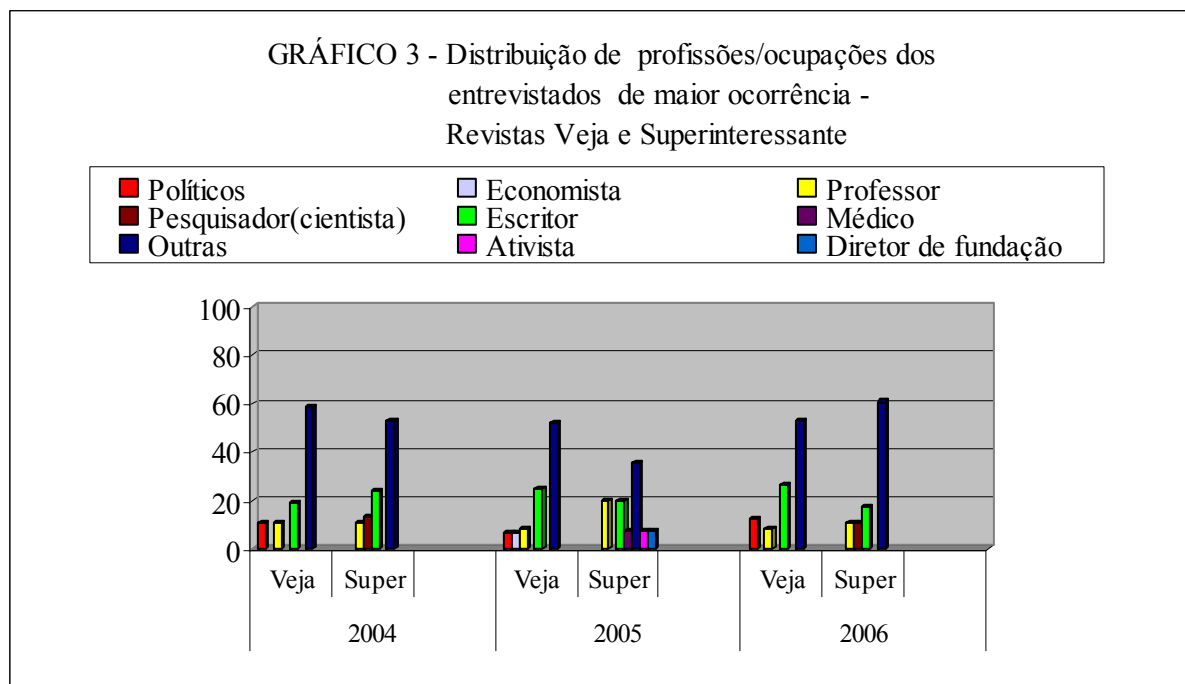


De acordo com o Gráfico 2, no ano de 2004, a revista *Veja* entrevistou 40% de norte-americanos, 32% de brasileiros e 28% de outras nacionalidades. Já a *Superinteressante*, 53,8% de norte-americanos, 23,1% de ingleses e 23,1% de outras nacionalidades. Em 2005, *Veja* entrevistou 31,4% de brasileiros, 25,5% de norte-americanos, 7,8% de ingleses e 35,6% de outras nacionalidades. A *Superinteressante*, 50% de norte-americanos, 16,7% de ingleses, e 33,2% de outras nacionalidades. Em 2006, *Veja* entrevistou 34,6% de norte-americanos, 32,6% brasileiros e 32,7% de outras nacionalidades. A *Superinteressante*, 46,2% de norte-americanos e 23,1% de brasileiros e 30,8% de outras nacionalidades.

Confrontando as duas revistas, notamos que os dados acima apontam acentuada ocorrência de entrevistados norte-americanos em ambas as revistas selecionadas para este estudo.

O Gráfico 3, a seguir, mostra-nos a distribuição de profissões e/ou ocupações de maior ocorrência e a distribuição do percentual total, conforme os respectivos anos, das demais outras profissões e/ou ocupações que aparecem com menor frequência entre os entrevistados das revistas *Veja*³⁵ e *Superinteressante*.

³⁵ Todas as demais profissões/ocupações dos entrevistados categorizadas de Outras, na legenda do Gráfico 3, por razão de menor ocorrência, estão registradas nas respectivas tabelas referente a esse Gráfico (conforme Anexo A).



Em relação à distribuição de profissões e/ou ocupações de maior ocorrência³⁶, por meio da análise dos dados, comprovamos que, no ano de 2004, os cargos ocupados pelos entrevistados na *Veja* foram: 19,5% escritores, 10,9% políticos (ministros, senadores, deputados, etc.) e professores. Na *Superinteressante*, 23,7% escritores, 13,2% pesquisadores/cientistas, 10,5% de professores. Em 2005, *Veja* entrevistou 25% de escritores, 8,3% de professores, 7,1% de economistas e políticos (ministros, senadores, deputados, etc.). Já a *Superinteressante*, 20% escritores e professores, 8% de médicos, ativistas e diretores de fundação. Em 2006, 26,5% de escritores, 12,2% de políticos (ministros, senadores, deputados, etc.), 8,2% de professores foram entrevistados pela *Veja*. Já a *Superinteressante* entrevistou 17,8% escritores, 10,7% pesquisadores/cientistas e professores.

Totalizando os percentuais dos anos selecionados, conforme nos revela o Gráfico 3, a ocupação profissional de escritor é a de maior ocorrência nas duas revistas selecionadas: 23,7% de entrevistados escritores são da revista *Veja* e 29% são da revista *Superinteressante*. Em seguida, os resultados apresentam uma moderada diferença entre as duas revistas nas escolhas dos entrevistados: na revista *Veja*, o predomínio de entrevistados é de políticos (ministros, senadores, deputados, etc.) e professores, isto é: 10,2% de entrevistados políticos e

³⁶ Já em relação à distribuição do percentual total das demais outras profissões e/ou ocupações que aparecem com menor frequência, o Gráfico 3 nos mostra que em 2004, 58,7% representa outras profissões e/ou ocupações. Na *Superinteressante*, esse percentual é de 52,6%. Em 2005, na *Veja*, outras profissões e/ou ocupações apresentam um percentual de 52,4%. Na *Superinteressante*, 36%. Em 2006, 53% corresponde a outras profissões/ocupações. Já na *Superinteressante*, esse percentual é de 60,7%.

9,1% de entrevistados professores; na *Superinteressante*, o predomínio é de professores e pesquisadores/cientistas: 13,2% de entrevistados professores e 8,8% de entrevistados pesquisadores/cientistas. Por intermédio da análise do Gráfico 3 comprovamos que a revista *Superinteressante*, em relação à revista *Veja*, apresenta uma elevada ocorrência de assuntos relacionados ao conhecimento científico.

Nesse sentido, levando em consideração esses resultados, e, apesar de o tipo de situação em que o gênero se situa ser de domínio público, ambas as revistas apresentam públicos-alvo específicos. Elas são dirigidas, principalmente, a adultos e a pessoas interessadas em assuntos específicos.

Entendemos que, embora toda entrevista pretenda obter informações ou opiniões, as revistas analisadas variam em termos de seus objetivos. A análise dos resultados do Gráfico 3 (p.71) nos autorizam a afirmar que o perfil dos entrevistados, em relação à ocupação profissional, direciona os propósitos da entrevista em termos de tipo de informação e público-alvo.

Em termos de tipo de informação e objetivos, as revistas *Veja* e *Superinteressante* trazem na seção introdutória — parágrafo introdutório, anterior a fase de apresentação do entrevistado e assunto — marcas que sinalizam os objetivos propostos da situação comunicativa ao leitor, ou seja, o que é dizível por meio do gênero. Vejamos alguns casos:

(9) Entrevista com Giancarlo Zizola

Depois do longo vôo do pontificado de João Paulo II, os cardeais do conclave podem concluir que está na hora de o catolicismo sofrer uma revisão. É o que diz o principal vaticanólogo italiano.

(*Veja*, 13/04/ 2005 – entrevista 05)

(10) Entrevista com Denis Albanese

A costa brasileira tem alguns dos mais valiosos naufrágios do mundo. Só em um navio estariam 4 toneladas de ouro. Denis Albanese comanda a expedição que quer resgatar fortunas como essa.

(*Superinteressante*, 08/2006 – entrevista 20)

Embora os dados apresentem resultados bastante significativos de entrevistas com especialistas em algum assunto, notamos que as análises apontam, também, no *corpus* de entrevistas publicadas na revista *Veja*, entrevistas com personalidades em destaque na mídia.

Essas entrevistas apresentam propósitos um tanto quanto diferenciados das demais. Em vez de explicar um fenômeno, obter opinião do entrevistado sobre um evento/assunto, essas entrevistas têm por objetivo identificar celebridades e transportá-las para o universo da mídia.

(11) Entrevista com Robert Rey

Estrela de um seriado americano que mostra plásticas ao vivo, cirurgião brasileiro conta como propaga a beleza.
(*Veja*, 10/11/ 2004 – entrevista 02)

(12) Entrevista com Roger Federer

O tenista número 1 do mundo diz que teme se machucar, como aconteceu com Guga, e perder o prazer de jogar.
(*Veja*, 02/02/ 2005 – entrevista 04)

Em termos de condições de produção e sua relação com o conteúdo temático, um dado que nos interessa também é que a perspectiva bakhtiniana de gêneros discursivos nos reitera a idéia de que o enunciado deve ser enfrentado na sua historicidade, na sua concretude, para ultrapassar a dimensão meramente lingüística. Isso implica uma perspectiva de enunciação imbricada no caráter interativo, social, histórico e cultural. Dessa maneira, foi possível perceber, a partir de nossas análises, o vínculo do conteúdo dizível do *corpus* de análise de entrevistas com determinada situação sócio-histórica e, assim, explicar a razão pela qual a entrevista *A igreja precisa de oficina*, com o vaticanólogo Giancarlo Zizola (conforme Anexo C – entrevista 05), foi veiculada, nacionalmente, pela revista *Veja*, visto que a circulação da entrevista se deu no momento em que toda a mídia nacional e internacional estava voltada para o conclave (o processo pelo qual o Colégio de Cardeais escolhe um novo papa), em decorrência da morte do Papa João Paulo II em 2 de abril de 2005. Compreende-se, então, que esse gênero jornalístico demonstra um diálogo direto com o momento histórico em que se situa, o que possibilita à revista interagir com seus destinatários.

Além do mais, sendo a maioria de entrevistados escritores, professores, pesquisadores e políticos – no caso da revista *Veja* –, é preciso compreender que a escolha dos entrevistados atende aos propósitos que a sustenta, pois está intrinsecamente constituída de uma história, de uma cultura e, também, da autenticidade de um acontecimento, de forma a representar o mundo por meio das palavras. Essa afirmação, portanto, confirma a perspectiva de estilo no sentido bakhtiniano que será tratado no tópico adiante.

Assim, os resultados apresentados até aqui, corroboram a idéia de que não podemos nos limitar apenas à estrutura lingüística. É de fundamental importância conhecer as condições de produção do gênero em questão – o plano de ação da linguagem, atrelado ao plano das propriedades lingüístico-discursivas (o estilo) e à organização do plano textual (construção composicional), pois esses planos estão a serviço de determinadas intenções dos produtores do texto – entrevistador e entrevistado.

Por conseguinte, os gêneros e os textos a eles pertencentes não podem ser compreendidos, produzidos ou conhecidos sem referência aos elementos de sua situação de produção. Essa afirmação está alicerçada em Bakhtin e representa a idéia de considerar, nos estudos sobre o gênero, os aspectos da interação e das condições sócio-históricas de produção.

3.2 Plano das Propriedades Lingüístico-Discursivas: o estilo

O plano das propriedades lingüístico-discursivas refere-se à escolha de unidades lingüísticas, às escolhas lexicais e aos mecanismos enunciativos. Informamos que as análises desse plano aqui apresentado baseiam-se no *corpus* de análise das entrevistas selecionadas (conforme Anexos C e D).

De acordo com Schneuwly e Dolz (2004), a entrevista constitui uma estrutura bastante convencionalizada, tanto para o entrevistador como para o entrevistado. Para os autores, a entrevista é, essencialmente, lugar de transmissibilidade do conhecimento, um conhecimento regrado por uma instância social – a mídia impressa.

Dessa forma, procedemos nossas análises de forma a contemplar as fases sucessivas da construção interna da entrevista. Conforme Schneuwly e Dolz (2004), essas fases podem ser distinguidas de acordo com as seguintes partes: a fase de abertura; a fase de apresentação do entrevistado e assunto; a fase do desenvolvimento da entrevista; e a fase de encerramento. Esclarecemos que, além dessas fases, selecionamos também, como importante para nossa análise, a apresentação da entrevista no sumário.

3.2.1 Par pergunta/resposta

Em se tratando do par pergunta/resposta, a organização básica da entrevista tal como descrita por Marcuschi (2000) no *corpus* analisado, a apresentação gráfica (o *layout*) das entrevistas sempre destaca dois papéis: o do entrevistador e o do entrevistado. Nas revistas selecionadas, a referência à pessoa que fez a entrevista é grafada somente na seção introdutória da entrevista. Assim, na revista *Veja*, as perguntas são nomeadas com o nome da revista. Nas respostas, nomeia-se com o sobrenome do entrevistado. Esse estilo de apresentação da revista como entrevistadora produz nos leitores a impressão de que é a revista que faz as perguntas e que interage com o entrevistado, isto é, não é uma pessoa, mas uma instituição que, conforme Charaudeau (1998b apud Charaudeau; Maingueneau, 2004), ocupa neste campo midiático a posição de locutor. Essa posição corresponde aos valores que o locutor – a instituição – defende e que caracterizam reciprocamente sua identidade social e ideológica. Nesse sentido, a responsabilidade enunciativa das perguntas e o direcionamento da entrevista é da revista e não do entrevistador.

Compreender esse posicionamento enunciativo, de acordo com Maingueneau (2006), significa entender também o caráter midiaticizado da enunciação, ou seja, que tanto o indivíduo – entrevistador quanto o indivíduo – entrevistado, ao proferirem os enunciados, não intervêm neles em seu próprio nome, mas como entrevistador e entrevistado investidos dos papéis sociais vinculados ao exercício dos diversos rituais da imprensa jornalística.

Diferentemente da *Veja*, nas perguntas e respostas da *Superinteressante*, entrevistador e entrevistado não são nomeados, utiliza-se recursos gráficos que os identificam. As perguntas são grafadas em negrito, diferenciando-as das respostas. Vejamos os exemplos:

(13) *Veja* – *O governo Lula é acusado de ter exacerbado a burocracia. Isso é justo?*

DaMatta – Nossa tendência ao jurisdicismo não deve ser imputada ao PT. Ela é histórica. Na época da colônia, a elite brasileira toda estudou em Coimbra [...].
(*Veja*, 22/09/2004 – entrevista 01)

(14) **Por que as pesquisas sobre a homossexualidade entre os animais são insuficientes?**

É difícil dizer por quê. Alguns cientistas duvidam dos próprios olhos, pensando que eles estejam vendo uma contradição da evolução [...].
(*Superinteressante*, 12//2004 – entrevista 13)

3.2.2 Títulos

A apresentação das entrevistas no sumário e na seção destinadas a elas, em ambas as revistas, possui peculiaridades. Nessa situação, conforme o pensamento bakhtiniano, o estilo revela-se não somente nas escolhas dos títulos que são feitas para expor um assunto, mas também na relação que a revista mantém, ou pretende manter, com seus leitores.

Para Brait e Melo (2005), o título é um enunciado que se coloca como porta de entrada para um outro texto, um outro enunciado, do qual faz parte e cujo sentido integra. Portanto, concordamos com a autora que diz que a compreensão do título só pode se dar a partir desse outro texto que ele anuncia. Essa compreensão, no sentido bakhtiniano, significa ir além da identificação.

Brait e Melo (2005) sugerem também que, para se chegar ao texto principal, ao enunciado que o título tenta resumir, é necessário passar por outros dois tipos de enunciado: o sumário e a apresentação, pois, para as autoras, o leitor encontrará uma série de índices antecipadores do conteúdo da obra que auxiliam a abordagem do título.

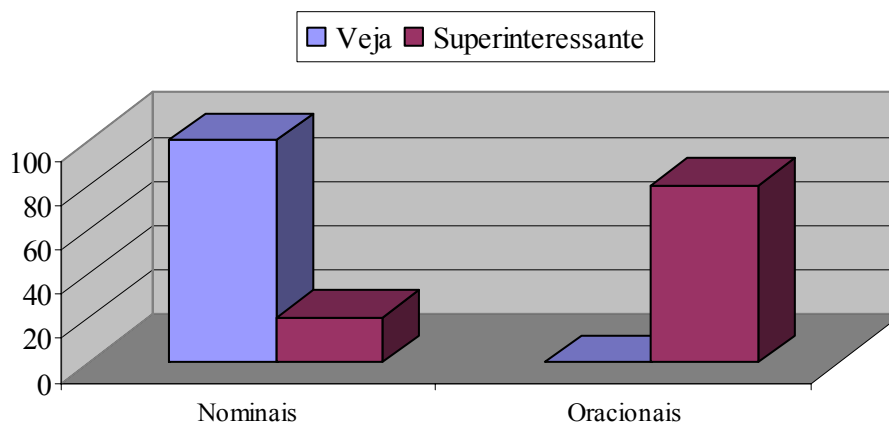
Sobre o papel do título Aguiar afirma que:

[...] o título é um componente textual que exerce funções diversificadas. Ao mesmo tempo que nomeia o texto, ele desperta o interesse do leitor ativando conhecimentos prévios, organiza o texto apontando para a mensagem/informação principal e funciona enunciativamente, pois está ligado à capacidade de linguagem da qual se faz uso (relatar, expor, argumentar, descrever...). (AGUIAR, 2003, p.55).

Observemos o Gráfico 4, a seguir, e vejamos as categorias de títulos como proposta nos estudos de Aguiar (2003)³⁷:

³⁷ Aguiar (2003) estabelece seis categorias de títulos inspiradas nos constituintes oracionais: títulos nominais, títulos verbais ou oracionais, títulos preposicionais, títulos adverbiais, títulos adjetivais e títulos interjetivais.

Gráfico 4 - Distribuição de ocorrências das categorias de títulos nos sumários referentes às entrevistas conforme Aguiar (2003)



O Gráfico 4 revela-nos uma acentuada diferença entre a escolha do título no *corpus* de análise das entrevistas selecionadas. No sumário da revista *Veja*, 100% dos títulos são nominais, pois apenas identificam o nome do sujeito entrevistado. Isso explica que, ao contrário de avançar expectativas sobre o conteúdo dizível a constar no texto, o interesse da revista é com o sujeito entrevistador, no sentido de responder ao questionamento “Quem é o entrevistado?” Observemos o exemplo abaixo que ilustra a configuração do título no sumário:

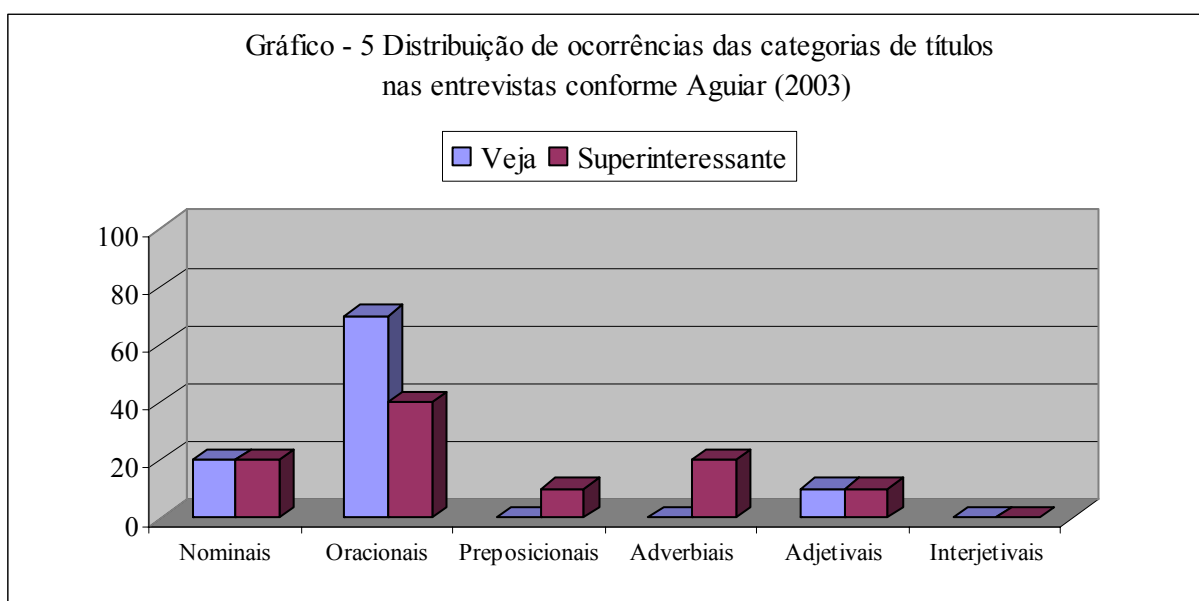
(15) **Entrevista:** Bob Iger
(*Veja*, 29/03/2006 – entrevista 08).

Ao contrário do que ocorre na revista *Veja*, conforme o gráfico anterior, no sumário da revista *Superinteressante*, 80% dos títulos são oracionais e 20%, nominais. Esse resultado de dominância dos títulos oracionais sinaliza que o interesse da revista é anunciar uma informação a constar no texto, isto é, há toda uma antecipação do que irá acontecer na entrevista. Além do mais, o título estabelece uma relação catafórica com aquilo que se segue, induzindo à leitura do texto. Vejamos os exemplos (16) e (17), que ilustram essa configuração dos títulos no sumário:

(16) A transexual Joan Roughgarden contesta Darwin
(*Superinteressante*, 12/2004 – entrevista 13)

(17) Pesquisador da Nasa fala da missão a Mercúrio
(*Superinteressante*, 03/2006 – entrevista 18)

Vejamos agora o Gráfico 5, a seguir, no qual são descritos e comparados os resultados referentes às categorias de títulos predominantes nas entrevistas do *corpus* de análise, o que também orienta nossa análise.



A leitura do Gráfico 5 revela-nos que a ocorrência de títulos nominais, em ambas as revistas – *Veja* e *Superinteressante* –, apresenta resultados idênticos: 20%. Já os títulos oracionais apresentam os percentuais de maior ocorrência em ambas as revistas: 70% na *Veja* e 40% na *Superinteressante*. Em contrapartida, a ocorrência dos títulos preposicionais é nula na revista *Veja* e de baixa ocorrência na *Superinteressante*, 10%. Aparente semelhança de resultados também na ocorrência dos títulos adverbiais: ocorrência nula na *Veja* e 20% na *Superinteressante*. Já os títulos adjetivais, apesar da baixa ocorrência, apresentam percentuais semelhantes em ambas as revistas: 10%. Em relação aos títulos interjetivais, não houve ocorrência em nenhuma entrevista do *corpus* de analisado.

Ao observar as categorias de títulos correspondentes aos títulos das entrevistas na revista *Veja*, conforme o Gráfico 5, observamos que há preferência acentuada por títulos oracionais: 70%. Já os títulos nominais apresentam um percentual baixo: 20%, comparando-se com o percentual de ocorrência elevado, 100% nos títulos correspondentes aos títulos das entrevistas no sumário da revista *Veja*, conforme o Gráfico 4 (p.79).

Sobre essa predominância dos títulos oracionais no título da entrevista na revista *Veja*, podemos afirmar que, devido à variedade de assuntos relacionados às diversas áreas do conhecimento: política, economia, sociedade, ecologia, religião, esportes e outros; o título avança expectativa conforme a temática que será abordada. O título, nesse caso, pode revelar e antecipar a intenção da situação comunicativa, conforme as capacidades de linguagem: explicar (ex.18), narrar, (ex.19), conhecer e descrever alguém (ex.20), e contestar (ex.21). Observemos os títulos das entrevistas abaixo que descrevem essa situação:

(18) As duas faces do PT
(*Veja*, 22/09/ 2004 – entrevista 01)

(19) O doutor da alegria
(*Veja*, 10/11/2004 – entrevista 02)

(20) "Só temo contusões"
(*Veja*, 2/2/2005 – entrevista 04)

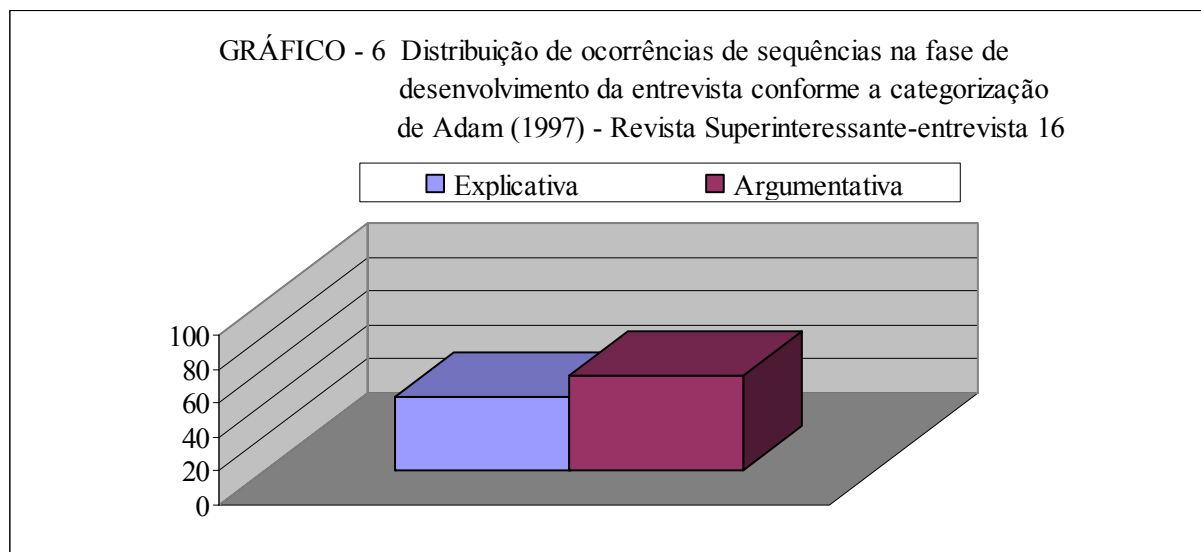
(21) Não vai acabar em pizza
(*Veja*, 25/01/2006 – entrevista 07)

Já na *Superinteressante*, ao observar as categorias de títulos correspondentes aos títulos das entrevistas, de acordo com o Gráfico 5 (p.80), verificamos que o percentual de 40% por títulos oracionais — em contraposição ao percentual elevado de 80% de títulos oracionais, correspondentes aos títulos das entrevistas, no sumário da revista, conforme o Gráfico 4 (p.79) —, deve-se ao fato da revista ter antecipado a informação sobre o conteúdo a ser dizível no título da entrevista, no sumário. Nesse caso, ao contrário do que ocorre na revista *Veja*, há ocorrência no título da entrevista das demais categorias de títulos, conforme o Gráfico 5 (p.80). Isso significa dizer que, ao contrário do título da entrevista no sumário, na seção destinada à entrevista, o título da entrevista tem um tom mais figurativo, enigmático, de descoberta para o leitor, isto é: o título desperta a curiosidade do leitor, incita-o e avança expectativas sobre a possível temática. Como podemos comprovar nos exemplos abaixo:

(22) Ao cérebro o que é do cérebro
(*Superinteressante*, 09/2004 – entrevista 11)

- (23) Emoção em Moléculas
(*Superinteressante*, 11/2004 – entrevista 12)
- (24) Doutor aventura
(*Superinteressante*, 02/2005 – entrevista 14)
- (25) O ecoterrorista
(*Superinteressante*, 05/2005 – entrevista 16)
- (26) A caminho de mercúrio
(*Superinteressante*, 03/2006 – entrevista 18)
- (27) O caçador de tesouros
(*Superinteressante*, 08/2006 – entrevista 20)

Observando os exemplos (22) a (27), podemos identificar a relevância do título na produção e recepção de textos. Parece-nos que há uma estreita relação entre o título, o conteúdo temático e a organização das seqüências que atravessam o gênero entrevista. Por exemplo, o título *O ecoterrorista* (ex. 25) revela-nos o propósito e a intenção da revista na sua escolha, pois favorece pistas aos leitores em relação à construção da imagem do entrevistado pela revista que, com certeza, é contestadora e, assim, sinaliza a estrutura organizacional do conteúdo a ser dizível no desenvolvimento da entrevista, nessa situação, o possível predomínio da seqüência argumentativa. Nessa situação, os resultados comprovaram que a entrevista intitulada *O ecoterrorista* (ex.25), com o ativista Jerry Vlasak, apresenta 43,9% de seqüências explicativas e 56,1% de seqüências argumentativas, conforme o Gráfico, abaixo:



Além do mais, essa estreita relação entre o título, o conteúdo temático e a organização das seqüências que atravessam o gênero entrevista têm efeito determinativo no estilo do gênero entrevista, pois, conforme o pensamento bakhtiniano, o estilo revela-se não somente nas escolhas dos títulos que são feitas para expor um assunto, mas também, na relação que a revista mantém, ou pretende manter, com seus leitores, no sentido de dirigir-se a alguém e de estar voltada para o destinatário.

3.2.3 Abertura da entrevista

Não se pode deixar de registrar que, em todas as entrevistas, é o entrevistador que abre e fecha as entrevistas. Para analisar a abertura das entrevistas, levamos em consideração, mais especificamente, a forma como o sujeito entrevistado é apresentado, desde o sumário até a seção introdutória da entrevista – fase de abertura, a fase de apresentação do entrevistado e assunto.

Na revista *Veja*, o entrevistado é apresentado por meio de alguns dados biográficos pertinentes à realização da entrevista. No geral, a referência sobre a identificação do entrevistado está estritamente direcionada ao propósito da situação comunicativa.

A referência ao sujeito entrevistado na revista *Superinteressante* é construída em dois contextos. O primeiro deles diz respeito à seção introdutória da entrevista destinada à apresentação do entrevistado e do assunto. Nessa seção, a breve referência sobre o

entrevistado atende aos propósitos da entrevista. O segundo contexto é uma coluna configurada especificamente para a descrição do entrevistado. Nessa coluna, são veiculados aspectos mais pessoais do entrevistado.

Por ser a maioria dos entrevistados escritores, professores, pesquisadores/cientistas e políticos (no caso da revista *Veja*), nossas análises apontam, de forma significativa, que a apresentação do entrevistado está atrelada à divulgação de sua obra. Em muitos casos, além de ter um caráter comercial, essa divulgação pode se caracterizar como um possível acordo entre revista e escritor – entrevistado – na consecução da entrevista e, sem sombra de dúvida, uma das razões pelas quais o entrevistador orienta-se no planejamento do conteúdo e na condução das perguntas. Os exemplos abaixo ilustram essa situação. O exemplo (28) mostra a apresentação do entrevistado John Kenneth Galbraith na seção introdutória da entrevista (a fase de apresentação do entrevistado), e os exemplos (29) e (30) são as perguntas planejadas com base no conteúdo da obra citada na apresentação. Vejamos:

- (28) John Kenneth Galbraith é o decano dos economistas de esquerda nos Estados Unidos. [...] Aos 96 anos, Galbraith se encontra há muito tempo aposentado da Universidade Harvard, onde ensinou por três décadas... Num livro recém-lançado, *A Economia das Fraudes Inocentes* (Companhia das Letras), ele investe contra idéias como a da "soberania do consumidor" e duvida do poder de influência do Fed, o banco central americano.
- (29) O que há de errado com o conceito de soberania do consumidor – a idéia de que, no capitalismo, o indivíduo escolhe com independência os bens que vai adquirir?
- (30) O Fed, o banco central americano, e seu presidente, Alan Greenspan, desfrutam de grande respeito. Por que o senhor discorda?
(*Veja*, 15/12/2004 – entrevista 03)

A mesma situação ocorre na revista *Superinteressante*. Na entrevista a seguir, o exemplo (31) mostra a apresentação da entrevistada Joan Roughgarden e de sua obra. Os exemplos (32) e (33) são perguntas planejadas com base na obra citada na apresentação e dirigidas a essa entrevistada. Vejamos:

- (31) A pesquisadora do departamento de Biologia da Universidade de Stanford, Estados Unidos, Joan Roughgarden, é certamente uma pessoa decidida... Este ano lançou um livro atacando um dos maiores fundamentos do darwinismo clássico e da própria maneira como vemos a natureza. Seu *Evolution's Rainbow* ("Evolução do Arco-Íris", ainda não

lançado no Brasil) afirma com todas as letras que a teoria da seleção sexual de Charles Darwin (1809-1882) é uma "podridão conceitual" e precisa ser abandonada [...]

(32) Até onde vai seu ataque a Darwin?

(33) No fim do livro, você toca em outro ponto polêmico, atacando o "gene egoísta" e, lançando o conceito do "gene genial". O que é esse "novo" gene?
(*Superinteressante*, 12/2004 – entrevista 13)

3.2.4 Fechamento da entrevista

Sobre o fechamento das entrevistas, notamos que não há um fechamento ou uma pergunta que tenha a função de encerrar a entrevista. Assim, as revistas *Veja* e *Superinteressante* utilizam apenas do recurso gráfico para dar o tom de encerramento. Veja em:

(34) **Veja** – *Você gosta da agitação decorrente da fama?*

Federer – Às vezes eu preferiria estar sentado na frente da TV ou jantando tranqüilamente com minha namorada. Mas sei que tenho a obrigação de retribuir de alguma maneira o que o mundo do tênis me dá e que preciso satisfazer meus fãs■
(*Veja*, 02/02/ 2005 – entrevista 04)

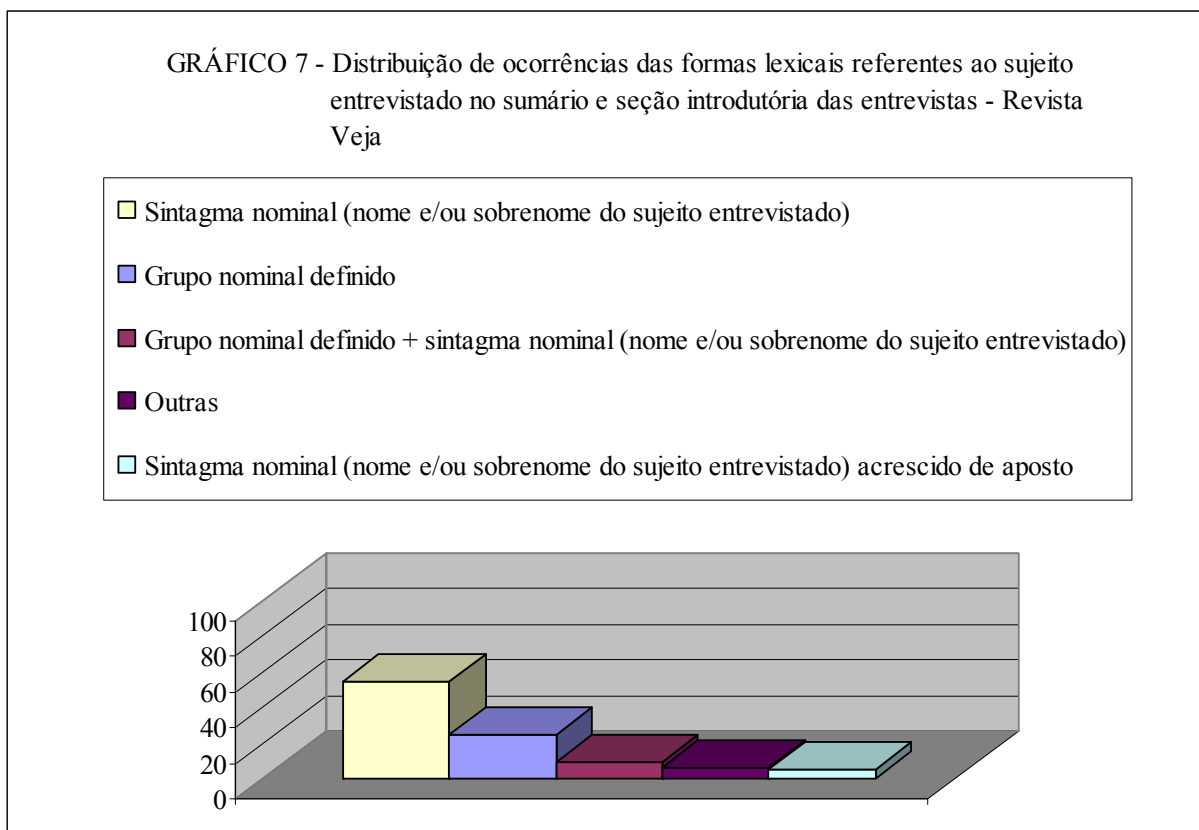
3.2.5 Formas referenciais

Voltamos ao estilo de apresentação do entrevistado no *corpus* das entrevistas selecionadas, pois julgamos ser pertinente identificar as formas lexicais que fazem referência³⁸ imediata ao entrevistado e contribuem para construir a imagem desse sujeito, tal como pretendida pela revista na apresentação da entrevista. Essas formas lexicais são pistas que servem para indicar, a nosso ver, o lugar social que o entrevistado ocupa no momento da entrevista e o projeto de dizer da revista.

³⁸ Os trabalhos de Koch (2003, 2005, 2006) sobre a referenciação nos orientaram a entender essa construção do entrevistado por meio de formas lexicais.

Nesse ponto, o que nos interessa de perto são os recursos utilizados pelas revistas para construir uma certa identidade do sujeito entrevistado. Para isso, a revista lança mão dos recursos oferecidos pela língua, que são submetidos ao propósito institucional do qual o texto é uma manifestação.

Observemos o Gráfico, a seguir:



O Gráfico 7 revela-nos as formas lexicais freqüentes referentes ao entrevistado que constam no sumário e na seção introdutória das entrevistas da revista *Veja*. A forma lexical sintagma nominal (nome e/ou sobrenome do sujeito entrevistado) atinge um percentual de maior freqüência, 54,7%, em seguida, estão as seguintes formas: 25% grupo nominal definido, 9,4% grupo nominal definido + sintagma nominal (nome e/ou sobrenome do sujeito entrevistado) e, por último, 4,7% sintagma nominal (nome e/ou sobrenome do sujeito entrevistado) acrescido de aposto. Seguindo a ordem dos resultados, acima descritos, vejamos, a seguir, em destaque, os exemplos:

- (35) A Sports Illustrated, uma das mais conceituadas revistas esportivas, considera que Federer, de apenas 23 anos, tem tudo para se tornar o melhor tenista de todos os tempos.
(Veja, 02/02/ 2005 – entrevista 04)

Bob Iger assumiu a presidência da Disney, em outubro de 2005, em circunstâncias difíceis.
(Veja, 29/03/ 2006 – entrevista 08)

- (36) Na ativa aos 96 anos, o lendário economista americano agora atira contra as fraudes corporativas.
(Veja, 15/12/2004 – entrevista 03)

O especialista em design diz que os desastres envolvendo obras ou máquinas se transformam em combustíveis para o avanço da tecnologia.
(Veja, 19/07/2006 – entrevista 09)

- (37) A vocação do antropólogo Roberto DaMatta é explicar o Brasil.
(Veja, 22/09/2004 entrevista 01)

O deputado Osmar Serraglio, do PMDB do Paraná, não foi escolhido por acaso para relatar a CPI dos Correios.
(Veja, 25/01/2006 – entrevista 07)

- (38) [...] Giancarlo Zizola, o principal vaticanólogo italiano, acompanha os assuntos relacionados à cúpula da igreja Católica.
(Veja, 13/04/2005 – entrevista 05)

[...] diz Ury, especialista em negociação da Universidade Harvard, nos Estados Unidos.
(Veja, 30/08/2006 – entrevista 10)

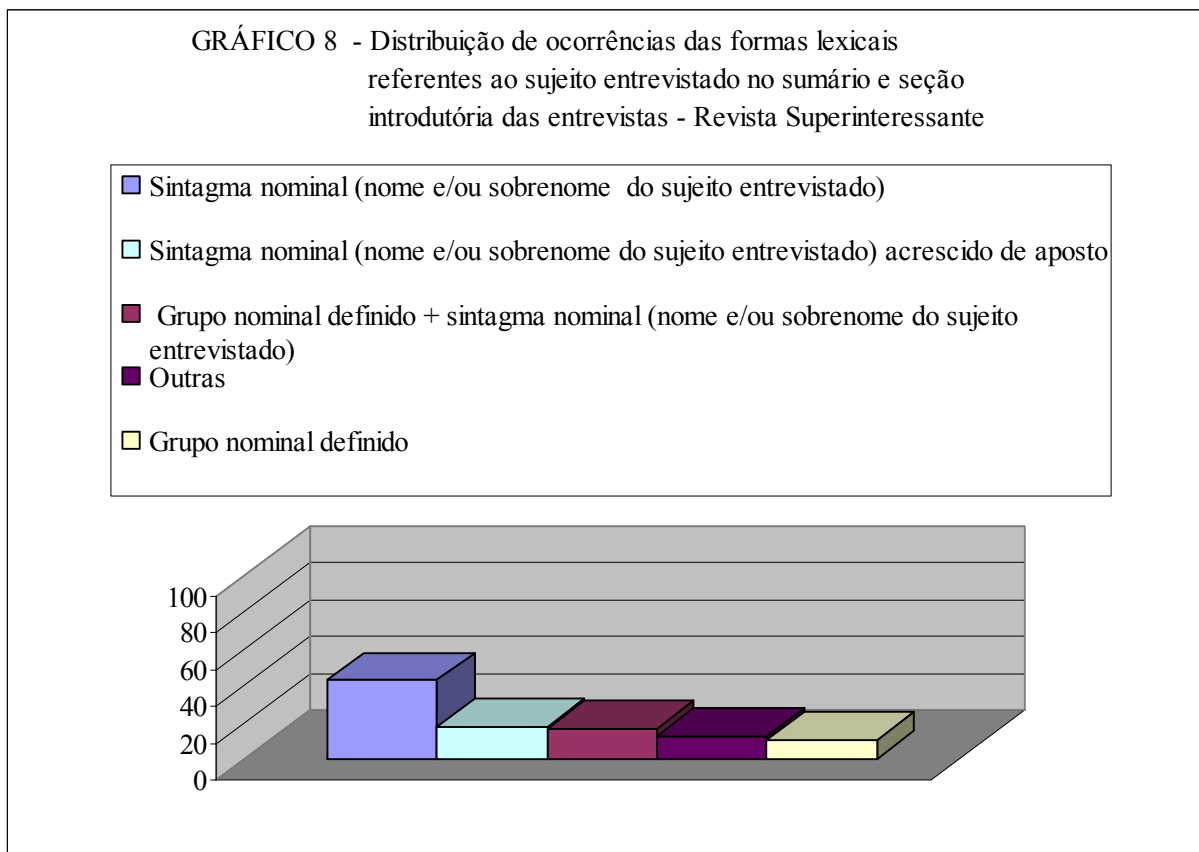
O Gráfico 7 (p.86) também apresenta as outras formas lexicais referentes ao sujeito entrevistado que aparecem em menor frequência na revista *Veja* e totalizam um percentual de 6,3%. Essas formas são as seguintes: 3,1% grupo nominal indefinido e 1,6% para as formas grupo nominal definido + sintagma nominal (nome e/ou sobrenome do sujeito entrevistado) acrescido de apostro e grupo nominal. Vejamos tais fatos em:

- (39) [...] um dos maiores best-sellers brasileiros, com 3 milhões de exemplares vendidos ao longo de sua carreira.
(Veja, 18/05/2005 – entrevista 06)

- (40) O americano Henry Petroski, professor de engenharia de engenharia e história da Universidade Duke, [...].
(Veja, 19/07/2006 – entrevista 09)

(41) [...] Cirurgião brasileiro conta como propaga a beleza.
(*Veja*, 10/11/2004 – entrevista 02)

A seguir, o Gráfico 8 mostra-nos as formas lexicais referentes ao sujeito entrevistado que ocorrem no sumário e na seção introdutória das entrevistas da revista *Superinteressante*. Vejamos:



Como podemos notar, no Gráfico 8 está evidenciada que a forma lexical sintagma nominal (nome e/ou sobrenome do sujeito entrevistado) apresenta um percentual de 42,8%. Em seguida, estão as seguintes formas: a forma lexical sintagma nominal (nome e/ou sobrenome do sujeito do entrevistado) acrescido de aposto, com 17,9% de ocorrência, a forma lexical grupo nominal definido + sintagma nominal (nome e/ou sobrenome do sujeito do entrevistado) com 16,1% e a forma lexical grupo nominal definido com 10,7%. Conforme a ordem dos resultados, acima descritos, veja, em destaque, os exemplos:

(42) Segundo Acunã, Mercúrio guarda a chave para entender a origem do sistema solar.
(*Superinteressante*, 03/2006 – entrevista 18)

Há 30 anos, Denis Albanese fez fama entre os caçadores de tesouros submarinos ao encontrar o Vacana, um navio naufragado [...].
(*Superinteressante*, 08/2006 – entrevista 20)

- (43) Joan Roughgarden, a bióloga transexual que estuda a homossexualidade entre os animais, diz que teoria de Charles Darwin não passa de podridão conceitual.
(*Superinteressante*, 12/2004 – entrevista 13)

Denis Albanese, o maior caçador de tesouros do país, revela como procura navios naufragados no litoral brasileiro.
(*Superinteressante*, 08/2006 – entrevista 20)

- (44) Aquela reunião malcheirosa de 1662 havia se perdido na história, mas o jornalista americano Carl Zimmer a trouxe de volta no livro *A Fantástica História do Cérebro* (Campus).
(*Superinteressante*, 09/2004 – entrevista 11)

A médica Americana Márcia Angell é capaz de curar sem dificuldades dores de cabeça.
(*Superinteressante*, 07/2006 – entrevista 19)

- (45) Segundo a autora, olhando mais de perto, muitas vezes os machos cooperam entre si e não há como explicar a homossexualidade entre animais e humanos usando a tese darwinista.
(*Superinteressante*, 12/2004 – entrevista 13)

O físico morreu de parada cardíaca no dia 8 de março, aos 80 anos.
(*Superinteressante*, 04/2005 – entrevista 15)

Informamos, também, que no Gráfico 8 (p.88) estão evidenciadas as outras formas lexicais referentes ao sujeito entrevistado, que aparecem com menor frequência nas entrevistas da revista *Superinteressante* e totalizam 12,5%. Essas formas são as seguintes: 7,1 % para as formas lexicais grupo nominal; 3,6% para as formas lexicais grupo nominal definido + sintagma nominal (nome e/ou sobrenome do sujeito entrevistado) acrescido de aposto; e 1,8% para grupo nominal indefinido. Vejamos tais fatos em:

- (46) Pesquisador da Nasa fala da missão a Mercúrio.
(*Superinteressante*, 03/2006 – entrevista 18)

- (47) A última entrevista de César Lattes, o mais importante físico da história do país e cientista político que mais perto chegou do Prêmio Nobel.
(*Superinteressante*, 04/2005 – entrevista 15)

- (48) [...] é certamente uma pessoa decidida.
(*Superinteressante*, 12/2004 – entrevista 13)

No início de nossas análises, no plano de ação da linguagem, apresentamos a nacionalidade dos entrevistados. O resultado dessa apresentação também nos ajuda a confirmar o resultado do Gráfico 7 (p.86) e do Gráfico 8 (p.88). A grande maioria dos entrevistados das revistas selecionadas é de nacionalidade estrangeira, o que dificulta para o leitor a identificação desse sujeito entrevistado. Em contrapartida, a revista utiliza-se de recursos lingüísticos para facilitar o processo de reconhecimento do entrevistado, como a repetição da forma lexical sintagma nominal (nome e/ou sobrenome do sujeito entrevistado) que aparece com maior freqüência em ambas as revistas selecionadas, como podemos ver nos exemplos. Atrelada a essa forma, na revista *Veja* aparece a forma grupo nominal definido; na *Superinteressante*, a forma sintagma nominal (nome e/ou sobrenome do sujeito entrevistado) acrescido de aposto; em seguida, em ambas as revistas, está a forma lexical grupo nominal definido + sintagma nominal (nome e/ou sobrenome do sujeito do entrevistado). Visualizemos, então, nos exemplos (49) e (50), a ocorrência dessas formas, em destaque, que permitem a construção de cadeias referenciais, por meio das quais o sujeito entrevistado é apresentado.

- (49) "**Somos um país corrupto**"

O escritor diz que o governo Lula é incompetente, que ricos e pobres brasileiros são igualmente desonestos e que a idéia de cotas significa um esforço para dividir o Brasil em raças.

O escritor João Ubaldo Ribeiro fustiga o presidente Lula com a mesma intensidade com que Luis Fernando Veríssimo atormentava Fernando Henrique Cardoso. Nestes dois anos e meio de administração petista, Ubaldo se tornou um dos críticos mais ácidos do governo. "Não gosto dessa posição, não gosto de aparecer, mas fazer o quê? É inevitável se indignar com certas coisas", diz o autor. Seu motivo mais recente de irritação foi a cartilha com termos politicamente corretos elaborada pela Secretaria dos Direitos Humanos. Ubaldo escreveu um e-mail a dezenas de amigos, e isso desencadeou toda a polêmica a respeito do tema. [...] Em seu apartamento no bairro do Leblon, no Rio de Janeiro, João Ubaldo Ribeiro recebeu VEJA para a seguinte entrevista.
(*Veja*, 18/05/2005 – entrevista 06).

- (50) **Foi quase**

A última entrevista de César Lattes, o mais importante físico da história do país e cientista brasileiro que mais perto chegou do Prêmio Nobel

No dia 24 de maio de 1947, o mundo foi informado de que, ao contrário do que aprendemos na escola, a composição do átomo não se resume a nêutrons, prótons e elétrons. A prestigiada revista *Nature* anunciou a descoberta e a comprovação da existência da partícula subatômica méson pi, responsável pela ligação das partículas nucleares, e sem a qual tudo o que chamamos de matéria não poderia existir. Por trás da pesquisa, decisiva para a exploração do átomo e favorita ao Nobel de Física desde o momento em que foi divulgada, estava o brasileiro César Lattes. Ele tinha 22 anos.

O prêmio não veio. E menos de um ano após descobrir o méson pi, Lattes chacoalhou a ciência novamente ao reproduzi-lo artificialmente. [...]

Desde a morte da esposa, há dois anos, Lattes saía pouco de sua casa em Campinas, interior de São Paulo. Foi lá que recebeu o repórter Daniel Azevedo, colaborador de um jornal científico de São Carlos, para aquela que seria sua última entrevista, no final de fevereiro. [...].

(*Superinteressante*, 04/2005 – entrevista 15).

Portanto, o encadeamento dessas formas e a dominância das mesmas formas lexicais, em ambas as revistas do *corpus* de análise, convergem para um processo de construção da imagem do entrevistado que, além de atender o propósito inicial da seção introdutória das entrevistas, apresentar o sujeito entrevistado e o assunto, é, na verdade, uma forma de constituição de um modelo de imagem pretendida para o entrevistado pela revista.

Mais especificamente, sobre as formas lexicais grupo nominal definido, segundo os estudos de Koch (2003, 2005, 2006), o emprego de uma expressão nominal introduzida por artigo definido implica uma pressuposição de conhecimento partilhado e obriga o interlocutor a uma busca das características do referente no contexto cognitivo ou situacional. Por outro lado, a descrição de uma expressão nominal diz respeito às possíveis propriedades, qualidades e defeitos do referente que, em determinado contexto, interessa ressaltar ou anunciar, isso é, o produtor do texto seleciona aquelas expressões mais adequadas ao projeto de dizer. Desse modo, o emprego de uma expressão nominal, no contexto dado, vai exigir do interlocutor a percepção do porquê da escolha de uma e não de outra. É o que ocorre nas entrevistas do *corpus*; a apresentação do sujeito entrevistado a partir de uma expressão nominal definida estabelece, já de início, o projeto de dizer do entrevistador – da revista.

3.2.6 Linguagem formal e informal

Apesar da predominância da linguagem formal nas entrevistas, observamos, no entanto, no *corpus* de análise das entrevistas selecionadas, a presença de linguagem coloquial. Em alguns casos, o uso das aspas, que serve para marcar a presença da linguagem coloquial, tem o intuito de não delegar responsabilidades enunciativas à revista e nem ao entrevistado, uma vez que as entrevistas são editadas. Vejamos essa situação no exemplo (51), que descreve a resposta da entrevistadora, a biopsicóloga Susan Andrews.

- (51) As pessoas que respondem a chefes prepotentes ou engarrafamentos no trânsito com irritabilidade - que vivem dizendo "Ai, que saco!" - secretam até 40 vezes mais cortisol das glândulas supra-renais.
(*Superinteressante*, 11/2004 – entrevista 12)

No entanto, o exemplo (52), a seguir, revela que essa aparente preocupação da revista com a formalidade da linguagem deixa escapar, por parte do entrevistador, a linguagem coloquial. Vejamos:

- (52) Como a CPI vai provar que os empréstimos ao PT são fajutos?
(*Veja*, 25/1/2006 – entrevista 07)

Parece-nos oportuno considerar que as marcas coloquiais, quando ocorrem, têm o propósito de aproximar a entrevista de um momento real de comunicação e provocar no leitor o efeito de que o entrevistador e entrevistado estão compartilhando uma conversa mais íntima entre os envolvidos nesta interação. Vejamos alguns casos, sublinhados, nas respostas dos entrevistados:

- (53) A reação a *Evolution's Rainbow* foi aguda. Desde um sujeito tirando sarro de meu sobrenome (roughgarden significa "jardim rústico" em inglês) até uma sinopse extremamente positiva na revista *American Scientist*, comparando-me a Sócrates.
(*Superinteressante*, 12/2004 – entrevista 13)

- (54) Eu tive a sorte de passar mal apenas no fim do vôo, depois de ter me divertido um bocado.
(*Superinteressante*, 02/2005 – entrevista 14)
- (55) Daí a minha mãe conseguiu juntar dinheiro e vir para os Estados Unidos ficar conosco.
(*Veja*, 10/11/2004 – entrevista 02)
- (56) Todo mundo diz que é mais difícil ficar no primeiro lugar do que chegar lá. Para mim, foi o contrário. Virar o número 1 foi muito mais difícil, eu sentia muita pressão e cobrança. Quando cheguei lá, reagi com naturalidade. Pensei: "Poxa, isso é ótimo. Quero ganhar mais torneios, mais Grand Slams[..]."
(*Veja*, 2/2/2005 – entrevista 04)
- (57) Nunca roubei ninguém, não tenho antecedentes criminais, nunca fui dedo-duro, é difícil desencavar em meu passado algo mais grave do que ter enganado uma namorada, e assim mesmo muito eventualmente.
(*Veja*, 18/5/2005 – entrevista 06)

Observamos que os exemplos (55) e (56) pertencem a entrevistas cujos propósitos, em termos de tipo de informação, são meramente pessoais: conhecer a história de vida do entrevistado em destaque na mídia, isso é, pessoas que repentinamente, por algum motivo, tornaram-se estrelas da noite para o dia. No exemplo (55), o entrevistado é o cirurgião brasileiro, estrela de um seriado americano que mostra plásticas ao vivo. No exemplo (56), o entrevistado é o tenista número 1 do mundo, Roger Federer. O efeito imediato que se tem nessas duas situações de interação é que o planejamento da entrevista estabelece uma pauta menos formal, deixando o entrevistador mais à vontade.

Considerando tudo isso, parece-nos não ser precipitado afirmar que, nessas duas situações de entrevistas, acima citadas, podem ocorrer uma circularidade no fio condutor do conteúdo. Ressaltamos que a ocorrência dessa situação foi perceptível ao *corpus* de entrevistas da revista *Veja*. Portanto, para ilustrar a ocorrência dessa circularidade, vejamos a entrevista com o tenista Roger Federer, na qual o entrevistador aborda um mesmo tópico, “ser vaidoso”, nas perguntas (58) e (59):

- (58) *Você se considera um metrossexual, como o inglês David Beckham, jogador do Real Madrid?*

Não sei bem o que é ser um metrossexual, mas faço questão de cuidar bem de mim mesmo [...]

(59) *Você é vaidoso?*

Procuro estar sempre bem vestido. Tenho de ir a muitos eventos, shows, entregas de prêmios. É importante estar com uma boa aparência. No começo, gostava de usar calça jeans e camiseta [...]

(*Veja*, 2/2/2005 – entrevista 04)

3.2.7 Formas de tratamento

Em se tratando do uso da linguagem formal, no *corpus* desta pesquisa, a forma de tratamento do entrevistador para com o entrevistado revela situações diferenciadas de uso desses pronomes de tratamento. Na revista *Superinteressante*, apesar de o perfil dos entrevistados — a maioria é especialistas em áreas do conhecimento científico — não há ocorrência do pronome de tratamento formal *Senhor (a)*. Em uma das entrevistas do *corpus* não foi encontrado pronome de tratamento. Nas demais, a presença do pronome de tratamento informal *Você(s)* apresenta uma presença insignificante.

Os exemplos, a seguir, descrevem as situações de uso dos pronomes de tratamento na revista *Superinteressante*. O exemplo (60) mostra a entrevista com a biopsicóloga Susan Andrews. Nessa entrevista, as perguntas estão sem forma de tratamento. O exemplo (61) mostra a entrevista com a pesquisadora do departamento de Biologia da Universidade de Stanford, Estados Unidos, Joan Roughgarden. Nessa entrevista, há, em algumas perguntas, o uso do pronome de tratamento informal. De modo geral, essa é a situação que caracteriza, também, as demais entrevistas do *corpus* selecionado.

(60) O que é biopsicologia, afinal?

Como essas moléculas nos afetam?

Qual é o problema com o cortisol?

Qual a influência dos hormônios de estresse sobre os processos mentais?

(*Superinteressante*, 11/2004 – entrevista 12)

(61) Até onde vai seu ataque a Darwin?

Como seu livro foi recebido pelos outros cientistas? Você foi criticada por pesquisar em "causa própria"?

Como a homossexualidade pode ser uma característica evolucionariamente positiva na sociedade atual?

No fim do livro, você toca em outro ponto polêmico, atacando o "gene egoísta" e lançando o conceito do "gene genial". O que é esse "novo" gene?

(*Superinteressante*, 12/2004 – entrevista 13)

Para Hoffnagel (2003), esse uso insignificante do pronome de tratamento tem como efeito imediato a impressão, primeiro, de que não é o entrevistado o foco de relevância, mas apenas as explicações que pode dar sobre o tópico; e, segundo, que o entrevistador não está muito envolvido com a entrevista.

Com relação à forma de tratamento do entrevistador da revista *Veja* para com o entrevistado, há o uso das duas formas de tratamento: a formal e informal. Essas formas aparecem com frequências relativamente próximas. Mesmo assim, a formal tende a sobressair sobre a informal no *corpus* de análise das entrevistas selecionadas.

Ao contrário da *Superinteressante*, em algumas entrevistas, a *Veja* leva em consideração quem está sendo entrevistado. É o caso da entrevista com o economista americano John Kenneth Galbraith, na qual a ocorrência do pronome de tratamento formal é maior em relação às demais entrevistas do *corpus* de análise. Em seguida, está a entrevista com o cirurgião brasileiro, na qual ocorre uma situação peculiar: o uso do tratamento formal e informal. A razão é, como já havíamos comentado, atender ao propósito de conhecer uma estrela que despontou repentinamente na mídia e, com isso, não há pretensão da revista em criar um ambiente de formalidade. Entretanto, há, ao mesmo tempo, por parte da revista, uma preocupação com quem está sendo entrevistado, motivo pelo qual a ocorrência do tratamento formal é superior.

Vejam os alguns exemplos de perguntas que descrevem essas duas situações: o exemplo (62) é a entrevista com o cirurgião brasileiro e o exemplo (63) é a entrevista com o economista americano John Kenneth Galbraith.

(62) Como o senhor foi morar nos Estados Unidos, com uma família de mórmons?

Vocês foram adotados?

Você ainda tem notícias da família mórmon?

Como o senhor conseguiu pagar uma universidade tão cara?

Como o senhor virou estrela de reality show?

(Veja, 10/11/2004 – entrevista 02)

(63) O senhor previu o estouro da bolha de ações da internet pouco antes de ele acontecer.

Algum sinal de tempestade no horizonte novamente?

O corte de impostos de George W. Bush em seu primeiro mandato foi uma política acertada?

A economia americana estaria em melhores mãos se John Kerry houvesse sido eleito?

O economista Milton Friedman, seu contemporâneo e adversário, disse recentemente que tinha três conselhos para dar a qualquer governo: gaste menos, regule menos e cobre menos impostos. O senhor concorda com ele?

(Veja, 15/12/2004 – entrevista 03)

Uma outra situação de uso do pronome de tratamento pelo entrevistador para com o entrevistado é a que acontece na entrevista com o tenista número 1 do mundo, Roger Federer. Nessa entrevista, a revista *Veja* não apresenta a mesma preocupação com o uso do pronome de tratamento, como ocorre nos exemplos anteriores. Por ser o entrevistado um esportista, há um clima de descontração entre os envolvidos na interação e, conseqüentemente, a quebra da formalidade. A ocorrência de uso do pronome de tratamento informal *você* confirma essa suposição. Vejamos:

- (64) Você já ganhou 15 milhões de dólares em prêmios, dinheiro suficiente para viver bem o resto da vida. Qual a motivação para continuar treinando e viajando?
 Como você gasta o dinheiro que ganha?
 Se fosse técnico de um outro tenista, o que diria para ele vencer o Roger Federer?
 O que você acha do Gustavo Kuerten?
 O que gosta de fazer quando está de folga?
 (*Veja*, 2/2/2005 – entrevista 04)

3.2.8 Marcas de segmentação

Já dissemos que a entrevista é monogerida e poligerida, pois é atravessada por todo um processo inicial/final de editoração e, dessa forma, parte do material coberto na entrevista original é excluído como certas marcas de oralidade: supressão, falsos começos, repetições e correções.

Apesar disso, verificamos nas análises que há outras marcas, índices ou dicas, que orientam a interpretação da situação. Em algumas entrevistas, é comum, por parte do entrevistado, o uso de frases interrogativas que instigam a atenção do entrevistador no momento da situação de comunicação e conduz os leitores a possíveis interpretações. Tal uso de perguntas interrogativas por parte do entrevistado pode, até mesmo, funcionar como forma de restrição destinada a orientar os leitores em sua interpretação. Vejamos tal situação nas respostas dos entrevistados:

- (65) Como fundar um sistema universal de educação em uma sociedade em que não passa pela cabeça de quem é branco botar o menino dele sentado ao lado do filho de um escravo?
 (*Veja*, 22/09/ 2004 – entrevista 01)

- (66) Mas e se você é jovem e toma essas drogas? É errado consumi-las para alterar o modo como pensamos, lembramos e sentimos? Deixamos de ser nós mesmos?
Não sei responder.
(*Superinteressante*, 09/2004 – entrevista 11)
- (67) Obviamente, gays e lésbicas também podem ter filhos, e sua união poderia ser favorável em organizações familiares que dedicam maior atenção às crianças.
Daqui a 2 mil anos, quem sabe que estrutura familiar irá emergir?
(*Superinteressante*, 12/2004 – entrevista 13)
- (68) [...] Não sei como religião e ciência se aproximam. Como um Deus onipotente deixa acontecer um maremoto que mata centenas de milhares de pessoas?
(*Superinteressante*, 04/2005 – entrevista 15)
- (69) [...] Você não pegaria em armas para impedir que crianças no jardim de infância fossem torturadas até morrer em laboratórios? Se aceitamos fazer isso por pessoas, mas não por animais, estamos adotando o especismo, ou seja, acreditar que seres humanos são superiores a outras espécies.[...].
(*Superinteressante*, 05/2005 – entrevista 16)

3.2.8.1 Marcas de segmentação e posicionamento enunciativo

No parágrafo anterior, fizemos algumas considerações sobre as marcas, índices ou dicas presentes na voz do entrevistado, que servem para direcionar a interpretação da situação. Julgamos conveniente apresentar também as marcas que aparecem na fala do entrevistador, visto que, em algumas situações, o entrevistador faz uso de recursos gráficos, dentre eles, o uso de parênteses para inserir um comentário e o uso de aspas para enfatizar algo. Esses recursos aparecem na seção introdutória das entrevistas e nas respostas dos entrevistados. É o que ocorre nos exemplos a seguir. Os exemplos (70) e (71) foram retirados da seção introdutória de entrevistas e os exemplos (72) e (73) correspondem a trechos de respostas. Vejamos:

- (70) Rey nasceu Roberto Miguel Rey Júnior, filho de pai americano relapso e mãe gaúcha, no bairro da Lapa, em São Paulo ("o lado pobre, perto do mercado").
(*Veja*, 10/11/2004 – entrevista 02)

- (71) Foi o primeiro funcionário público no Ocidente a ser chamado de "czar da economia". Galbraith foi próximo de outros presidentes, como John Kennedy e Lyndon Johnson. (Veja, 15/12/2004 – entrevista 03)
- (72) A reação a *Evolution's Rainbow* foi aguda. Desde um sujeito tirando sarro de meu sobrenome (roughgarden significa "jardim rústico" em inglês) até uma sinopse extremamente positiva na revista *American Scientist*, comparando-me a Sócrates. (*Superinteressante*, 12/2004 – entrevista 13)
- (73) Eu acho impossível ocorrer um fiasco. Se a CPI terminasse hoje, ainda assim não poderia ser considerada um fracasso. Você acha que José Dirceu (*ex-ministro da Casa Civil*) teria caído se não houvesse uma CPI com credibilidade? Gushiken (*ex- ministro da Secretaria de Comunicação*), todos os diretores de estatais, todos os contratos que foram rescindidos... Há uma revolução administrativa no governo. Por isso tudo a CPI já valeu. (Veja, 25/01/2006 – entrevista 07)

Casos como os relacionados acima nos possibilitam compreender a relevância da posição enunciativa da revista/entrevistador, que deixa escapar apenas a aparente neutralidade de sua voz.

3.2.8.2 Recursos gráficos e posicionamento enunciativo

Um outra marca presente nas entrevistas do *corpus* de análise, que confirma a proposição no parágrafo acima, é a prática das revistas em destacar trechos da entrevista fora do contexto de pergunta/resposta, em boxes. Em todos os casos do *corpus* das entrevistas, as citações repetem o que está no texto da entrevista. Essas citações estão em pontos estratégicos nas páginas onde está impressa a entrevista. Na *Veja* são três citações, sendo que a primeira aparece na seção introdutória, juntamente com a foto do entrevistado; a segunda e terceira citações estão configuradas nas páginas seguintes da entrevista. Na *Superinteressante*, por sua vez, a citação de trechos da entrevista está inserida em um balão de fala ao lado da foto do entrevistado.

Em função do destaque dado pela revista, essas citações levam os leitores a lhes atribuírem maior relevância do que a outros trechos. De certa forma, elas orientam o leitor no trabalho de reconhecer o que será dizível na entrevista, a partir do que a revista considera mais importante ou sensacional. Assim, a escolha de trechos de fala do entrevistado não é

aleatória, uma vez que a revista mostra sua posição ao selecionar aqueles trechos que considera mais convenientes para serem destacados. Vejamos alguns exemplos:

(74) "A moldura da vida humana tem um desenho ruim. Primeiro os erros da juventude, depois as restrições da velhice. Só invejo o que está no meio".
(*Veja*, 15/12/2004 – entrevista 03)

(75) "O brasileiro é tão subserviente que, quando alguém chama Lula de ignorante – o que é uma verdade –, diz-se que o presidente está sendo desrespeitado."
(*Veja*, 18/05/2005 – entrevista 06)

(76) "A globalização é como uma reunião familiar: no começo, há brigas e disputas. Leva um tempo para as coisas se ajustarem."
(*Veja*, 30/08/2006 – entrevista 10)

(77) "Quando estamos tristes, nosso fígado está triste, nossa pele está triste".
(*Superinteressante*, 11/2004 – entrevista 12)

(78) "Não me interessam os benefícios que as pesquisas podem trazer. Sou contra matar animais."
(*Superinteressante*, 05/2005 – entrevista 16)

3.2.9 Estratégias de uso da linguagem

Um outro ponto que merece destaque no trabalho de identificação das características que formam a identidade do gênero entrevista no *corpus* selecionado são as escolhas lexicais e/ou expressões que convergem para uma postura tendenciosa do entrevistador e do entrevistado. Foi possível percebermos que, nas revistas *Veja* e *Superinteressante*, o entrevistador e/ou entrevistado, ao eleger certos itens lexicais, têm a intenção de dar um tom mais agressivo, polêmico ou, até mesmo, de aparente neutralidade. Esse recurso autoriza-nos a dizer que as escolhas lexicais atendem sempre a um objetivo dos produtores do texto. Vejamos essa situação em duas entrevistas. No exemplo (79), o entrevistador seleciona itens lexicais, em destaque, que dão o tom polêmico à entrevista e produz uma imagem de entrevistado contestador e agressivo. Esse fato explica que o tom contestador e agressivo do entrevistado é uma reação ao tom polêmico das perguntas dirigidas a ele. A mesma situação

de construção dessa imagem do entrevistado acontece na seção introdutória da entrevista do exemplo (80).

(79) **Arco-íris no zoológico**

Joan Roughgarden, a bióloga transexual que estuda homossexualidade entre animais, diz que teoria de Charles Darwin não passa de podridão conceitual

Por Fábio Marton

A pesquisadora do departamento de Biologia da Universidade de Stanford, Estados Unidos, Joan Roughgarden, é certamente uma pessoa decidida. Enfrentando o preconceito, assumiu sua condição de transexual e agora quer mais: destruir os preconceitos da própria ciência.

Este ano lançou um livro atacando um dos maiores fundamentos do darwinismo clássico e da própria maneira como vemos a natureza. Seu *Evolution's Rainbow* ("Evolução do Arco-Íris", ainda não lançado no Brasil) afirma com todas as letras que a teoria da seleção sexual de Charles Darwin (1809-1882) é uma "podridão conceitual" e precisa ser abandonada... Joan acusa a teoria clássica de Darwin de ser "contra a diversidade" e lança seu ataque embasada em cerca de 300 casos de sexualidade divergente entre os vertebrados, inclusive nossos parentes mais próximos, os grandes primatas. [...].

Até onde vai seu ataque a Darwin?

Eu não estou atacando toda a teoria da evolução, mas apenas um componente chamado "seleção sexual" [...].

Como seu livro foi recebido pelos outros cientistas? Você foi criticada por pesquisar em "causa própria"?

A reação a *Evolution's Rainbow* foi aguda. Desde um sujeito tirando sarro de meu sobrenome (roughgarden significa "jardim rústico" em inglês) até uma sinopse extremamente positiva na revista *American Scientist*, comparando-me a Sócrates... Quando declarei meu lado na disputa, muitos vieram para cima, dizendo que eu estava sendo tendenciosa [...].

No fim do livro, você toca em outro ponto polêmico, atacando o "gene egoísta" e lançando o conceito do "gene genial". O que é esse "novo" gene?

[...] É impressionante que um conceito estúpido como o "gene egoísta" tenha conseguido tantos adeptos.

(*Supeinteressante*, 12/2004 – entrevista 13)

(80) **Ainda no ataque**

Na ativa aos 96 anos, o lendário economista americano agora atira contra as fraudes corporativas.

Carlos Graieb

John Kenneth Galbraith é o decano dos economistas de esquerda nos Estados Unidos. Esquerda à moda americana, que não ataca frontalmente o capitalismo, mas acredita que o Estado tem um papel na economia, defende gastos sociais e critica o poder das corporações... Num livro recém-lançado, *A Economia das Fraudes Inocentes* (Companhia das Letras), ele investe contra idéias como a da "soberania do consumidor" e

duvida do poder de influência do Fed, o banco central americano... Foi o primeiro funcionário público no Ocidente a ser chamado de "czar da economia" [...].
(Veja, 15/12/2004 – entrevista 03)

Como visto nos exemplos acima, as análises revelam que, apesar de o entrevistador transferir as responsabilidades das vozes enunciativas ao sujeito entrevistado, as unidades lingüísticas permitem-nos mostrar o explícito e o implícito. O explícito é a voz do autor – sujeito entrevistado, fonte do dizer, que está explicitamente marcada no texto. O implícito é que, por trás da aparente neutralidade da voz do sujeito entrevistador como apenas gerenciador de outras vozes, está sua posição enunciativa.

Vejamos ainda outros exemplos de respostas dos entrevistados que convergem para uma postura tendenciosa.

(81) São essas organizações que mandam fazer aqueles bonezinhos vermelhos que o presidente Lula frequentemente exhibe com seu largo e cativante sorriso.
(Veja, 22/09/ 2004 – entrevista 01)

(82) Imigrante, aqui, é segunda classe. Eu sempre quis provar para mim mesmo e para todos que eu não era um pé-rapado da América do Sul.
(Veja, 10/11/2004 – entrevista 02)

Em se tratando de estratégias de uso da linguagem e tendo em vista o propósito da entrevista, explicar, obter informações ou promover o entrevistado, há, pois, por parte dos produtores, maior cautela com a forma de uso da linguagem como: clareza, objetividade e precisão. Entretanto, as análises demonstram que essa aparente preocupação não desautoriza os sujeitos envolvidos nesta interação de tornar suas falas mais expressivas. Observemos os exemplos a seguir:

(83) Tem a ver com a idéia de que a sociedade deve operar com suas forças, andar com suas pernas, pensar com sua cabeça.
(Veja, 22/09/ 2004 – entrevista 01)

(84) Empresas nominalmente privadas têm hoje um pé firmemente plantado no establishment militar americano e influenciam de maneira decisiva no orçamento americano[...]
(Veja, 15/12/2004 – entrevista 03)

- (85) Segundo ele, talvez tenha chegado a hora de o Vaticano ser habitado por um papa que coloque a Igreja na oficina, para uma revisão geral, assim como se faz com um avião, depois do alto e prolongado vôo alçado durante o reinado de João Paulo II.
(*Veja*, 13/04/ 2005 – entrevista 05)
- (86) A Disney é hoje um enorme conglomerado de empresas que inclui parque estúdios de cinema e de animação, canais de televisão aberta e paga, uma divisão de produtos como roupas, brinquedos e aparelhos eletrônicos. Qual é a cola que mantém todas essas peças unidas?
(*Veja*, 29/03/2006 – entrevista 08)
- (87) [...] cada mudança de humor é acompanhada por uma cachoeira de “moléculas de emoção.”
(*Superinteressante*, 11/2004 – entrevista 12)
- (88) “Alguns cientistas duvidam dos próprios olhos, pensando que eles estejam vendo uma contradição da evolução.”
(*Superinteressante*, 12/2004 – entrevista 13)
- (89) Segundo Acuña, Mercurio guarda a chave para entender a origem do sistema solar.
(*Superinteressante*, 03/2006 – entrevista 18)

3.2.10 Categorias de perguntas

Iniciamos esta primeira parte com a apresentação do plano de ação da linguagem – situação de produção do gênero entrevista jornalística, em seguida, apresentamos o plano das propriedades lingüístico-discursivas – o estilo. Entretanto, antes de encerrarmos esta primeira parte, analisaremos, em partes, a forma pergunta/resposta, que será discutida mais adiante no plano geral do texto – construção composicional – pois esse par, além de ter a função de organizar a entrevista, orienta nossa interpretação.

Hoffnagel (2003, p.191) afirma que “sendo, em geral, a resposta uma reação à pergunta, é necessário analisar ambas para compreender o que está sendo dito na entrevista.” Dessa forma, propomos analisar o *corpus*, categorizando as perguntas segundo a sugestão dessa autora. Ela estabelece que as perguntas podem ser abertas ou fechadas, diretas ou indiretas, mais ou menos polidas. Conforme essa classificação, observamos que a grande maioria das perguntas do *corpus* de entrevistas das revistas *Veja* e *Superinteressante* são abertas e diretas. Elas são abertas, pois permitem que o entrevistado discursasse livremente sobre

um tópico e diretas porque são feitas sem rodeios, sem mais explicações ou justificativas. Vejamos:

(90) O que a idade avançada trouxe, e o que tirou do senhor?
(*Veja*, 15/12/2004 – entrevista 03)

(91) O que você acha do Gustavo Kuerten?
(*Veja*, 2/2/2005 – entrevista 04)

(92) Se o senhor pudesse redesenhar algo, o que escolheria?
(*Veja*, 19/07/2006 – entrevista 09)

(93) Como foi evolução das descobertas científicas sobre o cérebro?
(*Superinteressante*, 09/2004 – entrevista 11)

(94) Como você avalia a importância da descoberta do méson pi?
(*Superinteressante*, 04/2005 – entrevista 15)

(95) Qual foi o seu primeiro resgate?
(*Superinteressante*, 08/2006 – entrevista 20)

Ao contrário das perguntas abertas, as perguntas fechadas limitam o entrevistado a uma ou outra escolha do tipo sim ou não. Conforme as análises, sua ocorrência na revista *Superinteressante* é insignificante. Na revista *Veja*, as ocorrências de perguntas fechadas são baixas. No entanto, em todo o *corpus* de entrevistas, em ambas as revistas, foi possível encontrá-las; porém, com uma diferença: o entrevistado parece não ter se sentido limitado à resposta objetiva, visto que, em todas as situações em que aparece esse tipo de pergunta, ele a amplia sua resposta com justificativas ou explicações, conforme se pode perceber nos exemplos, a seguir:

(96) A beleza humana também é uma característica de inclusão social?
Sim, o que é considerado ser bonito em um lugar e época se torna uma característica de inclusão social naquele momento [...].
(*Superinteressante*, 12/2004 – entrevista 13)

(97) *Veja* – Existem outros exemplos históricos dessa coabitação entre o moderno e o

autoritário?

DaMatta – Sem dúvida. Os casos japonês, indiano e chinês são bons exemplos caso chileno atual também.

(Veja, 22/09/ 2004 – entrevista 01)

(98) Veja – O começo foi difícil?

Rey – Não. Na minha casa, no Brasil, era tudo muito ruim. Enquanto a maioria das crianças vai dormir com músicas de criança, eu dormia com meus pais gritando à noite [...].

(Veja, 10/11/2004 – entrevista 02)

Uma ocorrência insignificante no *corpus* de nossa análise é a presença da pergunta indireta e polida encontrada no *corpus* de entrevistas selecionadas da revista *Veja*. Vejamos então no exemplo, a seguir, uma pergunta indireta e polida dirigida ao antropólogo americano, William Ury:

(99) O senhor pode dar um exemplo de como aplicar esses princípios no dia-a-dia?

(Veja, 30/08/2006 – entrevista 10)

Segundo Hoffnagel (2003), situação de pergunta como o exemplo (99) é mais uma forma polida de fazer um pedido do que propriamente um questionamento. Nesse caso, segundo a autora, esse tipo de pergunta evidencia, no fundo, o respeito que o entrevistador mostra para com o entrevistado, que, além de ser um antropólogo, é também um especialista em técnicas de negociação.

Há também duas situações de perguntas que merecem destaques, conforme apontam as análises. São as perguntas construídas a partir de uma citação direta ou indireta e aquelas elaboradas a partir de uma proposição. Essas perguntas são abertas, mas podem ser mais facilmente controladas pelo entrevistador, pois restringem o entrevistado no sentido do que falar e do como falar. Tais perguntas são encontradas em maior frequência na revista *Veja* em comparação com a *Superinteressante*. Observemos os exemplos a seguir. O exemplo (100) é de uma pergunta construída a partir de uma citação indireta, o (101), a partir de uma citação direta e os exemplos (102) a (104) são de perguntas elaboradas a partir de uma proposição.

- (100) Veja – No período da ditadura, o historiador Sérgio Buarque de Holanda declarou, certa vez, que não acreditava na redemocratização porque a vocação do país era autoritária. Hoje, o Brasil, com todos os percalços, é uma democracia. Sérgio Buarque errou? (Veja, 22/09/ 2004 – entrevista 01)
- (101) Veja – "O negócio deste país são os negócios." Como o senhor se sente a respeito dessa célebre frase do presidente Calvin Coolidge (1872-1933)? (Veja, 15/12/2004 – entrevista 03)
- (102) Veja – Todo esportista de sucesso agora faz questão de demonstrar generosidade e preocupação social. Cultivar a imagem de cidadão preocupado com os pobres se tornou obrigatório no mundo dos esportes? (Veja, 02/02/ 2005 – entrevista 04)
- (103) Veja – A concepção de objetos e prédios torna-se cada vez mais arrojada. A sociedade atual é a mais criativa da história? (Veja, 19/07/ 2006 – entrevista 09)
- (104) É comum ouvir que as farmacêuticas não investem na pesquisa de remédios contra doenças do terceiro mundo, como malária ou leishmaniose, porque países pobres não conseguem garantir o retorno financeiro do investimento. Como a medicina deve se portar diante desse tipo de questão? (Superinteressante, 7/2006 – entrevista 19)

Podemos observar que as perguntas planejadas com citações ou proposições, além de possibilitarem ao entrevistador a tentativa do controle da interação, são marcas explícitas de diferentes vozes às quais são atribuídas a responsabilidade do enunciado. Logo, o entrevistador, conforme o conceito bakhtiniano de polifonia, é considerado como regente do grande coro de vozes que participam do processo dialógico e podemos assim dizer que a polifonia é também característica do gênero entrevista jornalística impressa.

Evidentemente, apesar de o entrevistador controlar a interação, o entrevistado não está completamente sob seu poder. Há estratégias que o entrevistado utiliza para evitar responder diretamente às perguntas do entrevistador: pode dar uma interpretação completamente diferente à pergunta da que foi pretendida pelo entrevistador, provocando nos leitores a sensação de que o entrevistado não respondeu o solicitado; enfatizar um aspecto da pergunta e ignorar um outro; às vezes, deixar implícito seu posicionamento quando é solicitado a revelar; para isso, faz um jogo cauteloso com o que diz, como exemplificado em (105):

- (105) *Veja* – O economista Milton Friedman, seu contemporâneo e adversário, disse recentemente que tinha três conselhos para dar a qualquer governo: gaste menos, regule menos e cobre menos impostos. O senhor concorda com ele?

Galbraith – Conheço Milton Friedman há muitos e muitos anos. Nesse tempo, fui capaz de observá-lo num particular, acima de todos os outros. Trata-se de sua habilidade para sobreviver ao erro persistente em questões econômicas. Dito isso, quero deixar registrado que ele é também uma pessoa persistentemente agradável.
(*Veja*, 15/12/2004 – entrevista 03)

Como podemos ver no exemplo (105), a concepção de estilo, no sentido bakhtiniano, está além dos traços que indicam a expressividade dos locutores – entrevistador/ entrevistado – pois a singularidade, nesse caso, o ponto de vista do entrevistado, está necessariamente em diálogo com o coletivo, com uma história, com uma cultura, como também, com a autenticidade de um acontecimento.

Uma outra situação em que o controle da interação não esta meramente sob o comando do entrevistador e confirma essa afirmação, diz respeito à entrada do entrevistado na reformulação da pergunta a ele dirigida. Veja-se como o entrevistado, Giancarlo Zizola, vaticanólogo, refaz a pergunta a ele dirigida:

- (106) *Veja* – As chances de o novo papa ser um brasileiro, então, são boas.

Zizola – Ou um indiano, um argentino, um hondurenho. De qualquer maneira, o novo papa dificilmente será proveniente de um país poderoso, [...].
(*Veja*, 13/4/2005 – entrevista 05)

Uma das razões da atitude do entrevistador, conforme o exemplo (106), a nosso ver, deve-se a incompletude da pergunta (neste caso, mais parece uma afirmação) ou a não-concordância com o que é questionado. Isso nos possibilita retomar a concepção dialógica de enunciado para Bakhtin, uma vez que o caráter dialógico do enunciado dá-se em face das trocas entre interlocutores, não havendo assim, como descrito nesse exemplo, um receptor passivo, ao contrário, há um receptor que produz um novo enunciado.

Enfim, após ter descrito as atividades sócio-discursivas desempenhadas pelo gênero – o plano de ação da linguagem – e os recursos lingüísticos que as sustentam – o plano das propriedades lingüístico-discursivas: estilo – cumprimos um dos objetivos propostos em nossa pesquisa: identificar as características que formam a identidade do gênero entrevista e, assim,

encerramos a primeira e segunda parte deste estudo. Em seguida, na terceira parte, em complementaridade ao objetivo acima, analisaremos a construção composicional – o plano geral do texto – e procuramos aplicar o conceito de sequência no *corpus* de entrevistas, conforme a proposta teórica de Adam (1997), a fim de verificar a possibilidade de maior heterogeneidade de seqüências textuais entre a construção dos textos veiculados no *corpus* de entrevistas das revistas selecionadas. Vejamos.

3.3 Plano geral do texto: a construção composicional

O plano geral do texto diz respeito à planificação e às representações dos conteúdos temáticos a serem desenvolvidos. As análises desse plano aqui apresentado são pautadas no *corpus* de análise das entrevistas selecionadas (conforme Anexo B – modelo 02).

3.3.1 Configuração das entrevistas

As apresentações das entrevistas nas revistas selecionadas bem como o espaço dedicado a elas variam de revista para revista³⁹. A primeira matéria da revista *Veja* é a seção *Carta ao leitor*, em seguida, vem a seção *Entrevista*. Essa seção recebe o nome de *Amarelas*, pois as páginas recebem essa coloração. A essas páginas, a revista dedica a mesma enumeração em cada edição. São as páginas onze a quinze. Nessa seção, a revista traz fotografia do entrevistado acompanhada de citação, isto é, de um trecho de sua fala retirado do desenvolvimento da entrevista. Em outras partes também aparecem mais duas citações do entrevistado. Assim, a seção regular de entrevista possui espaço e apresentação padronizados.

A revista *Superinteressante* também possui a seção regular de entrevista, mas, nessa seção, o espaço dedicado à entrevista não tem o mesmo número de páginas igual em cada edição, apesar de haver padronização no que se refere à configuração do texto, como o uso de fotografia do entrevistado, gravuras e citação de trecho da entrevista. Além das partes que compõem a entrevista, há uma coluna com dados pessoais referentes ao entrevistado e, ao

³⁹Informamos que para a análise sobre a apresentação (configuração) das entrevistas nas revistas, levamos em consideração as entrevistas impressas.

término da entrevista, um texto que contextualiza um assunto de relevância tratado no decorrer da entrevista e, aparentemente, de complexidade para o leitor.

3.3.2 Organização básica da entrevista

Hoffnagel (2003), como já apontado anteriormente, estabelece que o modelo canônico da entrevista é composto de pelo menos de dois indivíduos, neste caso o entrevistador e o entrevistado. As análises confirmam essa hipótese: em ambas as revistas, a organização básica do gênero entrevista é estabelecida conforme o esquema adaptado por Marcuschi (2000, p.100):

Entrevistador: pergunta [estabelece um tópico]

Entrevistado: responde [em relação ao tópico proposto]

Entrevistador: pergunta [sobre o mesmo ou outro tópico]

Entrevistado: responde [em relação ao posto]

Os exemplos (107) e (108) ilustram, respectivamente, a organização acima e nos conduz à proposição de Bakhtin que define o enunciado como unidade de comunicação discursiva que assegura a possibilidade de resposta. Assim, no primeiro exemplo, a seguir, o entrevistador estabelece um tópico, o entrevistado responde ao tópico proposto. Essa resposta, por sinal, configura-se como tópico da pergunta subsequente. Já no segundo exemplo, o entrevistador, ao propor uma outra pergunta, estabelece outro tópico.

(107) **Veja – Como o senhor avalia o Brasil atual?**

DaMatta – O Brasil tem um governo petista com duas faces muito distintas. Uma é liberal e moderna no trato das finanças públicas. A outra face é autoritária [...]. Enquanto isso, o lado autoritário ainda tenta ressuscitar um pensamento sociológico dos anos 50 e 60, um ideário ultrapassado que lida com o mundo em termos de categorias sindicais.

Veja – **Que ideário é esse?**

DaMatta – No fundo, é um modelo que tenta, no começo do século XXI, reproduzir a era Vargas. Aquele foi um período de forte presença estatal na vida econômica e social dos brasileiros [...].

(*Veja*, 22 /09/2004 – entrevista 01)

(108) Com tanto remédio para depressão, o cérebro se tornou a alma do século 21?

Thomas Willis pensava que o único caminho para curar as doenças da alma ou da mente era químico. [...]. Esperamos que uma pílula procure as doenças da alma. A idéia da depressão é confortadora para as pessoas porque distancia do problema central: tudo passa a ser culpa de uma deficiência de dopamina no cérebro que muito pouco tem a ver com nosso "eu".

O debate sobre a origem da moral se divide entre os "realistas", que crêem que julgamos pelo raciocínio, e os "intuicionistas", que dizem que as emoções determinam decisões sobre o que é certo e errado. De que lado você está?

Para entender como tomamos tais decisões, temos que nos distanciar da idéia de que tudo é criado através do poder da razão. Nossas emoções e reações são muito tensas e geralmente atuam mais rápido que o raciocínio. [...].

(*Superinteressante*, 09/2004 – entrevista 11)

3.3.3 Modalidade oral e escrita

É preciso ressaltar que, como esta pesquisa delimita o *corpus* a entrevistas publicadas em revistas, assumimos, por conseguinte, a definição de entrevista de Hoffnagel (2003) e de Kebrait-Orecchioni (apud Farias, 1999). Segundo essas autoras, a entrevista é um gênero jornalístico oral. Hoffnagel (2003) ainda explica que, quando a entrevista é publicada em jornais e revistas, na maioria das vezes, ela foi feita oralmente e depois transcrita para a publicação. É o que se vê nos exemplos abaixo, em destaque, que representam 60% das entrevistas do *corpus* de análise das entrevistas selecionadas referente à *Veja* e 40% referente à *Superinteressante* :

(109) [...] Foi lá que recebeu o repórter Daniel Azevedo, colaborador de um jornal científico de São Carlos, para aquela que seria sua última entrevista, no final de fevereiro [...] (*Superinteressante*, 04/2005 – entrevista 15)

(110) [...] Em seu apartamento no bairro do Leblon, no Rio de Janeiro, João Ubaldo recebeu Veja para a seguinte entrevista. (*Veja*, 18/05/2005 – entrevista 06)

- (111) Seria durante uma passagem pela Grã-Bretanha que o médico e ativista americano Jerry Vlasak explicaria à Super [...]. Mas o texano radicado na Califórnia nem teve oportunidade de arrumar as malas. [...]. Ao conversar com a revista por telefone, Vlasak mostrou por que quando abre a boca assusta autoridades [...].
(*Superinteressante*, 05/2005 – entrevista 16)
- (112) Adepto da diplomacia e da fala mansa, o executivo de 55 anos, que começou sua carreira apresentando boletins do tempo na televisão, encontrou-se com VEJA em Buenos Aires para a seguinte entrevista.
(*Veja*, 29/03/2006 – entrevista 08)

Curiosamente, o oral sobrepõe-se, nesse evento comunicativo, conforme os exemplos acima transcritos, como também, se pensarmos em algumas outras situações. A primeira é que, na revista *Superinteressante*, o título *Superpapo* ou *Papo* da seção destinada à entrevista traduz uma conversa descontraída. Uma segunda situação é a de que algumas das entrevistas do *corpus* de análise foram feitas pela Internet ou por telefone e, embora sejam escritas, são consideradas uma conversa pela revista. É o que se pode ver, em destaque, na seção introdutória das entrevistas. Vejamos:

- (113) "Foi tudo uma questão de sorte", disse ele à Super, de sua casa em Connecticut.
Thomas Willis diria que foi tudo obra de suas células cinzentas.
(*Superinteressante*, 09/2004 – entrevista 11)
- (114) Joan falou com a Super por e-mail.
(*Superinteressante*, 12/2004 – entrevista 13)
- (115) [...] Por telefone, em português com muito sotaque, falou a VEJA.
(*Veja*, 10/11/ 2004 – entrevista 02)

Ao analisar as relações entre oral e escrita, segundo Marcuschi (2001), as entrevistas publicadas por *Veja* são gráficas, levando-se em consideração o meio de produção; se considerarmos a concepção discursiva, é oral. Mas, para o autor, há, ainda, muitas controvérsias em relação ao oral e ao escrito. O autor, portanto, sugere-nos pensar no gênero entrevista como possibilidade para redefinir alguns aspectos centrais na observação da linguagem em uso como, por exemplo, a relação entre a oralidade e a escrita, de forma a desfazer ainda mais suas fronteiras.

Nessa perspectiva, conforme nossas análises, acreditamos ser pertinente concordar com a posição de Rojo e Schneuwly (2006), que defendem a posição de que a oralidade e a escrita mantêm uma relação complexa de mútuo efeito e interferência nos gêneros formais e públicos. Isso significa dizer que os gêneros orais podem sustentar gêneros escritos; gêneros escritos podem sustentar gêneros orais. Há um entrelaçamento contínuo. Portanto, casos como os exemplificados acima: “[...] recebeu *Veja* para a seguinte entrevista” (ex. 110, p.109), “[...] explicaria à *Super*[...]” (ex. 111, p.110), “[...] encontrou-se com *VEJA* em Buenos Aires[...]” (ex. 112, p.110), “[...] com muito sotaque, falou a *VEJA*” (ex. 115, p.110), nos conduz a ratificar a posição que assumimos da entrevista como um gênero oral, embora sustente o gênero escrito.

3.3.4 Mídium

Essa relação oral/escrita no gênero entrevista traz à tona a discussão sobre o mídiu, conforme analisado por Maingueneau (2005,2006), pois, o modo de manifestação material do discurso, bem como seu modo de difusão — oral, escrito, tela do computador — modificam o conjunto do gênero do discurso. Isso significa, portanto, a inseparabilidade entre a análise do gênero de seus modos e redes de transmissão.

Dessa forma, é possível compreender que as dimensões materiais intervêm na própria constituição da linguagem, pois a revista, material de nossa pesquisa, é um local de difusão dessa ou daquela ideologia, como também o modo de transporte e de recepção do enunciado condiciona a própria constituição do texto. Isso significa que o gênero entrevista jornalística impressa, em ambas as revistas, circula em larga escala e permite à fala do entrevistador/entrevistado introduzir-se no ambiente: familiar, social e/ou institucional. O entrevistador/entrevistado não pode contar com a cumplicidade do auditório, visto que sua fala será lida por todos — até mesmos pelos opositores. No entanto, há possibilidades do leitor manifestar posteriormente à publicação da revista. Esse público leitor é constituído, de modo geral, por uma comunidade ilimitada e imaginária de sujeitos leitores, leigos e entendidos no assunto, públicos imprevisíveis. Conseqüentemente, o discurso tende a tornar-se uma fala mais acessível à compreensão dos leitores. Além disso, o discurso, conforme o conteúdo dizível no gênero entrevista, tende a ser redefinido em relação às formas dominantes do discurso político, do discurso científico-tecnológico, do discurso econômico.

Mais estritamente na categoria midiológica oral/escrito, nas sociedades modernas, o oral pode ser apreendido por uma forma escrita. Um escritor que se apresente para uma entrevista que será publicada na revista *Veja* e na *Superinteressante*, estará mais comprometido com o que diz do que se escrevesse em uma revista de pequena tiragem. Embora oral, veiculada por suportes eletrônicos (telefone, e-mail), conforme os exemplos (113) a (115), a fala do entrevistado tornou-se estável, podendo ser lida e repetida quantas vezes se quiser e difundida quase instantaneamente no mundo inteiro.

Por fim, ao analisar o gênero entrevista a partir de conceitos fincados na Midiologia, estabelecemos uma relação entre o modo como o texto se organiza e o lugar social do qual ele emerge, o canal onde passa – oral, escrito – o tipo de difusão que ele implica, e, caminhos no sentido da inseparabilidade do texto e do quadro social de sua produção e circulação. Conseqüentemente, compreendemos melhor a sociedade da qual fazemos parte, pois, segundo Maingueneau (2005), as produções midiáticas são a marca de uma dada sociedade.

Neste momento, apesar de fazer parte deste mesmo objetivo, analisar a construção composicional do gênero entrevista, julgamos oportuno uma exposição mais detalhada do plano textual, pois a esse plano está atrelado o objetivo acima mencionado e os demais objetivos de nosso trabalho: identificar a heterogeneidade de seqüências textuais entre a construção do gênero entrevista veiculado nas revistas selecionadas; e investigar o conteúdo temático e sua relação com a organização seqüencial do texto.

3.3.5 A heterogeneidade seqüencial do gênero entrevista

Nesta parte, apresentamos as análises dos dados relativos à identificação das seqüências que atravessam o gênero entrevista. Sabemos que, segundo os estudos de Schneuwly (2004), o gênero entrevista é uma atividade de linguagem altamente padronizada que implica expectativas normativas específicas por parte dos interlocutores. Além do mais, segundo Bronckart (2003), ao contrário dos textos mais curtos, nos textos longos podem aparecer diferentes tipos de seqüência. Dessa maneira, pretendemos verificar se esse gênero apresenta em sua arquitetura maior heterogeneidade de seqüências textuais. Evidentemente, não discordamos que a seqüência dialogal é a dominante. Mas indagamos quais são as seqüências que predominantemente entrecruzam e constituem esse gênero, uma vez que a natureza de toda a produção da linguagem é profundamente heterogênea. Informamos, ainda,

que, por ser a seqüência dialogal dominante – que corresponde à estrutura do gênero entrevista – em nossas análises identificamos somente as outras seqüências (narrativa, descritiva, explicativa e argumentativa), conforme a classificação de Adam (1997).

Outro fato que devemos esclarecer é que nesta análise propomos a mesma divisão do gênero entrevista em fases estabelecida na primeira parte deste capítulo. Essa divisão do gênero entrevista está pautada em Schneuwly e Dolz (2004). Segundo os autores, essas fases podem ser distinguidas de acordo com as seguintes partes: a fase de abertura; a fase de apresentação do entrevistado e do assunto; a fase do desenvolvimento da entrevista; a fase de encerramento e outros. Enfatizamos que nesta seção faremos a identificação das seqüências textuais de acordo com as fases da entrevista tal como proposta por esses autores.

Consideramos, primeiramente, a fase de abertura que, a nosso ver, diz respeito ao parágrafo introdutório situado, em ambas as revistas selecionadas, entre o título da entrevista e a fase de apresentação do entrevistado e do assunto. Para melhor visualização dessa fase, vejamo-la, em destaque, nos exemplos, a seguir:

(116) A igreja precisa de oficina

Depois do longo vôo do pontificado de João Paulo II, os cardeais do conclave podem concluir que está na hora de o catolicismo sofrer uma revisão. É o que diz o principal vaticanólogo italiano.

Há mais de quatro décadas, Giancarlo Zizola, o principal vaticanólogo italiano, acompanha os assuntos relacionados à cúpula da Igreja Católica. Zizola, hoje com 68 anos, conheceu quatro papas: João XXIII, Paulo VI, João Paulo I e João Paulo II. Ele construiu análises brilhantes sobre esses pontificados, além de ter escrito livros que se tornaram referências no mundo jornalístico e acadêmico. [...]. Zizola concedeu por telefone, de Roma, a seguinte entrevista a VEJA.

(*Veja*, 13/04/2005 – entrevista 05)

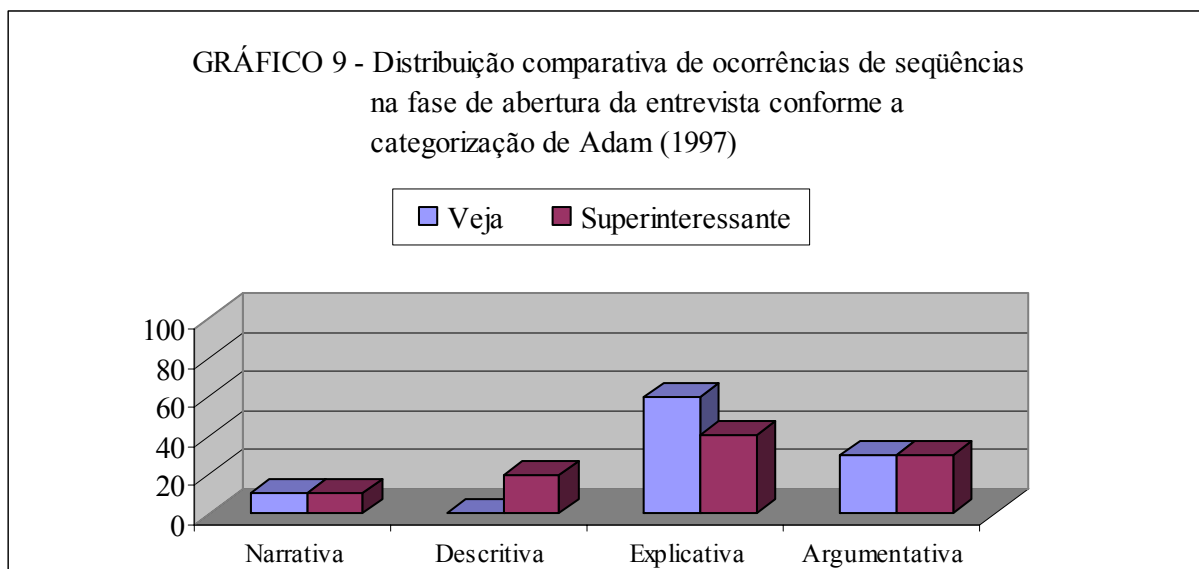
(117) Doutores sabem nada

Ex-editora de uma das mais respeitadas revistas médicas do mundo, Marcia Angell fala sobre os bastidores da indústria farmacêutica e diz que os médicos estão sendo educados para receitar os tratamentos mais caros – mas não necessariamente os melhores.

A médica americana Marcia Angell é capaz de curar sem dificuldade dores de cabeça. Mas ela prefere mesmo é causá-las. Acadêmica sênior do Departamento de Medicina Social da UniversidadeHarvard, Marcia escreve textos que cutucam a ética na medicina.[...].

(*Superinteressante*, 07/2006 – entrevista 19)

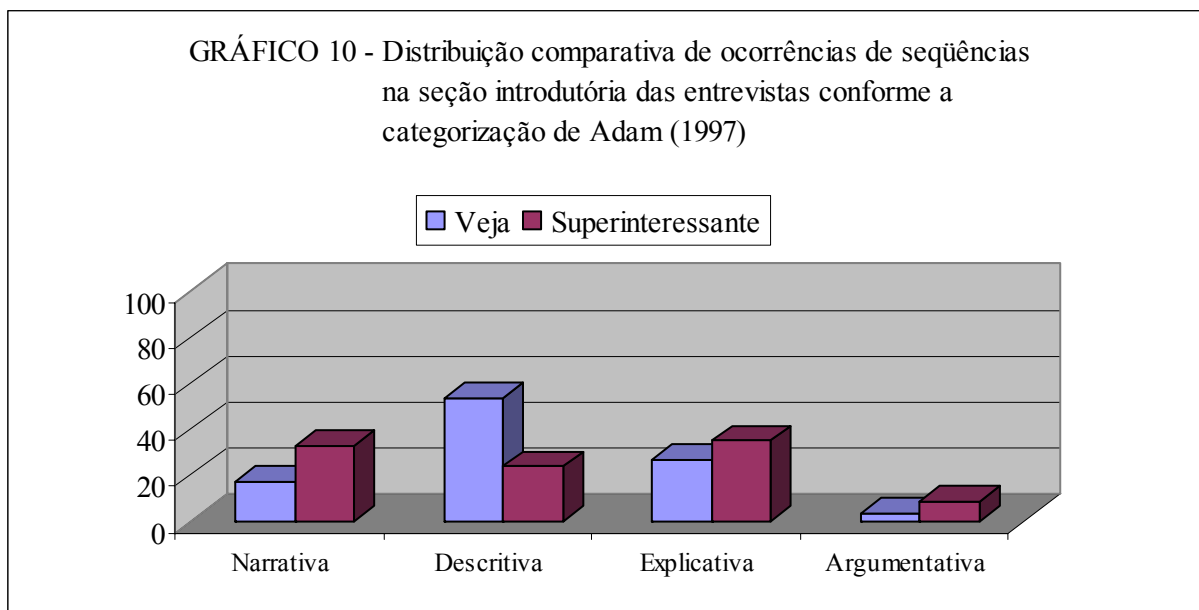
O Gráfico 9, a seguir, dá-nos uma visão detalhada da distribuição comparativa de ocorrências de seqüências na fase de abertura. Vejamos:



Por meio do Gráfico 9, podemos revelar que as ocorrências de seqüências nessa fase de abertura apresentam os seguintes percentuais: a seqüência narrativa tanto na revista *Veja* quanto na revista *Superinteressante* apresenta o mesmo percentual de 10%; em relação à seqüência descritiva, não há ocorrência dessa seqüência na *Veja* e, na *Superinteressante*, seu percentual de ocorrência é de 20%; a seqüência explicativa, em ambas as revistas do *corpus* de entrevistas selecionadas, apresenta a maior ocorrência, 60% em *Veja* e 40% em *Superinteressante*. Por fim, os percentuais de ocorrência da seqüência argumentativa distribuem-se igualmente em ambas as revistas: 30%.

Esclarecemos que os resultados do Gráfico 8 serão confrontados mais adiante com a fase de desenvolvimento, visto que buscamos averiguar se há, no que diz respeito à organização seqüencial do conteúdo temático na fase de abertura e a sua organização na fase de desenvolvimento, alguma relação.

Pela análise do Gráfico 10, a seguir, elucidamos a distribuição comparativa de ocorrências de seqüências na seção introdutória — a fase de abertura; a fase de apresentação do entrevistado e assunto — do *corpus* de análise das entrevistas selecionadas nas revistas *Veja* e *Superinteressante*.



Conforme a análise que procedemos do Gráfico 10, na revista *Veja*, a seqüência narrativa apresenta um percentual de 17%; a descritiva, de 53,2%; a explicativa, de 26,6%; e a argumentativa, 3,2%. Na revista *Superinteressante*, a seqüência narrativa tem o percentual de 32,5%; a seqüência descritiva aparece com 23,8%; a seqüência explicativa, com 34,9%; e a argumentativa, com 8,7%.

Sobre a seqüência dominante na seção introdutória do *corpus* de entrevistas nas duas revistas, há diferenças nos resultados. A seqüência descritiva é a dominante na revista *Veja*. Na revista *Superinteressante* os percentuais, apesar das diferenças, se contrabalançam entre as seqüências narrativa e explicativa.

Na revista *Veja*, a nosso ver, a dominância da seqüência descritiva, de acordo com o estatuto dialógico, tal como proposto por Bronckart (2003), deve-se ao fato de que a intenção da revista/entrevistador é orientada pelo efeito que deseja produzir em seus destinatários: fazer ver em detalhes os elementos do objeto, neste caso, o sujeito entrevistado, uma vez que se trata da fase de abertura e fase de apresentação do entrevistado e do assunto. Vale a pena ressaltar que, nessa revista, a descrição está mais voltada para a construção da imagem do sujeito entrevistado, fonte do dizer, como se vê em (118), a seguir:

(118) O doutor da alegria

Estrela de um seriado americano que mostra plásticas ao vivo, cirurgião brasileiro conta como propaga a beleza.

Bonitão e musculoso, o cirurgião plástico Robert Rey, 43 anos, virou campeão de audiência da TV a cabo americana operando, brincando com a filhinha de 3 anos e fazendo musculação no reality show *Dr. 90210*, que apresenta falando inglês com leve sotaque. Explica-se: Rey nasceu Roberto Miguel Rey Junior, filho de pai americano relapso e mãe gaúcha, no bairro da Lapa, em São Paulo ("o lado pobre, perto do mercado"). Aos 12 anos, foi para os Estados Unidos, viver com a família de um missionário mórmon. "Lá eu dormi numa cama pela primeira vez. Antes, dormia em cima de uma mesa velha", conta. Decidido a provar que não era apenas "um pé-rapado da América Latina", fez medicina em Harvard e hoje é dono de uma clínica no bairro das estrelas, Beverly Hills, onde fatura 4 milhões de dólares por ano e tem na lista de pacientes atores e atrizes de Hollywood. Por telefone, em português com muito sotaque, falou a VEJA.

(Veja, 10/11/2004 – entrevista 02)

No exemplo (118), acima, o entrevistador, após estabelecer o tema-título, *O doutor da alegria*, apresenta um conjunto de formas lexicais que predicam e caracterizam o sujeito entrevistado. Há, em parte, o estabelecimento de aspectualização que caracteriza o entrevistado em seus aspectos físicos e o estabelecimento de relação que pode ocorrer via comparação ou metáfora como em *era apenas um pé-rapado da América Latina e estrela de um seriado americano*.

Já na revista *Superinteressante*, de acordo com o Gráfico 10 (p.115), os resultados da predominância das seqüências narrativa e explicativa na seção introdutória das entrevistas, devem-se ao fato de que grande parte das entrevistas tratam de assuntos relacionados à ciência. Esse fato pode ser explicado, conforme os estudos de Bronckart (2003), a partir de duas proposições: a primeira é que, na seqüência narrativa, a organização dos acontecimentos e/ou das ações evocadas contribui para a manutenção da atenção do destinatário/leitor, de forma que esses acontecimentos encontram-se organizados em um todo coerente capaz de empreender uma tentativa de compreensão das questões da atividade humana e que será tratada na fase de desenvolvimento da entrevista.

A segunda proposição diz respeito ao propósito de que a revista considera que o objeto do discurso – o que será dizível, embora incontestável ao ponto de vista da revista, do entrevistador – corre o risco de ser de difícil compreensão, assim, tende a desenvolver uma seqüência explicativa, visto que, na maioria das vezes, o que é dito está estritamente relacionado ao conhecimento científico, ao amplo campo das diversas áreas do conhecimento, às inovações científicas, tecnológicas e, quase sempre, o público-alvo não tem o conhecimento prévio suficiente para compreensão de determinado conteúdo temático.

Observemos no exemplo (119) uma situação que ilustra a ocorrência da seqüência narrativa na seção introdutória:

(119) Ao cérebro o que é do cérebro

[1] Um aroma insuportável se espalha pelo velho casarão de Beam Hall, em Oxford, Inglaterra. [2] Com a ajuda de serrotes e tesouras, o médico Thomas Willis abre o crânio de um fidalgo decapitado. [3] Matemáticos, astrônomos e alquimistas observam com atenção a experiência nunca antes realizada. [4] Willis finalmente corta o último nervo, arranca o cérebro do morto e o levanta nas mãos para o assombro da platéia. [5] Tem início a anatomia da alma. [...].

(*Superinteressante*, 09/2004 – entrevista 11)

O plano da seqüência narrativa acima, é constituído pelo protótipo mínimo que se reduz à articulação de três macroproposições apresentadas do seguinte modo: situação inicial (início) [1], transformação (meio) [2,3,4] e a situação final (fim) [5]. Nessa situação, a escolha dessa seqüência é motivada pelo efeito que o agente-produtor deseja produzir em seus leitores: criar uma tensão.

Podemos observar agora, nos exemplos (120) e (121), a ocorrência da seqüência explicativa na seção introdutória:

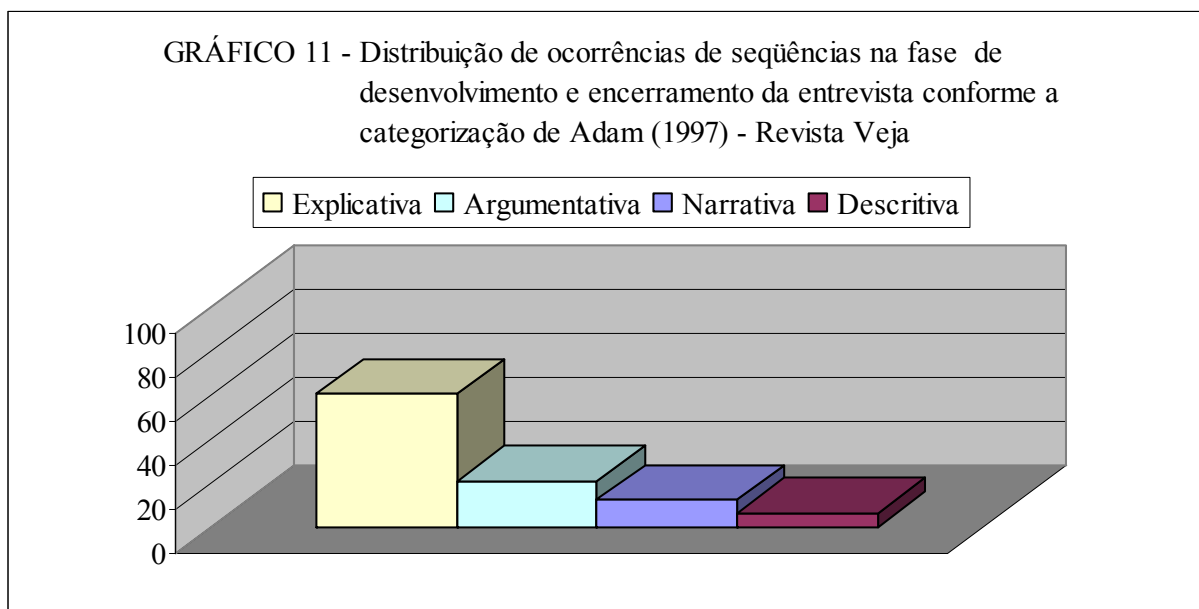
(120) [...] [1] Ao dar à alma novo endereço, Willis fundou a neurologia.[2] Mas não foi fácil:[3] no século 17, a idéia de que carne gelatinosa em nossas cabeças pudesse raciocinar sem depender de Deus ia além do simples absurdo.[4] Beirava a heresia. [...]
(*Superinteressante*, 09/2004 – entrevista 11)

(121) [...] [1] Ao conversar com a revista por telefone, Vlasak mostrou por que quando abre a boca assusta autoridades, aterroriza a indústria farmacêutica e recebe críticas da maior parte da comunidade científica. [2] Suas idéias são uma amostra do que muita gente chama de ecoterrorismo. [3] Acha, por exemplo, "moralmente aceitável" o assassinato de cientistas que utilizem cobaias de laboratório. [...]
(*Superinteressante*, 05/2005 – entrevista 16)

Como podemos notar, nos exemplos acima, o plano da seqüência explicativa é constituído pelo protótipo mínimo: [1] constatação inicial: trata-se de um acontecimento ou de uma ação que requer um desenvolvimento destinado a responder às questões colocadas; e [2,3,4] levantar e responder a um questionamento. Além disso, fica evidente que, em ambas as situações, as seqüências têm como características prover uma resposta à questão “Por quê?”.

Passemos para a fase de desenvolvimento da entrevista. A essa fase, em nossas análises, integramos a fase de encerramento, até porque em nenhum *corpus* de entrevistas esta fase de encerramento está explícita como as demais.

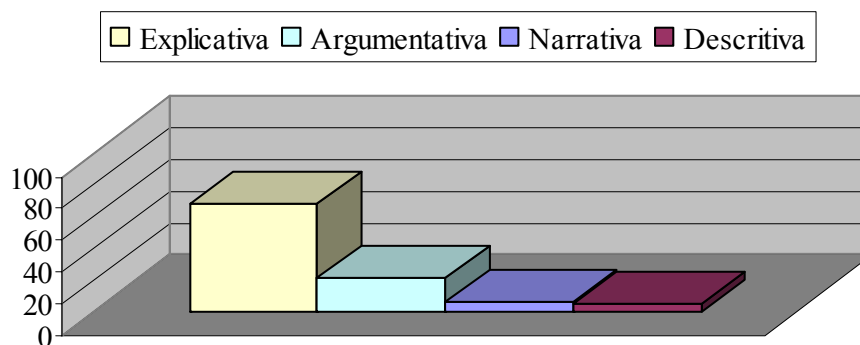
Vejamos o Gráfico 11, a seguir, que ilustra a distribuição de ocorrência de seqüências na fase de desenvolvimento e encerramento nas entrevistas do *corpus* de análise selecionado da *Veja*.



A leitura dos dados do Gráfico 10 revela-nos que o maior percentual de ocorrências é da seqüência explicativa, com 60,5%; em seguida, estão: a seqüência argumentativa, com 21%; a seqüência narrativa, com 12,1%; e, por último, está a seqüência descritiva, com 6,3%.

Julgamos oportuno, após a apresentação do Gráfico 10, apresentar o Gráfico 11, que mostra a distribuição de ocorrência de seqüências na fase de desenvolvimento nas entrevistas do *corpus* selecionado da revista *Superinteressante*. A razão é que ambos os gráficos apresentam semelhança na forma de distribuição das seqüências, como podemos ver a seguir:

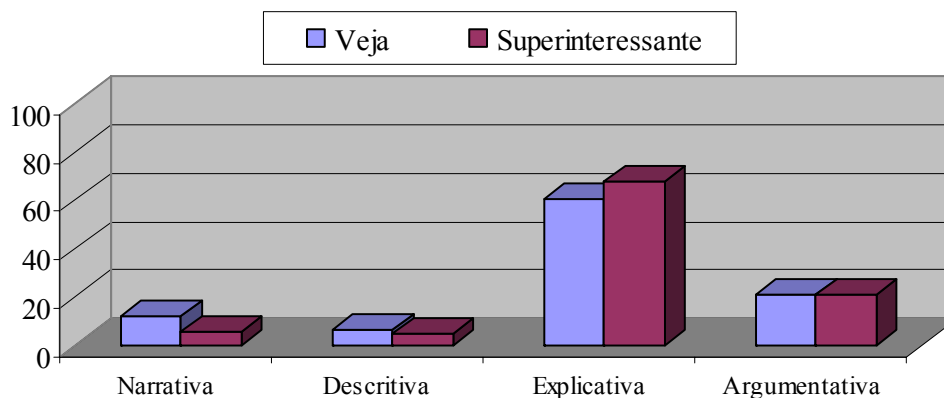
GRÁFICO 12 - Distribuição de ocorrências de seqüências na fase de desenvolvimento e encerramento da entrevista conforme a categorização de Adam (1997) - Revista Superinteressante



A leitura do Gráfico 12 revela-nos que a seqüência de maior ocorrência na fase de desenvolvimento e encerramento da entrevista é a seqüência explicativa, com 67,6%; em seguida, estão: a seqüência argumentativa, com 21,3%; a seqüência narrativa, com 6% e a seqüência descritiva, com 5,1%.

A fim de ratificar o que já havíamos afirmado sobre a aparente semelhança na forma de distribuição das seqüências, em ambas as revistas, na fase de desenvolvimento e encerramento do *corpus* de entrevistas selecionadas, propomos uma nova visualização desse fato, como podemos observar no Gráfico 13, a seguir:

GRÁFICO 13- Distribuição comparativa de ocorrências de seqüências na fase de desenvolvimento e encerramento das entrevistas conforme a categorização de Adam (1997)



As razões pelas quais as entrevistas apresentam maior frequência de seqüências explicativas deve-se, em primeiro lugar, aos propósitos da entrevista, a saber, explicar um fenômeno, obter opinião do entrevistado sobre um evento/assunto e, até mesmo, identificar celebridades.

Em segundo lugar, é o fato de que o agente-produtor, nesta situação específica, o entrevistado, considera que um objeto do discurso, embora incontestável ao produtor, corre o risco de ser problemático para os leitores; assim, ele tende a desenvolver a apresentação desse objeto mostrando quadros parciais de significação da idéia. Para tanto, Adam (1997) sustenta que a seqüência explicativa tem como característica prover uma resposta à questão *Como?* ou *Por quê?*. Eis os exemplos característicos de seqüências explicativas no *corpus* selecionado. A seqüência do exemplo (122) provê uma resposta à questão *Como...?*, Já a seqüência (123), é uma resposta à questão *Por quê?*.

(122) Como foi evolução das descobertas científicas sobre o cérebro?

Para Aristóteles, o cérebro era um refrigerador que mantinha o corpo frio e evitava que o coração esquentasse. Ele pensava que o coração era responsável por nossas sensações e percepções. Outros gregos descobriram o sistema nervoso, um avanço gigantesco, mas ninguém associava o cérebro ao que chamamos de mente. Muitos pensavam que ele era apenas uma bomba que expulsava espíritos do corpo. Na Idade Média, a Igreja combinou as idéias gregas com teologia cristã. Aprovou-se a visão de que o corpo servia de casa para três almas: a alma vegetativa do fígado, responsável pelos desejos; a alma vital do coração, produtora de calor e coragem; e a alma racional da cabeça. Essa noção foi quebrada no século 17, com o Círculo de Oxford, grupo liderado por Thomas Willis. Eles reconheceram o cérebro pelo que ele é de fato e inventaram uma nova ciência, que chamamos de neurologia.

(*Superinteressante*, 09/2004 – entrevista 11)

(123) Por que o senhor resolveu se instalar em Beverly Hills?

Em parte, por complexo de inferioridade. Tem muito racismo aqui. Meu nome, Roberto Miguel Rey, é claramente latino. Na escola, já sentia a presença de um certo racismo. Imigrante, aqui, é segunda classe. Eu sempre quis provar para mim mesmo e para todos que eu não era um pé-rapado da América do Sul. Qualquer pessoa pode sobressair em uma cidade pequena, que só tenha um cirurgião plástico. Eu queria conquistar o pico da montanha.

(*Veja*, 10/11/2004 – entrevista 02)

Ressaltamos também que tanto as seqüências descritivas quanto as explicativas, segundo Adam (1997), têm como característica prover uma resposta à questão *Como?*. A

diferença é que na descritiva a resposta tem uma forma procedimental (*Como fazer para...?*), com o propósito de descrever os passos para atingir um objetivo. Vejamos tal fato em:

(124) Que conselho prático a biopsicologia nos dá para o cotidiano?

Faça breves pausas durante o dia para respirar lenta e profundamente através do diafragma. Faça isso também quando lidar com pessoas irritantes ou negativas e se esforce para abrir o coração e manter a mente positiva. Lembre-se: simplesmente olhar para a foto de uma pessoa que você ama ajuda a diminuir os hormônios do estresse. Coloque em prática o que um estudo feito por uma seguradora americana comprovou: quando uma mulher beija seu marido antes que ele parta para o trabalho de manhã, a expectativa de vida dele aumenta cinco anos. A dela também.
(*Superinteressante*, 11/2004 – entrevista¹²)

O segmento acima, conforme Adam, constitui uma descrição de uma ação, pois tem como característica prover uma resposta a uma questão procedimental, tendo em vista que a entrevistada descreve os passos para atingir um objetivo.

Já sobre a seqüência argumentativa, Adam (1997) sustenta que, ao contrário da seqüência explicativa, que visa transformar uma convicção, estado de conhecimento, a seqüência argumentativa visa modificar uma crença, visão de mundo. Nesse sentido, a ocorrência da seqüência argumentativa é resultado do momento em que o produtor considera que um aspecto do discurso é contestável a seu ver e a do destinatário; assim, tende a organizar esse objeto de discurso em uma seqüência argumentativa. É o que vemos em (125) abaixo:

(125) Até onde vai seu ataque a Darwin?

Eu não estou atacando toda a teoria da evolução, mas apenas um componente chamado "seleção sexual". Não há nada a melhorar na teoria de Darwin sobre a seleção natural e a ancestralidade comum dos animais - ainda que a herança tenha sido revista nos anos 20 com a genética mendeliana. Mas Darwin também apontou algumas características de sobrevivência específicas de um determinado contexto social. Ele desenvolveu sua teoria de seleção sexual para explicar essas características e imaginou que coisas como o rabo do pavão evoluíram para aumentar a chance de copulação. As fêmeas escolheriam os pavões com a melhor cauda, porque seria um sinal de seus melhores genes. Em vez disso, eu argumento que uma fêmea está muito mais preocupada com os benefícios que um macho pode fornecer para criar filhotes que os "bons genes" que um macho "atraente" possa ter. A "qualidade genética" de todos (ou quase todos) os machos é praticamente idêntica e a escolha do parceiro não tem a ver com essa suposta "superioridade genética". Essas características servem mais para interações entre membros do mesmo sexo, como um ingresso de admissão dos machos na estrutura hierárquica da sociedade, e são praticamente irrelevantes nas relações entre macho e

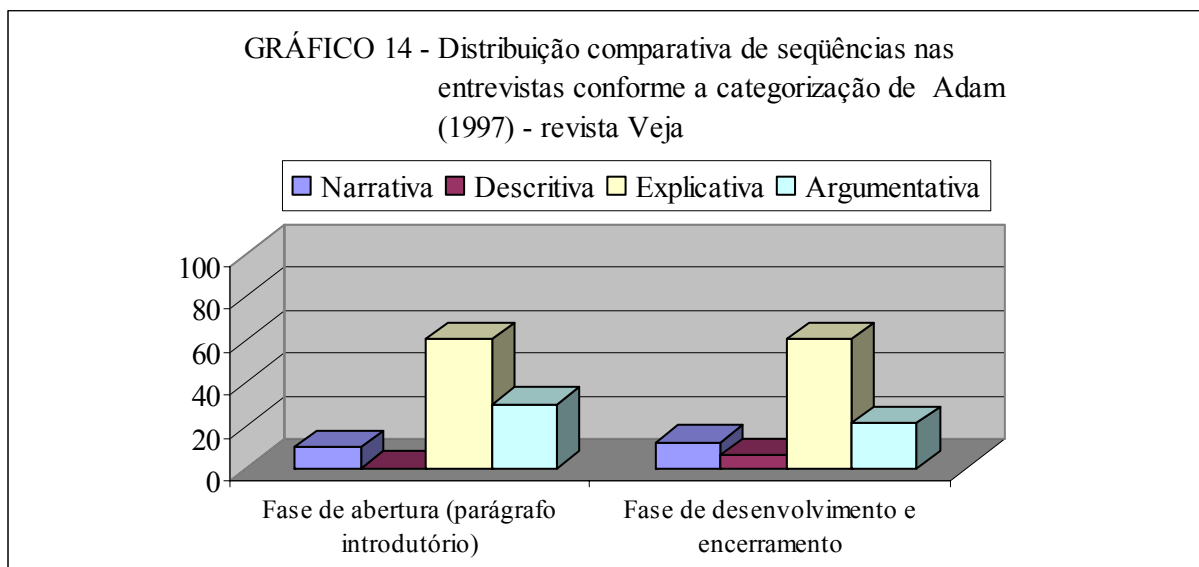
fêmea. Eu discordo que haja uma hierarquia genética entre os machos, assim a opção das fêmeas pelos "melhores genes" é um mito.
(*Superinteressante*, 12/2004 – entrevista 13)

No dizer de Bronckart (2003), as seqüências são modalidades de planificação do conteúdo temático. Assim, a seqüencialização de um segmento de texto registra a existência de uma operação de caráter dialógico. Conseqüentemente, a dimensão conteúdo temático e o tratamento dado a esse conteúdo podem ser investigados quando se parte dos estudos da organização seqüencial do texto.

É por isso que, no decorrer da descrição de nossas análises, ao identificarmos as seqüências em cada fase do gênero entrevista, registramos seu caráter dialógico. Nessa situação específica de nosso estudo, conforme apontam as análises, é sabido que esse estatuto dialógico das seqüências é a decisão tomada pelos produtores do texto — entrevistador e entrevistado — tendo em vista suas representações sobre o destinatário e sobre o fim que se pretende, orientados, portanto, pelo efeito que desejam produzir em seus leitores: fazer ver, criar uma tensão, resolver um problema, descrever ações, convencer e, sem sombra de dúvida, regular a interação.

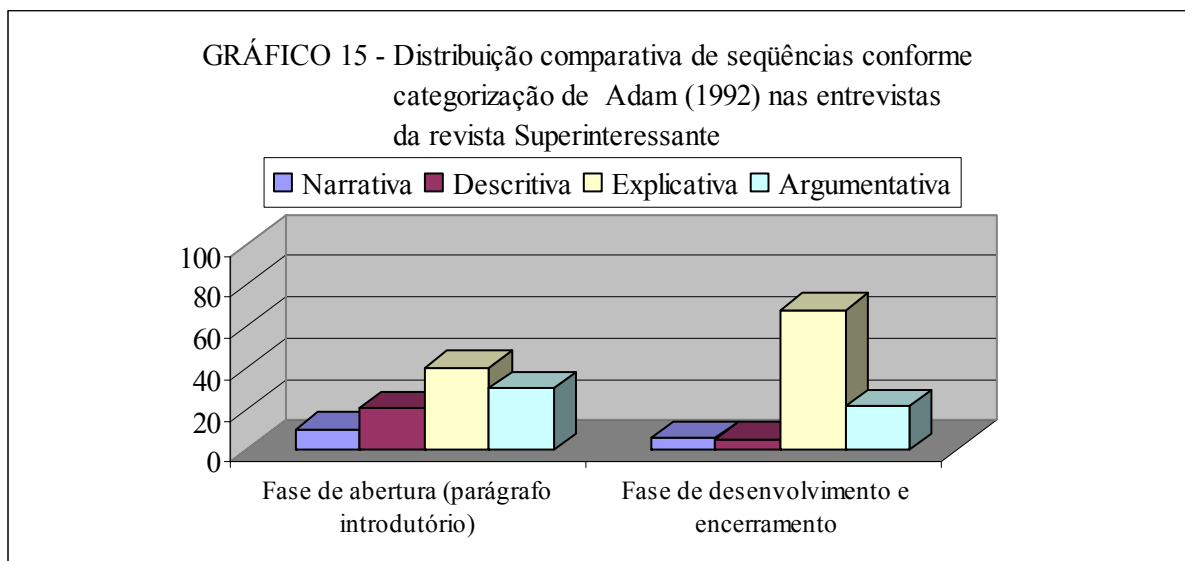
Procuramos, ao longo desta seção, proceder à discussão dos dados provenientes da distribuição e ocorrência de seqüências em todas as fases que compõem a entrevista e, antes de encerrar esse tópico, analisaremos a relação entre as seqüências do parágrafo introdutório do *corpus* de entrevistas selecionadas com as seqüências na fase de desenvolvimento e encerramento da entrevista.

Com essa análise, buscamos averiguar se há relação entre essas fases, no que diz respeito à organização seqüencial do conteúdo temático na fase de abertura e a sua organização seqüencial na fase de desenvolvimento e encerramento, uma vez que foi possível perceber que o propósito desse parágrafo introdutório, a fase de abertura, no *corpus* de análise das entrevistas, é mostrar o que será dizível a partir de determinada organização seqüencial. Vejamos o Gráfico 14, a seguir:



A leitura horizontal comparativa do Gráfico 14 revela-nos que os resultados da ocorrência de seqüências entre as fases de abertura, desenvolvimento e encerramento no *corpus* de entrevistas selecionadas da revista *Veja* são significativamente próximos. A seqüência narrativa, na fase de abertura, apresenta um percentual de 10 %, a mesma, na fase de desenvolvimento e encerramento, tem um percentual de 12,1%; na fase de abertura, a ocorrência de seqüência descritiva é nula, em contrapartida, na fase de desenvolvimento e encerramento, o percentual é de 6,3%; a seqüência explicativa, em ambas as fases, apresenta o maior percentual de ocorrência e, também, praticamente o mesmo, isto é: 60% na fase de abertura e 60,5% fase de desenvolvimento e encerramento; já a seqüência argumentativa apresenta o segundo maior percentual: 30% na fase de abertura e 21% na fase de desenvolvimento e encerramento. Isso significa dizer que 70% das entrevistas do *corpus* selecionado apresentam predominância da mesma seqüência entre a fase de abertura (parágrafo introdutório em que o conteúdo temático é apresentado) e a fase de desenvolvimento e encerramento da entrevista.

Observemos agora essa relação entre a fase de abertura e a fase de desenvolvimento e encerramento no *corpus* de entrevistas selecionadas da revista *Superinteressante*, conforme o Gráfico 15, a seguir:



Conforme nos revela a leitura horizontal comparativa do Gráfico 14, a seqüência narrativa, na fase de abertura, apresenta um percentual de 10 %. Essa seqüência, na fase de desenvolvimento e encerramento, tem um percentual de 6%; a ocorrência da seqüência descritiva, na fase de abertura, é de 20% e 5,1% na fase de desenvolvimento e encerramento; a seqüência explicativa, em ambas as fases, apresenta o maior percentual de ocorrência: 40% na fase de abertura e 67,6% na fase de desenvolvimento e encerramento; já a seqüência argumentativa apresenta o segundo maior percentual: 30% na fase de abertura e 21,3% na fase de desenvolvimento e encerramento e é praticamente os mesmos percentuais correspondentes a essa seqüência no Gráfico 13 (p.119), referente às análises da revista *Veja*. Partindo desses resultados, podemos afirmar que 60% das entrevistas do *corpus* de entrevistas selecionadas da revista *Superinteressante* apresentam predominância da mesma seqüência entre a fase de abertura em que o conteúdo temático é apresentado e a fase de desenvolvimento e encerramento da entrevista.

Analisando esses resultados, é possível percebermos que, em grande parte do *corpus* de análise, há uma relação direta entre a organização seqüencial do parágrafo introdutório e o desenvolvimento e encerramento da entrevista. Por conseguinte, é possível afirmarmos que, em relação ao conteúdo temático, uma das dimensões constitutivas do gênero, não há subordinação aos tipos de seqüências que organizam o gênero, ao contrário, as seqüências adaptam-se ao conteúdo dizível do gênero entrevista, a fim de atender ao propósito desse evento comunicativo, orientado pelo efeito que deseja produzir em seus leitores. O exemplo (126), a seguir, é uma entrevista com Bob Iger, presidente da Disney, que ilustra claramente essa questão, pois o parágrafo introdutório – fase de abertura da entrevista – sinaliza a

organização do conteúdo que será dizível a partir do predomínio da sequência explicativa (conforme Gráfico 9, p.114), de forma que o predomínio dessa sequência, na fase de abertura, pressupõe seu domínio na fase de desenvolvimento e encerramento da entrevista (conforme Gráfico 11, p.118). Observe-se:

- (126) O novo presidente da Disney fala de seus planos para a companhia e de como a tecnologia está mudando o mundo do entretenimento.
(*Veja*, 29/03/2006 – entrevista 08)

O exemplo acima caracteriza-se como uma sequência explicativa, pois está implícito que o propósito da entrevista é construir um desenho claro de uma idéia. Dessa forma, a sequência explicativa busca responder à questão *Como?*. Ressaltamos, também, que para Adam (1997), não existe sequência expositiva. Para ele, os casos apontados como exposição podem ser reinterpretados como uma sequência descritiva ou explicativa.

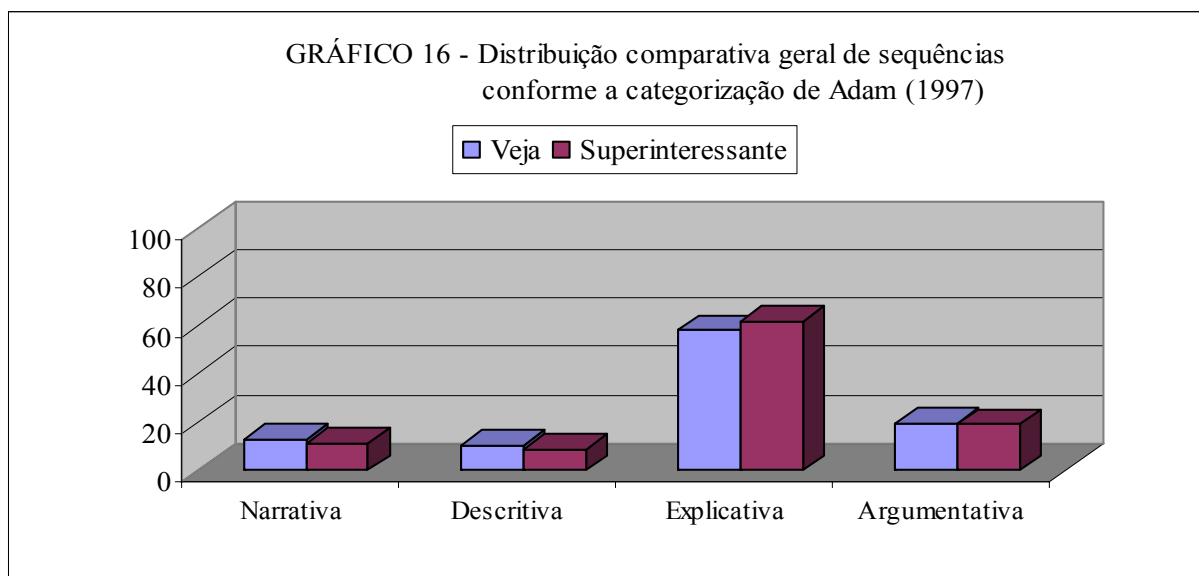
Observemos agora o exemplo (128), a seguir, que ilustra a relação entre a fase de abertura e a fase de desenvolvimento e encerramento. Neste caso, o parágrafo introdutório – fase de abertura – da entrevista, intitulada *O ecoterrorista*, com o ativista Jerry Vlasak, sinaliza a organização do conteúdo que será dizível a partir do predomínio da sequência argumentativa (conforme Gráfico 9, p. 114), de forma que o predomínio dessa sequência na fase de abertura, pressupõe seu domínio na fase de desenvolvimento e encerramento da entrevista (conforme Gráfico 12, p. 119).

- (127) Para o ativista Jerry Vlasak, vale tudo na luta contra o uso de animais como cobaias em testes de laboratórios. Até matar cientistas.
(*Superinteressante*, 05/2005 – entrevista 16)

Segundo Bonini (2005), o ato argumentativo consiste na contraposição de enunciados, tendo sua sustentação em operadores argumentativos e, dessa forma, visa modificar uma crença (visão de mundo). É o que ilustra a proposição acima, que ganha caráter argumentativo a partir da constatação de que o agente-produtor considera que o aspecto do tema que expõe é contestável. Além do mais, é preciso retomar a afirmação de Adam (1997) de que a proposição está em relação pragmática de dependência com a sequência textual que, por sua

vez, está em relação pragmática com o gênero (enunciado). Nesse conjunto de relações, as marcas formais interagem com uma exterioridade (condições de enunciações).

Por fim, vejamos o Gráfico 16, a seguir:



Por intermédio do Gráfico 16, podemos ilustrar a distribuição comparativa geral das seqüências no *corpus* de entrevistas selecionadas das revistas *Veja* e *Superinteressante*, de forma que essa distribuição representa todas as fases da entrevista, conforme caracterizadas por Scheneuwly e Dolz (2004): a fase de abertura, a fase de apresentação do entrevistado e assunto, a fase de desenvolvimento e a fase de encerramento. Uma leitura horizontal dos dados desse Gráfico, observando a ocorrência das seqüências, revela os seguintes percentuais: a ocorrência da seqüência narrativa na revista *Veja* é de 12,5%, na *Superinteressante*, é de 10,9%; a seqüência descritiva, em ambas as revistas, apresenta a menor ocorrência: na *Veja* é de 10% e na *Superinteressante* é de 8,6%. Ao contrário da descritiva, a seqüência explicativa apresenta a maior ocorrência: na *Veja*, 57,9% e na *Superinteressante*, 61,5%. Já a ocorrência da seqüência argumentativa é de 19,6% para a *Veja* e de 18,9% para a *Superinteressante*. Por conseguinte, esses resultados explicam e confirmam, a nosso ver, a hipótese de que a característica de estabilidade do gênero é determinada a partir das regularidades apresentadas no conteúdo temático, na construção composicional e no estilo. Mais especificamente, neste caso, na construção composicional.

Ainda com base nos resultados do Gráfico 16, chamamos atenção para um aspecto relevante: os resultados das seqüências narrativa, descritiva, explicativa e argumentativa, em

ambas as revistas do *corpus* de entrevistas selecionadas, apresentam, apesar de uma pequena diferença nos percentuais, resultados aparentemente compatíveis. Tal assertiva conduz-nos às concepções bakhtinianas, que apontam para as seguintes proposições: a primeira é de que as formas estáveis de gênero do enunciado dizem respeito à escolha de determinado gênero e, com isso, ao emprego de certas formas típicas em um determinado campo de comunicação discursiva. A segunda proposição diz respeito ao enunciado que, apesar de apresentar como características, a individualidade, a singularidade e a criatividade, não pode ser considerado como uma combinação absolutamente livre de configurações de língua; e, por último, está a proposição relacionada às formas de enunciados e heterogeneidade de sua estrutura composicional.

Portanto, parece-nos ser possível afirmar que a seqüência explicativa, intercalada à seqüência dialogal, é a de maior ocorrência no *corpus* de entrevistas selecionadas nas revistas *Veja* e *Superinteressante*, de forma que os resultados também confirmam estudos anteriores que as caracterizam como explicativa.

Em contrapartida, os resultados também são significativos em relação à variedade de ocorrência de seqüências, e isso nos autoriza a assumir a nossa hipótese inicial de que o gênero entrevista é uma atividade de linguagem altamente padronizada, que implica expectativas normativas específicas da parte dos interlocutores, mas possibilita, em sua arquitetura, maior heterogeneidade de seqüências textuais.

No capítulo seguinte, apresentaremos as considerações finais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, investigamos a arquitetura textual do gênero entrevista jornalística impressa e, assim, demonstramos entre outras coisas como o gênero entrevista jornalística, pertencente ao amplo campo da comunicação midiaticizada, pode ser inserido na definição bakhtiniana de enunciado concreto, tendo em vista a análise das três dimensões indissociáveis do gênero – conteúdo temático, construção composicional e estilo –; a natureza composicional extremamente heterogênea da linguagem, partindo da noção de seqüência, conforme a proposta de Adam (1997) e do estatuto dialógico das seqüências, segundo Bronckart (2003).

Dessa forma, na perspectiva de cumprirmos os objetivos desta pesquisa, analisamos as três dimensões indissociáveis que constituem a identidade do gênero entrevista, por conseguinte, a consecução dos objetivos e os respectivos resultados das análises podem ser resgatados a partir das considerações aqui expostas.

No primeiro plano investigado – plano de ação da linguagem – sustentamos a perspectiva bakhtiniana de que os gêneros e os textos a eles pertencentes não podem ser compreendidos, produzidos ou conhecidos sem referência aos elementos de sua situação de produção, de forma a considerar os aspectos da interação e das condições sócio-históricas de produção.

Nessa perspectiva, em se tratando das condições de produção e sua relação com o conteúdo temático, nossas análises indicaram a estreita relação entre o conteúdo dizível do *corpus* de entrevistas e determinada situação sócio-histórica. Verificamos, então, que o gênero entrevista jornalística impressa demonstra um diálogo direto com o momento histórico em que se situa, o que possibilita ao gênero, dessa forma, interagir com seus destinatários. Esse resultado, portanto, confirma a perspectiva bakhtiniana que diz que o enunciado deve ser enfrentado em sua historicidade, em sua concretude, para ultrapassar a dimensão meramente lingüística.

Além do mais, em ambas as revistas, das quais retiramos o nosso material de pesquisa, conforme o *corpus* de análise do perfil dos entrevistados, os dados mostraram que a grande maioria de entrevistados são indivíduos do sexo masculino, cuja nacionalidade é, em sua maioria, norte-americanos, seguida, de brasileiros e de ingleses. Grande parte da amostra analisada é constituída por escritores, professores, pesquisadores/cientistas e políticos (no

caso da revista *Veja*). De acordo com esses resultados, constatamos que a escolha dos entrevistados confirma a perspectiva de estilo, no sentido bakhtiniano, pois atende aos propósitos que sustenta essa escolha, uma vez que está intrinsecamente constituída de uma história, de uma cultura e, também, da autenticidade de um acontecimento, de forma a representar o mundo por meio das palavras.

A respeito do estilo, no segundo plano investigado – plano das propriedades discursivas – verificamos que tanto o indivíduo-entrevistador, quanto o indivíduo-entrevistado; ao proferirem os enunciados não intervêm neles em seu próprio nome, mas como entrevistador e entrevistado investidos dos papéis sociais vinculados ao exercício dos diversos rituais da imprensa jornalística e, assim, revelam o caráter midiaticizado da enunciação. Nesse campo midiaticizado, julgamos que o indivíduo deixa de ser **o indivíduo** e passa a ser **uma imagem**.

A par dessas questões sobre a imagem do entrevistado e sobre o estilo de sua apresentação, que dizem respeito às formas lexicais que fazem referência imediata ao sujeito entrevistado, os resultados indicaram, apesar da diferença de percentuais, a dominância das mesmas formas lexicais em ambas as revistas. Julgamos que essas formas lexicais – sintagma nominal (nome e/ou sobrenome do sujeito entrevistado); grupo nominal definido; grupo nominal definido + sintagma nominal (nome e/ou sobrenome do sujeito entrevistado); e sintagma nominal (nome e/ou sobrenome do sujeito entrevistado) acrescido de aposto – convergem para um processo de construção da imagem do entrevistado que, além de atender ao propósito inicial da seção introdutória das entrevistas e apresentar o sujeito entrevistado e o assunto, são, na verdade, formas de constituição de um modelo de imagem do entrevistado pretendida pela revista. Nesta situação, por exemplo, a apresentação do entrevistado Giancarlo Zizola (*Veja*, 13/04/2005 – entrevista 05), a partir de uma expressão nominal – grupo nominal definido – *o principal vaticanólogo italiano*, expressa, no início da entrevista, o projeto de dizer do entrevistador da revista e determina a posição de onde o sujeito entrevistado fala: não como **o sujeito vaticanólogo**, mas na posição de **o principal vaticanólogo italiano**.

Ainda sobre as escolhas lexicais, as análises indicaram que o entrevistador ou entrevistado, ao eleger certos itens lexicais, tem a intenção de dar um tom mais agressivo, polêmico ou, até mesmo, de aparente neutralidade à entrevista. Esse recurso nos autoriza a dizer que as escolhas lexicais atendem sempre a um objetivo dos produtores do texto, principalmente do entrevistador, pois o tom polêmico da entrevista resulta na imagem de um

entrevistado contestador e agressivo. Essa imagem, na verdade, é apenas uma reação do entrevistado ao tom polêmico das perguntas a ele dirigidas.

Em relação à forma de tratamento do entrevistador para com o entrevistado, há significativas diferenças, em ambas as revistas, no uso dos pronomes de tratamento. Em situações menos freqüentes, conforme o *corpus* de análise, o pronome de tratamento formal *senhor (a)* tende a sobressair sobre a informal e vice-versa. Nessa situação, a revista leva em consideração quem está sendo entrevistado. Já na maioria das entrevistas, a presença da forma de tratamento informal *você* é mais significativa. A razão é o fato de que não há pretensão da revista em criar um ambiente de formalidade. Há também situações em que a presença desses pronomes – formal e informal – nas entrevistas do *corpus* de análise é quase insignificante. Pode-se considerar que o uso e o não uso do pronome de tratamento revelam o caráter flexível e singular do gênero investigado.

Quanto ao estilo de apresentação das entrevistas, que diz respeito à escolha dos títulos no sumário e na seção destinadas às entrevistas, em ambas as revistas, essa escolha também apresenta sua singularidade e revela que o estilo não se traduz somente pelas escolhas dos títulos que são feitas para apresentar um assunto, mas também da relação que a revista mantém, ou pretende manter, com seus leitores – antecipar e revelar o conteúdo a ser dizível; antecipar e revelar a intenção da situação comunicativa, conforme as capacidades de linguagem; e direcionar os leitores à compreensão do assunto.

Outra marca que orienta a interpretação dos leitores é o uso, por parte do entrevistado, de frases interrogativas. Consideramos que esse recurso instiga a atenção do entrevistador no momento da situação de comunicação e conduz os leitores a possíveis interpretações. Assumimos que esse estilo revela-se como uma forma de restrição destinada a orientar os leitores em sua compreensão.

Um índice que também orienta o leitor no trabalho de reconhecer o que será dizível na entrevista é a escolha de trechos de fala do entrevistado fora do contexto da entrevista, em *boxes*. Julgamos que essa escolha não é aleatória, pois a revista mostra sua posição enunciativa ao selecionar aqueles trechos que considera mais convenientes para serem destacados, de forma a deixar escapar a aparente neutralidade de sua voz como apenas gerenciadora de outras vozes.

Um outro dado significativo que diz respeito aos mecanismos enunciativos é a presença das perguntas planejadas com citações ou proposições que, além de possibilitarem ao entrevistador a tentativa do controle da interação, são marcas explícitas de diferentes vozes, às quais são atribuídas a responsabilidade do enunciado. Logo, o entrevistador,

conforme o conceito bakhtiniano de polifonia, é considerado como regente do grande coro de vozes que participam do processo dialógico e, podemos, assim, sustentar que a polifonia é também característica do gênero entrevista jornalística impressa.

As análises também evidenciaram que a aparente preocupação do entrevistador e do entrevistado com a linguagem formal não desautoriza esses sujeitos envolvidos na interação de tornar suas falas mais expressivas com o uso da linguagem informal. Pode-se então afirmar que as marcas coloquiais têm o propósito de aproximar a entrevista de um momento real de comunicação e provocar no leitor o efeito que o entrevistador e entrevistado estão compartilhando uma conversa mais íntima entre os envolvidos nesta interação.

Evidentemente, apesar de o entrevistador controlar a interação, os resultados nos apontaram que o entrevistado não está completamente sob o poder do entrevistador. Verificamos que há estratégias que o entrevistado utiliza para evitar responder diretamente às perguntas do entrevistador tais como: enfatizar um aspecto da pergunta e ignorar um outro; às vezes, deixar implícito seu posicionamento quando é solicitado a revelar e, até mesmo, a não-concordância ao que é questionado, a ponto do entrevistado refazer a questão. Essas estratégias comprovaram a concepção dialógica de enunciado de Bakhtin, pois o caráter dialógico do enunciado se dá em face das trocas entre interlocutores e assim não há um receptor passivo.

A respeito do último plano investigado – o plano geral do texto: a construção composicional – os resultados apresentaram singularidades na apresentação das entrevistas conforme cada uma das revistas selecionadas, bem como no espaço dedicado a elas e na organização do dito. No entanto, o esquema básico – pergunta e resposta –, em ambas as revistas, é uma marca que confirma a estabilidade desse gênero.

Sobre as relações entre oral e escrita, mantemos a posição de que a entrevista é um gênero oral, embora sustente o gênero escrito, pois, apesar de as entrevistas do *corpus* de nossa análise serem publicadas em revistas, na maioria das vezes, conforme nossos dados, elas foram feitas oralmente e depois transcritas para a publicação.

No gênero entrevista, a relação entre oral/escrita também prova que o modo de manifestação material do discurso, bem como seu modo de difusão, oral, escrito, tela do computador, modificam o conjunto do gênero entrevista jornalística. Isso, para nós, significa afirmar a inseparabilidade entre a análise do gênero de seus modos e redes de transmissão e do quadro social de sua produção e circulação.

Coerente com esse percurso, resta-nos agora discutir, mais especificamente, a organização composicional do gênero entrevista, mediante os resultados do *corpus* de análise,

com base na identificação das seqüências que o atravessam e sua relação com o conteúdo temático.

Sobre a seqüência dominante na seção introdutória das entrevistas, houve diferenças de resultados, isto é: as revistas apresentam singularidades na forma de organização do dito, pois a seqüência descritiva é a dominante na revista *Veja*. Na revista *Superinteressante*, os percentuais, apesar das diferenças, se contrabalançam entre as seqüências narrativa e explicativa.

Quanto à fase de desenvolvimento das entrevistas selecionadas, a aparente semelhança na forma de distribuição das seqüências, em ambas as revistas, atende aos propósitos da entrevista tal como discutimos no capítulo teórico (capítulo 1) e no capítulo de análise (capítulo 3), a saber, explicar um fenômeno; obter opinião do entrevistado sobre um evento/assunto; e, até mesmo, identificar celebridades. Essa aparente semelhança deve também ao fato de que, conforme o estatuto dialógico das seqüências, o entrevistado considera que um objeto do discurso, embora incontestável ao seu ponto de vista, corre o risco de ser problemático para os leitores; assim, ele tende a desenvolver a apresentação desse objeto mostrando quadros parciais de significação da idéia.

Buscamos também averiguar se há uma relação entre a fase de abertura – parágrafo introdutório – e a fase de desenvolvimento e encerramento da entrevista, no que diz respeito à organização seqüencial do conteúdo temático nessas fases. Comprovamos que o propósito desse parágrafo introdutório é mostrar o que será dizível a partir de determinada organização seqüencial, dessa forma, há uma relação direta entre a organização seqüencial do parágrafo introdutório e o desenvolvimento e encerramento da entrevista.

Por conseguinte, afirmamos que o conteúdo temático, uma das dimensões constitutivas do gênero, não está subordinado aos tipos de seqüências que organizam o gênero, ao contrário, as seqüências adaptam-se ao conteúdo dizível do gênero entrevista, a fim de atender ao propósito dos produtores do texto – entrevistador e entrevistado –, tendo em vista suas representações sobre o destinatário e orientados pelo efeito que desejam produzir em seus leitores: fazer ver, criar uma tensão, resolver um problema, descrever ações, convencer e, sem sombra de dúvida, regular a interação. Diante dessa posição, confirmamos a nossa hipótese de que a dimensão conteúdo temático pode ser investigada quando se parte dos estudos da organização seqüencial do texto.

Em se tratando da distribuição comparativa geral das seqüências nas entrevistas, de forma a representar todas as suas fases, os resultados mostraram-se, apesar de uma pequena diferença nos percentuais, compatíveis em ambas as revistas: a seqüência explicativa

apresenta a maior ocorrência, seguida das seguintes seqüências: argumentativa, narrativa e, por último, a descritiva. Isso significa que a seqüência explicativa, intercalada à seqüência dialogal, é a de maior ocorrência no *corpus* de entrevistas selecionadas nas revistas *Veja* e *Superinteressante*, de forma que esses resultados também confirmaram estudos anteriores que caracterizam a entrevista como explicativa (a grande maioria dos estudos categoriza a entrevista como um texto expositivo).

Portanto, esses resultados já discutidos, referentes aos três planos aqui expostos, apesar das singularidades no estilo e na organização do dito, explicam e confirmam a hipótese de que a característica de estabilidade do gênero é determinada a partir das regularidades apresentadas no conteúdo temático, na construção composicional e no estilo.

Outra hipótese confirmada refere-se aos resultados significativos na variedade de ocorrência de seqüências, e isso nos autoriza a assumir que o gênero entrevista é uma atividade de linguagem altamente padronizada, que implica expectativas normativas específicas da parte dos interlocutores, e, mesmo assim, possibilita em sua arquitetura uma maior heterogeneidade de seqüências textuais.

Consideramos, então, que essa variedade de ocorrências de seqüências textuais que atravessam o gênero entrevista é resultado de duas considerações: a primeira consideração refere-se à natureza composicional profundamente heterogênea de toda a produção da linguagem. Significa, portanto, dizer, nas palavras de Adam, que “[...] cada texto é uma realidade heterogênea demais para que seja possível encerrá-lo nos limites de uma definição estrita.” (ADAM, 1997, p.19)⁴⁰. A segunda consideração refere-se ao estatuto dialógico da seqüência, tendo em vista os objetivos do entrevistador e entrevistado. Conseqüentemente, essas duas afirmações, acima citadas, ratificam o que já havíamos mencionado, ou seja, o pensar a entrevista não só como um texto explicativo, como também como um texto **meramente dialogal**.

Dessa maneira, analisar as diferentes posições dos teóricos em relação à entrevista, permite-nos afirmar que, embora as pesquisas sobre gêneros textuais tenham se ampliado bastante nos últimos tempos, há, ainda, muitos campos a serem explorados em termos de descrição e de compreensão de como funcionam o gênero entrevista jornalística (imprensa escrita).

É interessante considerar que os resultados apresentados confirmaram a idéia de que não podemos nos limitar apenas à estrutura lingüística, pois as condições de produção do

⁴⁰ [N.T.] Tradução nossa.

gênero – o plano de ação da linguagem; o plano das propriedades lingüístico-discursivas – o estilo –; e a organização do plano textual – construção composicional; estão a serviço de determinadas intenções dos produtores do texto – entrevistador e entrevistado.

Mas, antes de tudo isso, é necessário compreendermos que, ao longo desse percurso, nossas análises revelaram que é possível um trabalho orientado pelo uso da língua. As inúmeras peculiaridades do gênero entrevista jornalística impressa escrita nos capacita a entendê-las e a identificar os componentes criativos de uma relação dialógica.

Concluindo nosso trabalho, queremos chamar a atenção para as possíveis contribuições de nosso estudo para futuras pesquisas. Ao investigarmos o plano das propriedades lingüístico-discursivas – o estilo –, a forma de tratamento do entrevistador para com o entrevistado revela situações diferenciadas de uso desse pronome. Como exemplo, a *Superinteressante*, apesar de o perfil de entrevistados, em grande parte composta de especialistas – pesquisadores/cientistas – em áreas do conhecimento científico, não há ocorrência do pronome de tratamento formal. E, de maneira geral, a presença do pronome de tratamento informal é relativamente baixa. Essa situação, a nosso ver, abre possibilidades de investigação que deixaremos em aberto e diz respeito à noção de *ethos* da revista que se mostra no ato de enunciação, isto é: são os traços de caráter que, segundo Roland Barthes (1996 apud Maingueneau, 2006), o orador deve mostrar ao auditório, a fim de causar boa impressão. Uma outra situação que também nos instiga, diz respeito ainda à noção de *ethos*, é a apresentação das entrevistas no sumário e na seção destinadas a elas. A título de exemplificação, o sumário da revista *Superinteressante* intitula a seção entrevista com os seguintes dizeres: “A transexual Joan Roughgarden contesta Darwin” (*Superinteressante*, 22/2004 – entrevista 14). Nesse caso, o modo de presença do sujeito enunciador por meio de seu *ethos* faz presumir que qualquer um pode fazer ciência. Em suma, acreditamos que essa discussão a respeito do conceito de *ethos* merece atenção de futuras pesquisas.

Além do que já foi mencionado, essa pesquisa abre caminhos para vários tópicos relacionados ao estudo da entrevista. É possível ampliar a abordagem de entrevistas jornalísticas impressas a outras revistas, quanto contrastá-las com outro suporte, como o televisivo. Além disso, os modelos de análise do *corpus* descritos nesta pesquisa podem ser utilizados como base para o estudo e pesquisas de gêneros discursivos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACUNÃ, M. A caminho de Mercúrio. **Superinteressante**, São Paulo, edição 224, mar. 2006. Entrevista concedida a Eduardo Szklarz. Disponível em: <http://super.abril.com.br/super/papo/conteudo_122645.shtml>. Acesso em: 24 jan. 2006.

ADAM, J-P. **Les textes**: types et prototypes: récit, description, argumentation, explication et dialogue. 3. ed. Paris: Natan, 1997

AGUIAR, T. M. T. Títulos, para que os quero? In.: DIONÍSIO, A.P; BESERRA, N. S. (Orgs.). **Tecendo textos**: construindo experiências. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003. p. 55-79.

ALBANESE, D. O caçador de tesouros. **Superinteressante**, São Paulo, edição 229, ago. 2004. Entrevista concedida a Marcelo Bortoloti. Disponível em: < http://super.abril.com.br/super/edicoes/229/papo/conteudo_155102.shtml#top>. Acesso em: 24 jan. 2006.

ALTMAN, F. (Org.). **A arte da entrevista**. Tradução de Inês Antonia Lohbauer; Maria dos Anjos Santos Rouch; Rosanne Pousada. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2004. 478 p.

ANDREWS, S. Emoção em Moléculas. **Superinteressante**, São Paulo, edição 206, nov. 2004. Entrevista concedida a Caco de Paula. Disponível em: <http://super.abril.com.br/super/edicoes/206/papo/conteudo_53416.shtml>. Acesso em: 24 jan. 2006.

ANGELL, M. Doutores sabem nada. **Superinteressante**, São Paulo, edição 228, jul. 2006. Entrevista concedida a Tania Menai. Disponível em: < <http://super.abril.com.br/super/ed.shtml>>. Acesso em: 24 jan. 2006.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p.261- 306.

BONINI, A. **Reflexões em torno de um conceito psicolingüístico de tipo de texto DELTA**, São Paulo, v. 15, n. 2, 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501999000200004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 05 Out 2006. doi: 10.1590/S0102-44501999000200004. 106P.

_____. Entrevista por e-mail: pragmática de um gênero (des)conhecido ou problemas comunicativos na variação do gênero. **Revista de Letras**, Fortaleza, CE, v. 22, n. 1 e 2, p. 5-13, 2000.

_____. Gênero Textual como signo lingüístico: os reflexos da tese da arbitrariedade. **Revista Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 1, n. 2, jan./jun. 2001.

_____. **Gêneros textuais e cognição**: um estudo sobre a organização cognitiva da identidade dos textos. Florianópolis: Insular, 2002. 240p.

_____. A noção de seqüência textual na análise pragmático-textual de Jean-Michel Adam. In.: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Orgs.). **Gêneros textuais**: teorias, métodos, debates. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 208-236.

BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin**: conceitos-chave. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2005. 223 p.

BRAIT, B.; MELO, R. Enunciado/enunciado concreto/enunciação. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin**: conceitos-chave. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2005. p.62-78.

BRASIL, Secretaria de Educação do Ensino Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998. 106 p.

BRONCKART, J.-P. **Atividade de linguagem, textos e discursos**: por um interacionismo sócio-discursivo. Tradução de Anna Raquel Machado, Péricles Cunha. São Paulo: EDUC, 2003. 353p.

BUSHNELL, N. O jogo não acabou... **Superinteressante**. São Paulo, edição 222, jan. 2006. Entrevista a Mauro Tracco. Disponível em: < http://super.abril.com.br/super/edicoes/222/novas/conteudo_112946.shtml >. Acesso em: 24 jan. 2006.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. (Orgs.). **Dicionário de análise do discurso**. Coordenação da tradução Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2004. 560 p.

DAMATTA, R. As duas faces do PT. **Veja**, São Paulo, edição 1872, 22 set. 2004. Entrevista concedida a João Gabriel de Lima. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/220904/entrevista.html>>. Acesso em : 24 jan. 2006

DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. **Gêneros textuais e ensino**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003. 232p.

FARACO, C. A. Bakhtin e os estudos enunciativos no Brasil: algumas perspectivas. In: BRAIT, B. (Org.). **Estudos enunciativos no Brasil: histórias e perspectivas**. Campinas (SP) - São Paulo: Pontes - FAPESP, 2001, v. 1, p. 27-38.

FARIAS, A. M. **Entrevista escolar: uma possibilidade de construção de meta – conhecimento?** 1999. 110p. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas) – Pontifícia Universidade de São Paulo, 1999.

FÁVERO, L. L.; ANDRADE, M. L. C. V. O. Os processos de representação da imagem pública de entrevistas. In: PRETI, D. (Org.). **Estudos de língua falada: variações e confronto**. São Paulo: Humanitas, 1998, v. 3, p.153-178

FEDERER, R. “Só temos contusões”. **Veja**, São Paulo, edição 1890, 2 fev. 2005. Entrevista concedida a Gustavo Poloni. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/020205/entrevista.html>>. Acesso em: 24 jan. 2006

FERREIRA, S. P. A.; DIAS, M. G. B. B.. Leitor e leituras: considerações sobre gêneros textuais e construção de sentidos. **Psicol. Reflex. Crit.** Porto Alegre, v. 18, n. 3, 2005. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722005000300005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 19 Jun 2007. Pré-publicação.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Novo Manual da Redação** (1996). Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/manual_redacao.htm>. Acesso em: 20 maio 2007.

FONG, K. Doutor aventura. **Superinteressante**, São Paulo, edição 210, fev. 2005. Entrevista concedida a Carin Homonnay Petti. Disponível em: http://super.abril.com.br/super/edicoes/210/papo/conteudo_60978.shtml>. Acesso em: 24 jan. 2006.

GALBRAITH, J. K. Ainda no ataque. **Veja**, São Paulo, edição 1884, 15 dez. 2004. Entrevista concedida a Carlos Graieb. Disponível em : <<http://veja.abril.com.br/151204/entrevista.html>>. Acesso em: 24 jan. 2006.

HOFFNAGEL, J.C. Entrevista: uma conversa controlada. In: DIONISIO, A.P.; MACHADO, A. N.; BEZERRA, M. A. **Gêneros textuais e ensino**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003. p. 180-193

IGER, B. “Nosso negócio é conteúdo”. **Veja**, São Paulo, edição 1949, 29 mar. 2006. Entrevista concedida a Carlos Graieb. Disponível em: < <http://veja.abril.com.br/290306/entrevista.html> >. Acesso em: 24 jan. 2006.

KIDERMANN, C. A. **A reportagem jornalística no jornal do Brasil**: desvendando as variantes do gênero. 2003. 140 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2003.

KOCH, I.G.V. **A coesão textual**. 18. ed. São Paulo: Contexto, 2003. 84p.

_____. Referenciação e orientação argumentativa. In: KOCH, I.G.V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 33-52.

_____. **Desvendando os segredos do texto**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2006. 168p.

LATTES, C. Foi quase. **Superinteressante**. São Paulo, edição 212, abr. 2005. Entrevista a Daniel Azevedo. Disponível em: <http://super.abril.com.br/super/edicoes/212/papo/conteudo_66500.shtml>. Acesso em: 24 jan. 2006.

MACHADO, A. R. A perspectiva interacionista sociodiscursiva de Bronckart. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Orgs.). **Gêneros textuais**: teorias, métodos, debates. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 237-259.

MACHADO, I. Gêneros discursivos. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin**: conceitos-chaves. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2005. p. 151-166.

MAINGUENEAU, D. **O contexto da obra literária**: enunciação, escritor, sociedade. Tradução de Marina Appenzeller. Revisão da tradução Eduardo Brandão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 83-100. (Coleção leitura e crítica).

_____. **Análise de textos de comunicação**. Tradução de Cecília P. de Souza-e-Silva, Décio Rocha. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2005. 238p.

_____. **Discurso literário**. Tradução de Adail Sobral. São Paulo: Contexto, 2006. p. 211-228.

MARCUSCHI, L. A. **Gêneros Textuais**: o que são e como e como se constituem. Recife: UFPE, 2000. (inédito)

_____. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001. 133p.

_____. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Orgs.). **Gêneros textuais e ensino**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

_____. **Análise da conversação**. 5. ed. São Paulo: Ática, 2005. 94p.

MELO, M. J. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Editora Vozes, 1985. 166p.

MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Orgs.). **Gêneros textuais**: teorias, métodos, debates. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. 295p.

OLIVEIRA, A. T. P. O gênero entrevista na imprensa escrita e sua relação com as modalidades da língua. **Idade Mídia**. São Paulo, v.1, n. 1, p. 111-116, 2002.

PETROSKI, H. O fracasso ensina. **Veja**, São Paulo, edição 1965, 19 jul. 2006. Entrevista concedida a Rosana Zakabi. Disponível em: < <http://veja.abril.com.br/190706/entrevista.html> >. Acesso em: 24 jan. 2006.

REY, R. O doutor da alegria. **Veja**, São Paulo, edição 1879, 10 nov. 2004. Entrevista concedida a Bel Moherdaui. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/101104/entrevista.html>>. Acesso em: 24 jan. 2006.

RIBEIRO, J. U. “Somos um país corrupto”. **Veja**, São Paulo, edição 1905, 18 maio. 2005. Entrevista concedida a João Gabriel de Lima. Disponível em: < <http://veja.abril.com.br/180505/entrevista.html> >. Acesso em: 24 jan. 2006.

ROJO, R. H. R. (Org.). **A prática de linguagem em sala de aula**: praticando os PCN's. São Paulo: EDUC; Campinas: Mercado das Letras. 2001. 247p. (Coleção As Faces da Linguística Aplicada).

_____. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. In.: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Orgs.). **Gêneros textuais**: teorias, métodos, debates. São Paulo: Parábola Editorial, 2005, p.184- 207.

ROJO, R. H. R.; SCHNEUWLY, B. As relações oral/escrita nos gêneros orais formais e públicos: o caso da conferência acadêmica. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 6, n. 3, set./dez. 2006.

ROUGHGARDEN, J. Arco-íris no zoológico. **Superinteressante**, São Paulo, edição 208, dez. 2004. Entrevista concedida a Fábio Marton. Disponível em: <http://super.abril.com.br/super/edicoes/208/papo/conteudo_56634.shtml>. Acesso em: 24 jan. 2006.

SCHNEUWLY, B. Gêneros e tipos de discurso: considerações psicológicas e ontogenéticas. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004. p. 21-39.

_____. Palavra e ficcionalização: um caminho para o ensino da linguagem oral. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004. p. 129-147.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004. 278p.

SERRAGLIO, O. Não vai acabar em pizza. **Veja**, São Paulo, edição 1940, 25 jan. 2006. Entrevista concedida a Alexandre Oltramari. Disponível em: < <http://veja.abril.com.br/250106/entrevista.html> >. Acesso em: 24 jan. 2006.

SILVA, M. O. **O mundo dos fatos e a estrutura da linguagem**: a notícia jornalística na perspectiva de Wittgenstein. Porto Alegre: Edipucrs, 1997. 173p. (Coleção Filosofia; 67).

SOARES, E. A. A. Os relatos míticos indígenas: um instrumento para o ensino – aprendizagem de língua portuguesa. **Entretextos**. Londrina, n. 6, 113-122, jan./dez. 2006. Disponível em: < <http://www.uel.br/revistas/entretextos/pdf6/14.pdf> > Acesso em: 21/05/2007

SWALES, J.M. **Genre analysis**: english in academic and research settings. Cambridge: Cambridge University Press, 1990. 260p.

URY, W. O inferno somos nós. **Veja**, São Paulo, edição 1971, 30 ago. 2006. Entrevista concedida a Diogo Schelp. Disponível em: < <http://veja.abril.com.br/300806/entrevista.html> >. Acesso em: 24 jan. 2006.

VLASAK, J. O ecoterrorista. **Superinteressante**, São Paulo, edição 213, maio. 2005. Entrevista concedida a Carin Homonnay Petti. Disponível em: < http://super.abril.com.br/super/edicoes/213/papo/conteudo_70482.shtml > Acesso em: 24 jan. 2006.

ZANELATO, V. L. T. Um caminho na formação do leitor proficiente no gênero discursivo notícia da área de computação. In: LOPPIS-ROSSI, M. A. G. (Org.). **Gêneros discursivos no**

ensino de leitura e produção de textos. Taubaté: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2002. p.159-179.

ZIMMER, C. Ao cérebro o que é do cérebro. **Superinteressante**, São Paulo, edição 204, set. 2004. Entrevista concedida a Eduardo Szklarz. Disponível em: <http://super.abril.com.br/super/edicoes/204/papo/conteudo_48607.shtml>. Acesso em: 24 jan. 2006.

ZIZOLA, G. A igreja precisa de oficina. **Veja**, São Paulo, edição 1900, 13 abr. 2005. Entrevista concedida a Mario Sabino. Disponível em: < <http://veja.abril.com.br/130405/entrevista.html> >. Acesso em: 24 jan. 2006.

ANEXOS

Anexo A - Tabelas

TABELA 1 - Número e percentagem de distribuição dos entrevistados conforme o gênero (masculino/feminino) - Revista Veja e Superinteressante (Referente ao Gráfico 1, p.71).

Ano \ Gênero	Masculino				Feminino				Total			
	Veja		Super		Veja		Super		Veja		Super	
	Nº.	%	Nº.	%	Nº.	%	Nº.	%	Nº.	%	Nº.	%
2004	37	74	11	84,6	13	26	2	15,4	50	100	13	100
2005	41	80,4	9	75	10	19,6	3	25	51	100	12	100
2006	45	88,2	11	84,6	6	11,8	2	15,4	51	100	13	100
Total	123	80,9	31	81,6	29	19,1	7	18,4	152	100	38	100

TABELA 2 - Número e percentagem de distribuição dos entrevistados conforme a nacionalidade - Revista Veja/Ano 2004 (Referente ao Gráfico 2 , p.72).

Nacionalidade	Nº.	%
Norte-americanos	20	40
Brasileiros	16	32
Canadenses	2	4
Suecos	1	2
Iranianos	1	2
Israelenses	1	2
Alemães	1	2
Russos	1	2
Gregos	1	2
Italianos	1	2
Ganenses	1	2
Indianos	1	2
Ingleses	1	2
Argentinos	1	2
Espanhóis	1	2
Total	50	100

TABELA 3 - Número e percentagem de distribuição dos entrevistados conforme a nacionalidade - Revista Veja/Ano 2005 (Referente ao Gráfico 2 , p.72).

Nacionalidade	Nº.	%
Brasileiros	16	31,4
Norte-americanos	13	25,5
Ingleses	4	7,8
Suíços	3	5,9
Franceses	3	5,9
Alemães	2	3,9
Argentinos	2	3,9
Italianos	1	2
Russos	1	2
Holandeses	1	2
Cubanos	1	2
Quenianos	1	2
Israelenses	1	2
Neozelandeses	1	2
Palestinos	1	2
Total	51	100

TABELA 4 - Número e percentagem de distribuição dos entrevistados conforme a nacionalidade - Revista Veja/Ano 2006 (Referente ao Gráfico 2, p.72).

Nacionalidade	Nº.	%
Norte-americanos	18	34,6
Brasileiros	17	32,6
Ingleses	6	11,8
Suíços	1	1,9
Italianos	1	1,9
Chilenos	1	1,9
Franceses	1	1,9
Indianos	1	1,9
Holandeses	1	1,9
Portugueses	1	1,9
Noruegueses	1	1,9
Canadenses	1	1,9
Turcos	1	1,9
Chineses	1	1,9
Total	51	100

TABELA 5 - Número e percentagem de distribuição dos entrevistados conforme a nacionalidade - Revista Superinteressante/Ano 2004 (Referente ao Gráfico 2, p.72).

Nacionalidade	Nº.	%
Norte-americanos	7	53,8
Ingleses	3	23,1
Poloneses	1	7,7
Australianos	1	7,7
Cingaleses	1	7,7
Total	13	100

TABELA 6 - Número e percentagem de distribuição dos entrevistados conforme a nacionalidade - Revista Superinteressante/Ano 2005 (Referente ao Gráfico 2, p.72).

Nacionalidade	Nº.	%
Norte-americanos	6	50
Ingleses	2	16,7
Holandeses	1	8,3
Espanhóis	1	8,3
Brasileiros	1	8,3
Irlandeses	1	8,3
Total	12	100

TABELA 7 - Número e percentagem de distribuição dos entrevistados conforme a nacionalidade - Revista Superinteressante/Ano 2006 (Referente ao Gráfico 2, p.72).

Nacionalidade	Nº.	%
Norte-americanos	6	46,2
Brasileiros	3	23,1
Argentinos	1	7,7
Canadenses	1	7,7
Franceses	1	7,7
Suecos	1	7,7
Total	13	100

TABELA 8 - Número e percentagem de distribuição de profissões/ocupações dos entrevistados -
Revista Veja/Ano 2004 (Referente ao Gráfico 3 , p.73).

Profissão/ Ocupação	Nº.	%
Escritor (a)	18	19,5
Políticos (ministros, deputados, senadores, etc.)	10	10,9
Professor (a)	10	10,9
Médico (a)	5	5,4
Economista	5	5,4
Ator/Atriz	4	4,3
Pesquisador (a) (cientista)	3	3,2
Esportista	3	3,2
Empresário (a)	3	3,2
Diretor (a) (cinema/TV/jornal)	3	3,2
Diretor (a) de organização	2	2,2
Psicólogo (a)	2	2,2
Músico	2	2,2
Filósofo (a)	2	2,2
Jornalista	2	2,2
Antropólogo (a)	2	2,2
Analista Político (a)	1	1,1
Historiador (a)	1	1,1
Reitor (a)	1	1,1
Produtor (a) (cinema/TV)	1	1,1
Ex-primeira dama	1	1,1
Coordenador (a)/ Diretor(a) de programas científicos nas universidades	1	1,1
Consultor (a)	1	1,1
Psicanalista	1	1,1
Diretor (a) de fundação	1	1,1
Celebridade	1	1,1
Psiquiatra	1	1,1
Diretor (a) de instituto	1	1,1
Estilista	1	1,1
Policia	1	1,1
Membro de conselho	1	1,1
Cozinheiro (a)	1	1,1
Total	92	100

TABELA 9 - Número e percentagem de distribuição de profissões/ocupações dos entrevistados - Revista Veja/Ano 2005 (Referente ao Gráfico 3, p.73).

Profissão/ Ocupação	Nº.	%
Escritor (a)	21	25
Professor (a)	7	8,3
Economista	6	7,1
Políticos (ministros, deputados, senadores, etc.)	6	7,1
Empresário (a)	3	3,5
Ator/ Atriz	3	3,5
Filósofo (a)	2	2,4
Historiador (a)	2	2,4
Membro de conselho	2	2,4
Pesquisador (a) (cientista)	2	2,4
Músico	2	2,4
Médico (a)	2	2,4
Jornalista	2	2,4
Esportista	1	1,2
Diretor (a) de escola de gastronomia	1	1,2
Virologista	1	1,2
Dona -de - casa	1	1,2
Presidente de universidade	1	1,2
Administrador (a) de empresas	1	1,2
Vaticanólogo (a)	1	1,2
Zoólogo (a)	1	1,2
Coordenador (a) / Diretor (a) de programas científicos nas universidades	1	1,2
Comentarista político	1	1,2
Roteirista (cinema/TV)	1	1,2
Crítico (a) literário (a)	1	1,2
Ex-presidente	1	1,2
Ex-primeira dama	1	1,2
Biólogo (a)	1	1,2
Teólogo (a)	1	1,2
Geólogo (a)	1	1,2
Apresentador (a)	1	1,2
Advogado (a)	1	1,2
Diretor (a) de organização	1	1,2
Diretor (a) de agência de segurança nacional	1	1,2
Ex-governador	1	1,2
Fundador (a) de organização	1	1,2
Cientista político (a)	1	1,2
Total	84	100

TABELA 10 - Número e percentagem de distribuição de profissões/ocupações dos entrevistados - Revista Veja/Ano 2006 (Referente ao Gráfico 3, p.73).

Profissão/ Ocupação	Nº.	%
Escritor (a)	26	26,5
Políticos (ministros, deputados, senadores, etc.)	12	12,2
Professor (a)	8	8,2
Jornalista	6	6,1
Empresário (a)	5	5,1
Filósofo (a)	4	4,1
Historiador (a)	4	4,1
Economista	4	4,1
Pesquisador (a) (cientista)	4	4,1
Esportista	3	3,1
Inventor (a)	2	2
Coordenador (a)/ Diretor(a) de programas científicos nas universidades	2	2
Diretor (a) de instituto	1	1
Médico (a)	1	1
Psicanalista	1	1
Biólogo (a)	1	1
Presidente de comissão	1	1
Físico (a)	1	1
Autor (a) (cinema/TV)	1	1
Demógrafo (a)	1	1
Psicólogo (a)	1	1
Diretor (a) de fundação	1	1
Antropólogo (a)	1	1
Advogado (a)	1	1
Roteirista (cinema/TV)	1	1
Produtor (a) (cinema/TV)	1	1
Ambientalista	1	1
Banqueiro	1	1
Cientista político (a)	1	1
Engenheiro (a)	1	1
Total	98	100

TABELA 11 - Número e percentagem de distribuição de profissões/ocupações dos entrevistados - Revista Superinteressante/Ano 2004 (Referente ao Gráfico 3 , p.73).

Profissão/ Ocupação	Nº.	%
Escritor (a)	9	23,7
Pesquisador (a) (cientista)	5	13,2
Professor (a)	4	10,5
Médico (a)	2	5,3
Jornalista	2	5,3
Inventor (a)	2	5,3
Psiquiatra	1	2,6
Músico	1	2,6
Filósofo (a)	1	2,6
Cientista Político (a)	1	2,6
Astrônomo (a)	1	2,6
Meteorologista	1	2,6
Físico (a)	1	2,6
Biopsicólogo (a)	1	2,6
Antropólogo (a)	1	2,6
Monje (a)	1	2,6
Ambientalista	1	2,6
Químico (a)	1	2,6
Biólogo (a)	1	2,6
Funcionário (a) universitário a)	1	2,6
Total	38	100

TABELA 12 - Número e percentagem de distribuição de profissões/ocupações dos entrevistados - Revista Superinteressante/Ano 2005 (Referente ao Gráfico 3, p.73).

Profissão/ Ocupação	Nº.	%
Escritor (a)	5	20
Professor (a)	5	20
Médico (a)	2	8
Ativista	2	8
Diretor (a) de fundação	2	8
Físico (a)	1	4
Filósofo (a)	1	4
Diretor (a) de organização (ONGs)	1	4
Pesquisador (a) (cientista)	1	4
Astronauta	1	4
Jornalista	1	4
Psicólogo (a)	1	4
Músico	1	4
Geólogo (a)	1	4
Total	25	100

TABELA 13 - Número e percentagem de distribuição de profissões/ocupações dos entrevistados - Revista Superinteressante/Ano 2006 (Referente ao Gráfico 3, p.73).

Profissão/ Ocupação	Nº.	%
Escritor (a)	5	17,8
Professor (a)	3	10,7
Pesquisador (a) (cientista)	3	10,7
Esportista	2	7,1
Empresário (a)	2	7,1
Médico (a)	2	7,1
Políticos (ministros, deputados, senadores, etc.)	2	7,1
Astrofísico (a)	1	3,6
Diretor (a) (cinema/TV)	1	3,6
Psicólogo (a)	1	3,6
Físico (a)	1	3,6
Inventor (a)	1	3,6
Psiquiatra	1	3,6
Engenheiro (a)	1	3,6
Astrônomo (a)	1	3,6
Paleontólogo (a)	1	3,6
Total	28	100

TABELA 14 - Número e percentagem de distribuição dos títulos no sumário conforme Aguiar (2003) nos sumários - Revistas Veja e Superinteressante (Referente ao Gráfico 4, p.79).

Revistas	Veja		Superinteressante		Total	
	Nº.	%	Nº.	%	Nº.	%
Títulos						
Nominais	10	100	2	20	12	60
Oracionais	-	-	8	80	8	40
Preposicionais	-	-	-	-	-	-
Adverbiais	-	-	-	-	-	-
Adjetivais	-	-	-	-	-	-
Interjetivais	-	-	-	-	-	-
Total	10	100	10	100	20	100

TABELA 15 - Número e percentagem de distribuição dos títulos nas entrevistas conforme Aguiar (2003) - Revistas Veja e Superinteressante (Referente ao Gráfico 5, p.80).

Revistas Títulos	Veja		Superinteressante		Total	
	Nº.	%	Nº.	%	Nº.	%
Nominais	2	20	2	20	4	20
Oracionais	7	70	4	40	11	55
Preposicionais	-	-	1	10	1	5
Adverbiais	-	-	2	20	2	10
Adjetivais	1	10	1	10	2	10
Interjetivais	-	-	-	-	-	-
Total	10	100	10	100	20	100

TABELA 16 - Número e percentagem de ocorrências de seqüências na fase de desenvolvimento da entrevista conforme a categorização de Adam (1997) - Revista Superinteressante: entrevista 16 (Referente ao Gráfico 6, p.83).

Seqüências Perguntas Edição 213	Narrativa		Descritiva		Explicativa		Argumentativa		Total	
	Nº.	%	Nº.	%	Nº.	%	Nº.	%	Nº.	%
01	-	-	-	-	4	36,4	7	63,6	11	100
02	-	-	-	-	-	-	8	100	8	100
03	-	-	-	-	3	42,9	4	57,1	7	100
04	-	-	-	-	2	40	3	60	5	100
05	-	-	-	-	-	-	3	100	3	100
06	-	-	-	-	10	62,5	6	37,5	16	100
07	-	-	-	-	6	85,7	1	14,3	7	100
Total	-	-	-	-	25	43,9	32	56,1	57	100

TABELA 17 - Número e percentagem de ocorrência das escolhas lexicais referentes ao sujeito entrevistado no sumário e na seção introdutória das entrevistas - Revista Veja (Referente ao Gráfico 7, p.86).

Seção Introdutória Formas lexicais / tipo	Sumário		Título		Parágrafo de abertura		Texto introdutório		Total	
	Nº.	%	Nº.	%	Nº.	%	Nº.	%	Nº.	%
Grupo nominal definido + sintagma nominal (nome e/ou sobrenome do entrevistado)	-	-	-	-	-	-	6	14	6	9,4
Grupo nominal definido	-	-	1	100	8	80	7	16,3	16	25
Grupo nominal definido + sintagma nominal (nome e/ou sobrenome do entrevistado)	-	-	-	-	-	-	1	2,3	1	1,6
acrescido de aposto										
Grupo nominal indefinido	-	-	-	-	-	-	2	4,6	2	3,1
Grupo nominal	-	-	-	-	1	10	-	-	1	1,6
Sintagma nominal (nome e/ou sobrenome do entrevistado)	10	100	-	-	-	-	25	58,1	35	54,7
Sintagma nominal (nome e/ou sobrenome do entrevistado)	-	-	-	-	1	10	2	4,6	3	4,7
acrescido de aposto										
Total	10	100	1	100	10	100	43	100	64	100

TABELA 18 - Número e percentagem de ocorrência das escolhas lexicais referentes ao sujeito entrevistado no sumário e na seção introdutória das entrevistas - Revista Superinteressante (Referente ao Gráfico 8, p.88).

Seção Introdutória Formas lexicais / tipo	Sumário		Título		Parágrafo de abertura		Texto introdutório		Total	
	Nº.	%	Nº.	%	Nº.	%	Nº.	%	Nº.	%
Grupo nominal definido + sintagma nominal (nome e/ou sobrenome do entrevistado)	3	37,5	-	-	2	22,2	4	11,1	9	16,1
Grupo nominal definido	-	-	2	66,7	-	-	4	11,1	6	10,7
Grupo nominal definido + sintagma nominal (nome e/ou sobrenome do entrevistado)	-	-	-	-	-	-	2	5,6	2	3,6
acrescido de aposto										
Grupo nominal indefinido	-	-	-	-	-	-	1	2,8	1	1,8
Grupo nominal	2	25	1	33,3	-	-	1	2,8	4	7,1
Sintagma nominal (nome e/ou sobrenome do entrevistado)	1	12,5	-	-	3	33,3	20	55,5	24	42,8
Sintagma nominal (nome e/ou sobrenome do entrevistado)	2	25	-	-	4	44,4	4	11,1	10	17,9
acrescido de aposto										
Total	8	100	3	100	9	100	36	100	56	100

TABELA 19 - Número e percentagem de ocorrências de seqüências na fase de abertura (parágrafo introdutório) conforme a categorização de Adam (1997) - Revista Veja. (Referente ao Gráfico 9, p.114).

Sequências Entrevistas (Edição)	Narrativa		Descritiva		Explicativa		Argumentativa		Total	
	Nº.	%	Nº.	%	Nº.	%	Nº.	%	Nº.	%
01 (1872)	-	-	-	-	1	100	-	-	1	100
02 (1879)	1	100	-	-	-	-	-	-	1	100
03 (1884)	-	-	-	-	-	-	1	100	1	100
04 (1890)	-	-	-	-	1	100	-	-	1	100
05 (1900)	-	-	-	-	1	100	-	-	1	100
06 (1905)	-	-	-	-	-	-	1	100	1	100
07 (1940)	-	-	-	-	-	-	1	100	1	100
08 (1949)	-	-	-	-	1	100	-	-	1	100
09 (1965)	-	-	-	-	1	100	-	-	1	100
10 (1971)	-	-	-	-	1	100	-	-	1	100
Total	1	10	-	-	6	60	3	30	10	100

TABELA 20 - Número e percentagem de ocorrências de seqüências na fase de abertura (parágrafo introdutório) conforme a categorização de Adam (1997) - Revista Superinteressante (Referente ao Gráfico 9, p.114).

Sequências Entrevistas (Edição)	Narrativa		Descritiva		Explicativa		Argumentativa		Total	
	Nº.	%	Nº.	%	Nº.	%	Nº.	%	Nº.	%
11 (204)	-	-	-	-	1	100	-	-	1	100
12 (206)	-	-	-	-	1	100	-	-	1	100
13 (208)	-	-	-	-	-	-	1	100	1	100
14 (210)	1	100	-	-	-	-	-	-	1	100
15 (212)	-	-	1	100	-	-	-	-	1	100
16 (213)	-	-	-	-	-	-	1	100	1	100
17 (222)	-	-	1	100	-	-	-	-	1	100
18 (224)	-	-	-	-	1	100	-	-	1	100
19 (228)	-	-	-	-	-	-	1	100	1	100
20 (229)	-	-	-	-	1	100	-	-	1	100
Total	1	10	2	20	4	40	3	30	10	100

TABELA 21 - Número e percentagem de ocorrências de seqüências na seção introdutória das entrevistas (fase de abertura + fase de apresentação do entrevistado e assunto) conforme a categorização de Adam (1997) - Revista Veja (Referente ao Gráfico 10, p.115) .

Sequências Entrevistas (Edição)	Narrativa		Descritiva		Explicativa		Argumentativa		Total	
	Nº.	%	Nº.	%	Nº.	%	Nº.	%	Nº.	%
01 (1872)	-	-	8	88,9	1	11,1	-	-	9	100
02 (1879)	1	14,3	6	85,7	-	-	-	-	7	100
03 (1884)	-	-	7	77,8	1	11,1	1	11,1	9	100
04 (1890)	6	60	3	30	1	10	-	-	10	100
05 (1900)	-	-	3	33,3	6	66,7	-	-	9	100
06 (1905)	2	15,4	10	76,9	-	-	1	7,7	13	100
07 (1940)	-	-	2	20	7	70	1	10	10	100
08 (1949)	7	70	2	20	1	10	-	-	10	100
09 (1965)	-	-	1	12,5	7	87,5	-	-	8	100
10 (1971)	-	-	8	88,9	1	11,1	-	-	9	100
Total	16	17	50	53,2	25	26,6	3	3,2	94	100

TABELA 22 - Número e percentagem de ocorrências de seqüências na seção introdutória das entrevistas (fase de abertura + fase de apresentação do entrevistado e assunto) conforme a categorização de Adam (1997) - Revista Superinteressante (Referente ao Gráfico 10, p.115).

Sequências Entrevistas (Edição)	Narrativa		Descritiva		Explicativa		Argumentativa		Total	
	Nº.	%	Nº.	%	Nº.	%	Nº.	%	Nº.	%
11 (204)	4	26,7	1	6,6	10	66,7	-	-	15	100
12 (206)	5	35,7	5	35,7	4	28,6	-	-	14	100
13 (208)	-	-	2	15,4	8	61,5	3	23,1	13	100
14 (210)	5	38,5	5	38,5	2	15,4	1	7,7	13	100
15 (212)	10	76,9	3	23,1	-	-	-	-	13	100
16 (213)	4	30,8	-	-	7	53,8	2	15,4	13	100
17 (222)	10	76,9	3	23,1	-	-	-	-	13	100
18 (224)	-	-	2	16,7	10	83,3	-	-	12	100
19 (228)	-	-	5	62,5	-	-	3	37,5	8	100
20 (229)	3	25	4	33,3	3	25	2	16,7	12	100
Total	41	32,5	30	23,8	44	34,9	11	8,7	126	100

TABELA 23 - Número e percentagem geral de ocorrências de seqüências na fase de desenvolvimento e encerramento da entrevista conforme a categorização de Adam (1997) - Revista Veja (Referente ao Gráfico 11, p.118).

Sequências Entrevistas (Edição)	Narrativa		Descritiva		Explicativa		Argumentativa		Total	
	Nº.	%	Nº.	%	Nº.	%	Nº.	%	Nº.	%
01 (1872)	-	-	-	-	57	52,8	51	47,2	108	100
02 (1879)	53	41,1	14	10,8	46	35,6	16	12,4	129	100
03 (1884)	9	11	4	4,9	38	46,3	31	37,8	82	100
04 (1890)	16	11,5	7	5	104	74,8	12	8,6	139	100
05 (1900)	-	-	10	11,2	71	79,8	8	9	89	100
06 (1905)	36	26,1	6	4,3	68	49,3	28	20,3	138	100
07 (1940)	-	-	15	12,9	54	46,6	47	40,5	116	100
08 (1949)	10	9,6	3	2,9	72	69,2	19	18,3	104	100
09 (1965)	-	-	3	3,5	75	87,2	8	9,3	86	100
10 (1971)	10	8,8	8	7	84	73,7	12	10,5	114	100
Total	134	12,1	70	6,3	669	60,5	232	21	1105	100

TABELA 24 - Número e percentagem geral de ocorrências de seqüências na fase de desenvolvimento e encerramento da entrevista conforme a categorização de Adam (1997) - Revista Superinteressante (Referente ao Gráfico 12, p.119).

Sequências Entrevistas (Edição)	Narrativa		Descritiva		Explicativa		Argumentativa		Total	
	Nº.	%	Nº.	%	Nº.	%	Nº.	%	Nº.	%
11 (204)	-	-	-	-	51	78,5	14	21,5	65	100
12 (206)	-	-	5	9,4	45	84,9	3	5,7	53	100
13 (208)	-	-	-	-	17	48,6	18	51,4	35	100
14 (210)	10	20	1	2	39	78	-	-	50	100
15 (212)	6	10,7	4	7,1	31	55,4	15	26,8	56	100
16 (213)	-	-	-	-	25	43,9	32	56,1	57	100
17 (222)	-	-	8	19,5	28	68,3	5	12,2	41	100
18 (224)	-	-	-	-	53	100	-	-	53	100
19 (228)	-	-	-	-	39	56,5	30	43,5	69	100
20 (229)	17	24,3	10	14,3	43	61,4	-	-	70	100
Total	33	6	28	5,1	371	67,6	117	21,3	549	100

TABELA 25 - Número e percentagem da distribuição comparativa de ocorrências de seqüências na fase de desenvolvimento e encerramento da entrevista conforme a categorização de Adam (1997) - Revistas Veja e Superinteressante (Referente ao Gráfico 13, p.119).

Seqüências Revistas	Narrativa		Descritiva		Explicativa		Argumentativa		Total	
	Nº.	%	Nº.	%	Nº.	%	Nº.	%	Nº.	%
Veja	134	12,1	70	6,3	669	60,5	232	21	1105	100
Super	33	6	28	5,1	371	67,6	117	21,3	549	100
Total	167	10,1	98	5,9	1040	62,9	349	21,1	1654	100

TABELA 26 - Número e percentagem da distribuição geral de seqüências nas fases de abertura (parágrafo introdutório), desenvolvimento e encerramento, conforme a categorização de Adam (1997) – Revista Veja (Referente ao Gráfico 14, p.123).

Seqüências Entrevistas Fases	Narrativa		Descritiva		Explicativa		Argumentativa		Total	
	Nº.	%	Nº.	%	Nº.	%	Nº.	%	Nº.	%
Fase de abertura	16	17	50	53,2	25	26,6	3	3,2	94	100
Fase de desenvolvimento e Fase de Encerramento	134	12,1	70	6,3	669	60,5	232	21	1.105	100
Total	150	12,5	120	10	694	57,9	235	19,6	1.199	100

TABELA 27 - Número e percentagem da distribuição geral de seqüências nas fases de abertura (parágrafo introdutório), desenvolvimento e encerramento, conforme a categorização de Adam (1997) - Revista Superinteressante (Referente ao Gráfico 15, p.124).

Seqüências Entrevistas Fases	Narrativa		Descritiva		Explicativa		Argumentativa		Total	
	Nº.	%	Nº.	%	Nº.	%	Nº.	%	Nº.	%
Fase de abertura	41	32,5	30	23,8	44	34,9	11	8,7	126	100
Fase de desenvolvimento e Fase de Encerramento	33	6	28	5,1	371	67,6	117	21,3	549	100
Total	74	11	58	8,6	415	61,5	128	19	675	100

TABELA 28 - Distribuição comparativa geral de seqüências conforme a categorização de Adam (1997) - Revistas Veja e Superinteressante (Referente ao Gráfico 16, p.124).

Seqüências Revistas	Narrativa		Descritiva		Explicativa		Argumentativa		Total	
	Nº.	%	Nº.	%	Nº.	%	Nº.	%	Nº.	%
Veja	150	12,5	120	10	694	57,9	235	19,6	1199	100
Super	74	10,9	58	8,6	415	61,5	128	18,9	675	100
Total	224	11,9	178	9,5	1109	59,2	363	19,4	1874	100

ANEXO B – Modelos**Modelo 01** - Identificação das características pertinentes ao gênero entrevista⁴¹

Revista:	Edição: Mês/Ano:
1.Modelo padrão da entrevista: organização básica da entrevista	Entrevistador: Entrevistado: Nº. de perguntas/respostas:
2.Tipos gerais	a.Entrevista com um especialista em algum assunto; b.Entrevista com uma autoridade, geralmente conhecida pelo público; c.Entrevista com pessoas públicas (políticos, artistas, escritores, músicos, etc.); d.Outros.
3. Tipo de situação em que o gênero se situa	a.pública b.privada c.corriqueira d.solene
4. Os meios pelos quais a entrevista foi realizada	

⁴¹ Informamos que uma parte dos dados inseridos nessa tabela foi retirada de: HOFFNAGEL, Judith Chambliss. Entrevista: uma conversa controlada. In: DIONISIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. **Gêneros Textuais & ensino**. 2 ed. – Rio de Janeiro: Lucerna, 2003. BRONCKART, J.-P. Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo. Tradução de Anna Raquel Machado, Péricles Cunha. São Paulo: EDUC, 2003. 353p.

5. Objetivos/ propósitos	a.Explicar um fenômeno; b.Obter a opinião do entrevistado sobre um evento em destaque nas notícias, podendo ele estar ou não diretamente envolvido neste evento; c.Promover o entrevistado(ou entidade/grupo que ele representa) ou de fazer com que o público conheça melhor a pessoa entrevistada; d.Outros.
6. Públicos - alvo	a.Adultos; b.Adolescentes masculinos/e ou femininos; c.Pessoas interessadas em assuntos específicos; d.Outros

7. Apresentação gráfica (o layout)	a.A revista como o Entrevistador b.Entrevistador e Entrevistado; identificado por recursos gráficos; c.Entrevistador e Entrevistado nomeados; d.Outros.
8. Abertura da entrevista	a.Dados biográficos do entrevistado; b.Há algum tipo de contextualização da entrevista; c.Pouca ou quase nenhuma referência sobre a identificação do entrevistado; d. Outros.
9.Fechamento da entrevista	a.Pergunta que tem a função de fechar a entrevista; b.Não há pergunta; c.Presença de um elemento gráfico; d.Outro

10. Linguagem	a.Coloquial b.Formal
11. Forma de tratamento – perguntas/respostas	a.Ausência de forma de tratamento b.Presença de forma de tratamento c.Mudança de forma de tratamento durante a entrevista; d.A forma de tratamento é recíproca entre os participantes? ()sim () não; e.Outros.
12. Marcas: índices ou dicas que orientam a interpretação da interação.	a.Comentários do ouvinte; b.Sobreposições; c.Pausas; d.Comentário editorial e.Outros.

13. Marcas de oralidade	a.Hesitações; b.Falsos começos; c.Repetições; d.Correção; e.Outros.
14. Tipos de perguntas	a.Abertas; b.Fechadas; c.Diretas; d.Indiretas; e.Mais polidas; f.Menos polidas. g.Outros.

15.Os significados possíveis transmitidos pelo layout gráfico na apresentação das entrevistas pelas revistas	a.Uso de citações nos títulos; b.Uso de citações nas fotografias; c.Uso de fotografias dos entrevistados; d.Outros
16. Expressões tendenciosas que convergem para uma postura tendenciosa do entrevistador / ou entrevistado	
17. Linguagem figurada	
18. Forma lexical referencial/ remissiva na introdução da entrevista/ em relação à apresentação do entrevistado	

19. Estrangeirismos	
------------------------	--

Modelo 02 - Identificação das seqüências nas entrevistasEntrevista **01**

TÍTULO DO SUMÁRIO: SUPER PAPO

Carl Zimmer explica para que serve o desconhecido cérebro

Sequências ⁴²	Nar.	Desc.	Expl.	Arg.
Entrevista 01 - Super				
Publicado na Edição 204 - 09/2004 [1] Ao cérebro o que é do cérebro Afinal de contas, para que serve essa massa cinzenta que carregamos no crânio?[2] Carl Zimmer encarou a mente humana em busca das respostas. [3]Um aroma insuportável se espalha pelo velho casarão de Beam Hall, em Oxford, Inglaterra. [4] Com a ajuda de serrotes e tesouras, o médico Thomas Willis abre o crânio de um fidalgo decapitado.[5] Matemáticos, astrônomos e alquimistas observam com atenção a experiência nunca antes realizada. Willis finalmente corta o último nervo, arranca o cérebro do morto e o levanta nas mãos para o assombro da platéia. [6] Tem início a anatomia da alma. [7] Aquela reunião malcheirosa de 1662 havia se perdido na história, mas o jornalista americano Carl Zimmer a trouxe de volta no livro A Fantástica História do Cérebro (Campus). [8] Zimmer narra a saga de Willis, que sepultou o reinado do coração e concedeu ao cérebro o título de comandante soberano do corpo. [9] Ao dar à alma novo endereço, Willis fundou a neurologia. [10] Mas não foi fácil: no século 17, a idéia de que carne gelatinosa em nossas cabeças pudesse raciocinar sem depender de Deus ia além do simples absurdo. [11] Beirava a heresia. [12]Fascinado por ciência desde criança, Zimmer não imaginou que escreveria para revistas como Discover, Newsweek e National Geographic e o jornal The New York Times, além de publicar quatro livros [...]				

⁴² Nar. (narrativa); desc. (descritiva); expl. (explicativa); arg. (argumentativa).

Anexo C – Entrevistas - Revista Veja

Entrevista 01 - Edição 1872 – 22 de setembro de 2004

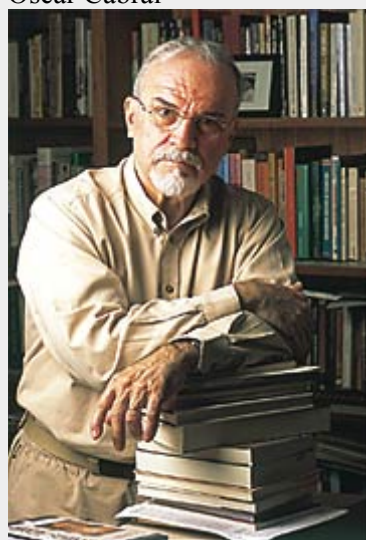
Entrevista: Roberto DaMatta

As duas faces do PT

O antropólogo diz que parte do PT é moderna, mas a outra tem uma visão sindical do Brasil em que o indivíduo é ignorado em favor do poder de comitês, conselhos e outros coletivos

.....
João Gabriel de Lima

Oscar Cabral



"O PT aprendeu a lidar com a economia moderna. Ao mesmo tempo tenta ressuscitar o ideário superado dos anos 50 e 60"

A vocação do antropólogo Roberto DaMatta é explicar o Brasil. Ele fez isso em livros que se tornaram clássicos, como *Carnavais*, *Malandros e Heróis*, publicado pela primeira vez em 1978 e que já está em sua 12ª edição. Faz isso ainda em aulas, palestras e atividades de consultoria. Nos últimos dezesseis anos, como professor na Universidade Notre Dame, no Estado de Indiana, ele foi a mais constante e coerente fonte de informações sobre o Brasil nos Estados Unidos. Nesse período, aprofundou uma das linhas mestras de seu trabalho: a comparação entre Brasil e EUA, dois países cuja semelhança de origem não explica destinos tão dispares. Aos 68 anos, DaMatta vive um momento que define como "recomeço". Ele acaba de se aposentar em Notre Dame para voltar a morar no Brasil, mais precisamente em Niterói, a cidade onde nasceu. "Uma das características fundamentais brasileiras é a teia de relações familiares e de amizades que enreda as pessoas", diz o antropólogo, que espera finalmente ter tempo para os oito netos que seus três filhos lhe deram.

Veja – Como o senhor avalia o Brasil atual?

DaMatta – O Brasil tem um governo petista com duas faces muito distintas. Uma é liberal e moderna no trato das finanças públicas. A outra face é autoritária. O lado liberal aprendeu a lidar muito bem com a economia moderna, impediu que o país quebrasse, estabilizou as forças produtivas e está conseguindo ótimos resultados com o aumento das exportações e a melhora de quase todos os indicadores econômico-financeiros. Enquanto isso, o lado autoritário ainda tenta ressuscitar um pensamento sociológico dos anos 50 e 60, um ideário ultrapassado que lida com o mundo em termos de categorias sindicais.

Veja – Que ideário é esse?

DaMatta – No fundo, é um modelo que tenta, no começo do século XXI, reproduzir a era Vargas. Aquele foi um período de forte presença estatal na vida econômica e social dos brasileiros. Sua revitalização nos tempos atuais pelo PT no poder está criando complexidades que, cedo ou tarde, vão minar o dinamismo da economia. Parte do PT, como os ideólogos de Vargas, não enxerga o indivíduo. A visão dos petistas que habitam a face atrasada do governo anula o indivíduo e trabalha com o que o cientista político Wanderley Guilherme dos Santos classificou de "cidadanias reguladas" e que eu chamo de "cidadanias hierarquizadas".

Veja – *O que é isso, exatamente?*

DaMatta – É a concepção de que o poder das pessoas em uma sociedade deriva de sua capacidade de organização. Isso é um tremendo retrocesso, pois, em vez de um mundo habitado por pessoas de carne e osso, parte do governo petista enxerga apenas os coletivos. Entende como a unidade básica da vida social os sindicatos, as federações, os conselhos e outras manifestações de corporativismo que eles chamam de "formas de organização". São essas organizações que mandam fazer aqueles bonezinhos vermelhos que o presidente Lula freqüentemente exhibe com seu largo e cativante sorriso. Essa visão corporativista é perigosa por dois motivos. Primeiro, porque ela é arcaica, e se na era Vargas produziu algum avanço econômico foi também a causa de muita instabilidade social. Segundo, porque submeter a individualidade das pessoas aos grupos a que elas pertencem é de um autoritarismo atroz. Ao contrário do que imaginam muitos dos petistas, as pessoas não querem pertencer a categoria nenhuma. Elas querem estudar, trabalhar, evoluir e batalhar para ganhar seu dinheiro. Elas querem inventar coisas novas e ser premiadas por isso. Querem ser empreendedoras, correr risco, fazer sucesso – e, se caírem, ter condições de se levantar e tentar de novo. Um jornalista, um piloto de avião, um engenheiro ou cirurgião quer ser reconhecido por seus feitos, e não por ser diretor de algum sindicato, federação ou conselho. O mundo moderno funciona assim. Parte do governo infelizmente ainda não entendeu isso.

Veja – *Esses dois lados do governo, o moderno e o autoritário, podem conviver por muito tempo ou um acabará vencendo o outro?*

DaMatta – A gente sempre acha, inclusive e sobretudo quem governa, que um vai vencer o outro. É o viés do pensamento positivista que lê o mundo em termos de atraso e progresso. Como eu vi e escrevi sobre a extinção de pelo menos uma sociedade tribal brasileira, penso que sempre esteve em curso no Brasil a tensão entre esses lados distintos. No fim vencerá nosso mulatismo cultural. Em outras palavras, essas características discordantes tendem a esgotar suas energias de conflito e se acomodar de alguma maneira.

Veja – *Existem outros exemplos históricos dessa coabitação entre o moderno e o autoritário?*

DaMatta – Sem dúvida. Os casos japonês, indiano e chinês são bons exemplos disso. O caso chileno atual também.

Veja – *O deputado Fernando Gabeira disse que vê no petismo governamental a tentação de reproduzir aqui o modelo chinês: liberdade na economia e autoritarismo político e cultural. Isso faz sentido?*

DaMatta – Tenho enorme respeito pelas intuições de Gabeira, mas creio que a China é muito diferente do Brasil. Ademais, nossa tradição de liberdade civil e política é muito grande. Queiram ou não, nossa tradição é americana, fundada nos mesmos ideais iluministas constituídos na França e que ajudaram a erguer os Estados Unidos.

Veja – *Alguns analistas acham que existem características a imunizar o Brasil contra experiências autoritárias. A saber: nossa alma galhofeira, o fato de a esquerda sempre se dividir e se boicotar e as próprias instituições brasileiras, maduras o suficiente para não permitir aventureirismo. O que o senhor pensa disso?*

DaMatta – Acima de tudo isso está nosso saudável desconfiômetro, um salutar cinismo que determina até onde podemos ir coletivamente, apesar da tentação das "linhas duras". Isso funcionou no regime militar e vai funcionar sempre que se tentar ultrapassar certos limites. No Brasil, a sociedade é mais poderosa, mais generosa, mais sábia e mais densa que o governo – qualquer governo.

Veja – *A onda de patriotismo turbinada pelo governo é positiva?*

DaMatta – Civismo tem muito a ver com bom senso. Tem a ver com a idéia de que a sociedade deve operar com suas forças, andar com suas pernas, pensar com sua cabeça. A atual onda de patriotismo deve virar carnaval, diluir-se em um oba-oba sem maiores conseqüências. Campanhas destinadas a fazer aflorar nas pessoas o respeito pelo outro, o amor pelo Brasil e pelo uso equilibrado da coisa pública são mais do que válidas. Quando era oposição, o PT criticava o Brasil ao ponto da flagelação. Os petistas chegaram a defender inclusive que nada tínhamos a comemorar nos 500 anos da descoberta do país. O que o PT está fazendo agora, como governo, é de certa forma recuperar o tempo perdido e dizer, com exagero de neófito, que o Brasil vale a pena.

Veja – *O governo Lula é acusado de ter exacerbado a burocracia. Isso é justo?*

DaMatta – Nossa tendência ao jurisdicismo não deve ser imputada ao PT. Ela é histórica. Na época da colônia, a elite brasileira toda estudou em Coimbra. Afinal, fomos a capital do império português. Talvez esteja aí a tendência de acharmos que a solução para todos os problemas sociais é fazer leis que os contemplem e corrijam. O lado bom disso é que aqui os conflitos se resolvem de maneira mais civilizada que na América espanhola, onde a violência sempre foi muito maior. No Brasil, mesmo na ditadura, havia um aparato jurídico. Ter uma lei, ainda que tênue, é melhor que ficar ao sabor do personalismo, como ocorre em tantos países latino-americanos.

Veja – *No período da ditadura, o historiador Sérgio Buarque de Holanda declarou, certa vez, que não acreditava na redemocratização porque a vocação do país era autoritária. Hoje, o Brasil, com todos os percalços, é uma democracia. Sérgio Buarque errou?*

DaMatta – Quando falava em vocação autoritária, ele estava certo. A unidade política brasileira é centrada nos poderosos, nos chefes políticos, e não no cidadão. Os poderosos são aqueles que se arrogam o direito de representar um grupo, um segmento de uma tribo ou uma tribo inteira. Esse sujeito tenta não se submeter às leis. Você lê todas as biografias dos grandes políticos brasileiros e vê vários episódios em que eles passaram por cima de leis. Isso configura uma vocação autoritária, que persiste até hoje.

Veja – *De acordo com o abolicionista Joaquim Nabuco, um de nossos principais erros foi não ter adotado o modelo americano de educação das massas..*

DaMatta – Os republicanos brasileiros podiam ser loucos, mas eles eram sinceros, queriam uma sociedade mais igualitária e com maior liberdade. Mas eles realmente não se preocuparam com a educação de massas. Veja outro dado curioso. Onde nós criamos um sistema universal de educação, feito pelo Estado, altamente eficiente? Foi na universidade, que é destinada aos filhos dos ricos.

Veja – *Argentina e Chile conseguiram educar as massas com mais competência. Onde erramos e eles acertaram?*

DaMatta – Na Argentina havia uma população mais homogênea. Os indígenas eram poucos – e foram liquidados. O mesmo ocorreu no Chile. Nós, ao contrário, sempre fomos etnicamente heterogêneos. Uma coisa que chamava a atenção dos viajantes ilustres que vinham para cá, entre eles Charles Darwin, era o uso pouco freqüente da carroça. Tudo era carregado no lombo pelos escravos. Essa é uma grande diferença. Como fundar um sistema universal de educação em uma sociedade em que não passa pela cabeça de quem é branco botar o menino dele sentado ao lado do filho de um escravo? Esse foi um problema enorme. O processo, porém, tem seu lado bem brasileiro. Institucionalmente havia uma rígida separação, mas informalmente meninos brancos e seus escravos tendiam a ficar amigos. De um lado você tem o abismo social; de outro, um conjunto de valores que permeia todas as classes, apesar das diferenças. Isso é uma marca presente na sociedade brasileira até os dias atuais.

Veja – *Quais são esses denominadores comuns?*

DaMatta – São vários, mas eu gostaria de destacar um, que ainda persiste fortemente: a enorme e absurda dependência do Estado para quase tudo. O fato de que não se move uma palha em nosso país sem ter uma firma reconhecida em cartório ou entrar numa fila para obter um documento é herança histórica. Com todas as mudanças, continuamos a ser um país dependente de amanuenses, de letrados, de funcionários que ainda devem aprender que estão ali para nos servir, e não para se servirem. Essa

maneira de encarar o Estado é um elemento que se encontra igualmente distribuído no Brasil entre pobres, ricos e remediados.

Veja – *O senhor dá muitas palestras sobre o Brasil no exterior. Quais as maiores curiosidades?*

DaMatta – Até bem pouco tempo atrás não se perguntava nada. Por muito tempo dei um curso sobre o Brasil na Universidade Notre Dame, nos Estados Unidos, e ficava desanimado porque o interesse era muito pequeno. Nos últimos anos a demanda aumentou. A razão? O Brasil está se tornando uma nação competitiva. O americano anda em avião brasileiro, surpreende-se e quer saber mais sobre o país. Na sociedade americana, o cidadão comum é ligado no aspecto econômico. Ele sabe que a aposentadoria depende do comportamento da bolsa de valores. Se ela cai, seus rendimentos diminuem. Então, quando uma nação qualquer começa a ser vista como uma economia organizada e moderna, ela passa a chamar mais atenção.

Veja – *Apesar da nova imagem, os estereótipos pelos quais o Brasil é conhecido lá fora – samba, Carnaval e futebol – continuam valendo?*

DaMatta – Sim. Mas isso não é necessariamente negativo. É melhor pertencer a uma coletividade que se lê como sambista, carnavalesca e futebolística do que como um país que se orgulha da guerra e da vingança contra seus inimigos. Aliás, a força dessa imagem é, hoje, curiosa. Pois ela se relaciona também a um país que revela sua força nas exportações e no domínio da alta tecnologia. O Brasil, assim, mostra que as coisas não são mutuamente excludentes e que se pode casar samba com aviões e produção agroindustrial de ponta com Carnaval. Quanto ao futebol, ele é, agora, esporte de massa e um produto de exportação com um valor altíssimo. Vou falar com o coração, mas sinto que há uma espécie de onda brasileira no mundo. Um sentimento de que as coisas começam a se orquestrar positivamente no Brasil, indo muito além das velhas imagens que sempre projetamos.

Veja – *Nem todas as imagens, no entanto, são positivas. Cada vez mais o Brasil aparece no exterior como destino de turismo sexual e prostituição infantil.*

DaMatta – É verdade. Mas, para mim, o problema não seria apenas o turismo sexual. No mundo acadêmico e intelectual, em que reside minha experiência internacional e americana, o grande problema da imagem do Brasil hoje é, de longe, a violência urbana. Sobre tudo em cidades como o Rio de Janeiro, que foi símbolo de tudo o que era bom e belo no país.

Veja – *A seu ver, a diplomacia do governo Lula está se saindo bem?*

DaMatta – As visitas do presidente a países pobres colocam Lula como um mediador de certo peso. Ele chama atenção para o fato de que existem diferenças no planeta e se apresenta como alguém que catalisa os problemas das nações mais pobres. Isso, sem dúvida, faz do Brasil um país mais simpático. O jogo de futebol entre a seleção brasileira e a do Haiti foi uma belíssima invenção que ajudou a diminuir as tensões, a projetar o Brasil como uma nação promotora da paz. Enfim, foi um gol de placa da nossa diplomacia.

Entrevista 02 - Edição 1879 – 10 de novembro de 2004

Entrevista: Robert Rey
O doutor da alegria

Estrela de um seriado americano que mostra plásticas ao vivo, cirurgião brasileiro conta como propaga a beleza

Bel Moherdaui

Divulgação



"Passo horas suando, fazendo a pessoa ficar perfeita, e um mês depois ela aparece dizendo que é contra a cirurgia plástica"

Bonitão e musculoso, o cirurgião plástico Robert Rey, 43 anos, virou campeão de audiência da TV a cabo americana operando, brincando com a filhinha de 3 anos e fazendo musculação no reality show *Dr. 90210*, que apresenta falando inglês com leve sotaque. Explica-se: Rey nasceu Roberto Miguel Rey Junior, filho de pai americano relapso e mãe gaúcha, no bairro da Lapa, em São Paulo ("o lado pobre, perto do mercado"). Aos 12 anos, foi para os Estados Unidos, viver com a família de um missionário mórmon. "Lá eu dormi numa cama pela primeira vez. Antes, dormia em cima de uma mesa velha", conta. Decidido a provar que não era apenas "um pé-rapado da América Latina", fez medicina em Harvard e hoje é dono de uma clínica no bairro das estrelas, Beverly Hills, onde fatura 4 milhões de dólares por ano e tem na lista de pacientes atores e atrizes de Hollywood. Por telefone, em português com muito sotaque, falou a VEJA.

Veja – *Como o senhor foi morar nos Estados Unidos, com uma família de mórmons?*

Rey – Naquela época, havia muitos missionários mórmons americanos no Brasil. Eles iam de casa em casa ensinando o Evangelho. Um dia, bateram na nossa porta e meu pai começou a conversar com eles. Não que fosse ligado em religião, mas estava com saudade do país dele. Eles visitaram nossa casa várias vezes e, um belo dia, um deles disse para o meu pai: "Robert, por que você não deixa eu levar essas crianças para a minha casa, nos Estados Unidos? Vai ser melhor para você". Meu pai ficou muito contente. Minha mãe não tinha voz ativa na família. Assim, por incrível que pareça, ele mandou os quatro filhos para os Estados Unidos. Eu não consigo entender. Tenho minha filha agora e não consigo ficar um dia sequer sem vê-la. Imagine anos, como foi o caso dele.

Veja – *Vocês foram adotados?*

Rey – Não. Eu e uma irmã fomos primeiro porque era só o que meu pai podia pagar. Minha outra irmã e meu outro irmão vieram mais tarde. Fui morar em Utah, nas Montanhas Rochosas, um Estado muito belo, mas muito isolado. O Brasil é também lindo, mas a minha situação estava tão ruim que foi ótimo ter mudado para os Estados Unidos.

Veja – *O começo foi difícil?*

Rey – Não. Na minha casa, no Brasil, era tudo muito ruim. Enquanto a maioria das crianças vai dormir com músicas de criança, eu dormia com meus pais gritando à noite. O meu último ato em terra brasileira foi roubar uma loja, ali mesmo na Lapa. Aos 11 anos, eu fazia parte de um grupinho de marginais, moleques. Se tivesse ficado no Brasil, estaria na cadeia. Graças a Deus e a essa gente, acabei nos Estados Unidos, onde não faltava comida, não tinha sujeira nem gritaria. Não era minha família, era um monte de gente estranha, mas era muito, muito melhor do que a situação em que eu estava antes.

Veja – *Quanto tempo vocês viveram com essa família?*

Rey – Uns quatro anos. Daí a minha mãe conseguiu juntar dinheiro e vir para os Estados Unidos ficar conosco. Nós alugamos um apartamento bem pequeno em outro Estado, o Arizona, porque ela não se dava bem com o frio das montanhas, e fomos morar todos juntos. Ainda vi meu pai uma vez, mas não foi um bom encontro. Soube anos depois, por amigos, que ele morreu no Brasil.

Veja – *Você ainda tem notícias da família mórmon?*

Rey – O jovem missionário que me trouxe para cá virou um grande escritor de ficção científica, Orson Scott Card. A família era muito ativa, fazia teatro, lia muito. Por causa disso acabei entrando em Harvard, que é a melhor universidade dos Estados Unidos, onde fiz parte do meu curso de medicina. Nos Estados Unidos são dez anos de estudo só para virar médico, mais oito para virar cirurgião plástico.

Veja – *Como o senhor conseguiu pagar uma universidade tão cara?*

Rey – Realmente, Harvard é para ricos. Meu melhor amigo lá era o filho do (Zbigniew) Brzezinski, assessor do governo Jimmy Carter nos EUA. O filho do (ex-chanceler alemão) Helmut Kohl era outro amigo. O filho do Bob Kennedy fazia halterofilismo comigo. Mas, como Harvard tem mais dinheiro que muitos países, fiz um pedido de ajuda financeira e ganhei uma bolsa para ser reembolsada depois de formado. Saí de lá devendo 200 000 dólares. Sabe quantos dias eu levaria para pagar essa dívida hoje? Uns dois. Minha clínica rende 4 milhões de dólares por ano.

Veja – *Por que o senhor resolveu se instalar em Beverly Hills?*

Rey – Em parte, por complexo de inferioridade. Tem muito racismo aqui. Meu nome, Roberto Miguel Rey, é claramente latino. Na escola, já sentia a presença de um certo racismo. Imigrante, aqui, é segunda classe. Eu sempre quis provar para mim mesmo e para todos que eu não era um pé-rapado da América do Sul. Qualquer pessoa pode sobressair em uma cidade pequena, que só tenha um cirurgião plástico. Eu queria conquistar o pico da montanha.

Veja – *Como o senhor virou estrela de reality show?*

Rey – Um dia, no meu primeiro ano em Beverly Hills, atendi uma jovem que queria que eu fizesse os seios dela com uma técnica nova, que eu tinha aprendido em Harvard, utilizando microcâmeras. Eu não sabia, mas ela trabalhava no canal E! Entertainment, aqui em Los Angeles. Ela gostou da cirurgia e elogiou para todo mundo. Passados três meses, foi ao consultório um produtor interessado em fazer um pequeno especial sobre a técnica. Depois, participei de outros 28 programas de televisão aqui nos Estados Unidos. Quando foi lançado o seriado *Nip/Tuck*, fiquei um pouco irritado com o retrato de cirurgões plásticos como playboys irresponsáveis, escrevi uma proposta de dez páginas, mandei para um produtor que eu conhecia e propusemos a algumas redes fazer o *Nip/Tuck* da vida real. O E! pagou os 2 milhões de dólares que pedíamos e fizemos a série. É o reality show de maior audiência do canal nos Estados Unidos.

Veja – *Foi difícil se acostumar com a presença constante das câmeras?*

Rey – No começo é um horror. Quando vou para a cama de noite, as pessoas estão lá. Durante a noite, entram no quarto umas três ou quatro vezes, com a luz apagada, só para nos filmar dormindo. Nos primeiros dois meses, tive uma úlcera. Mas é como a síndrome de Estocolmo: depois de um tempo, você acaba gostando das pessoas que te perseguem. Nas poucas semanas de intervalo entre uma e outra temporada, quando a equipe não estava em casa, até ficamos com saudade.

Veja – *Não há nada combinado, mesmo?*

Rey – Ninguém nos Estados Unidos percebeu que o programa não é 100% real, tem algumas coisas que são inventadas, sim. Por exemplo, no segundo episódio, em plena festa de aniversário da minha filha eu saio para falar ao telefone com pacientes. Aquelas conversas não são de verdade. Eu não estava falando com ninguém. Quando o programa está ficando chato, meu produtor cria uma cena de conflito – no caso, com minha mulher, que ficou muito irritada porque era aniversário da nossa filha e eu, primeiro, fui à aula de tae kwon do e, depois, em vez de ajudar, fiquei ao telefone com pacientes. Também só fui ao tae kwon do porque o produtor pediu.

Veja – *E no consultório? É difícil arranjar voluntárias para o programa?*

Rey – Olha o que é a loucura americana: elas é que ficam zangadas quando não as escolho. No meu consultório tem uma parede enorme dedicada a moças que apareceram em meus programas e acabaram virando modelos. Entendo por que todas querem tanto ser personagens também.

Veja – *O senhor opera muitos artistas de Hollywood?*

Rey – Bastante. Anteontem, as primeiras oito pacientes que atendi já apareceram na *Playboy*. Médicos não podem divulgar nomes de pacientes sem autorização, mas vou contar uma coisa: como meu programa se chama *Dr. 90210* (o CEP de Beverly Hills), convidamos para tratamento algumas atrizes do seriado *Beverly Hills, 90210* (*Barrados no Baile*, no Brasil). Uma faz um tratamento contra celulite, outras foram operadas – todas do núcleo principal, da lista A.

Veja – *Como é possível atender artistas conhecidos em segredo?*

Rey – Meu consultório tem duas portas, uma para o público geral, outra, escondida, para celebridades, prática comum aqui em Beverly Hills. Se a paciente for muito famosa, eu fecho o consultório naquele dia. Recentemente operei a filha de um presidente da América do Sul – aliás, eu mesmo fui revistado da cabeça aos pés pelo serviço secreto do tal país.

Veja – *O senhor tem muitos pacientes dessa lista A de celebridades?*

Rey – Eles não são tantos assim – não mais que 300 pessoas, e metade é tão linda que não precisa fazer nada. Um cirurgião famoso aqui em Beverly Hills tem no máximo cinco ou sete pacientes da lista A. Interessante: quando um deles faz cirurgia, não só não revela como mente. Eu fico até meio chateado. Passo horas suando, fazendo a pessoa ficar perfeita, e, um mês depois, ela aparece em uma revista dizendo que é contra cirurgia plástica.

Veja – *Pela natureza da profissão, o cirurgião plástico deve ter cuidados especiais com a própria aparência?*

Rey – Ouço muitas críticas de gente que diz que faço exercício demais, que uso ternos Versace. O que eu sempre digo é que, quando estão pagando 15 000 dólares, as moças não gostam de ser tocadas por sujeitos mal apumados. O consultório tem de ser lindo, as secretárias têm de ser lindas e o seu cirurgião tem de estar muito bem. Eu tenho de ensinar pelo exemplo.

Veja – *É verdade que o senhor usa um jaleco sem mangas só para mostrar os músculos?*

Rey – Um dos problemas da medicina moderna é ter criado um grupo de robôs que trabalham de forma muito fria. Sou contra isso. Em Harvard, alguns professores me falavam para parar de fazer escova no cabelo, de usar roupas diferentes, de ser tão amigo dos pacientes. Eu aprendi a técnica e rejeitei os conselhos. Minha roupa de operar é feita sob medida, em alfaiate. Por que não? Estou na área mais artística da cirurgia e gosto de trazer para ela um pouco da minha personalidade. Por isso uso preto e tirei as mangas do jaleco.

Veja – *O senhor se acha bonito?*

Rey – Acho que todos os que buscam o sucesso sofrem de um certo complexo de inferioridade. Mas tudo bem, porque as grandes descobertas e realizações do mundo foram feitas por pessoas complexadas.

Veja – *O que o senhor acha de mulheres que fazem muita plástica?*

Rey – Um pouco é bom, traz autoconfiança, mas o exagero faz a pessoa se viciar em cirurgia plástica. Passado um determinado limite, o paciente adquire um look plastificado.

Veja – *O senhor recusa cirurgias quando a paciente vai longe demais?*

Rey – Tem um episódio desta temporada em que eu recuso uma paciente. Ela chega linda de morrer, perfeita, queixando-se disso e daquilo. Só que é tudo perfeito. Ela tem um problema psicológico, a dismorfia corporal, que afeta cerca de 15% das pessoas que procuram cirurgias plásticas. Acho que recuso 30% das pessoas que vão ao meu consultório.

Veja – *Sua formação foi toda nos Estados Unidos. Como avalia a cirurgia plástica no Brasil?*

Rey – Admiro muito os cirurgiões daí. Sempre digo que italiano faz carro, suíço faz relógio e brasileiro faz corpo. Entre os vinte melhores cirurgiões plásticos do mundo, acho que dez são brasileiros.

Veja – *Só é feio quem quer?*

Rey – Ninguém é feio. O que fazemos na cirurgia plástica é melhorar áreas de que a pessoa não gosta. Temos tecnologia para tornar quase qualquer pessoa muito bonita, mas não sei se isso é sempre bom. Já tive uma paciente que chegou toda acanhada, se sentindo feia. Eu fiz um narizinho bonito, uma boca bonita, lipoaspiração, coloquei seios bonitos. De repente, a menina acanhada, que estudava e trabalhava, virou stripper, começou a tomar drogas. Eu fui treinado para fazer a pessoa bonita, não fui treinado para julgá-la. Mas, tarde da noite, me preocupo. Talvez, se a tivesse deixado um pouco mais feinha, teria ajudado mais. É um dilema.

Veja – *Sua mulher já fez alguma cirurgia plástica?*

Rey – Nós dois fizemos. Quando nos casamos, ela tinha seios lindos. Mas, depois de ter nossa filha, eles murcharam. Não falei nada, mas um dia ela perguntou: "Se todas as suas pacientes ficam tão bonitas, por que não consertar meus seios?". Então eu consertei. Quanto a mim, levei tanta pancada no rosto na prática de lutas marciais que acabei com o nariz bem feio. Então fiz o nariz, há uns dez anos.

Veja – *Como vê o seu o futuro?*

Rey – Um dia quero voltar a morar no Brasil. Vou mandar meus filhos para a universidade aqui e depois volto. Mesmo estando no mundo de Hollywood, ainda sou mórmon, e essa religião ensina a devolver o que você recebeu. Eu vou voltar para o Brasil e fazer cirurgia em uma área sem recursos – no Acre, na Amazônia, onde eles precisem de um cirurgião plástico.

Entrevista 03 - Edição 1884 - 15 de dezembro de 2004

Entrevista: John Kenneth Galbraith

Ainda no ataque

Na ativa aos 96 anos, o lendário economista americano agora atira contra as fraudes corporativas

Carlos Graieb

Reuters



"A moldura da vida humana tem um desenho ruim. Primeiro os erros da juventude, depois as restrições da velhice. Só invejo o que está no meio"

John Kenneth Galbraith é o decano dos economistas de esquerda nos Estados Unidos. Esquerda à moda americana, que não ataca frontalmente o capitalismo, mas acredita que o Estado tem um papel na economia, defende gastos sociais e critica o poder das corporações. Aos 96 anos, Galbraith se encontra há muito tempo aposentado da Universidade Harvard, onde ensinou por três décadas, mas não abandonou o debate público. Num livro recém-lançado, *A Economia das Fraudes Inocentes* (Companhia das Letras), ele investe contra idéias como a da "soberania do consumidor" e duvida do poder de influência do Fed, o banco central americano. Nascido no Canadá, mas naturalizado americano em 1937, Galbraith não se destacou apenas na academia. Durante a II Guerra Mundial, ocupou um cargo central na administração de Franklin Delano Roosevelt: nenhum preço no país podia ser aumentado sem a sua autorização. Foi o primeiro funcionário público no Ocidente a ser chamado de "czar da economia". Galbraith foi próximo de outros presidentes, como John Kennedy e Lyndon Johnson. Nesta entrevista, ele relembra o passado e comenta o presente.

Veja – O senhor previu o estouro da bolha de ações da internet pouco antes de ele acontecer. Algum sinal de tempestade no horizonte novamente?

Galbraith – Uma previsão acertada não é justificativa suficiente para que se faça outra previsão. Não acredito, contudo, que tenhamos atingido o mesmo nível de jogatina insana no mercado de ações que ocorreu no fim dos anos 20. Um livro que escrevi sobre aquela época e sobre a maneira como as pessoas às vezes passam a desprezar a realidade – *1929, o Colapso da Bolsa* – continua em circulação e é, na verdade, o meu título de maior sucesso.

Veja – O corte de impostos de George W. Bush em seu primeiro mandato foi uma política acertada?

Galbraith – Fui contra esse corte, e não me encontro sozinho. Há uma medida razoável de concordância sobre o assunto: os beneficiários dos cortes foram os americanos ricos e politicamente

influentes – que não são consumidores dos mais confiáveis, ao contrário dos mais pobres, e que não farão necessariamente o dinheiro economizado com impostos circular novamente pela economia. Os cortes também devem piorar o déficit público. Em suma, não serviram ao bem da economia, tampouco ao bem da população em geral.

Veja – *A economia americana estaria em melhores mãos se John Kerry houvesse sido eleito?*

Galbraith – Um governo Kerry teria sido preferível sob inúmeros aspectos. Mas o que dizer agora? A democracia, quando submetida à influência do poder econômico e das grandes empresas, tem suas limitações. Mas ainda é, de longe, a melhor dentre as alternativas.

Veja – *Qual o estado atual da economia como disciplina acadêmica?*

Galbraith – Como campo de conhecimento, a economia ainda carrega a sua deformação ancestral. A saber, a difícil imbricação entre o que é válido na realidade e o que simplesmente serve a interesses influentes e articulados.

Veja – *O economista Milton Friedman, seu contemporâneo e adversário, disse recentemente que tinha três conselhos para dar a qualquer governo: gaste menos, regule menos e cobre menos impostos. O senhor concorda com ele?*

Galbraith – Conheço Milton Friedman há muitos e muitos anos. Nesse tempo, fui capaz de observá-lo num particular, acima de todos os outros. Trata-se de sua habilidade para sobreviver ao erro persistente em questões econômicas. Dito isso, quero deixar registrado que ele é também uma pessoa persistentemente agradável.

Veja – *John Maynard Keynes, uma de suas principais influências como economista, anda um pouco fora de moda atualmente. Qual o legado keynesiano que se deveria guardar?*

Galbraith – Não concordo com esse comentário sobre Keynes. A tese central que ele defendeu – a de que a economia requer a influência estabilizadora do Estado – continua intacta. Os governantes que desprezarem essa idéia serão inexoravelmente punidos. Ainda vivemos na Era de Keynes, tanto quanto na Era de Adam Smith.

Veja – *O senhor trabalhou para alguns governos americanos. Dentre as figuras públicas que conheceu, qual considera a maior?*

Galbraith – Essa é uma pergunta a que respondo sem nenhuma hesitação. A maior figura política do meu período de vida foi Franklin Delano Roosevelt (1882-1945), o presidente que arrancou os Estados Unidos da Grande Depressão e os liderou durante a II Guerra Mundial – a mais necessária e implacável das guerras. Roosevelt era um homem de inteligência e profundo senso de responsabilidade social, mas tratava-se também de um homem sem uma ideologia pessoal que o controlasse. Ele estava aberto a ouvir soluções para os imensos problemas que confrontou em sua época.

Veja – *Dentre os presidentes que conheceu, Roosevelt também foi aquele dotado do melhor cérebro para a economia?*

Galbraith – Considero essa pergunta um pouco mais difícil. O presidente de quem estive mais próximo foi John Kennedy (1917-1963), e essa proximidade me deixou inteiramente persuadido da sua aptidão para a economia. Sobre os períodos presidenciais de Roosevelt, diria que eles foram muito bons para os economistas. Na época da Depressão, nenhum profissional era mais ouvido do que o economista. Os advogados não eram ninguém em Washington, em comparação.

Veja – *"O negócio deste país são os negócios." Como o senhor se sente a respeito dessa célebre frase do presidente Calvin Coolidge (1872-1933)?*

Galbraith – Discordo dela, é claro. A vida americana tem um sentido bem mais amplo do que "o negócio de fazer negócios". Gosto de pensar que nossa força científica e nossa cultura são as fontes reais de orgulho.

Veja – *O senhor guarda alguma história curiosa sobre o Brasil e a América Latina dos períodos em que trabalhou para o governo americano?*

Galbraith – Durante meu tempo de atuação no governo em Washington, nunca me envolvi estreitamente com assuntos da América Latina. Tinha simpatia pela região e interesse cultural despertado pela vizinhança, e esses sentimentos se preservaram ao longo dos anos. Poucas experiências de vida foram mais prazerosas para mim do que viajar do México ao extremo sul do continente, com inúmeras paradas pelo caminho. Tenho a respeito do Brasil uma frase pronta, mas verdadeira: ainda agora fecho os olhos e me vejo navegando pelo Rio Amazonas. Uma memória divertida ficou de um tour de palestras em 1958. O livro *A Sociedade Afluente* acabava de ser publicado e a notícia chegou ao Uruguai, para onde eu me dirigia. Minha foto foi parar na primeira página do principal jornal de Montevideú. Infelizmente, as palavras "economista" e "comunista" foram confundidas pelo telefone e a manchete me descreveu como "Um Destacado Comunista Americano". Foi quando descobri que estava me tornando famoso – com os inconvenientes daí decorrentes.

Veja – *O que a idade avançada trouxe, e o que tirou do senhor?*

Galbraith – Não tenho dúvida nenhuma: a moldura da vida humana tem um desenho ruim. Primeiro os erros da juventude e, finalmente, as restrições físicas e talvez mentais da velhice. Só invejo o que está no meio.

Veja – *Pode-se dizer que o capitalismo, como a democracia, "é o pior sistema com a exceção de todos os outros", ou ainda existe algum sentido em buscar alternativas radicais a ele?*

Galbraith – Dinheiro e capital ainda conferem certa autoridade a quem os possui, mas o poder verdadeiro reside hoje em dia nas grandes corporações. Por isso, tenho relutado em usar a palavra capitalismo. E o mesmo acontece com outros economistas e administradores – ainda que por razões diferentes. Como digo em meu livro, empreendeu-se nas últimas décadas um esforço de troca de nomenclatura. Em vez do capitalista, temos o executivo, personagem que conquistou melhor aceitação pública do que seu antecessor. A um termo cheio de conotações históricas como capitalismo, prefere-se a expressão anódina "sistema de mercado". Frequentemente, ela esconde o fato de que esse sistema supostamente impessoal está sujeito a manipulações abrangentes.

Veja – *O senhor chama de fraude a idéia de que o setor público e o privado são independentes. Por quê?*

Galbraith – A economia moderna, representada em sua forma exemplar pelos Estados Unidos, é produto do surgimento de corporações poderosas e de novos métodos de administração empresarial, com sua casta de executivos. O ponto forte dessa economia é a capacidade de mobilizar recursos científicos, organizacionais, culturais e políticos muito variados. O maior de seus efeitos negativos, particularmente visível no presente, é a habilidade das corporações de imiscuir-se à força nas políticas governamentais e direcioná-las. É o que vemos ocorrer agora na malfadada aventura americana no Iraque. Dito de outra maneira, o desserviço da economia moderna está na sua tendência de favorecer concentrações de poder e solapar a lógica da distribuição da autoridade política por meios democráticos. A intromissão do setor privado no chamado setor público é ostensiva e crescente, e negá-la é uma fraude – nada inocente. Essa é a contribuição ainda não devidamente "celebrada" de nossa época à história econômica.

Veja – *O senhor considera inexata a idéia de que os acionistas – ou os donos – são os detentores do poder nas grandes corporações. Por quê?*

Galbraith – A crença de que os acionistas e os conselhos de administração detêm a autoridade final nas grandes empresas de capital aberto de hoje em dia persiste, mas é uma fuga da realidade. É um mito. O poder na empresa pertence à administração – à burocracia empresarial, ainda que burocracia seja uma palavra fortemente condenada. O grave é que os executivos ganharam pleno controle sobre sua atuação – e sobre sua própria remuneração.

Veja – *O que há de errado com o conceito de soberania do consumidor – a idéia de que, no capitalismo, o indivíduo escolhe com independência os bens que vai adquirir?*

Galbraith – Essa é uma fraude muito propagada, inclusive no ambiente universitário. Ela nasce da tendência a silenciar sobre o poder de controle do marketing. O "consumidor soberano" na verdade é tutelado sem cessar pelos altamente qualificados mandarins da propaganda. Que ninguém se engane: não importa o número de gráficos sobre o poder de escolha do público que os economistas produzam, o fato é que atribuímos ao consumidor uma autoridade maior do que a que ele realmente possui.

Veja – *O senhor critica os gastos americanos com armamentos. Os Estados Unidos poderiam gastar menos nesse campo?*

Galbraith – Poderiam e deveriam. A força motriz desses gastos encontra-se na autoridade conferida nos Estados Unidos às Forças Armadas e suas lideranças, e também nos interesses do complexo industrial-militar. Empresas nominalmente privadas têm hoje um pé firmemente plantado no establishment militar americano e influenciam de maneira decisiva no orçamento de defesa. Essas empresas conquistaram uma fatia de poder sobre o setor público, sobre nossa política externa e sobre nossos acordos militares.

Veja – *O Fed, o banco central americano, e seu presidente, Alan Greenspan, desfrutam de grande respeito. Por que o senhor discorda?*

Galbraith – Alan Greenspan é uma figura pública muito hábil. Quanto a isso, não há dúvida. Ele é o beneficiário e, em certa medida, também o arquiteto da crença de que as políticas do Fed têm um efeito determinante sobre a economia. Exceto no campo da habitação, isso é um exagero. Há algo de muito reconfortante na crença de que o Fed tem essa autoridade serena e luminosa. Olhemos a história. Quase um século de experiência mostra que essa autoridade é frágil, quase negligenciável. Empresas investem para lucrar, e suas decisões são afetadas apenas marginalmente pela taxa de juros – quando são. Um período de euforia econômica se estenderá, a despeito da modificação das taxas, assim como uma fase de declínio também não será revertida. Para todos os que se preocupam com moeda e crédito, a afirmação de que o Fed tem poderes especiais supostamente denota uma inteligência econômica do tipo mais refinado. É o oposto disso.

Entrevista 04 - Edição 1890 – 2 de fevereiro de 2005

Entrevista: Roger Federer
"Só temo contusões"

O tenista número 1 do mundo diz
 que teme se machucar, como
 aconteceu com Guga, e perder
 o prazer de jogar

.....
 Gustavo Poloni

AFP



"Chega um estágio na vida de um atleta profissional em que ele sente tanta dor que precisa parar. É uma pena, mas é a vida"

De noite, o tenista Roger Federer costuma sonhar que está fazendo gols em um estádio de futebol lotado. De dia, sua realidade é ainda mais espetacular. A *Sports Illustrated*, uma das mais conceituadas revistas esportivas, considera que Federer, de apenas 23 anos, tem tudo para se tornar o melhor tenista de todos os tempos. Os admiradores de suas raquetadas argumentam que ele não tem pontos fracos e que seus golpes beiram a perfeição. O talento do suíço ficou evidente na última temporada, quando encerrou o ano em primeiro lugar no ranking dos melhores do mundo, com quase o dobro de pontos do segundo colocado. Na semana passada, ele perdeu sua primeira partida desde as Olimpíadas de Atenas, em agosto de 2004. A derrota foi contra o russo Marat Safin durante o Aberto da Austrália. Federer estava para ganhar o jogo quando sentiu fortes dores nas costas. Em entrevista a VEJA, Federer, nascido em Basel, na Suíça, disse temer que uma contusão o tire do topo do esporte, como aconteceu com o brasileiro Gustavo Kuerten.

Veja – *Você já ganhou 15 milhões de dólares em prêmios, dinheiro suficiente para viver bem o resto da vida. Qual a motivação para continuar treinando e viajando?*

Federer – É difícil deixar o tênis. Você passa a gostar do circuito. É uma vida muito movimentada. Além de jogar, tenho de atender às exigências dos patrocinadores, da imprensa e dos fãs. Não dá para acordar um dia e simplesmente jogar tudo para o alto. É claro que eu poderia, mas não quero. Sempre sonhei em ser um grande esportista. Agora que cheguei lá, quero aproveitar ao máximo. Quando comecei, não sabia que ser um tenista famoso incluía entrevistas coletivas de imprensa após cada partida e sessões de autógrafos.

Veja – *Como você gasta o dinheiro que ganha?*

Federer – Adoro carros esportivos, como a Mercedes conversível que ganhei em um torneio nos Estados Unidos, no fim do ano passado. E cada vez mais me ligo em roupas de marca. Comprei uma casa para meus pais, um bom apartamento para mim. É bom saber que não preciso me preocupar com

cada centavo que gasto. Só viajo de primeira classe. Ter dinheiro faz com que a vida seja muito mais fácil.

Veja – *Você se considera um metrosssexual, como o inglês David Beckham, jogador do Real Madrid?*

Federer – Não sei bem o que é ser um metrosssexual, mas faço questão de cuidar bem de mim mesmo. Vou com frequência ao cabeleireiro e minha namorada fica de olho na forma como me trato. As mulheres são mais ligadas nessas coisas.

Veja – *Todo esportista de sucesso agora faz questão de demonstrar generosidade e preocupação social. Cultivar a imagem de cidadão preocupado com os pobres se tornou obrigatório no mundo dos esportes?*

Federer – Nós, esportistas, às vezes somos tão ricos e temos uma vida tão boa que sentimos necessidade de dar alguma coisa de volta à sociedade. Queremos ajudar as pessoas que, por um motivo ou outro, não tiveram a mesma sorte que nós. Doeí 15 000 dólares e várias raquetes às vítimas do tsunami. A Fundação Roger Federer, na África do Sul, dá educação e alimentação a trinta crianças. Escolhi a África do Sul porque minha mãe é de lá. Criei a fundação quando ainda era muito jovem, com 22 anos. Quero apoiar o futuro do mundo, que são as crianças. Fico feliz de poder usar meu nome para ajudá-las. Vou visitá-las pela primeira vez em fevereiro e estou ansioso para encontrá-las.

Veja – *Se fosse técnico de um outro tenista, o que diria para ele vencer o Roger Federer?*

Federer – Não posso revelar. O que me faz tão forte é que posso me adaptar a diferentes tipos de pisos e estilos de jogo. Durante o torneio em Doha (*o primeiro deste ano, vencido por Federer*), por exemplo, joguei contra um tenista que ficava mais no fundo da quadra, jogando de modo defensivo, e contra outros dois que eram muito agressivos e jogavam no ataque. Fui capaz de vencer todos. A temporada passada provou que posso ganhar dos dez melhores jogadores do ranking o tempo todo. E eles têm estilos completamente diferentes.

Veja – *Os tenistas disputam tantos torneios seguidos por imposição do patrocinador, para manter uma boa posição no ranking ou é pelo dinheiro envolvido?*

Federer – A vida do tenista não é como a de um jogador de futebol, que não pode tirar uns dias de férias para esquiar por causa do risco de contusão. Os tenistas são seus próprios patrões, podem escolher que torneios querem disputar. A quantidade de jogos depende muito da forma física do jogador e de como ele planeja sua carreira. É claro que existem regras dos patrocinadores que precisam ser seguidas, como disputar um torneio de Grand Slam ou de Master Series. É curioso, mas subir no ranking significa jogar mais partidas em cada torneio. Quando entrei no circuito profissional, jogava trinta torneios por ano. Como saía de muitos deles na primeira rodada, tinha mais tempo para descansar. De qualquer forma, não jogo tanto assim. No ano passado, disputei apenas dezessete torneios. Alguns jogadores no circuito jogam até 35 por ano.

Veja – *Você nunca fica farto com tantas partidas?*

Federer – Eu me acostumei. Gostaria de ter férias mais longas no fim do ano. Infelizmente, não dá para ficar pensando em folga se tenho de participar de um torneio na Austrália logo em janeiro. De qualquer forma, se estiver muito cansado, consigo uma folga. Posso mudar meus planos da maneira que quiser, conforme a necessidade. O que importa é tentar enxergar a carreira como um projeto de longo prazo.

Veja – *O que você acha do Gustavo Kuerten?*

Federer – Ele me traz más lembranças. Foi o único jogador que me venceu numa partida de Grand Slam no ano passado. Ele foi perfeito naquele dia. Eu o respeito muito, é um sujeito excepcional e ótimo jogador. É pena que esteja machucado. Espero que se recupere bem e que volte às quadras mais forte do que nunca para que a gente possa disputar mais jogos. Não sei qual é a gravidade da contusão. Ter de passar por duas cirurgias nunca é um bom sinal. Tive poucas chances de jogar contra ele e quero me vingar da última derrota.

Veja – *Você tem medo que uma contusão encurte sua carreira?*

Federer – Claro. Quando vejo o que aconteceu com Guga e com outros tenistas, sinto que tenho muita sorte. Jogar com dor não é bom. É o que está ocorrendo com Guga. Chega um estágio na vida de um atleta profissional em que ele sente tanta dor que não tem mais prazer em jogar. É uma pena, mas é a vida.

Veja – *Os jogadores de futebol costumam disputar partidas com os amigos durante a folga. Você tem paciência para jogar tênis com os amigos nas horas vagas?*

Federer – Nunca pego na raquete durante minha folga. Os tenistas até marcam de jogar squash ou futebol juntos. Quando entramos em uma quadra de tênis, no entanto, não é para diversão. Será um jogo para valer. Por isso preferimos fazer qualquer outro esporte que não o tênis.

Veja – *O que gosta de fazer quando está de folga?*

Federer – Gosto de ficar sem fazer nada. Procuro passar um dia bem relaxado com a família. Tento colocar o papo em dia com os amigos. As pessoas acham que você quer fazer coisas diferentes quando está de folga. Eu gosto mesmo é de ficar em casa. É algo diferente, pois viajo muito o ano inteiro.

Veja – *É difícil se manter no topo do ranking?*

Federer – Todo mundo diz que é mais difícil ficar no primeiro lugar do que chegar lá. Para mim, foi o contrário. Virar o número 1 foi muito mais difícil, eu sentia muita pressão e cobrança. Quando cheguei lá, reagi com naturalidade. Pensei: "Poxa, isso é ótimo. Quero ganhar mais torneios, mais Grand Slams. Quero ficar no topo o maior tempo possível". Chegar ao primeiro lugar me deu mais incentivo. Gostaria de ficar no topo por mais dez anos, o que será muito difícil. Se não conseguir, terei novas chances de reconquistar o primeiro lugar.

Veja – *O que é mais importante para se dar bem no tênis feminino: ser bonita ou jogar bem?*

Federer – O efeito Anna Kournikova fez com que as mulheres ganhassem atenção tanto dentro quanto fora da quadra. Elas passaram a trabalhar também como modelos. O tênis feminino fica mais interessante com jogadoras bonitas, desde que também saibam jogar.

Veja – *É por isso que a tenista russa Anna Kournikova sempre disputa os maiores torneios, apesar de nunca ter sido uma grande tenista?*

Federer – A Kournikova é um fenômeno. Ela nunca ganhou um título importante, mas sempre teve muita atenção porque é realmente bonita. Ela é uma exceção. Não acho que outra tenista vá conseguir repetir o que ela conseguiu.

Veja – *O americano John McEnroe, um grande campeão da década de 80, disse que você é o melhor tenista de todos os tempos. Como recebe esses elogios?*

Federer – No começo da carreira foi difícil lidar com isso, tinha medo de não corresponder. Hoje recebo os elogios com naturalidade. Gosto de ser elogiado, mas sei que preciso me concentrar muito no meu jogo para ter uma carreira bem-sucedida. Não posso me arrepender de nada que fiz durante os anos em que joguei tênis.

Veja – *Você acha que tem algum ponto fraco?*

Federer – É claro que existem coisas que eu gostaria de melhorar. Sou muito competitivo e perfeccionista, e por isso quero sempre me aperfeiçoar, ainda que seja apenas um pequeno detalhe. Preciso buscar a melhoria sempre, caso contrário os outros tenistas chegam ao meu nível e me deixam para trás.

Veja – *Você diz que seus ídolos no tênis são o alemão Boris Becker e o sueco Stefan Edberg. Você acha que conseguiria vencê-los quando estavam no auge?*

Federer – É difícil dizer, os tempos mudaram. O tênis evoluiu muito desde então. Naquela época o piso das quadras era muito mais rápido. Seria um jogo muito difícil. Os dois eram muito bons na rede. Hoje existem poucos jogadores tão bons quanto eles na rede.

Veja – *O técnico do time suíço de futebol Basel disse que você é um bom atacante. É verdade?*

Federer – Se não fosse um tenista, gostaria de ter sido um grande jogador de futebol. Jogar nos grandes estádios do mundo, marcar gols e comemorar como um louco. É com isso que sonho quando estou dormindo. Um dia fui fazer um treino com o time do Basel, do qual sou torcedor. Foi uma experiência incrível, mas o técnico do Basel exagerou. Ele deve ter sido obrigado a me elogiar.

Veja – *Por que você escolheu o tênis e não o futebol?*

Federer – Eu tinha 3 anos quando segurei minha primeira raquete. Meus pais costumavam jogar com os amigos nos fins de semana, e eu estava sempre por perto, brincando na quadra, jogando paredão e catando as bolinhas. Também gostava de jogar futebol. Eram os dois esportes de que mais gostava. Aos 12 fui obrigado a tomar uma decisão difícil: escolher entre o futebol e o tênis. Optei pelo tênis porque é um esporte que me permite controlar melhor meu destino. No futebol, o goleiro pode cometer um erro que pode custar um título e jogar por terra o esforço de todo o time.

Veja – *Qual é seu ídolo no futebol?*

Federer – Meus jogadores favoritos são o francês Zinedine Zidane (*do Real Madrid*) e o italiano Francesco Totti (*do Roma*).

Veja – *E os brasileiros?*

Federer – Há quem diga que são os melhores do mundo. Se tivesse de escolher um deles, seria o Ronaldo.

Veja – *Você quer bater o recorde do Pete Sampras, que ganhou catorze torneios de Grand Slam?*

Federer – Não gosto de me comparar com os outros. É legal bater recordes, mas não é por isso que jogo. Se meu maior objetivo na carreira fosse bater os recordes do Sampras, daria a entender que disputar a Copa Davis ou o torneio de minha cidade natal, Basel, não é importante. Não gosto de ver a carreira dessa maneira.

Veja – *O que pretende fazer quando largar o tênis?*

Federer – Vou me dedicar mais a minha fundação, ajudando as pessoas que não tiveram a mesma sorte que eu. Quero aproveitar a vida fora das quadras, talvez ter uma família. Quero fazer coisas que não fiz enquanto estive envolvido com o tênis.

Veja – *Você é vaidoso?*

Federer – Procuro estar sempre bem vestido. Tenho de ir a muitos eventos, shows, entregas de prêmios. É importante estar com uma boa aparência. No começo, gostava de usar calça jeans e camiseta. Hoje prefiro roupas de marcas como Prada e de estilistas italianos. Não dá para aparecer de jeans e camiseta num evento em que todas as outras pessoas estão bem vestidas.

Veja – *Como é o assédio das mulheres?*

Federer – É normal. Se minha namorada ainda não me disse nada e não ficou morrendo de ciúme, então acho que não é tão forte assim. De qualquer forma, é bom saber que as mulheres sentem atração por mim.

Veja – *Você gosta da agitação decorrente da fama?*

Federer – Às vezes eu preferiria estar sentado na frente da TV ou jantando tranquilamente com minha namorada. Mas sei que tenho a obrigação de retribuir de alguma maneira o que o mundo do tênis me dá e que preciso satisfazer meus fãs.

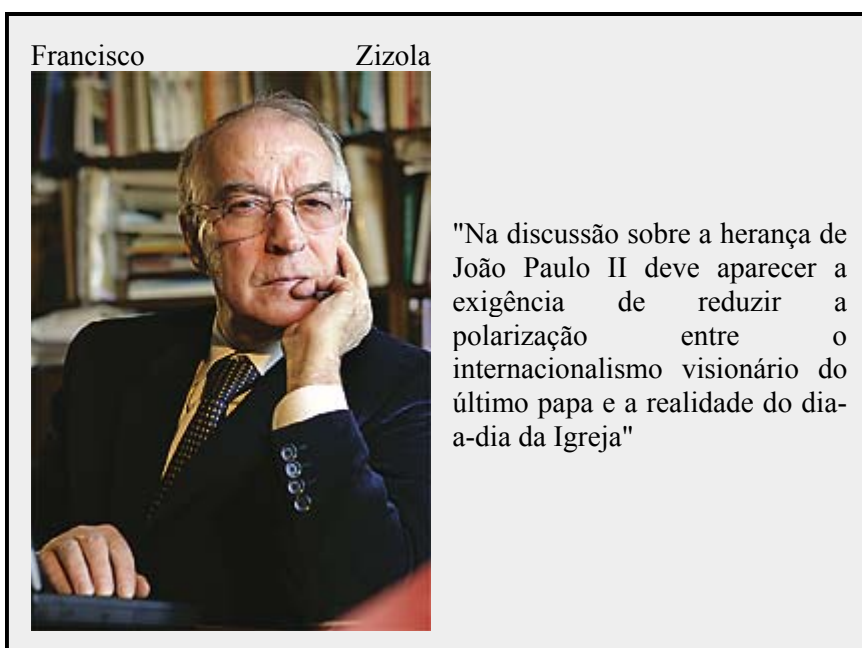
Entrevista 05 - Edição 1900 - 13 de abril de 2005

Entrevista: Giancarlo Zizola

A igreja precisa de oficina

Depois do longo vôo do pontificado de João Paulo II, os cardeais do conclave podem concluir que está na hora de o catolicismo sofrer uma revisão. É o que diz o principal vaticanólogo italiano

.....
Mario Sabino



Há mais de quatro décadas, Giancarlo Zizola, o principal vaticanólogo italiano, acompanha os assuntos relacionados à cúpula da Igreja Católica. Zizola, hoje com 68 anos, conheceu quatro papas: João XXIII, Paulo VI, João Paulo I e João Paulo II. Ele construiu análises brilhantes sobre esses pontificados, além de ter escrito livros que se tornaram referências no mundo jornalístico e acadêmico. As vésperas do conclave que elegerá o sucessor de Karol Wojtyła, marcado para começar no próximo dia 18, Zizola diz que mais uma vez os cardeais eleitores aproveitarão a oportunidade para fazer um balanço sobre o estado geral do catolicismo. Segundo ele, talvez tenha chegado a hora de o Vaticano ser habitado por um papa que coloque a Igreja na oficina, para uma revisão geral, assim como se faz com um avião, depois do alto e prolongado vôo alçado durante o reinado de João Paulo II. "O conclave sempre teve a função de reequilibrar o sistema direcional da Igreja", diz ele. Zizola concedeu por telefone, de Roma, a seguinte entrevista a VEJA.

Veja – Qual é a herança positiva de João Paulo II?

Zizola – A herança positiva é aquela pela qual ele não é celebrado como deveria: a sua oposição ao choque de civilizações, à ideologia da guerra. A sua defesa dos direitos humanos, do direito à vida. Quanto a esse aspecto, abriu-se uma contradição no mundo católico: ele foi muito aplaudido, mas pouco seguido. O papa sofreu uma grande desilusão ao ver-se isolado em relação a países de antiga tradição cristã, como a Itália, a sua Polônia natal e, num primeiro momento, a Espanha, que mandaram tropas para o Iraque. A maior homenagem que os governos desses países poderiam prestar ao pontífice morto seria, em vez de mandar flores a seu funeral, retirar seus soldados do Iraque. João Paulo II foi o papa da paz.

Veja – *E qual é a herança negativa?*

Zizola – A herança negativa são uma política doutrinária temerosa do novo e o abandono do caminho da colegialidade no governo da Igreja previsto pelo Concílio Vaticano II. A centralização que caracterizou o pontificado de João Paulo II foi sintetizada na exaltação da figura do papa, promovida pelos meios de comunicação. Essa exaltação denota uma figura totalitária, que está acima da Igreja, e não no seu interior. O processo de centralização foi responsável pelo surgimento de uma espécie de bolha especulativa permanente sobre as intenções de um papa que primou mais pelos gestos e viagens do que por reformas concretas. João Paulo II merece um lugar na história pela dimensão internacional que ele assumiu na defesa da paz, dos direitos humanos, da justiça e da ética na globalização. Mas, ao mesmo tempo, ele foi responsável pelo endurecimento doutrinário e moral dentro da Igreja, pela anemia da produção intelectual das elites católicas e pela perseguição a teólogos. A esse propósito, acredito que a condenação da Teologia da Libertação diz mais respeito ao contexto político dos anos 80 do que à leitura objetiva do papel dessa teologia na busca por uma Igreja mais popular.

Veja – *No Brasil, alguns bispos andam animados pela possibilidade de que a morte de João Paulo II leve à ressurreição da Teologia da Libertação. O senhor acredita que isso seja possível?*

Zizola – Na minha opinião, o problema crucial a ser enfrentado pelo próximo papa – e, portanto, pelo conclave que o elegerá – é mais amplo. Trata-se de achar uma resposta da Igreja às exigências da globalização. A Igreja encontra-se diante da necessidade de sair do seu berço europeu, do ponto de vista cultural, político e teológico, e de levar a mensagem do Evangelho a universos com tradição religiosa e espiritual diferentes. Nesse quadro de uma nova mediação entre catolicismo e outras culturas, entra o direito das igrejas locais de elaborar uma teologia e uma cristologia mais adequadas às histórias das várias comunidades.

Veja – *Apesar do abandono do caminho da colegialidade no governo da Igreja, é possível dizer que João Paulo II foi um traidor do Concílio Vaticano II?*

Zizola – Não creio que seja possível emitir um veredicto tão simplista, maniqueísta, a respeito desse ponto. Em alguns aspectos, João Paulo II foi além do que previa o Concílio Vaticano II. Por exemplo, no que se refere ao diálogo com outras grandes religiões. Ele desenvolveu esse diálogo de uma forma muito estruturada, inclusive do ponto de vista teológico. João Paulo II também foi além do que se imaginava na superação do anti-semitismo. No tocante ao ecumenismo, ele avançou bastante. O documento sobre as igrejas orientais abriu um diálogo respeitoso com elas, fundado na concepção de ecumenismo como pluralidade de visões cristãs e no reconhecimento do valor das tradições litúrgicas, espirituais e hierárquicas dessas igrejas irmãs.

Veja – *Mas as relações com a Igreja Ortodoxa russa não melhoraram.*

Zizola – Não melhoraram porque a atitude positiva do papa foi prejudicada por uma abordagem política do assunto por parte da Santa Sé. A Secretaria de Estado, aproveitando-se da fragilidade do patriarcado de Moscou, que sofreu muitíssimo sob o regime comunista, criou dioceses católicas na Rússia e instituiu uma delas na própria sede ortodoxa. Quebrou, assim, um princípio que foi mantido até mesmo depois dos cismas – o da unicidade das sedes episcopais. Não bastasse isso, ocorreu um fenômeno de proselitismo, levado a cabo por grupos e movimentos católicos que saíram do controle do Vaticano. Tais grupos, principalmente depois da queda do Muro de Berlim, quiseram ocupar espaços dos ortodoxos russos, reivindicando o monopólio do verdadeiro cristianismo. João Paulo II ainda tentou recuperar o terreno perdido – multiplicou os gestos de amizade, ofereceu encontrar-se com o patriarca Alexei II fora de Moscou, mas não conseguiu cancelar a desconfiança de que a Igreja Católica queria impor-se como força hegemônica.

Veja – *Além de prosseguir na concretização dos rumos acertados no Concílio Vaticano II e de dar conta dos problemas colocados pela necessária globalização da fé católica, qual será o papel do novo papa?*

Zizola – Depois do vôo alçado pela Igreja durante o papado internacionalista de João Paulo II, talvez esteja na hora de aterrissar o avião e levá-lo para o hangar, para submetê-lo a uma bela revisão das asas e dos motores.

Veja – *O senhor dá a entender que o próximo conclave não escapará da lei do pêndulo que costuma reger as eleições dos papas – ou seja, que depois da estridência gloriosa de João Paulo II os cardeais optarão por alguém com uma personalidade mais serena, mais meditativa.*

Zizola – Sim, o conclave sempre teve a função de reequilibrar o sistema direcional da Igreja Católica. Na história do século XX, depois do longo reinado de Leão XIII, um papa reformador e democrático, os cardeais elegeram Pio X, um homem intransigente, um conservador. Pio X, por sua vez, foi sucedido pelo inovador e pacifista Benedito XV, que lutou para desarmar os católicos que marchavam cegamente para a I Guerra Mundial. E assim por diante, até o conclave que fez o papa João XXIII, uma personalidade completamente oposta à de seu antecessor, Pio XII. Acredito, portanto, que na discussão sobre a herança do longo pontificado de Karol Wojtyła aparecerá essa perspectiva – a da exigência de reduzir a polarização entre o internacionalismo visionário do último papa e a realidade do dia-a-dia da Igreja.

Veja – *O senhor acredita que o próximo conclave será breve ou longo?*

Zizola – Depende da conclusão a que chegarem os cardeais. Se eles concordarem que é preciso entrar numa fase de oficina, para continuar na imagem do avião, e colocar em circulação os inúmeros dossiês críticos sobre a atuação da Cúria, o conclave será breve, durará uma semana, mais ou menos. No entanto, se uma parte dos cardeais entender que é necessário lutar até o fim por um wojtylismo sem Wojtyła, então o conclave será bem longo.

Veja – *Fala-se muito da necessidade de reformar a Cúria Romana, o aparato burocrático encastelado no Vaticano que teria extrapolado as suas funções. O que seria exatamente essa reforma?*

Zizola – A reforma da Cúria Romana é muito simples. Basta trazer os bispos para Roma e aplicar a doutrina da colegialidade no governo da Igreja – dos bispos com o papa e sob o papa. Ou seja, dar aos sínodos poderes deliberativos e também devolver às conferências episcopais aquilo que lhes foi roubado: força de decisão. Isso faria com que a Cúria Romana voltasse a ser apenas um braço executivo do governo da Igreja – governo, não nos esqueçamos, que é fundado sobre o papa e os sucessores dos apóstolos, os bispos. A colegialidade foi um princípio surgido no Concílio Vaticano II que visava a introduzir equilíbrio dentro do sistema de monarquia absolutista pontificia, estabelecido pelo Concílio Vaticano I no século XIX, quando se afirmaram o primado e a infalibilidade papais. Creio que mesmo os bispos e cardeais conservadores já constataram que é dramática a situação de um papa que tem de carregar nas costas o governo de 1,1 bilhão de fiéis espalhados pelo mundo – um papa que é, ao mesmo tempo, líder religioso, espiritual e político num contexto global. Para cumprir suas tarefas, o papa precisa de ajuda – e João Paulo II reconheceu esse fato, quando, em 1995, na encíclica *Ut Unum Sint*, se referiu à reforma do papado.

Veja – *Não será difícil para o próximo papa sair da sombra de João Paulo II, um líder dotado de grande carisma e que morreu gloriosamente?*

Zizola – Todo papa tem o seu próprio carisma. João XXIII, o "papa bom", tinha um grande carisma e não precisou sair muito de Roma para exercê-lo. O seu carisma era o da misericórdia, o da não-exclusão, manifestava-se sem interdições nem excomunhões. A Igreja que ele personificava estava mais próxima dos Evangelhos do que de uma ideologia. Paulo VI, um homem da máquina curial, tinha o carisma da inteligência. João Paulo II possuía o carisma da comunicação – não demagógica, mas que acompanhava uma visão utópica da humanidade. Imagino que o próximo papa terá um carisma de tipo diferente do de Wojtyła. Nem por isso ele será menos eficaz, menos exemplar.

Veja – *A imprensa não se cansa de repetir o ditado que diz que "quem entra papa no conclave sai cardeal". Mas é muito provável que o próximo papa seja um italiano, não?*

Zizola – Bem, é preciso considerar o fato de que um vaticanólogo não é um adivinho. E que hoje, com tantas variantes possíveis, se tornou ainda mais difícil acertar na "loteria do papa". O que posso responder é que, depois de um pontificado de mais de 26 anos, as categorias analíticas dos conclaves precedentes envelheceram. O critério papa italiano/papa estrangeiro não é mais atual. É um equívoco pensar que escolher um candidato de fora da Itália signifique reforma, inovação, e que optar por um italiano seja sinônimo de conservadorismo. Aliás, esse foi um dos erros do Concílio Vaticano II: acreditar que a internacionalização da Cúria resolveria o problema da Cúria. Foram cardeais latino-

americanos, alemães e também franceses que, uma vez instalados em Roma, fizeram com que as reformas voltassem para trás. Quando João Paulo II já estava muito doente, forçaram-no a assinar o documento sobre a Eucaristia elaborado pela Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos, então presidida pelo cardeal chileno Jorge Medina – um documento que representou um retrocesso assustador em relação às determinações litúrgicas do Concílio Vaticano II. Pegaram a sua mão e o forçaram! Enfim, é verdade que há muitos papáveis entre os cardeais italianos, e das mais diversas tendências, mas é preciso levar em conta que, atualmente, no colégio eleitoral, 52 países estão representados – em 1958, quando foi eleito João XXIII, esse número era de apenas 22. Pela primeira vez na história, a Europa não tem maioria absoluta no colégio dos cardeais eleitores. Em 1978, quando foi eleito João Paulo II, os europeus eram mais da metade dos participantes do conclave. Nesse contexto, pode ser que os cardeais decidam fazer um papa italiano, caso cheguem à conclusão de que a Igreja precisa ir para a oficina (eu ainda estou na metáfora do avião). Mas, se assim não for, tudo leva a crer que o novo papa virá de fora da Europa. Seria uma revolução.

Veja – *As chances de o novo papa ser um brasileiro, então, são boas.*

Zizola – Ou um indiano, um argentino, um hondurenho. De qualquer maneira, o novo papa dificilmente será proveniente de um país poderoso, para evitar que haja coincidência entre o papado e uma potência política, econômica e militar. É improvável, por isso, que haja um pontífice americano ou alemão. Se o conclave eleger um papa não europeu, isso representará o encontro do Evangelho com culturas e tradições espirituais de outros continentes – especialmente do asiático. É na Ásia que passará o eixo econômico, político, tecnológico e demográfico do mundo, e o grande desafio do catolicismo está em fincar raízes mais profundas por lá. Se os católicos são uma gota naquele oceano, isso se deve às falências das missões. Mas, desde que a Igreja se libertou do compromisso com as potências coloniais, as pequenas comunidades católicas na Ásia vêm alcançando uma altíssima taxa de crescimento anual, da ordem de 108%. Nessa trilha, o que também está em jogo no próximo conclave é liberar o cristianismo da cristandade.

Veja – *O que significa liberar o cristianismo da cristandade?*

Zizola – Significa desatá-lo dos regimes de cristandade – nos quais a religião cresce apenas vegetativamente, protegida por uma rede social e estatal. A assimetria entre cristianismo e cristandade revela-se na discrepância entre pessoas que se dizem católicas, mas não vão à missa, nem se casam na Igreja ou batizam seus filhos. O cristianismo não poderá existir no futuro como religião de sociedade, e sim como religião de testemunho.

Entrevista 06 - Edição 1905 - 18 de maio de 2005

Entrevista: João Ubaldo Ribeiro
"Somos um país corrupto"

O escritor diz que o governo Lula é incompetente, que ricos e pobres brasileiros são igualmente desonestos e que a idéia de cotas significa um esforço para dividir o Brasil em raças

.....
 João Gabriel de Lima



"O brasileiro é tão subserviente que, quando alguém chama Lula de ignorante – o que é uma verdade –, diz-se que o presidente está sendo desrespeitado"

O escritor João Ubaldo Ribeiro fustiga o presidente Lula com a mesma intensidade com que Luis Fernando Verissimo atormentava Fernando Henrique Cardoso. Nestes dois anos e meio de administração petista, Ubaldo se tornou um dos críticos mais ácidos do governo. "Não gosto dessa posição, não gosto de aparecer, mas fazer o quê? É inevitável se indignar com certas coisas", diz o autor. Seu motivo mais recente de irritação foi a cartilha com termos politicamente corretos elaborada pela Secretaria dos Direitos Humanos. Ubaldo escreveu um e-mail a dezenas de amigos, e isso desencadeou toda a polêmica a respeito do tema. Aos 64 anos, o escritor baiano é um dos maiores best-sellers brasileiros, com 3 milhões de exemplares vendidos ao longo da carreira. Em casa, quando não está escrevendo, Ubaldo se dedica a uma nova paixão: o computador. Ele é capaz de ficar um dia inteiro baixando programas e viajando na internet. Compartilha o hobby com o amigo e também autor Rubem Fonseca: "Ele é um expert e dizia que eu nunca seria como ele. Hoje me chama de mestre". Em seu apartamento no bairro do Leblon, no Rio de Janeiro, João Ubaldo Ribeiro recebeu VEJA para a seguinte entrevista.

Veja – O senhor é um dos maiores críticos do governo. O que há de errado com a administração petista?

Ubaldo – O governo é de uma extraordinária incompetência. Não conseguiu formular nenhum projeto, nenhuma visão nacional. O presidente, na minha opinião, tem de ser respeitado, pela sua condição de incorporar e encarnar o cargo supremo do Executivo brasileiro. E eu jamais faltei com esse respeito. No entanto, o brasileiro é tão subserviente que, quando alguém critica Lula chamando-o, por exemplo, de ignorante – o que não é uma difamação, é uma verdade –, diz-se que o presidente está sendo desrespeitado.

Veja – *A ignorância a que o senhor se refere não seria compensada por outras qualidades?*

Ubaldo – Lula é autor de uma obra monumental, o Partido dos Trabalhadores. É algo sem precedentes na história brasileira, e talvez na história latino-americana. Governar um país, no entanto, não é a dele. Lula não sabe administrar. Ele não senta para ler, para despachar, para trabalhar. Ele tem um ministério que dificilmente conseguirá reunir num mesmo dia porque é impossível, num time de quarenta integrantes, que pelo menos um não esteja gripado ou com algum impedimento.

Veja – *O senhor votou em Lula?*

Ubaldo – Sim, na última eleição. Em 1994 e 1998, votei em Fernando Henrique. Eu não considerava Lula preparado. Hoje vejo que tinha razão. Na época da eleição de 2002, deixei-me convencer de que os quadros do PT seriam suficientes para manter a coisa sob controle e que o presidente não se deixaria seduzir de forma tão flagrante pelos atrativos do poder. Observando o comportamento de Lula, nota-se que o prazer dele não é administrar. São os discursos, são as aparições que eu classifiquei, e não me arrependo do adjetivo, de circenses. Vem sendo assim desde o primeiro dia. Ele foi a uma das cidades mais pobres, se não a mais pobre e faminta do Brasil, lá no Piauí. Muitas daquelas pessoas não sabiam exatamente o que significava um presidente da República, que para elas seria algo assim como um dono do mundo. Lá, ele disse ao povo que todos iriam comer no dia seguinte. E eu duvido que estejam comendo hoje.

Veja – *Por causa desse tom crítico ao governo, o senhor é acusado de estar a serviço do PSDB. Como reage a isso?*

Ubaldo – Eu sou uma pessoa totalmente destituída de rabo preso. Nunca roubei ninguém, não tenho antecedentes criminais, nunca fui dedo-duro, é difícil desencavar em meu passado algo mais grave do que ter enganado uma namorada, e assim mesmo muito eventualmente. Quando eu falo mal do governo, recebo cartas iradas dizendo: "Mas o que o PSDB faria neste caso?". Como se tudo o que eu escrevi contra o PSDB não valesse nada. No Brasil, sempre se acredita que a imprensa vive no bolso de alguém. Eu convivi com Roberto Marinho episodicamente por causa de nossa condição de integrantes da Academia Brasileira de Letras. Por ter comparecido a três ou quatro jantares na casa do dono da Globo, fui acusado de conspirar com ele. Você imagina que Roberto Marinho iria chamar um colunista de jornal para que ambos, juntos, manobrassem os cordões que gerem esta República? As pessoas têm essa convicção porque estão acostumadas ao ambiente de corrupção que reina no Brasil.

Veja – *Não é um exagero dizer que a corrupção reina no Brasil?*

Ubaldo – Nós vivemos num ambiente de lassitude moral que se estende a todas as camadas da sociedade. Esse negócio de dizer que as elites são corruptas mas o povo é honesto é conversa fiada. Nós somos um povo de comportamento desonesto de maneira geral, ou pelo menos um comportamento pouco recomendável. Se você me acompanhar à rua, a gente pode até fazer uma experiência. A população da Zona Sul do Rio de Janeiro é formada em grande parte de gente da terceira idade. Quando um idoso atravessa a rua, os motoristas de ônibus costumam acelerar em ponto morto, fazendo um barulhão. Eles querem dar um susto no velho, eles querem matar o velho. Já vi fazerem isso com crianças, que acabam saindo correndo. Eu mesmo, que tenho 64 anos, já tomei um susto assim. Os brasileiros estão convictos de que, se um pedestre atravessar fora da faixa, o motorista tem o direito de atropelá-lo e matá-lo. Outro exemplo. Eu ouço de várias empregadas domésticas que é comuníssimo aqui no Rio de Janeiro que responsáveis pela merenda escolar retirem substancial quantidade de víveres e alimentos das crianças para levar para casa, distribuir entre parentes e até montar quitandas. Isso é um evidente absurdo.

Veja – *O senhor falou em lassitude moral. Isso não ocorreria porque o país não tem instituições fortes, ao contrário de nações européias e dos Estados Unidos?*

Ubaldo – Nós somos de um país cuja colonização se deu em moldes muito diferentes dos da colonização dos Estados Unidos, nação à qual somos frequentemente comparados. Os colonizadores ingleses, ao vir para a América, estavam dando as costas para a Europa. Eles vieram para nunca mais voltar. Sua intenção, ao chegar ao Novo Mundo, era conceber uma nação ou várias pequenas nações nas treze colônias. No Brasil isso não ocorreu. Não porque os portugueses sejam ordinários pela própria natureza, como frequentemente se diz. A questão é que Portugal nos pegou num momento em

que sua prosperidade dependia do fato de o país ser um grande entreposto da Europa, um grande fornecedor de mercadorias. Fizeram, assim, uma colonização predatória. Portugal enriqueceu à custa do açúcar brasileiro, e Lisboa foi reconstruída pelo marquês de Pombal com dinheiro brasileiro. Convinha manter aqui um controle rígido, diferentemente dos americanos, que de costas para a Europa criaram suas próprias leis. Os portugueses, no entanto, não tinham estrutura para isso. Com essa presença forte do governo necessariamente despoticado pela metrópole, o domínio dos portugueses ocorreu de uma maneira desordenada, desregulada, importando caoticamente a burocracia lusitana, com a corrupção que essa burocracia gera. Construiu-se toda uma visão de mundo centrada na ação estatal. A origem de muitos dos nossos problemas pode ser essa.

Veja – *De acordo com Gilberto Freyre, no entanto, os portugueses contribuíram positivamente ao criar uma nação miscigenada.*

Ubaldo – É verdade, eles deram algumas contribuições positivas, e essa é uma delas. Com a qual, por falar nisso, o governo quer acabar, implantando o sistema de cotas nas universidades. Eu vejo essa idéia com profunda desconfiança e muito desagrado. Em minha opinião, ela representa um esforço para dividir este país, pela primeira vez, em linhas raciais. Tenho amigos diretores e donos de colégios que estão sendo obrigados a classificar os alunos por raça. Que retrocesso é esse? Já me chamaram e me chamam de vez em quando de negro. Eu me recuso a ser chamado de negro. Não porque tenha vergonha. Eu sou filho de uma família portuguesa pelo lado da mãe, neto de um português pelo lado do pai. A mulher do meu avô paterno era uma mulata acaboclada. O que significa que eu tenho sangue negro. Mas eu me recuso a usar o critério americano que diz que é negro todo mundo que tem uma gota de sangue negro. Ou seja, se o sujeito é filho de um zulu com uma sueca, por que a metade zulu tem de prevalecer? E aí vem o governo com essa bobagem de que não se pode usar a palavra "mulato" porque vem de mula. Vou dizer algo politicamente incorreto: Lula é mulato. Se bem me lembro, o cabelo dele era crespo, encarapinhado, no tempo em que era líder metalúrgico. Já hoje, presidente da República, ele tem cabelos sedosos.

Veja – *O senhor acha que o sistema de cotas é de difícil implantação?*

Ubaldo – Eu acho muito complicado classificar as pessoas por raças no Brasil. Eu não vejo TV, posso estar dizendo alguma bobagem, mas eu me lembro de que a Xuxa só aceitava loirinhas para paquitas. Suponhamos que baixassem no Brasil um decreto específico, dizendo: "Xuxa Meneghel é obrigada a reservar 50% das vagas de paquitas para afro-descendentes". Apareceriam no dia seguinte 20.000 loiras de olhos azuis mostrando o retrato de um vovô negão. Carla Perez, minha conterrânea, é uma loira artificial. Ela é mulata, filha de mulato, sem deixar de ser loira. Essa idéia das cotas embute, no fundo, uma visão equivocada: aquela que enxerga a questão da escravidão como um problema de origem racial.

Veja – *E não é?*

Ubaldo – Não existe nada mais falso do que isso. Ao longo da história, os escravos sempre foram os vencidos, e não necessariamente os negros. Na maior parte das civilizações, os escravos eram brancos. Os hebreus foram escravos dos egípcios, por exemplo. Não foram os portugueses que escravizaram os africanos. Eles trouxeram nos navios negreiros pessoas que já haviam sido escravizadas em sua nação de origem. Eram negros escravizando negros. As nações da África do início do ciclo das grandes navegações nunca tinham ouvido falar na existência dos brancos. Acreditavam que a humanidade era negra. Achavam-se, assim, tão diferentes dos vizinhos que falavam outra língua, cultuavam outros deuses e comiam outra comida quanto um inglês se acha diferente de um francês, de um alemão ou de um napolitano. A suposta irmandade entre os negros passou a existir quando eles foram unificados na categoria de escravos.

Veja – *O senhor sempre se autodefiniu como um autor que escreve por dinheiro. Alguém com essa postura sofre algum tipo de discriminação no Brasil?*

Ubaldo – Sem dúvida. Em parte por causa da inveja dos que não conseguem vender livros. Durante a maior parte da história a regra foi a encomenda. Quase toda a arte renascentista foi produzida assim, da Capela Sistina às fontes de Roma. Esse negócio de se sentar e se comunicar magicamente com as musas é conversa de rico que fica falando em arte. O artista de verdade quer ser pago.

Veja – *Por que se lê tão pouco no Brasil?*

Ubaldo – É um lugar-comum dizer que isso ocorre porque o livro é caro. Sem dúvida essa é uma das razões. Há, no entanto, uma cultura de que o livro é uma coisa chata, difícil. Eu sou adotado em escolas, e devo ser odiado por um número imenso de estudantes brasileiros. Os jovens lêem os livros preocupados em responder a perguntas incompreensíveis em provas. Um grande número de professores transmite aos alunos o ódio que eles mesmos têm dos clássicos. O próprio presidente vende a imagem da leitura como uma coisa difícil, comparável a andar em esteira. Uma das coisas graves que eu acho que Lula faz é se gabar, se vangloriar da própria ignorância, da própria falta de formação.

Veja – *O senhor recentemente teve graves problemas de saúde por causa do alcoolismo. Poderia contar o que aconteceu?*

Ubaldo – Foi uma luta de oito anos, complicadíssima. Tudo começou com uma depressão, em 1994, quando voltei da Copa do Mundo dos Estados Unidos. Uma depressão sem motivo, mas eu caí de cama, só não quis me suicidar. Tomei todos os remédios possíveis. Eu, que já bebia bastante, tentei curar a depressão com álcool, que é a pior burrice que alguém pode fazer. Porque a depressão vai embora durante três horas, quatro horas, depois volta pior. Você entra numa espiral descendente da qual é difícil sair. Fiquei oito anos nesse inferno, inchado, tremendo. O auge, há quatro ou cinco anos, foi quando tive uma pancreatite que quase me levou à morte. Passei quinze dias na unidade semi-intensiva do hospital. Tive a sorte de ser um dos poucos casos de pancreatite que não deram dor nenhuma. Dizem que as dores associadas a essa doença estão entre as piores que se podem suportar. Hoje, felizmente, estou há três anos sem beber.

Veja – *Como o senhor superou o problema?*

Ubaldo – Pela via da religião. Eu não me submeto ao ministério de nenhuma crença, embora acredite em Deus, reze todas as noites e me considere cristão. Há algum tempo, por uma série incrível de coincidências que não vou relatar aqui, tornei-me devoto de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Eu dizia que quase morri de pancreatite. Depois que saí do hospital, voltei a meus velhos hábitos de beber. Acordava cedíssimo, por volta das 5 da manhã, ia comprar jornal e passava pelos bares que fecham tarde para comprar uísque. Às 10 da manhã já estava bêbado, e assim passava o dia inteiro. Logo tive o anúncio de que a pancreatite estava voltando: engulhos em seco. Eu acordava e ia direto para o vaso sanitário, para uma sessão de náuseas. Isso piorava a cada dia, e uma segunda pancreatite para mim seria a morte. Até que uma noite, na hora de dormir, eu rezei a Nossa Senhora: "Se amanhã eu amanhecer sem náuseas, eu paro de beber". Acordei e, pela primeira vez em muito tempo, não tive engulhos. Desde então, e isso foi há três anos, não bebi mais nada. Todos os fins de semana vou com meus amigos ao boteco e só tomo guaraná diet. O mais incrível é que não sinto a mínima vontade de beber. Eu poderia dizer que tenho uma imensa força de vontade, mas não seria verdade. Eu não faço esforço nenhum.

Entrevista 07 - Edição 1940 - 25 de janeiro de 2006

Entrevista: Osmar Serraglio

Não vai acabar em pizza

O relator da CPI garante que os responsáveis por corrupção serão indiciados e diz que o presidente da República foi negligente

.....
Alexandre Oltramari



O deputado Osmar Serraglio, do PMDB do Paraná, não foi escolhido por acaso para relatar a CPI dos Correios. Até junho do ano passado, quando as investigações começaram, Serraglio era o perfil ideal para conduzir um trabalho que, aparentemente, tinha o objetivo de não apurar nada. Além de ser muito próximo ao ex-ministro José Dirceu, o deputado era do PMDB, partido aliado do governo, e ainda foi indicado pelo correligionário José Borba, então homem de confiança do Palácio do Planalto. As investigações conduzidas por Serraglio, no entanto, já levaram à cassação do mandato do deputado José Dirceu e à renúncia do deputado José Borba, o seu padrinho. Aos 57 anos, casado e pai de uma filha, Serraglio promete mais. Ele diz que o presidente Lula tem uma enorme parcela de culpa pelo esquema de corrupção desvendado e que vai citá-lo no relatório final. Também afirma que o publicitário Duda Mendonça era peça central no esquema de corrupção petista e que a CPI o convocará para depor. O deputado descarta qualquer possibilidade de as investigações terminarem em um grande acordo para não punir ninguém, conforme desejam várias lideranças do Congresso, inclusive algumas de seu próprio partido.

Veja – *Há uma desconfiança geral de que a CPI pode terminar num grande acordo para não punir ninguém. Essa possibilidade existe?*

Serraglio – Eu acho impossível ocorrer um fiasco. Se a CPI terminasse hoje, ainda assim não poderia ser considerada um fracasso. Você acha que José Dirceu (*ex-ministro da Casa Civil*) teria caído se não houvesse uma CPI com credibilidade? Gushiken (*ex-ministro da Secretaria de Comunicação*), todos os diretores de estatais, todos os contratos que foram rescindidos... Há uma revolução administrativa no governo. Por isso tudo a CPI já valeu.

Veja – *Mas o senhor mesmo vive advertindo sobre a possibilidade de um acordão para salvar os deputados ameaçados de cassação.*

Serraglio – Sim, porque há um exército em atuação para evitar as punições que ainda não se verificaram. Se todos esses partidos envolvidos no mensalão se reunirem, poderão não permitir a cassação de ninguém. Devemos ficar alertas para tal possibilidade. O meu partido, o PMDB, também

tem parcela de culpa, assim como o PTB, o PL, o PP, o PT, o PFL. Essas forças juntas podem evitar qualquer cassação e precisam ser combatidas pela opinião pública.

Veja – *O que as últimas revelações sobre novas contas secretas do publicitário Duda Mendonça acrescentaram às investigações da CPI?*

Serraglio – Duda Mendonça era o grande coordenador da publicidade no governo petista. Foi ele que elegeu o presidente da República. Como Duda costumava negociar contratos futuros caso o candidato vencesse as eleições, é de supor que ele tenha feito isso também no governo de Lula. Marcos Valério, que sempre foi apontado como o grande responsável pela operação do caixa dois do PT, agora parece apenas um apêndice do esquema que tinha Duda Mendonça como personagem central.

Veja – *Diante dessa constatação, o que a CPI pretende fazer a respeito?*

Serraglio – Vamos convocá-lo para depor novamente. Aliás, no que se refere ao senhor Duda Mendonça, tudo é sempre muito difícil. Até hoje a CPI não conseguiu nem ter acesso aos dados da conta que o próprio Duda confessou possuir no exterior. Criou-se uma situação paradoxal. O pedido de acesso à documentação dele, feito pelo governo federal, não incluiu a CPI. E, pelos acordos de cooperação, todos os usuários das informações requisitadas têm de ser apontados no requerimento. A CPI ficou de fora.

Veja – *Não estaria incorreta então a conclusão de que, ao menos nesse caso, a investigação terminará em pizza...*

Serraglio – Nós vamos começar a aumentar o tom, a bater mais forte em relação a Duda. Vamos criar uma situação constrangedora. Temos todos esses dados da conta Düsseldorf no Brasil e não podemos acessá-los. É um absurdo! Há na CPI requerimentos para convocar o ministro Márcio Thomaz Bastos e a doutora Wanine Lima (*coordenadora do Departamento de Recuperação de Ativos e Cooperação Jurídica Internacional*), que não parecem muito dispostos a colaborar. Há uma concepção se formando na CPI de que, se não tivermos acesso a esses dados, será necessário criar uma situação política constrangedora para o ministro da Justiça, para que ele tome uma posição muito mais firme na defesa das prerrogativas da comissão.

Veja – *Já existem provas suficientes para processar Duda Mendonça por falso testemunho, sonegação fiscal, peculato, evasão de divisas e lavagem de dinheiro... Não seria o caso de levar quanto antes o caso do publicitário para a esfera criminal?*

Serraglio – A CPI vai pedir o indiciamento de Duda por todos esses crimes e por todos os outros que viermos a descobrir. Vamos investigar se esse dinheiro todo que ele movimentou tem alguma ligação com o financiamento de campanhas políticas do PT.

Veja – *Duda Mendonça era freqüentador assíduo do Palácio do Planalto. Dá para acreditar que o presidente também não sabia de nada a respeito das maracutaias do publicitário?*

Serraglio – Que o presidente Lula tinha ciência, ele tinha. Só não posso dizer quanto ele sabia. O suposto empréstimo ao PT, por exemplo, está hoje em 100 milhões de reais. À Coteminas, empresa do vice José Alencar, o PT deve 11 milhões de reais. Duda Mendonça disse que fez as campanhas do partido do presidente por 25 milhões de reais mas recebeu apenas 10,5 milhões. Duda, portanto, ainda tem 14,5 milhões para receber. O PT ia construir uma sede em São Paulo com 15 milhões de reais. É difícil acreditar que Lula não viu um caixa paralelo de mais de 140 milhões de reais.

Veja – *O presidente Lula disse na televisão que não acredita na existência do mensalão.*

Serraglio – O presidente está errado ao dizer que não existem provas do mensalão. É um absurdo. Eu sou advogado. O tesoureiro do PT confessa ter distribuído dinheiro a deputados, líderes e presidentes de partidos da base aliada. Há extratos bancários demonstrando isso. Há a confissão e a renúncia de líderes e presidentes de partidos. Há coincidências de repasse de dinheiro com a mudança de parlamentares de partido e com votações de interesse do governo. Só o PL, que deu o vice a Lula, recebeu 24 transferências em menos de seis meses de 2003. São pagamentos semanais, contínuos, em valores muito semelhantes. Como é que não existem provas do mensalão?

Veja – *O presidente Lula será citado em seu relatório final?*

Serraglio – Em direito, há a responsabilidade objetiva e a subjetiva. Está claro que o presidente falhou no que se refere a esta última. Quando se trata de crime de responsabilidade, que é o que embasa o julgamento político, não é preciso provas documentais claras. É preciso saber se há culpa. E o presidente Lula aproxima-se da culpa.

Veja – *Aproxima-se?*

Serraglio – Há três tipos de culpa: por imprudência, por imperícia e por negligência. No caso de Lula, não se trata de imprudência nem de imperícia. O presidente não conseguiu reconhecer indícios de corrupção no partido dele, na campanha dele e no governo dele. Não conseguiu perceber como seu partido foi eleito como uma minoria e formou uma maioria. Ele foi negligente no governo. Escolheu José Dirceu como seu braço-direito. Ele tinha de ter sido mais vigilante, tinha de ter se dado conta das coisas que estavam acontecendo. É responsabilidade dele.

Veja – *E essa negligência do presidente Lula será incluída em seu relatório final?*

Serraglio – Com certeza. A sociedade quer saber se, afinal, o presidente tem ou não culpa nesse esquema de corrupção. Alguma culpa, é óbvio, ele tem. Na melhor das hipóteses, é culpado por negligência, por não ter percebido esse quadro todo. Isso estará no relatório.

Veja – *Essa citação do presidente no relatório da CPI pode ter alguma consequência prática?*

Serraglio – Tal consequência não é mais possível. Havia condições práticas para o impeachment, mas firmou-se a opinião de que era inadequado partir para o tudo ou nada às vésperas de uma eleição. Para que uma ruptura traumática se há mecanismos mais corretos e mais legítimos como uma eleição? Na hora em que se esboçava uma reação que poderia levar ao impeachment, a opção foi descartada.

Veja – *A culpa por negligência seria suficiente para a abertura de um processo de impeachment?*

Serraglio – Sem dúvida. O juízo político é uma decisão do Congresso. A autoridade competente para o julgamento político é o Parlamento. Nem o Supremo pode influir em um processo político. É uma decisão sobre uma responsabilidade subjetiva. Alguém pode ser cassado sem sequer saber o que aconteceu, apenas porque o que aconteceu estava sob seu comando. Ele pode ser cassado porque nomeou, porque é o comandante. No julgamento político não é necessária a comprovação da culpa, mas apenas o convencimento da culpa pelos pares que vão participar do julgamento. A Justiça só pode observar se o procedimento foi obedecido.

Veja – *Os petistas andam discutindo a possibilidade de apresentar um relatório paralelo, repetindo o fiasco da CPI do Banestado, que chegou ao fim com dois relatórios, um do governo e um da oposição, e nenhuma conclusão. O senhor não teme que o fiasco se repita?*

Serraglio – Se eu ainda não fiz o meu, como se pode ter um relatório paralelo? É algo que o PT já deveria ter apreendido. Eles só aprenderam a bater. Não aprenderam a construir. Isso mostra que os petistas ainda não compreenderam o momento histórico que estamos vivendo.

Veja – *Pelo que se sabe hoje, quem é Marcos Valério?*

Serraglio – É um cidadão muito esperto. Ele viu que poderia ser útil e se aproximou do PT para atuar de uma forma que ele já conhecia. Valério era especialista em procurar fornecedores de governos e recolher dinheiro para partidos. É um corrupto.

Veja – *Existe alguma chance de Marcos Valério sair impune?*

Serraglio – Não. Ele vai ser indiciado por corrupção, lavagem de dinheiro, fraude em licitação, sonegação fiscal, evasão de divisas. São inúmeros os seus crimes...

Veja – *E quanto a Delúbio Soares?*

Serraglio – Será indiciado por corrupção, falsidade ideológica, tráfico de influência...

Veja – *José Dirceu?*

Serraglio – Corrupção.

Veja – *Corrupção?*

Serraglio – Corrupção.

Veja – *Mas Dirceu vive dizendo que não existem provas contra ele.*

Serraglio – Prova não é só documento. Há muitos testemunhos contra ele. Nenhuma das negociações escusas com os partidos se concluiu sem a anuência de Dirceu. A grande maioria dos membros do Congresso Nacional sabe como as coisas aconteciam. Nós víamos isso aqui. Quando Roberto Jefferson denunciou o mensalão, ninguém ficou surpreso. Além disso, não podemos esquecer que a ex-mulher de Dirceu recebeu empréstimo e emprego de um banco, o BMG, que foi beneficiado pelo governo em contratos com aposentados.

Veja – *Como a CPI vai provar que os empréstimos ao PT são fajutos?*

Serraglio – Eles nunca foram contabilizados. Ou melhor, só foram contabilizados depois de descobertos, no fim do ano passado. Além disso, as garantias são insuficientes, em desacordo com as exigências praticadas no mercado, as renovações eram sistemáticas e, o que é fundamental, os empréstimos nunca foram cobrados. Ora, empréstimo que não é pago nem é cobrado não é empréstimo, é doação. Por fim, a CPI descobriu que o dinheiro começou a jorrar do valerioduto antes de os bancos credores começarem a liberar os recursos dos supostos empréstimos. É tudo montagem.

Veja – *Quem pagou o mensalão?*

Serraglio – Foi o PT, com esses empréstimos forjados, cuja origem ainda desconhecemos, e o dinheiro desviado do Banco do Brasil pela Visanet.

Veja – *Há meia dúzia de bancos que não entregaram dados confiáveis à CPI. Como uma CPI pode ser exitosa se não tem força sequer para conseguir que meia dúzia de bancos entreguem documentos idôneos e confiáveis?*

Serraglio – Todos esses bancos nos procuraram para afirmar que entregarão os documentos. Há uma deficiência técnica no sistema que eles prometem sanar. Não vamos concluir a CPI sem esses dados. Se necessário, vamos ao Banco Central apreender, fazer o que for necessário.

Veja – *Depois dessa CPI, dessa crise de corrupção, alguma coisa vai mudar na política do Brasil? Ou caixa dois e compra de parlamentares continuarão existindo?*

Serraglio – É triste, mas, em tese, tudo isso pode voltar a acontecer. Mas acho que não será mais nesse nível. Hoje, há muitos olhos vigiando o que os políticos fazem. Quem não perceber isso se dará mal.

Entrevista 08 - Edição 1949 - 29 de março de 2006

Entrevista: Bob Iger

"Nosso negócio é conteúdo"

O novo presidente da Disney fala de seus planos para a companhia e de como a tecnologia está mudando o mundo do entretenimento

.....
Carlos Graieb

Bob Iger assumiu a presidência da Disney, em outubro de 2005, em circunstâncias difíceis. Um grupo de acionistas liderado por Roy Disney, sobrinho de Walt Disney, o fundador da companhia, atacava fortemente o time de executivos do qual Iger fazia parte. Além disso, seu antecessor no cargo, o combativo Michael Eisner, havia emitido sinais contraditórios a seu respeito: às vezes o elogiava, às vezes dava a entender que ele não tinha as qualidades necessárias para dirigir uma empresa-símbolo da cultura e do capitalismo americano. Em seis meses de gestão, Iger conseguiu reverter esse quadro. Pôs fim à guerra com os acionistas e mostrou que pretende livrar-se da sombra de Eisner. Ele firmou uma parceria inédita com Steve Jobs, inventor dos computadores Apple, para oferecer programação em iPods. Em seguida, novamente em negociação com Jobs, comprou os estúdios Pixar, responsáveis pelos maiores sucessos da animação recente. O mercado respondeu aos lances de Iger: as ações da Disney subiram desde que ele assumiu. Adepto da diplomacia e da fala mansa, o executivo de 55 anos, que começou sua carreira apresentando boletins do tempo na televisão, encontrou-se com VEJA em Buenos Aires para a seguinte entrevista.

Veja – *A Disney é hoje um enorme conglomerado de empresas que inclui parques, estúdios de cinema e de animação, canais de televisão aberta e paga, uma divisão de produtos como roupas, brinquedos e aparelhos eletrônicos. Qual é a cola que mantém todas essas peças unidas?*

Iger – Há dois modos de gerir um conglomerado. Você pode encará-lo como uma holding, uma controladora de empresas independentes. Ou pode integrar o negócio. A Disney está definitivamente no segundo grupo. Nosso objetivo é criar entretenimento de qualidade voltado para a família, e perseguimos esse objetivo mesmo quando a marca Disney não está logo à vista. É essa a filosofia que alimenta a ESPN, que é um canal de esportes, a ABC, que cria programas de televisão como *Lost* e *Desperate Housewives*, ou os estúdios que fazem nossos desenhos animados. Acredito, além disso, num estilo de administração agressivo, que visa a manter apertados os laços entre as nossas várias divisões. Todas elas têm de se adaptar a três prioridades estratégicas, que são o investimento em criação, a aplicação de novas tecnologias e a busca de expansão global. As empresas podem ter suas "subprioridades", mas não podem jamais se esquecer desse direcionamento geral.

Veja – *Qual o negócio central da Disney?*

Iger – Criar conteúdo. Esse é meu objetivo número 1. Pelos próximos cinco anos, uma enorme fatia de nossos recursos vai ser usada para fomentar a criatividade nessa empresa. Acredito que o futuro será das companhias que possuírem marcas fortes e investirem em criações de qualidade. Os consumidores têm hoje tantas escolhas que vão gravitar naturalmente em torno de produtos que são mais conhecidos e têm qualidade comprovada. A boa qualidade e a qualidade apenas mediana determinarão a diferença entre sobreviver e morrer. Essa é minha aposta.

Veja – *Nos últimos dez anos, os desenhos animados da Disney perderam parte do encanto para os jovens. Por que isso aconteceu?*

Iger – A passagem das técnicas tradicionais para as técnicas digitais de animação é parte da resposta, mas não a resposta inteira. Já passei muito tempo tentando decifrar o enigma, e a verdade é que não consegui. Então decidi olhar para a frente, em vez de ficar obcecado com o que já aconteceu. Disney e animação são palavras conjugadas. Para a Disney, é vital que seus desenhos sejam fortes. Estamos falando de filmes que, quando bem-sucedidos, viram parte da cultura. *Branca de Neve, Cinderela, O*

Rei Leão, *Toy Story* são títulos que sobrevivem por gerações. Igualmente importante, um sucesso na animação tem reflexo em vários negócios, dos parques de diversões ao licenciamento de marcas. Então, é preciso que nosso departamento de desenhos animados esteja em sintonia com o tempo e transbordando de inventividade. Talento desse tipo é difícil de encontrar, não cresce em árvores. A equipe da Pixar, com Steve Jobs e John Lasseter à frente, já demonstrou ter a energia necessária. Esse é o motivo por que gastamos alguns bilhões de dólares em ações para comprar os estúdios. Pense em *Toy Story*, em *Monstros S.A.*, em *Procurando Nemo*. Eles fazem o melhor trabalho de animação da atualidade.

Veja – *A compra da Pixar não foi seu único negócio com Steve Jobs. Vocês fizeram um acordo pioneiro para distribuir séries de televisão como Lost para iPods, via internet. Como novas tecnologias desse tipo vão mudar a vida de empresas como a Disney, cujo negócio é criar conteúdo?*

Iger – Se você combinar todos os novos meios de distribuição de informações, como a internet, com todos os novos aparelhos que as pessoas possuem, como o iPod e o celular, a conclusão é que os consumidores nunca tiveram tantas oportunidades para consumir informação e tanto poder para decidir como, quando e onde querem fazê-lo. Diante disso, você pode assumir uma atitude defensiva, negando-se a oferecer seus produtos em novos formatos, ou pode abraçar as novas oportunidades. O maior risco que podemos correr como empresa é lutar para manter o status quo.

Veja – *É verdade que o senhor tentou abortar as séries Lost e Desperate Housewives, que acabaram se tornando os maiores sucessos recentes da rede ABC?*

Iger – Não, isso não é verdade. Eu sempre apoiei as séries. *Lost* foi o piloto mais caro que a ABC já produziu. Se eu não apoiasse a idéia, ela nunca teria se concretizado. O primeiro capítulo foi um dos mais extraordinários já feitos na televisão. O que é verdade é que eu considerei o programa arriscado. O enredo é complicado e tortuoso. Se seria um sucesso ou não, era uma incógnita. O mesmo vale para *Desperate Housewives*.

Veja – *Quando a Disney fala em transmitir séries para iPods, parceiros tradicionais como as afiliadas de televisão ou os produtores de DVDs se assustam e logo pensam que vão perder receita. Como lidar com essa resistência?*

Iger – Eu respeito esses parceiros. Eles foram importantes para nós e continuarão sendo. Mas não podemos ignorar o consumidor. Ele vem primeiro, e não podemos exigir que se preocupe com as velhas regras de nosso negócio. Meu esforço é fazer nossos parceiros entender que uma revolução está em andamento. E, se as empresas que trabalham em setores tradicionais – como os cinemas, por exemplo – souberem se atualizar do ponto de vista técnico, elas não têm por que temer as novidades.

Veja – *A pirataria, nas ruas ou na internet, é um grande problema para quem produz entretenimento. Qual a estratégia da Disney para combatê-la?*

Iger – Para vencer a pirataria é preciso agir, e não ficar na defensiva. Sim, temos de reforçar as leis, melhorar as barreiras tecnológicas contra roubos e informar as pessoas de que pirataria é crime, mas isso não basta. O que vai nos fazer vencer a batalha é oferecer produtos por um preço justo, no formato tecnológico que as pessoas querem. Desde que lançamos *Lost* e *Desperate Housewives* em versão para iPod, 4 milhões de downloads foram feitos. Isso significa que as pessoas estão dispostas a pagar por conteúdo legítimo, associado a tecnologias que proporcionem conveniência e mobilidade. Antes de fazermos isso, tudo o que havia era o roubo. Agora existe o roubo, e também o contorno de um mercado legal. Então eu digo: não tenha medo, disponibilize o seu conteúdo.

Veja – *As relações com a Pixar quase se romperam porque Steve Jobs e Michael Eisner, seu antecessor na presidência da Disney, não se entendiam. O que o senhor fez para reconquistar Jobs?*

Iger – Comecei a conversar com Jobs um ano atrás. Adoro aparelhos eletrônicos, tenho todas as novidades, e no começo conversávamos sobre tecnologia. Então surgiu a idéia do Video iPod, que receberia as séries da Disney. Ao trabalhar nesse projeto, desenvolvemos um vínculo de confiança e respeito. Descobrimos que um ia com a cara do outro. E começamos a discutir a compra da Pixar, que nem havia sido cogitada no início. É claro que foi complicado, pois precisávamos definir o preço e inúmeras outras circunstâncias, mas tínhamos uma boa base para conversar.

Veja – *Jobs é considerado um dos homens de negócios mais brilhantes da atualidade. Tornou-se acionista da Disney e integrante de seu conselho administrativo. Como será tê-lo por perto?*

Iger – Steve é um sujeito inspirador e nossa relação é produtiva. Ele será um grande conselheiro para mim e para a companhia.

Veja – *Por quase toda a carreira, o senhor foi o braço-direito de executivos de personalidade muito forte, como Tom Murphy, da ABC, e Eisner, da Disney. Como sobreviver nessas circunstâncias?*

Iger – Dinheiro e poder são importantes, mas não bastam se não houver prazer. Eu gosto muito do universo em que desenvolvi minha carreira, não tenho medo do trabalho duro, e isso foi essencial. Mas, no ambiente das grandes corporações, onde o jogo político é pesado, a paciência também é extremamente importante. Eu, de alguma forma, consegui mantê-la. Atravessei um processo de sucessão duríssimo, com a sombra de Eisner sobre mim e um ambiente interno conturbado na empresa, mas não perdi a cabeça. Não poderia estar mais feliz com o que conquistei.

Veja – *Eisner é conhecido por ser duro, até mesmo ríspido. Vocês ainda se falam?*

Iger – Sim, mantemos contato. Quando existe respeito, não importa se a pessoa é dura ou amigável. Eisner sempre foi digno de respeito. Não faria o trabalho que faço sem seus ensinamentos quanto ao valor da marca Disney e quanto ao funcionamento de áreas que eu desconhecia, por ter me formado na televisão, como a dos parques temáticos e a do cinema. Ele foi generoso ao me transmitir esse tipo de conhecimento.

Veja – *Nos últimos meses da gestão Eisner, Roy Disney liderou uma rebelião de acionistas. Ele interrompeu o ataque depois que o senhor assumiu. Como conseguiu apaziguá-lo?*

Iger – Todos os conflitos internos em que nos envolvemos foram muito prejudiciais. Gastamos uma energia enorme para lidar com eles. Então, uma das minhas prioridades ao me tornar presidente foi costurar um acordo de paz que era do meu interesse e do da companhia. Reconhecemos o peso do nome Disney, que Roy carrega. Reconhecemos o legado da família que fundou a empresa. Então é justo que ele tenha um escritório na empresa, um assento no conselho mais um cargo honorário.

Veja – *Quando se fala na Disney, tradição é uma palavra importante. Qual o peso que ela tem?*

Iger – É importante respeitar o passado, mas não reverenciá-lo. Quando reverencia o passado, você se escraviza. O segredo está em apreciar o legado de quem criou uma grande empresa, entender quais foram os ingredientes cruciais para o sucesso e carregá-los para o futuro, sem permitir que sejam obstáculo para as transformações necessárias.

Veja – *O preço das ações da Disney atingiu seu pico no ano 2000. Eram mais de 43 dólares por cota. Hoje o valor está em torno dos 29 dólares. É possível retornar àquele nível recorde?*

Iger – Não me arriscaria a prever. Aqueles eram outros tempos. Havia a explosão da internet, que criou um enorme aumento na publicidade para empresas de comunicação. E não havia ainda o fantasma do terrorismo. Tenho certeza de que o valor de nossa empresa crescerá ao produzir bom conteúdo – mais *Toy Stories*, mais *Reis Leões*, mais *Losts*. Mas não vou reclamar se o mundo colaborar – se houver mais paz e segurança e uma economia em crescimento constante.

Veja – *O senhor diz que a expansão global da Disney é uma prioridade. Quais são os alvos iniciais?*

Iger – É preciso equilibrar o investimento entre mercados maduros e mercados emergentes. É uma grande tentação jogar as fichas nos mercados novos, por causa do potencial e da efervescência. Mas a verdade é que países desse tipo demandam muita paciência e não são fáceis de abordar. Há problemas estruturais, incertezas econômicas, e por aí afora. Por isso, mercados maduros como o japonês ou o europeu, que não são tão excitantes à primeira vista, oferecem mais oportunidades a curto prazo. Diria que nos próximos cinco anos vamos destinar a eles a maior fatia de nossos recursos, sem esquecer de países como Rússia, Índia, China e Brasil – que é nosso mercado mais vigoroso na América Latina. Eles também estão nos nossos planos quinqüenais.

Veja – *Vocês abriram recentemente um parque de diversões em Hong Kong. Os chineses gostam do Mickey?*

Iger – O nível de satisfação dos visitantes da Disney de Hong Kong, segundo nossas pesquisas, é o mais alto que já obtivemos em nossos parques. Então posso dizer que sim, eles gostam do Mickey. Como em todos os outros parques que abrimos fora dos Estados Unidos, esse vem nos demonstrando a necessidade de atentar para as peculiaridades locais. Tivemos, por exemplo, de redesenhar todo o nosso serviço de alimentação, porque as pessoas naquela área dedicam um tempo comparativamente longo às refeições. Como não havia rodízio entre as mesas, as filas cresceram. Apesar de viverem num país com mais de 1 bilhão de habitantes, os chineses odeiam filas no restaurante.

Entrevista 09 - Edição 1965 - 19 de julho de 2006

Entrevista: Henry Petroski
O fracasso ensina

O especialista em design diz que os desastres envolvendo obras ou máquinas se transformam em combustível para o avanço da tecnologia

Rosana Zakabi

Jernny Warburg/The New York Times



"A invenção é a mãe da necessidade. Ninguém precisava do iPod ou do telefone celular antes que eles fossem inventados"

O americano Henry Petroski, professor de engenharia e história da Universidade Duke, é um dos mais respeitados especialistas em design, a técnica de criar produtos atraentes e funcionais. Nos últimos anos, ele tem se dedicado a investigar um fenômeno: mesmo com a tecnologia de que se dispõe hoje, por que continuam a ocorrer falhas às vezes catastróficas em novos projetos de engenharia? Como exemplo, ele cita a série de acidentes causada recentemente nos Estados Unidos por um modelo de pneu defeituoso. O trabalho resultou num livro recém-publicado, *Success through Failure – The Paradox of Design* (O Sucesso através do Fracasso – O Paradoxo do Design), ainda sem previsão de lançamento no Brasil. Na obra, Petroski chega a duas conclusões. Primeiro, enquanto existir progresso tecnológico, erros e acidentes continuarão acontecendo. Segundo, esses erros são valiosos para diminuir o risco de novas falhas no futuro. "Se o *Titanic* não tivesse afundado, não se descobririam as falhas de seu projeto", ele exemplifica. Da Carolina do Norte, onde mora, Petroski falou a VEJA.

Veja – O que é um bom projeto?

Petroski – O bom design, aplicado tanto a um eletrodoméstico como a um edifício ou uma ponte, incorpora o espírito de aperfeiçoamento inerente ao ser humano, a vontade de tornar o mundo mais prazeroso e divertido. Um design espetacular não precisa ser uma obra de grandes proporções. Muitas vezes, trata-se de um objeto simples e pequeno, como aquele dispositivo de plástico que se espeta no meio da pizza para impedir que ela grude na tampa da caixa durante o transporte. É um bom design porque resolve um problema comum de maneira bastante econômica e eficiente.

Veja – O que é mais importante: beleza ou funcionalidade?

Petroski – No melhor design, funcionalidade e estética são tratadas com igual importância. Uma não deve sobressair à outra. Devem se complementar de forma harmoniosa.

Veja – *Que papel desempenha a criatividade no mundo moderno?*

Petroski – Em tese, se nada mais fosse inventado, o mundo poderia funcionar bem com os objetos e sistemas já existentes. Entretanto, faz parte de nossa natureza querer melhorar o que é ineficiente, deslegante e incompleto. A criação de novidades torna-se imperiosa quando a qualidade de vida entra em conflito com a percepção de que determinado objeto ou construção utilizados atualmente são imperfeitos. Mesmo que ninguém clame por uma ponte mais longa ou um avião mais rápido, o desafio técnico de produzi-los impulsiona sua criação e construção.

Veja – *Como pensam os grandes inovadores tecnológicos?*

Petroski – Eles enxergam falhas onde a maioria das pessoas vê apenas sucesso. Percebem no fracasso a oportunidade de criar algo melhor do que o que já existe e também de prevenir falhas no futuro.

Veja – *Isso significa que o fracasso impulsiona os bons inventores?*

Petroski – Sem dúvida. Enquanto houver progresso tecnológico, erros e acidentes continuarão acontecendo. A falha servirá de lição, desafiará os engenheiros a corrigi-la e, dessa forma, se transformará em combustível para o avanço das tecnologias. Esse é o paradoxo do design e das criações em geral. Historicamente, aprendemos mais pelos fracassos do que pelos sucessos. As mais importantes criações dos últimos tempos foram aquelas que focaram nas limitações e nas falhas. A Ponte de Quebec, hoje um dos símbolos do Canadá, é um exemplo clássico disso. Ela foi projetada com base num sucesso anterior, mas desabou duas vezes quando ainda estava em construção. A obra só deu certo depois que os engenheiros decidiram abandonar o projeto original e criar outro modelo.

Veja – *A história tem vários casos de pontes que não deram certo. Um dos mais recentes ocorreu em 2000, em Londres, quando a Ponte do Milênio, ao ser inaugurada, balançou tanto que teve de ser interdita. Por que existem tantos fracassos envolvendo pontes?*

Petroski – Estatísticas mostram que, desde meados do século XIX, a cada trinta anos ocorre um grave acidente envolvendo uma ponte de grande porte. Esse é o tempo que uma geração de engenheiros leva para suprir a geração seguinte com a experiência de projetos bem-sucedidos. Ao criarem uma nova ponte, os engenheiros precisam mapear as possíveis falhas e desafiar a si próprios o tempo todo para que a obra dê certo. A partir do momento em que o projeto é vitorioso, a tecnologia utilizada acaba sendo vista como algo natural e passa a ser reproduzida em novos projetos, sem que se tenha o cuidado de avaliar se eles podem mascarar alguma falha. Foi o que aconteceu com a Ponte do Milênio. O projeto da ponte era ousado e moderno, mas o erro dos engenheiros foi não prever que uma multidão caminhando em cima dela a faria trepidar, danificando sua estrutura. Apenas nos primeiros anos deste novo século assistimos ao desabamento do teto do novo terminal do Aeroporto Charles de Gaulle, em Paris, à queda do supersônico Concorde e ao recall de milhões de pneus Firestone, aos quais se atribuiu uma série de acidentes fatais com automóveis Ford.

Veja – *Por que falhas como essas continuam acontecendo mesmo com as tecnologias hoje disponíveis?*

Petroski – Um dos maiores erros cometidos pelos engenheiros é acreditar que dominam com perfeição uma determinada técnica. O excesso de confiança faz com que eles se concentrem demais nos aspectos inovadores de seus projetos e descuidem dos detalhes básicos, que manterão a obra de pé. Os engenheiros pensam que prédios e pontes de um ou dois séculos atrás só caíam porque haviam sido projetados sem os recursos tecnológicos existentes hoje. Isso não é verdade. As estruturas obedecem às mesmas leis da natureza, independentemente de quando foram criadas. Ou seja, um projeto malfeito responderá da mesma maneira que no passado.

Veja – *O conhecimento acumulado em séculos de fracassos não é suficiente para evitar que novos erros ocorram?*

Petroski – Acontece a todo ser humano descuidar do fácil e do comum. Cortamos o dedo fatiando legumes e tropeçamos ao subir escadas, embora saibamos perfeitamente como proceder em cada uma dessas ações.

Veja – *É preciso falhar primeiro para ter sucesso depois?*

Petroski – Não necessariamente. O que precisamos é entender como um projeto pode falhar e incorporar características que previnam diferentes tipos de falhas. Na maioria das vezes, entretanto, o sucesso é fruto do aprendizado com fracassos anteriores. Nas indústrias automobilística e aeronáutica, cada novo produto passa por uma bateria de testes de qualidade que pode durar anos. Possíveis falhas são eliminadas durante esse processo antes de o produto ser lançado no mercado. Mas esses testes só se tornaram prioridade nas indústrias devido à quantidade de acidentes envolvendo automóveis e aeronaves ao longo da história.

Veja – *O naufrágio do transatlântico Titanic foi atribuído a uma série de erros cometidos desde a fase do projeto. Como a tragédia poderia ter sido evitada?*

Petroski – A função do designer é antecipar como uma obra pode falhar. Ao construírem o *Titanic*, os responsáveis pela obra deveriam ter previsto a possibilidade de o navio colidir com um iceberg e calculado melhor a construção do casco, o material utilizado e a quantidade de botes salva-vidas disponíveis no navio. O problema é que as exigências do luxo se sobrepuseram às da segurança. Ironicamente, o fracasso do *Titanic* contribuiu muito mais para o desenvolvimento de navios mais seguros do que se ele tivesse sido um sucesso. Se o navio não houvesse colidido com o iceberg na viagem de inauguração, a falsa idéia do navio perfeito, impossível de afundar, teria incentivado a criação de outras embarcações do mesmo tipo, com modelos cada vez maiores e mais arriscados.

Veja – *Existe o design perfeito?*

Petroski – Não acredito nisso. Tudo pode ser aperfeiçoado. No século XIX, quando se inventou a varinha de madeira utilizada pelos professores em sala de aula para mostrar detalhes no quadro-negro, chegou-se a considerá-la uma das grandes invenções da época. Logo se percebeu que tinha muitas falhas. Era incômoda para carregar, quebrava com facilidade e, em algumas escolas, passou a ser utilizada para aplicar castigos nos alunos. Com o tempo, surgiram versões aperfeiçoadas da varinha, como aquela feita de metal e retrátil como uma antena de carro. Mais recentemente, para o mesmo fim, criou-se o bastão a laser. O objeto sem dúvida se tornou melhor, mas ainda está longe da perfeição.

Veja – *Como saber qual o momento certo de redesenhar um objeto?*

Petroski – Um objeto precisa ser refeito quando a intolerância com suas imperfeições supera a apreciação de seus benefícios. Os telefones celulares antigos eram grandes e pesados, incômodos de carregar. Eles podem ter servido bem durante determinado período, mas chegou um ponto em que sabíamos que era possível fabricar celulares menores e, assim, mais desejáveis. A disponibilidade de aparelhos mais compactos logo colocou os modelos antigos em desuso.

Veja – *Se o senhor pudesse redesenhar algo, o que escolheria?*

Petroski – Eu redesenharia o supermercado, porque acho desconfortável a disposição convencional de longos corredores paralelos, principalmente quando o objetivo é comprar apenas um ou dois produtos.

Veja – *Como seria o supermercado ideal?*

Petroski – Eu e meu filho, que também é engenheiro, desenhemos um supermercado cujos corredores saem de uma área central, tornando mais fácil e rápida a ida de um lado para outro. Nosso projeto também prevê caixas registradoras instaladas em cada canto da loja. Assim, sempre haveria um caixa perto de onde se terminasse de fazer as compras.

Veja – *Existem criações eternas, que não ficam ultrapassadas com o passar do tempo?*

Petroski – Existem vários objetos ou projetos que continuam atuais independentemente de quando foram criados. É o que chamamos de obras-primas, ou clássicos, e os grandes museus, como o Louvre, estão cheios deles.

Veja – *Qual o conceito de uma obra eterna?*

Petroski – Um conceito eterno é aquele que está acima da moda e da novidade, algo que se ajusta perfeitamente a qualquer época. Roupas clássicas, como *tailleurs*, alguns tipos de cadeira, taças de

vinho e copos de martíni se enquadram nessa categoria. Os designers vez por outra tentam modificá-los, mas sem sucesso.

Veja – *Um grande designer precisa, necessariamente, ser um grande inovador?*

Petroski – Sim, inovação e projeto são aspectos intimamente ligados. O grande designer é aquele que produz algo nitidamente melhor do que tudo o que já havia sido criado anteriormente naquela área. Ou então cria um objeto novo que imediatamente cai no gosto popular. Invertendo o célebre ditado, às vezes a invenção é a mãe da necessidade. Ninguém precisava do iPod ou do telefone celular antes que eles fossem inventados e introduzidos no mercado. Uma vez que foram criados, no entanto, tornaram-se objetos de desejo.

Veja – *A concepção de objetos e prédios torna-se cada vez mais arrojada. A sociedade atual é a mais criativa da história?*

Petroski – Não. Sempre medimos a criatividade e a inovação pelo que conhecemos e pela época em que vivemos. É difícil para alguém que vive no início do século XXI apreciar todas as implicações do que era criativo e inovador no início do século anterior. Para uma pessoa que não conheceu a TV quando criança, assistir à primeira televisão em preto-e-branco, na década de 50, era uma experiência mágica. Isso parece banal para quem cresceu no fim do século XX assistindo a programas na tela plana, gigante e colorida.

Veja – *Qual a diferença entre criar pequenos objetos e grandes obras?*

Petroski – O criador de pequenos objetos participa de todos os processos de criação, execução e finalização. Isso fez com que muitos objetos fossem redesenhados ao longo da história e tenham chegado perto da perfeição. É o caso do clipe de papel, por exemplo. Já as grandes obras demandam equipes, o que acarreta limitações. O arquiteto Frank Gehry leva os créditos pelas ousadas obras que cria, mas, para cada prédio erguido, ele depende de uma equipe de engenheiros e arquitetos. Se a equipe não conseguir fazer um bom trabalho, pode arruinar todo o processo de design.

Veja – *É verdade que a cadeira é o objeto mais redesenhado de todos os tempos?*

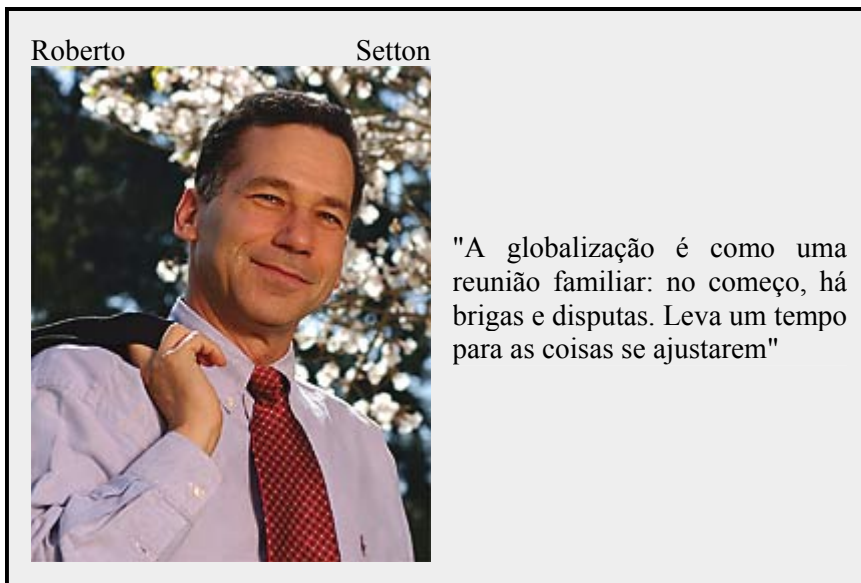
Petroski – Certamente, criar cadeiras é um desafio clássico. Há um bom motivo para isso: nenhuma cadeira é confortável quando utilizada por longo período de tempo.

Entrevista 10 - Edição 1971 - 30 de agosto de 2006

Entrevista: William Ury
O inferno somos nós

O antropólogo americano, especialista em técnicas de negociação, explica como fazer para resolver conflitos de forma pacífica

.....
 Diogo Schelp



"A globalização é como uma reunião familiar: no começo, há brigas e disputas. Leva um tempo para as coisas se ajustarem"

O antropólogo americano William Ury, de 52 anos, passou as últimas duas décadas mediando conflitos na Indonésia, Venezuela, África do Sul, Iugoslávia e Oriente Médio. No anos 80, ajudou o governo americano a criar uma fórmula para controlar o risco de uma crise nuclear acidental com os soviéticos. Todas as guerras das últimas décadas não foram suficientes para tirar-lhe o otimismo. "A humanidade está caminhando para uma era em que os conflitos serão resolvidos na base da conversa", diz Ury, especialista em negociação da Universidade Harvard, nos Estados Unidos. Ele é autor de quase duas dezenas de livros sobre técnicas de negociação, úteis tanto na diplomacia quanto na vida privada. *Como Chegar ao Sim* e *Supere o Não* já venderam mais de 5 milhões de cópias. Ury vive no Colorado, nos Estados Unidos, com sua esposa paulista e seus três filhos. Ele falou a VEJA em São Paulo, onde participa da *Coexistence*, exposição sobre a convivência entre os povos.

Veja – O filósofo francês Jean-Paul Sartre escreveu que "o inferno são os outros". O senhor concorda?

Ury – Eu diria que o outro somos nós. Quando dizemos que o inferno são os outros, na verdade estamos olhando para o nosso próprio inferno interior. A humanidade é uma só. Somos todos quase idênticos geneticamente. A dificuldade em lidar com os outros existe apenas porque não somos bem resolvidos com nós mesmos. Essa luta interna reflete-se tanto na vida particular quanto em um conflito entre povos, como o do Oriente Médio. Em trinta anos trabalhando com negociação, percebi que devemos desenvolver a habilidade de nos colocar no lugar do outro e entender sua visão do mundo. Para isso, é preciso saber ouvir. Há quem pense que negociação é falar. Na verdade, os melhores negociadores, seja no mundo corporativo, seja na diplomacia, são aqueles que sabem escutar. O maior obstáculo para isso é o fato de estarmos sempre tão focados em nós mesmos.

Veja – Faz parte da natureza do ser humano matar uns aos outros para resolver as disputas?

Ury – Dediquei muitos anos buscando a resposta para essa questão. Para isso, passei um tempo com os bosquímanos, povo do sul da África que vive da mesma maneira que nossos ancestrais viveram em 99% da existência humana. Depois, participei da mediação de conflitos na Chechênia, na Iugoslávia e na África do Sul. A minha conclusão é que a guerra faz parte da natureza humana, da mesma maneira que a paz. A idéia, no entanto, de que os confrontos violentos entre grupos humanos acontecem desde sempre é falsa. A verdade antropológica é que as guerras têm suas raízes nos primórdios da civilização, quando os seres humanos estavam deixando de ser nômades e começaram a cultivar e a criar animais. Isso levou à concentração de população e à competição por terra e por comida. Em seguida, vieram as tensões populacionais e as guerras. De lá para cá, passaram-se 10.000 anos, o equivalente a apenas 1% de nossa existência. A guerra como um fenômeno social organizado, portanto, é muito recente.

Veja – *Em um livro publicado antes dos atentados terroristas de Nova York, o senhor escreveu que, em um mundo globalizado, a negociação iria prevalecer sobre a violência. Sua opinião mudou depois dos ataques do 11 de Setembro?*

Ury – Não. Estamos vivendo tempos muito turbulentos, de transição. É um período marcado por uma transformação na estrutura da sociedade. Antes, prevaleciam as sociedades verticais, em forma de pirâmide. Assim eram as monarquias, o feudalismo e as ditaduras. Agora, a democracia está se espalhando ao redor do mundo. Essa democratização acontece no trabalho, na estrutura familiar e na política. A pirâmide está sendo achatada, o que significa que todos querem participar das decisões que os afetam. No curto prazo, isso gera mais conflitos.

Veja – *De que maneira isso levará a um mundo baseado na convivência pacífica?*

Ury – Estamos vivendo uma "revolução da negociação". Conforme o poder de decisão é transferido do topo para a base da sociedade, a capacidade de negociação se torna mais necessária. Essa é a primeira vez na evolução humana em que todas as tribos e os mais de 6 000 grupos lingüísticos do planeta estão em contato intenso uns com os outros. Essa é nossa primeira grande reunião de família. Como em qualquer encontro familiar, tudo começa com picuinhas, disputas e situações de incompatibilidade. Leva um tempo para as coisas se ajustarem. Esse é o desafio da nossa geração.

Veja – *O senhor costuma dizer que, para levar povos ou pessoas a coexistir pacificamente, é necessário buscar sempre a ajuda de uma "terceira parte". Por quê?*

Ury – Em um conflito como o que envolve israelenses e palestinos, por exemplo, a terceira parte pode ser tanto a comunidade internacional como grupos poderosos que integram esses povos. O conceito da terceira parte é a mais antiga das heranças humanas em resolução de conflitos. Consiste basicamente em reunir toda a tribo e fazer com que as pessoas se ouçam e se entendam. Essa é uma das funções da ONU. Há quem diga que o conflito no Oriente Médio não tem solução. Na verdade, não há paz no Oriente Médio porque ninguém tentou para valer. A terceira parte que poderia mediar o conflito – no caso, os Estados Unidos – deixou de prestar atenção ao problema nos últimos seis anos.

Veja – *Como a terceira parte deve agir para ajudar a solucionar um conflito?*

Ury – A terceira parte desempenha muitos papéis. O ambiente familiar é um bom exemplo de como isso funciona. Pais com filhos briguentos desempenham a função do provedor, dando atenção e amor às crianças, e do mediador, estimulando o diálogo. Agem como terapeutas, tentando conseguir que as pessoas na família se perdoem e haja reconciliação. Assumem o papel do pacificador, separando as brigas, e o do árbitro, apontando a solução correta. Os pais também interpretam, por vezes, o papel do professor, ensinando às crianças a melhor maneira de resolver suas disputas. No Oriente Médio, a comunidade internacional está falhando porque não há ninguém desempenhando todas essas funções de maneira apropriada.

Veja – *Que princípios básicos devem nortear uma negociação?*

Ury – O primeiro é colocar-se no lugar do outro, procurando entender suas reivindicações. O segundo princípio é o de tentar enxergar quais são os interesses não declarados do outro. Um exemplo da diplomacia: a primeira conferência de paz de Camp David, em 1978, cujos bastidores eu acompanhei. Na negociação, o Egito dizia querer de volta toda a Península do Sinai, que fora ocupada por Israel.

Israel disse que queria um terço do Sinai. Era impossível atender às reivindicações nesses termos. A questão era saber as razões de cada lado. Para os egípcios, era uma questão de soberania. A terra estava lá desde os tempos dos faraós e eles a queriam de volta. Para os israelenses, a questão era de segurança. Se os egípcios colocassem os tanques no território, poderiam atacar Israel facilmente. A partir desse momento, foi possível satisfazer tanto egípcios quanto israelenses: decidiu-se por uma Península do Sinai egípcia, mas desmilitarizada.

Veja – *O senhor pode dar um exemplo de como aplicar esses princípios no dia-a-dia?*

Ury – Imagine os membros de uma família em dúvida sobre o que fazer durante uma tarde de domingo. Metade da família quer ir ao cinema, a outra metade quer só ficar em casa e relaxar. É preciso discutir quais são os interesses por trás dessas vontades: um quer ir ao cinema porque é divertido enquanto os outros querem apenas o conforto de ficar em casa. A solução pode ser simplesmente alugar um filme e vê-lo em casa.

Veja – *Como garantir a coexistência com um chefe difícil?*

Ury – Uma boa opção é chamar o chefe para uma conversa fora do escritório ou para tomar um café. O empregado deve conduzir a conversa de maneira a evitar falar das atitudes do chefe, para não colocá-lo na defensiva. O ideal é concentrar o assunto no desempenho do subordinado, ou seja, de quem está querendo resolver o conflito. Dessa forma, o chefe tem a chance de falar sem parecer que está sendo acusado de algo.

Veja – *Negociações entre chefes e subordinados são bem-vindas no ambiente de trabalho?*

Ury – Sim. Há trinta anos, as empresas costumavam ser instituições muito verticais. Hoje, a hierarquia rígida está dando lugar a organizações mais horizontais. Por isso todos os executivos e funcionários querem aprender a negociar. Antes eles não precisavam disso, bastava dar ou seguir as ordens. Um executivo passa metade do seu tempo negociando. Ele negocia com clientes, com fornecedores, com seus funcionários, com o conselho da empresa e com os colegas. Negociação é uma forma democrática de tomada de decisão. Se uma informação tem de percorrer todo o caminho até o topo da hierarquia de uma empresa para, só depois, voltar em forma de ordem até a base, o resultado será um processo de decisão lento e inflexível. Só com uma hierarquia plana é possível trocar informações rapidamente.

Veja – *Algumas situações do cotidiano deixam as pessoas especialmente violentas, como brigas de trânsito. Como aplicar o princípio da coexistência nesses momentos?*

Ury – O ser humano tem tendência a reagir com fúria, o que costuma despertar muitos arrependimentos no futuro. A solução para isso é o que eu chamo, metaforicamente, de "sair para a sacada". Significa sair por um segundo da situação e tentar lembrar o que, de fato, é relevante naquele momento. Um colega me contou certa vez que alguém o insultou no trânsito. Ele ficou furioso, alcançou o outro carro e abriu a janela para xingar de volta. Mas só o que conseguiu fazer foi pedir desculpa. O outro motorista ficou tão surpreso que acabou pedindo desculpa também. O que mudou o comportamento do meu amigo? Simplesmente, por um instante ele se viu fora da situação e percebeu quanto ela era ridícula. O conflito no Oriente Médio não existiria se as partes envolvidas se concentrassem no que realmente lhes interessa. Os dois lados costumam justificar suas ações dizendo que estão reagindo a uma agressão do outro. Por isso o cessar-fogo é um mecanismo tão vital – ele tem o efeito positivo de esfriar as emoções e fazer com que as pessoas tomem decisões mais sábias.

Veja – *Qual a melhor estratégia para negociar com alguém muito mais poderoso?*

Ury – Primeiro, é preciso definir exatamente o que você quer. Segundo, é fundamental saber quais são suas alternativas caso a negociação não dê em nada. Se a negociação for com o chefe, por exemplo, é preciso ter opções como conseguir uma transferência para outro departamento ou ter outra possibilidade de emprego. Mahatma Gandhi e Martin Luther King achavam que não era suficiente negociar, era preciso também ter uma alternativa viável de ação – manifestações pacíficas, por exemplo. Dessa forma, ganha-se mais poder na mesa de negociação.

Veja – *Há culturas mais abertas a resolver conflitos através de negociações do que outras?*

Ury – Sociedades democráticas costumam ter uma tradição maior de negociação. Conforme os países fazem a transição da autocracia para a democracia, a primeira coisa que precisam aprender é como negociar. Certas culturas, como as do mundo muçulmano, têm o hábito arraigado de negociar no cotidiano, mas têm dificuldade em discutir princípios que mexem com sua identidade, como a religião.

Veja – *Alguns críticos dizem que o governo do presidente americano George W. Bush não é bom em negociação. O senhor concorda?*

Ury – Como estudioso da área, posso dizer que esse realmente não é o forte dessa administração. Quando Bush assumiu o poder, parou de dar atenção à solução do conflito Israel-Palestina, em um momento em que os dois lados do conflito estavam muito propensos a chegar a um acordo. Os Estados Unidos perderam uma grande oportunidade de avançar nas negociações como mediadores.

Veja – *Mas é realista tentar convencer um povo a coexistir com um inimigo histórico?*

Ury – Ninguém imaginaria, na Europa de 1940, que em sessenta anos teríamos a União Européia, pacífica e próspera, após 1 000 anos de conflitos armados. Para mim, essa é uma grande lição de coexistência. Primeiro, é preciso se convencer de que não é possível vencer. Segundo, deve-se inventar uma fórmula de convivência em que todas as partes possam se beneficiar. Foi o que os europeus fizeram. O mundo todo tende a seguir esse caminho, que eu chamo de pós-nacionalismo. O Oriente Médio está um pouco atrasado nesse processo. Estou trabalhando em um projeto na região que consiste em criar uma trilha que refaz o percurso de Abraão. A idéia é fazer algo como o Caminho de Santiago de Compostela, na Espanha. Abraão é o pai espiritual de judeus, cristãos e muçulmanos. A idéia é usar sua figura para integrar os povos da região. Talvez, no futuro, seja criada até uma comunidade de Abraão, em que, como na União Européia, as fronteiras não interessem tanto e o foco esteja na interação econômica.

Anexo D – Entrevistas - Revista Superinteressante

Entrevista 11 - Edição 204 -09/2004

SUPER > Revista > Edição 204 > papo >



Ao cérebro o que é do cérebro

Afinal de contas, para que serve essa massa cinzenta que carregamos no crânio? Carl Zimmer encarou a mente humana em busca das respostas

Por Eduardo Szklarz

Um aroma insuportável se espalha pelo velho casarão de Beam Hall, em Oxford, Inglaterra. Com a ajuda de serrotes e tesouras, o médico Thomas Willis abre o crânio de um fidalgo decapitado. Matemáticos, astrônomos e alquimistas observam com atenção a experiência nunca antes realizada. Willis finalmente corta o último nervo, arranca o cérebro do morto e o levanta nas mãos para o assombro da platéia. Tem início a anatomia da alma.

"Aristóteles acreditava que a função do cérebro era refrigerar o corpo humano"

© Divulgação

Aquela reunião malcheirosa de 1662 havia se perdido na história, mas o jornalista americano Carl Zimmer a trouxe de volta no livro *A Fantástica História do Cérebro* (Campus). Zimmer narra a saga de Willis, que sepultou o reinado do coração e concedeu ao cérebro o título de comandante soberano do corpo. Ao dar à alma novo endereço, Willis fundou a neurologia. Mas não foi fácil: no século 17, a idéia de que carne gelatinosa em nossas cabeças pudesse raciocinar sem depender de Deus ia além do simples absurdo. Beirava a heresia.

Fascinado por ciência desde criança, Zimmer não imaginou que escreveria para revistas como *Discover*, *Newsweek* e *National Geographic* e o jornal *The New York Times*, além de publicar quatro livros. "Foi tudo uma questão de sorte", disse ele à Super, de sua casa em Connecticut. Thomas Willis diria que foi tudo obra de suas células cinzentas.

Pode a mente humana compreender o funcionamento da mente humana?

Com certeza. Meu livro mostra uma compreensão crucial que os cientistas tiveram no século 17: a de que a mente emerge de um processo químico dentro do cérebro. Hoje, temos ferramentas mais sofisticadas para encontrar essas conexões. Entendemos melhor como diferentes partes do cérebro constroem a imagem da árvore que vemos pela janela. Mas os cientistas estão apenas no começo e seria prematuro dizer que o problema está resolvido.

Como foi evolução das descobertas científicas sobre o cérebro?

Para Aristóteles, o cérebro era um refrigerador que mantinha o corpo frio e evitava que o coração esquentasse. Ele pensava que o coração era responsável por nossas sensações e percepções. Outros gregos descobriram o sistema nervoso, um avanço gigantesco, mas ninguém associava o cérebro ao que chamamos de mente. Muitos pensavam que ele era apenas uma bomba que expulsava espíritos do corpo. Na Idade Média, a Igreja combinou as idéias gregas com teologia cristã. Aprovou-se a visão de que o corpo servia de casa para três almas: a alma vegetativa do fígado, responsável pelos desejos; a alma vital do coração, produtora de calor e coragem; e a alma racional da cabeça. Essa noção foi quebrada no século 17, com o Círculo de Oxford, grupo liderado por Thomas Willis. Eles reconheceram o cérebro pelo que ele é de fato e inventaram uma nova ciência, que chamamos de neurologia.

Por que Thomas Willis foi esquecido?

Porque suas idéias vieram rápido demais. Willis teve visões impossíveis de seguir no século 17, pois as pessoas não tinham a tecnologia suficiente. Achavam que era especulação. Somente 200 anos depois aceitaram que o cérebro fosse o responsável por funções como memória e linguagem.

Cientistas de hoje seguem as pegadas de Willis com scanners que podem tirar fotos do raciocínio. Registram marés microscópicas de sangue que suprem os neurônios do oxigênio consumido a cada sinal enviado às células vizinhas. Mas poucos sabem quem foi Willis. Na ciência, quem quiser ser famoso precisa torcer para que reconheçam logo seu trabalho. Ou será relegado à obscuridade.

Quais os maiores mistérios que persistem sobre o cérebro humano?

A memória é um deles. Podemos localizar circuitos para distintas formas de memória, mas não conseguimos explicar o que eles fazem. Imagine pessoas falando vários idiomas numa casa. Sabemos que algumas estão conversando no quarto, mas não sabemos o que estão dizendo. Mas o maior mistério é a consciência, que nos intriga sempre que dormimos ou ficamos sob efeito de anestesia. Há neurologistas que lidam com pessoas que sofreram danos e perderam a consciência de forma permanente, embora abram os olhos e reajam a estímulos. Elas podem ficar assim durante anos, e esses médicos não têm idéia do que as torna diferentes de nós.

Com tanto remédio para depressão, o cérebro se tornou a alma do século 21?

Thomas Willis pensava que o único caminho para curar as doenças da alma ou da mente era químico. Profundamente religioso, ele acreditava que suas poções alteravam os espíritos dentro do cérebro. O sucesso de drogas antidepressivas deriva da cultura neurocêntrica que Willis ajudou a criar, que coloca o cérebro no comando do corpo. A psicanálise era extremamente popular nos EUA nos anos 50 e 60, até sofrer um duro golpe do neurocentrismo. Hoje, muitos americanos tratam a depressão com um médico que receita drogas sem levar em conta suas experiências de vida. Esperamos que uma pílula pocure as doenças da alma. A idéia da depressão é confortadora para as pessoas porque distancia do problema central: tudo passa a ser culpa de uma deficiência de dopamina no cérebro que muito pouco tem a ver com nosso "eu".

O debate sobre a origem da moral se divide entre os "realistas", que crêem que julgamos pelo raciocínio, e os "intuicionistas", que dizem que as emoções determinam decisões sobre o que é certo e errado. De que lado você está?

Para entender como tomamos tais decisões, temos que nos distanciar da idéia de que tudo é criado através do poder da razão. Nossas emoções e reações são muito intensas e geralmente atuam mais rápido que o raciocínio. Suponhamos que seu cachorro morra atropelado. É certo cozinhá-lo para o jantar? A maioria dos americanos diria: "Oh, meu Deus, claro que não!". Comer um animal de estimação não faz parte de nossa cultura, mesmo que ninguém fique doente por isso. Poderão dizer que, se comermos nossos cães, começaremos a matar-nos uns aos outros. Quase sempre aplicamos valores racionais para a moral apenas depois que nossas intuições emocionais já atuaram. Essas intuições têm uma longa história evolutiva nos nossos ancestrais primatas.

Isso quer dizer que cada cérebro determina seu próprio padrão moral?

As pessoas não devem pensar que a moral não importa só porque descobrimos a evolução. Muitos cientistas afirmam que desenvolvemos nossa moralidade do mesmo jeito que desenvolvemos a linguagem. Os bebês não nascem falando português ou chinês. Nascem com instintos de linguagem e aprendem a falar o idioma do lugar onde vivem. Do mesmo modo, crianças que nascem com os instintos morais são influenciadas pelo sistema moral que as rodeia. Esses instintos são importantes, mas ainda assim temos que debater com nossos amigos para concluir o que é certo ou errado.

No futuro, será possível fazer um "upgrade" das funções executadas pelo cérebro com o auxílio de máquinas ou substâncias químicas?

Já fazemos isso. Ao escrever num notebook você está usando tecnologia para ampliar sua memória. Em breve, poderemos conectar eletrodos ao cérebro para que um computador leia nossos sinais e faça o que quisermos. Isso já deixou de ser ficção. O debate das substâncias químicas é mais sério. Drogas ajudam pessoas com o mal de Alzheimer a estender a memória e melhorar o raciocínio, ou seja, ajudam a restaurar o cérebro ao que ele era quando jovem. Mas e se você é jovem e toma essas drogas? É errado consumi-las para alterar o modo como pensamos, lembramos e sentimos? Deixamos de ser nós mesmos? Não sei responder. Emergimos de um processo químico que está em constante mudança dentro de nossas cabeças. O mesmo acontece com essas substâncias. Portanto, talvez não

haja nada de errado com elas. O certo é que teremos que chegar a um acordo sobre esse tema no futuro.

Carl Zimmer

- *É americano e tem 37 anos*
- *Esqueceu-se da primeira entrevista que marcou com a Super*
- *Para se justificar, culpou o excesso de tempo que dedica à pesquisa no computador. Segundo Zimmer, a máquina "explodiu", dificultando o contato com a revista*
- *Leu 450 livros e documentos para escrever A Fantástica História do Cérebro*

Entrevista 12 - Edição 206 - 11/2004

> SUPER > Revista > Edição 206 > papo >



Caco de Paula

Emoção em Moléculas

Podemos influenciar com o pensamento a produção de hormônios do bem-estar? A química da felicidade existe? A biopsicóloga Susan Andrews garante que sim

Três pessoas ficam presas num elevador. Uma delas tem um chique. A segunda parece sob controle, mas sofre um ataque de ansiedade logo após ser resgatada. A terceira permanece calma durante todo o episódio. A diferença no comportamento delas é a avaliação interna que fazem desse evento estressante. Segundo estudos sobre a relação entre psicologia e biologia, como os feitos pelo Instituto de Medicina para o Corpo-Mente da Universidade Harvard, o problema aí não é o estresse, mas a resposta que se dá a

ele. A medicina "corpo-mente" ensina que a chave está na resposta de relaxamento. O estímulo de determinadas emoções pode inundar as células de hormônios e neurotransmissores que permitem relaxar diante de situações estressantes. Esse é um dos pilares da biopsicologia, que alia abordagens científicas, como a psiconeuroimunologia, a conceitos orientais, como a medicina ayurvédica. "Está tudo em nossas mentes", diz a antropóloga, doutora em psicologia e monja Susan Andrews, autora de *Stress a Seu Favor* (Ágora). Desde 1992 ela vive no Parque Ecológico Visão Futuro, ecovila fundada por ela em Porangaba, São Paulo.

O que é biopsicologia, afinal?

É um termo usado por cientistas para definir o estudo científico da biologia do comportamento e processos mentais. Refere-se ao inextricável relacionamento entre psicologia e biologia, que é chamado de medicina corpo-mente, ou psiconeuroimunologia. É a confirmação do que diz a neurologista Candace Pert: cada mudança de humor é acompanhada por uma cachoeira de "moléculas de emoção" - hormônios e neurotransmissores - que flui através do corpo, afetando todas as células. Cada célula humana contém cerca de 1 milhão de receptores para receber essas substâncias bioquímicas. Assim, quando estamos tristes, nosso fígado está triste, nossa pele está triste.

Como essas moléculas nos afetam?

Praticamente tudo no corpo é regulado pelos hormônios. Eles estão entre os mais poderosos agentes biológicos, influenciando, por exemplo, nossa resposta ao estresse. Cardiologistas pensavam que as pessoas mais propensas a sofrer ataque cardíaco - as com personalidade "tipo A" - fossem apressadas, altamente competitivas e hostis. Recentemente percebeu-se que o problema não é tanto o estilo de vida acelerado ou a ambição compulsiva, mas a hostilidade. As pessoas que respondem a chefes prepotentes ou engarrafamentos no trânsito com irritabilidade - que vivem dizendo "Ai, que saco!" - secretam até 40 vezes mais cortisol das glândulas supra-renais.

Qual é o problema com o cortisol?

Em excesso, é tóxico para o organismo. Assim, pessoas do "tipo A" são cinco vezes mais propensas a sofrer doenças e morrer cedo do que as "tipo B", que têm mais cabeça fria.

Qual a influência dos hormônios de estresse sobre os processos mentais?

A secreção excessiva de cortisol também afeta a nossa cognição - literalmente mata as células cerebrais no hipocampo, a região do cérebro responsável pela memória. É por isso que mais e mais pessoas estão perdendo a memória - esquecendo onde puseram as chaves do carro, ou fazendo listas para lembrar o que têm de fazer, e depois esquecendo onde deixaram as listas. Pesquisas na Universidade de Michigan demonstraram que o declínio da memória entre jovens de 30 a 40 anos hoje em dia é o mesmo dos idosos de 70 a 80 anos. Estamos nos tornando como o paciente que se queixou

ao seu médico: "Doutor, estou perdendo minha memória!" O doutor então perguntou: "Perdendo sua memória? Há quanto tempo?" O paciente respondeu: "Há quanto tempo o quê, doutor?"

A depressão tem base biológica?

Cada emoção tem um componente biológico. Quando vemos uma pessoa deprimida numa cadeira, quase incapaz de se mover, tendemos a pensar que ela está sem energia. Pelo contrário, ela está como uma mola retesada: secretando desenfreadamente elevados níveis de cortisol, sinal de que está lutando uma exaustiva batalha mental - tudo dentro de si. Como a escola freudiana descreve, depressão é "agressão voltada para dentro".

É possível retardar o envelhecimento com o uso de hormônios?

Estrelas de Hollywood tomam hormônios para manter a vitalidade. Mas, como endocrinologistas advertem, não existe almoço grátis. O aumento não natural de hormônios pode produzir danosos efeitos colaterais. Temos dentro de nós uma sofisticada farmacopéia. Podemos naturalmente estimular o corpo a melhorar sua produção de hormônios, sem risco para a saúde.

Como podemos produzir hormônios intencionalmente?

O objetivo da biopsicologia é otimizar a secreção hormonal. Assim como as emoções negativas são acompanhadas por uma sopa bioquímica tóxica, as positivas mobilizam um prazeroso coquetel de hormônios e neurotransmissores benéficos para a saúde. Estudos demonstram que um dos mais importantes fatores na saúde e longevidade não é exercício, alimentação ou estilo de vida, mas nossa resposta à pergunta: "Você tem alguém na sua vida que realmente o ame? E quem você realmente ame?" Aqueles que respondem "não" têm risco até cinco vezes maior de morte prematura que os que respondem "sim". A mensagem dessas pesquisas: o amor realmente conta.

Qual molécula de emoção está ligada ao amor e à afeição?

Uma é a ocitocina, estimulada em todos durante relações afetivas e nas mulheres durante a amamentação. Ela tem poderosos efeitos antiestresse: reduz o nível de cortisol e a pressão arterial. Por isso, o apoio social é tão importante na resistência ao estresse e à saúde. Mas estamos nos tornando cada vez mais desconectados. Sofremos do que psicólogos chamam de "síndrome das metrópoles": uma sensação de estar sozinho em meio à multidão. A tecnologia acabou com distâncias, mas foi incapaz de nos aproximar. Como diz o Dalai Lama, "compaixão e amor não são supérfluos. São fundamentais para a sobrevivência da nossa espécie".

E como se faz isso, na prática?

Nossos corpos e mentes são como ruas de mão dupla. Podemos afetar o corpo através da mente, e vice-versa. Somente abordagens mentais ou cognitivas serão ineficazes se o sistema endócrino estiver um pandemônio. Há métodos antigos para mudar nossa bioquímica e equilibrar emoções. Fazem parte das técnicas que ensinamos no Programa Transforma do Instituto Visão Futuro, que equilibram as glândulas endócrinas e transformam sentimentos negativos - raiva, ódio, medo - em atitudes positivas, como otimismo, entusiasmo e compaixão. Inclui posturas físicas que massageiam glândulas endócrinas, visualizações, técnicas de respiração, relaxamento, meditação e nutrição. Estamos treinando facilitadores pelo Brasil para ensinar técnicas que chamamos de "Spa em Casa" - 15 minutos por dia de otimização hormonal que transforma a vida das pessoas.

Que conselho prático a biopsicologia nos dá para o cotidiano?

Faça breves pausas durante o dia para respirar lenta e profundamente através do diafragma. Faça isso também quando lidar com pessoas irritantes ou negativas e se esforce para abrir o coração e manter a mente positiva. Lembre-se: simplesmente olhar para a foto de uma pessoa que você ama ajuda a diminuir os hormônios do estresse. Coloque em prática o que um estudo feito por uma seguradora americana comprovou: quando uma mulher beija seu marido antes que ele parta para o trabalho de manhã, a expectativa de vida dele aumenta cinco anos. A dela também.

"Quando estamos tristes, nosso fígado está triste, nossa pele está triste"

Susan Andrews

- É americana e tem 58 anos
- Psicóloga, antropóloga e monja, estudou em Harvard e viveu 23 anos na Índia e no Sudeste Asiático
- Conheceu o Brasil durante a Eco-92, quando criou uma comunidade auto-sustentável no interior de São Paulo
- É instrutora de meditação e práticas de biopsicologia

Entrevista 13 - Edição 208 - 12/2004

> SUPER > Revista > Edição 208 > papo >

Arco-íris no zoológico

Joan Roughgarden, a bióloga transexual que estuda homossexualidade entre animais, diz que teoria de Charles Darwin não passa de podridão conceitual

Por Fábio Marton

A pesquisadora do departamento de Biologia da Universidade de Stanford, Estados Unidos, Joan Roughgarden, é certamente uma pessoa decidida. Enfrentando o preconceito, assumiu sua condição de transexual e agora quer mais: destruir os preconceitos da própria ciência.

Este ano lançou um livro atacando um dos maiores fundamentos do darwinismo clássico e da própria maneira como vemos a natureza. Seu *Evolution's Rainbow* ("Evolução do Arco-Íris", ainda não lançado no Brasil) afirma com todas as letras que a teoria da seleção sexual de Charles Darwin (1809-1882) é uma "podridão conceitual" e precisa ser abandonada. A teoria da seleção sexual é um segmento da teoria de evolução que explica como os machos e fêmeas de uma mesma espécie se relacionam. É aquela velha história das fêmeas "passivas" escolhendo os machos com "os melhores genes", que as disputam com violência ou exibicionismo - touros ou pavões.

Para ela, a teoria traz uma visão deturpada pelo preconceito machista do século 19 e é cientificamente improvável. Segundo a autora, olhando mais de perto, muitas vezes os machos cooperam entre si e não há como explicar a homossexualidade entre animais e humanos usando a tese darwinista.

Joan acusa a teoria clássica de Darwin de ser "contra a diversidade" e lança seu ataque embasada em cerca de 300 casos de sexualidade divergente entre os vertebrados, inclusive nossos parentes mais próximos, os grandes primatas. Macacas lésbicas, peixes que mudam de sexo, hienas fêmeas com falsos pênis que criam seus filhotes em conjunto - tudo isso, de acordo com Joan, não pode ser explicado pelo tradicional "fêmea passiva/macho ativo".

O título do livro refere-se ao símbolo do movimento gay, com a palavra arco-íris empregada como sinônimo de diversidade, justamente o que ela diz estar sendo tolhido pelos pesquisadores. Joan falou com a Super por e-mail.

Até onde vai seu ataque a Darwin?

Eu não estou atacando toda a teoria da evolução, mas apenas um componente chamado "seleção sexual". Não há nada a melhorar na teoria de Darwin sobre a seleção natural e a ancestralidade comum dos animais - ainda que a herança tenha sido revista nos anos 20 com a genética mendeliana. Mas Darwin também apontou algumas características de sobrevivência específicas de um determinado contexto social. Ele desenvolveu sua teoria de seleção sexual para explicar essas características e imaginou que coisas como o rabo do pavão evoluíram para aumentar a chance de copulação. As fêmeas escolheriam os pavões com a melhor cauda, porque seria um sinal de seus melhores genes. Em vez disso, eu argumento que uma fêmea está muito mais preocupada com os benefícios que um macho pode fornecer para criar filhotes que os "bons genes" que um macho "atraente" possa ter. A "qualidade genética" de todos (ou quase todos) os machos é praticamente idêntica e a escolha do parceiro não tem a ver com essa suposta "superioridade genética". Essas características servem mais para interações entre membros do mesmo sexo, como um ingresso de admissão dos machos na estrutura hierárquica da sociedade, e são praticamente irrelevantes nas relações entre macho e fêmea. Eu discordo que haja uma hierarquia genética entre os machos, assim a opção das fêmeas pelos "melhores genes" é um mito.

Por que as pesquisas sobre a homossexualidade entre os animais são insuficientes?

É difícil dizer por quê. Alguns cientistas duvidam dos próprios olhos, pensando que eles estejam vendo uma contradição da evolução. Eles, obviamente, estão testemunhando a contradição da teoria da

seleção sexual, mas não a evolução como um todo. Outros ficam embaraçados com a idéia, são implicitamente homofóbicos, não aceitando que "seus" bichos sejam gays. Mas o motivo mais importante é que documentar a homossexualidade exige trabalho e estudos detalhados - é preciso identificar claramente machos e fêmeas, não dá para simplesmente anotar na pranchetinha: o de cima é macho, o de baixo é fêmea.

Como seu livro foi recebido pelos outros cientistas? Você foi criticada por pesquisar em "causa própria"?

A reação a *Evolution's Rainbow* foi aguda. Desde um sujeito tirando sarro de meu sobrenome (roughgarden significa "jardim rústico" em inglês) até uma sinopse extremamente positiva na revista *American Scientist*, comparando-me a Sócrates. Os que se sentiram ameaçados argumentaram que 300 espécies de vertebrados não são suficientes para tornar falsa a teoria da seleção sexual, mas ninguém disse quantas espécies seriam o bastante. Ninguém contestou meus argumentos. Eles enfiam a cabeça na terra, argumentam que estão certos e ponto. Isso não é nem um pouco científico, e estou muito desapontada. Quando declarei meu lado na disputa, muitos vieram para cima, dizendo que eu estava sendo tendenciosa. Mas eu pus os fatos na mesa, e o fato de eu própria ser gay não muda as evidências que levantei em meus estudos.

Como a homossexualidade pode ser uma característica evolucionariamente positiva na sociedade atual?

Para pensar numa perspectiva evolucionária, é preciso bastante tempo. Vamos dizer, 100 gerações, 20 anos para cada. Então, daqui a 2 mil anos, pessoas com tendência homossexual poderiam participar de grupos familiares eficientes sobretudo no cuidado com crianças. Mesmo que não tenham filhos, tios gays também favorecem sua genética ao ajudar na criação de seus sobrinhos. Obviamente, gays e lésbicas também podem ter filhos, e sua união poderia ser favorável em organizações familiares que dedicam maior atenção às crianças. Daqui a 2 mil anos, quem sabe que estrutura familiar irá emergir?

A beleza humana também é uma característica de inclusão social?

Sim, o que é considerado ser bonito em um lugar e época se torna uma característica de inclusão social naquele momento. A decoração que homens e mulheres possuem serve tanto para a inclusão em grupos sociais - inclusive de um só sexo - quanto para a atração de parceiros. Não sei se isso é comparável à cauda do pavão, mas entre pessoas é sabido que mulheres e homens se vestem para atender as expectativas de outras pessoas do mesmo sexo. Nós só nos vestimos de forma "sexy" quando vamos para a balada.

No fim do livro, você toca em outro ponto polêmico, atacando o "gene egoísta" e lançando o conceito do "gene genial". O que é esse "novo" gene?

O "gene genial" é a antítese do "gene egoísta" (teoria elaborada pelo biólogo Richard Dawkins em 1976 pela qual os organismos seriam "máquinas de sobrevivência, veículos-robôs programados cegamente para preservar as moléculas egoístas conhecidas como genes"). Em vez de ver o corpo como uma composição de elementos competindo entre si pelos recursos (os tais "genes egoístas"), acredito que um organismo seja composto por peças que colaboram umas com as outras (os "genes geniais"), já que de outra forma o corpo morreria. É impressionante que um conceito estúpido como o "gene egoísta" tenha conseguido tantos adeptos.

Joan Roughgarden

- Tem 58 anos e nasceu em Patterson, Nova Jersey, como Jonathan Roughgarden
- Mora em São Francisco e leciona desde 1972 na Universidade de Stanford (Califórnia)
- Contando com *Evolution's Rainbow*, tem seis livros e mais de 120 artigos publicados na área de evolução e ecologia
- Participou de sua primeira parada gay de São Francisco em 1997, um ano antes de sua cirurgia de mudança de sexo, em seu aniversário de 52 anos

Entrevista 14 - Edição 210 - 02/2005

> [SUPER](#) > Revista > [Edição 210](#) > [papo](#) >

Doutor aventura

Em nome do progresso da medicina, Kevin Fong escalou montanhas, mergulhou no fundo do mar e voou num avião apelidado de “cometa do vômito”

Por Carin Homonnay Petti

O que safenados e mergulhadores têm em comum? Astronautas podem ajudar no tratamento de fraturas? Essas perguntas são parte do trabalho do inglês Kevin Fong, médico e professor de fisiologia da University College de Londres (UCL), na Inglaterra. Membro do Centro de Aviação, Espaço e Ambientes Extremos da universidade, ele busca nos esportes radicais tratamentos para males que vão da osteoporose a problemas cardíacos. O raciocínio é simples: o comportamento do corpo humano em situações extremas pode dar pistas valiosas sobre nossas reações a doenças e acidentes.

Fong começou a pensar nisso quando trabalhava como anestesista em salas de emergência. Em 1999, ao receber vítimas de um ataque a bomba num *pub* londrino, viu que elas tinham ferimentos mais do que suficientes para matá-las. E mesmo assim seus corpos resistiam à pressão. Para estudar esse fenômeno, resolveu submeter o próprio corpo aos limites.

Aos 33 anos, Fong foi eleito pela revista *Esquire* uma das 100 personalidades jovens mais influentes do planeta. Sua rotina alterna seringas e salas de aula com mergulhos nas ilhas Fiji, escalada de montanhas na Malásia, expedições ao Himalaia e até vôos sem gravidade num avião da Nasa. Isso é que é vida: diversão em nome da ciência.

Qual a relação entre esportes radicais e novos tratamentos médicos?

Nosso grupo reúne médicos interessados na medicina dos ambientes extremos, como grandes altitudes, mergulho, viagens espaciais, aviação e exposição a muito frio ou calor. Analisamos o que acontece com os sistemas fisiológicos nessas situações porque, sob muitos aspectos, o mesmo ocorre na terapia intensiva. Quando alguém fica doente ou gravemente ferido, os sistemas que fazem o corpo humano funcionar também chegam ao limite. Se entendermos melhor esses mecanismos, pode ficar mais fácil trazer os pacientes de volta à normalidade.

Como vocês estabelecem as correspondências entre uma atividade física e um problema médico? O que, por exemplo, o Everest e uma UTI têm em comum?

Nós observamos o corpo para ver como ele reage a certas atividades físicas e a problemas médicos. Por exemplo, em grandes altitudes, a pressão do oxigênio é menor, o que dificulta sua absorção pela corrente sanguínea. Problemas na absorção do oxigênio pelo sangue também são comuns entre pessoas doentes ou feridas. Para entender melhor tudo isso, estou tentando conseguir financiamento para uma expedição científica ao Everest em 2007. Vamos medir a quantidade de oxigênio no sangue num ponto bem alto da montanha - algo que nunca foi feito. A idéia é estudar como o oxigênio chega à corrente sanguínea quando a pressão é extremamente baixa. Com essa informação, poderemos aprender mais sobre os níveis que conseguimos tolerar aqui embaixo. Atualmente, não temos noção de qual quantidade de oxigênio no sangue faz a diferença entre estar vivo e morto. Queremos mostrar pela primeira vez quais são os limites da vida humana. O pico do Everest é o limite de onde pode existir vida humana. É surpreendente ver pessoas escalando a montanha. Como isso ocorre? Como o corpo se adapta? Essas perguntas podem nos dizer algo sobre como nos adaptamos a condições críticas.

E os mergulhos, como eles podem ajudar a medicina?

Estamos interessados na doença descompressiva, provocada pelo retorno muito rápido à superfície. Quando isso ocorre, bolhas de ar se formam nas veias do mergulhador, provocando complicações semelhantes às causadas por pontes de safena. Se entendermos melhor o mecanismo de uma coisa, podemos tratar melhor a outra. As câmaras hiperbáricas, usadas no tratamento da doença, também podem nos ajudar bastante. A combinação de alta pressão e grande concentração de oxigênio dentro

das câmaras ajuda na cicatrização. Funciona bem no tratamento de feridas que atingem muitos diabéticos com problemas de circulação.

Além de novas maneiras de encarar velhas doenças, quais áreas da medicina podem lucrar com experiências com o limite do corpo humano?

Pense, por exemplo, numa missão tripulada a Marte. Seriam entre seis e nove meses para chegar lá, cerca de um ano e meio na superfície e mais seis a nove meses para voltar. Se os astronautas passarem mal, o hospital mais próximo estará a dois anos e meio de viagem. Não dá para levar um hospital ao espaço, mas dá para levar um hospital virtual. É por isso que a telemedicina é um campo promissor nos programas espaciais. A idéia é desenvolver olhos e ouvidos eletrônicos para que, aqui na Terra, possamos fazer o diagnóstico e recomendar tratamentos. O médico aqui teria acesso a fotos e vídeos da área afetada. Poderia também ouvir o coração do astronauta. Tudo isso pode ser aproveitado aqui na Terra em regiões remotas, sem acesso a médicos.

Quais outros equipamentos desenvolvidos para viagens especiais podem ser utilizados pela medicina?

Eu passei uma temporada na Nasa estudando formas de transformar a água a bordo em um fluido esterilizado que seria utilizado para preparação de soro fisiológico e antibióticos injetáveis. Isso seria muito útil em regiões isoladas onde faltam líquidos estéreis para uso médico. Um dos meus colegas da Nasa enfrentou esse problema ao socorrer vítimas de uma enchente em Moçambique, na África. Mas, infelizmente, a pesquisa não seguiu adiante por falta de financiamento.

Você também está envolvido em pesquisas com a saúde dos astronautas expostos à falta de gravidade. Qual o objetivo desse projeto?

Vôos espaciais de longa duração afetam praticamente todos os sistemas do corpo humano. No espaço, sem o impacto da gravidade, temos a oportunidade única de entender mecanismos fisiológicos fundamentais. A ausência de peso, por exemplo, enfraquece músculos e ossos, que se acostumam com a idéia de não precisar mais trabalhar contra a gravidade. Temos um interesse especial por esses processos. A ciência médica ainda não entende exatamente como ossos quebram e se reconstituem. Acredito que pesquisando o comportamento de ossos adormecidos pela ausência de gravidade poderemos desenvolver novas drogas para doenças como a osteoporose.

Além do interesse teórico, você também teve experiências práticas na Nasa. Como isso ocorreu?

Tive a chance de voar algumas vezes nos aviões simuladores de microgravidade usados no treinamento dos astronautas. É bem divertido. O avião atinge cerca de 7,6 mil metros e, então, num intervalo de 45 segundos, sobe até 10,6 mil metros e mergulha a 3 mil metros. No meio desse tempo, por causa da ausência de peso, a gente flutua por 23 segundos. Isso se repete umas 45 vezes no voo. Uns dois terços das pessoas a bordo vomitaram. O avião até ganhou o apelido de "cometa do vômito". Ainda bem que os instrutores nos ensinam a usar um saquinho para o vômito não flutuar com a gente - é preciso tê-lo sempre à mão, porque nessas situações é muito importante que o saquinho chegue a sua boca antes de você vomitar. Eu tive a sorte de passar mal apenas no fim do voo, depois de ter me divertido um bocadinho.

Kevin Fong

- *É fã de ficção científica. Entre seus favoritos, o escritor Arthur C. Clark (2001, uma Odisséia no Espaço) e o diretor Ridley Scott (Blade Runner e Alien)*
- *Entre os planos para o futuro, pretende ir à Antártica e aprender a pilotar aviões*
- *No comando do fogão, não nega a ascendência chinesa. Sua especialidade: macarrão com verduras*
- *É torcedor do Arsenal, de Londres, mas quer distância das chuteiras. Prefere pés-de-pato*
- *A vida de mergulhador já o levou a lugares como Malásia, Egito, Malta e ilhas Fiji*

Entrevista 15 - Edição 212 - 04/2005

> SUPER > Revista > Edição 212 > papo >

Foi quase

A última entrevista de César Lattes, o mais importante físico da história do país e cientista brasileiro que mais perto chegou do Prêmio Nobel

Por Daniel Azevedo

No dia 24 de maio de 1947, o mundo foi informado de que, ao contrário do que aprendemos na escola, a composição do átomo não se resume a nêutrons, prótons e elétrons. A prestigiada revista *Nature* anunciou a descoberta e a comprovação da existência da partícula subatômica méson pi, responsável pela ligação das partículas nucleares, e sem a qual tudo o que chamamos de matéria não poderia existir. Por trás da pesquisa, decisiva para a exploração do átomo e favorita ao Nobel de Física desde o momento em que foi divulgada, estava o brasileiro César Lattes. Ele tinha 22 anos.

O prêmio não veio. E menos de um ano após descobrir o méson pi, Lattes chacoalhou a ciência novamente ao reproduzi-lo artificialmente. Dessa vez o experimento levou o Nobel, mas quem ficou com a honraria foi o americano Cecil Powell, que era chefe do brasileiro e não tinha participado diretamente das pesquisas. Ninguém entendeu. "Deixa isso pra lá, prêmios grandiosos não ajudam a ciência", dizia.

Desde a morte da esposa, há dois anos, Lattes saía pouco de sua casa em Campinas, interior de São Paulo. Foi lá que recebeu o repórter Daniel Azevedo, colaborador de um jornal científico de São Carlos, para aquela que seria sua última entrevista, no final de fevereiro. O físico morreu de parada cardíaca no dia 8 de março, aos 80 anos.

Sem exagero, os obituários o descreveram como o mais importante físico brasileiro de todos os tempos. Além da descoberta e criação artificial do méson pi, ele ajudou a criar o Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas (CBPF) e o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). O merecido Nobel acabou vindo postumamente, na forma de um erro de imprensa: ao anunciar a morte de Lattes, a agência de notícias *Associated Press* (AP) o descreveu como "físico ganhador de um Prêmio Nobel."

Você faz críticas seguidas a algumas das mais respeitadas teorias da física. Em especial, ao surgimento do Universo a partir de uma explosão, o big-bang. Como o Universo pode ter surgido sem um ponto inicial?

Ele pode ter tido vários núcleos iniciais. Por que não? Acredito em um Universo indefinido, que é diferente de iniciado ou infinito. Qualquer teoria que tente explicar a origem do Universo é bobagem. O big-bang é a teoria de um traque, uma charlatanice. Na verdade, nem mesmo é uma teoria. É apenas uma hipótese. Perguntam para mim: então, de onde surgiu a matéria? A resposta é: não sabemos. O que existe de real são apenas dados experimentais. As pessoas afirmam coisas sobre as quais não se pode fazer experiências para comprovar.

Albert Einstein também recebeu críticas suas. Quais foram os erros dele?

A teoria da relatividade começou a ser concebida por volta de 1880 por um físico francês chamado Jules Poincaré. Depois, Einstein fez uma teoria da gravitação fajuta, que chamou de relatividade geral, algo que não existe. Einstein, na verdade, é um plagiador. Este ano completamos 100 anos da divulgação da teoria da relatividade e até hoje ninguém o desmascarou.

Quem, então, é o mais importante físico moderno?

São dois: Niels Bohr e Ernst Rutherford. Eles são dois monstros. O Rutherford, que descobriu a existência do núcleo atômico [em 1911], era mais pé-no-chão. O Bohr [teórico da estrutura e dos espectros atômicos, ganhador do Nobel de Física em 1922], mais visionário: morreu tentando convencer os americanos a não fazerem a bomba atômica.

Como você avalia a importância da descoberta do méson pi?

Por volta de 1946, eu estava com a idéia fixa de que havia partículas intermediárias que garantiam a ligação entre prótons e nêutrons. Na verdade, já se sabia que seria impossível existir matéria sem essas partículas, sem elas não haveria ligação no núcleo atômico. Demonstrar a existência do méson pi foi útil para entendermos como uma forma de energia se transforma em outra. Mas a importância é antes de tudo teórica, não diria que ela abriu perspectivas na física aplicada. Até hoje não existe uma máquina que funcione graças à descoberta. Apenas entendemos que esta partícula está em toda matéria.

E como foi o processo para a descoberta e criação artificial do méson pi?

Foi uma grande aventura. Durante as pesquisas, precisava fazer uma experiência numa cidade com grande altitude. Escolhi Chacaltaya, na Bolívia, para onde voaria com uma companhia aérea inglesa. Logo depois, fui aconselhado a não viajar em aviões ingleses, que ainda enfrentavam problemas mecânicos por culpa da Segunda Guerra, que acabara um ano antes. Troquei a passagem para um avião brasileiro, da Panair. Quando cheguei, fiquei sabendo que o avião inglês havia se esborrachado no Senegal.

Você tinha 22 anos quando demonstrou a existência do méson pi. Como a notícia de que um jovem descobrira algo tão importante foi recebida?

Entre os cientistas, a recepção foi normal. Na época, outros grupos estavam fazendo pesquisas parecidas, então não foi uma surpresa. Mais forte foi a atenção da imprensa européia e do Brasil. A notícia saiu na primeira página de vários jornais.

Você acha que o fato de ser brasileiro contribuiu para que outro pesquisador ganhasse o Nobel de Física nas pesquisas em que você participou?

Apesar de a comissão julgadora ser formada por ingleses, acredito que não foi minha nacionalidade que pesou na decisão do vencedor. Tanto na descoberta do méson pi, em 1946, como na sua criação artificial, em 1948, tive colaboração do Giuseppe Occhialini. Quem deveria ter ganho era ele. E, em 1950, quem levou o prêmio foi o Cecil Powell, que também participou do trabalho. Mas deixa isso para lá. Esses prêmios grandiosos não ajudam a ciência.

Cientistas costumam ter uma relação conturbada com a religião. Como você lida com a fé?

Não tenho ligação com a religião. Tenho em casa algumas bíblias que ganhei. São livros bonitos, mas com os quais eu não tenho qualquer relação. Não sei como religião e ciência se aproximam. Como um Deus onipotente deixa acontecer um maremoto que mata centenas de milhares de pessoas?

O que pode ser feito para avançarmos no conhecimento da física no Brasil?

Acho que está sendo feito o necessário, dentro da possibilidade brasileira. Acho apenas que o ensino da física deveria ter mais experiências. É sempre melhor que o aluno faça o próprio equipamento. Hoje, ninguém constrói o próprio equipamento - vai à loja e compra. Isso é ruim porque coisas compradas limitam os resultados.

Qual a contribuição que a física ainda pode dar à vida na Terra?

A física só explica e entende a natureza. Aplicá-la é outra questão. Com a física fica muito mais fácil obter coisas que no passado eram penosas. Mas existem problemas novos que a física ainda não conseguiu abarcar. E eu não tenho idéia do que poderá ser feito com novos conhecimentos.

A física ainda tem muito a explicar?

Em relação ao que ainda está aí para ser descoberto, falta tudo.

César Lattes

- Gostava muito de música. Entre seus favoritos estavam a cantora lírica Maria Callas, os compositores Vivaldi e Villa-Lobos e a dupla caipira Pena Branca e Xavantinho
- Era apaixonado pela cidade do Rio de Janeiro
- Quando tinha tempo livre, gostava de tirar fotos, seu principal hobby

- *Adorava os filmes de suspense do diretor Alfred Hitchcock*
- *Lia muitos livros, em especial autores clássicos*
- *Fumou até os últimos dias de vida - inclusive durante esta entrevista*

Entrevista 16 - Edição 213 - 05/2005

> [SUPER](#) > Revista > [Edição 213](#) > [papo](#) >

O ecoterrorista

Para o ativista Jerry Vlasak, vale tudo na luta contra o uso de animais como cobaias em testes de laboratórios. Até matar cientistas

Por Carin Homonnay Petti

Seria durante uma passagem pela Grã-Bretanha que o médico e ativista americano Jerry Vlasak explicaria à Super suas opiniões sobre a luta pelos direitos dos animais. A entrevista ocorreria na Inglaterra, durante um encontro promovido por ativistas da Europa e dos Estados Unidos. Mas o texano radicado na Califórnia nem teve oportunidade de arrumar as malas. O governo britânico negou seu pedido de visto, alegando que suas "opiniões perigosas" não são bem-vindas no país. Ao conversar com a revista por telefone, Vlasak mostrou por que quando abre a boca assusta autoridades, aterroriza a indústria farmacêutica e recebe críticas da maior parte da comunidade científica. Suas idéias são uma amostra do que muita gente chama de ecoterrorismo. Acha, por exemplo, "moralmente aceitável" o assassinato de cientistas que utilizem cobaias de laboratório. "As mortes só ajudariam a causa", afirma.

Quando não está atendendo vítimas de acidente de trânsito, tiros e facadas num hospital de Los Angeles, Vlasak dá assessoria científica a entidades como Speak e Shac, duas das mais radicais organizações antitestes com animais. Atualmente, os grupos tentam impedir a construção do novo laboratório de cobaias na Universidade de Oxford e varrer do mapa a Huntingdon Life Sciences, empresa especializada em pesquisas químicas e farmacêuticas. Entre os objetivos dos inimigos de Vlasak estão a busca de tratamentos para doenças como o câncer, diabetes, mal de Parkinson e de Alzheimer.

Por que você julga ser aceitável atacar cientistas que estão usando cobaias para desenvolver novos medicamentos?

Qualquer coisa que detiver essas pessoas é moral e necessária. Não estamos falando de gente inocente. Eles torturam animais em laboratórios todos os dias. Não adianta eu parar numa calçada com um cartaz pedindo o fim dos experimentos. Ninguém vai me ouvir. E a verdade é que nossas táticas funcionam. A Universidade de Cambridge desistiu de construir um laboratório porque ficou com medo dos ativistas - eles também acharam que o sistema de segurança ficaria muito caro. Uma empresa especializada em pesquisas já perdeu 63 clientes e fornecedores. Nossa pressão também já fechou uma fazenda que criava gatos e um canil que fornecia cães da raça beagle para laboratórios. Nelson Mandela dizia que a não-violência é uma estratégia, não um princípio moral. Nós temos o dever moral de fazer o que dá resultados.

Você vê algum limite ético nesse dever?

Não existem limites. Qualquer tática que funcione é legítima. Alguns cientistas só vão acabar com os experimentos se temerem pela própria vida. É uma pena que seja assim. O que fazemos não é muito diferente de assassinar nazistas como Hitler, Himmler ou Goebbels. Se matássemos os três e salvássemos 6 milhões de judeus, ninguém diria que é errado. Creio que o mesmo raciocínio vale para animais. Matar dois, três, cinco ou dez (pesquisadores) e salvar milhões de vidas inocentes é moralmente aceitável.

Como a morte de um cientista será capaz de trazer benefícios aos animais?

Observe qualquer movimento de luta contra a opressão, como o combate ao apartheid na África do Sul e a escravidão nos Estados Unidos. Sempre que uma força exerce pressão sobre outra, a mais fraca recorre à violência. E os resultados acontecem. Até agora ninguém morreu, mas isso ainda vai acontecer. Não estou pedindo isso, apenas prevendo. Você não pegaria em armas para impedir que crianças no jardim de infância fossem torturadas até morrer em laboratórios? Se aceitamos fazer isso por pessoas, mas não por animais, estamos adotando o especismo, ou seja, acreditar que seres

humanos são superiores a outras espécies. Sou contra o especismo da mesma maneira que sou contra racismo, machismo e homofobia.

Melhorar a saúde dos humanos não justifica os testes com animais?

Na Alemanha nazista, judeus eram utilizados como cobaias em campos de concentração. Graças a testes assim, cientistas obtiveram informações úteis. Eu acho errado matar de frio um judeu para estudar o combate à hipotermia. Da mesma maneira, sou contra matar animais. Não me interessam os benefícios que essas pesquisas trarão.

Para desenvolver antibióticos, os cientistas valeram-se de testes em cobaias animais. Como médico, você receita esse tipo de remédio a seus pacientes?

Claro que sim. Mas o fato de um idiota ter enfiado droga goela abaixo de um animal para verificar a eficácia do tratamento não prova que esse ato seja necessário. É bom lembrar que novos remédios precisam sempre ser testados também em seres humanos.

E como a medicina pode avançar sem experimentar suas novas tecnologias em cobaias de laboratório?

Animais são forçados a viciar-se em cocaína, anfetaminas, cigarros e outras substâncias que todos sabem que são prejudiciais. Em outros experimentos, filhotes são separados de suas mães para estudar o que acontece com pessoas criadas sem afeto. A forma como esses animais sofrem não tem nada a ver com os humanos. Não há razão para isso.

A maior parte das informações úteis para seres humanos é obtida em testes clínicos com seres humanos. Estudamos grandes amostras de pessoas, vemos o que acontece e detectamos padrões. Também podemos usar técnicas como autópsias, a análise de tecidos, testes em culturas de células humanas e modelos matemáticos. Experimentos assim são muito mais confiáveis do que dar drogas a ratos, coelhos ou outros animais. Quando aplicamos drogas numa fêmea podemos ter efeitos diferentes daqueles verificados num macho. Acreditar que o que você deu ao rato terá o mesmo efeito num ser humano é estúpido. Não faz qualquer sentido. Não funciona.

Na verdade, a utilização de animais pode até atrapalhar esse processo. O desenvolvimento da vacina contra pólio, por exemplo, atrasou dez anos porque o modelo animal não produziu os resultados desejados. Gastam-se centenas de milhões de dólares em pesquisas envolvendo animais e pelo menos 90% dos estudos vão para o lixo. E de tudo que é publicado, no máximo 1% ou 2% realmente tem alguma utilidade.

Se os experimentos em cobaias são mesmos inúteis, por que a indústria farmacêutica gasta tanto dinheiro com eles todos os anos?

Testes com animais servem como arma para disputas judiciais. Se o remédio fizer mal, alega-se inocência com base nos testes da droga em muitas espécies. Também há muita gente ganhando dinheiro com pesquisas financiadas por recursos públicos, incluindo as indústrias farmacêuticas. Além disso, governos exigem a realização de testes em animais. Isso é um erro, mas não surpreende. A indústria farmacêutica tem dois lobistas para cada membro do congresso americano. Foi por causa desse tipo de lobby que o meu visto de entrada na Grã-Bretanha foi negado.

Jerry Vlasak

- *Nos tempos de médico-residente, participou de pesquisas contra a arteriosclerose envolvendo cachorros. Abandonou os experimentos por considerá-los "inúteis" e "cruéis".*
- *Saboreava um bom bife até 1992, quando leu alguns livros sobre o sofrimento de animais, deu adeus a carne, leite e ovos e virou vegetariano*
- *Foi preso por cinco dias por participar de um protesto contra o uso de peles animais em Los Angeles. Questionou a detenção na Justiça e acabou com 20 mil dólares de indenização no bolso*

"Não me interessam os benefícios que as pesquisas podem trazer. Sou contra matar animais"

Entrevista 17 - Edição 222 - 01/2006

> [SUPER](#) > Revista > [Edição 222](#) > novas >

O jogo não acabou...

Ele inventou o fliperama, o atari e o genius. descobriu steve jobs e foi precursor do computador pessoal. agora quer reconquistar o mundo.

Por Mauro Tracco

Nolan Bushnell era gerente de parque de diversões quando percebeu que entretenimento dava dinheiro. Resolveu então usar seu diploma em engenharia elétrica para desenvolver jogos eletrônicos. Assim, em 1970, lançou Computer Space, primeiro fliperama eletrônico do mundo. Um jogo complexo, e que não convenceu adolescentes acostumados ao pinball.

Sem desistir, Bushnell apostou num game simples. Pong, de 1972, mesmo ano da fundação da Atari, acertou em cheio e fez da empresa ícone de uma geração. Faltava apenas criar um console capaz de levar toda aquela inovação para a casa dos jogadores - o que foi viabilizado com a entrada da gigante Warner no negócio e o lançamento do emblemático Atari 2600.

Mas como todo bom herói, Bushnell acabou falido graças a um processo movido por investidores. Sem a fortuna, mas cheio de idéias, deixou a Atari e se dedica a inventar modas. Atualmente, seu plano para voltar ao topo é a uWink, que desenvolve softwares de entretenimento e está montando uma rede de restaurantes equipados com games sociais. Nesta entrevista ele olha para o passado e aponta o futuro dos jogos eletrônicos.

Como era o trabalho com jogos eletrônicos no começo dos anos 70?

Era uma época divertida em que levávamos a tecnologia ao limite. Quando comecei a desenvolver games, a tecnologia disponível era totalmente baseada em hardware e não em software. O microprocessador ainda não havia sido inventado e computadores, com exceção de máquinas que valiam milhões de dólares, eram lentos demais para qualquer tipo de gráficos. Mas eu sabia que a tecnologia teria grande impacto no mundo e isso era bastante motivador.

Como foi o nascimento de Pong?

A idéia do Pong era pegar algo simples e conhecido por todos, o jogo de pingue-pongue, e torná-lo eletrônico. O desenvolvimento desse jogo foi parte de um projeto de treinamento para o meu engenheiro. Mas a grande jogada foi descobrir como fazer essa máquina de fliperama funcionar à base de moedas. Quando isso aconteceu, soube que tínhamos uma mina de ouro nas mãos.

Qual o seu jogo de Atari favorito?

Touch Me! é um dos primeiros jogos de memorizar seqüências e continua sendo imitado (referindo-se ao Simon, lançado no Brasil como Genius. O plágio foi comercialmente mais bem-sucedido que o original da Atari). Diverte qualquer um. Gosto também de Breakout, aquele em que uma bolinha acaba com todos os blocos de uma parede. Tão simples e tão divertido.

Como você analisa o seu legado?

A tecnologia que desenvolvi na Atari permitiu a existência de videogames 5 anos antes do microprocessador existir e possibilitou o lançamento dos primeiros computadores pessoais. Tenho orgulho disso, mas prefiro focalizar o futuro. Dirigir olhando pelo retrovisor não é tão divertido quanto descobrir até onde o carro é capaz de ir. Acho que os jogos hoje estão muito direcionados para o sexo masculino e o mercado tem um terço do tamanho que poderia ter. Esperava que a indústria abraçasse

não apenas o entretenimento, mas também a educação. Videogames atraem tantos jovens, não entendo porque a tecnologia não impulsionou a educação.

Jogos que não envolvam mortes, explosões e esportes podem ser comercialmente viáveis?

Claro. Bons jogos têm objetivos claros e um timing bem afinado. Paciência é um dos jogos mais populares do mundo e não tem nenhum tipo de violência. O objetivo dos games sociais da uWink é possibilitar discussões, flertes e camaradagem entre jogadores. Além disso, videogames podem ser melhores professores que um Mr. Wilson da vida e seu pedaço de giz.

Por que, após 30 anos do lançamento, games ainda são uma brincadeira para homens?

Os temas dos jogos de hoje são sobre domínio, desafio e conflito. E esses são temas globais, parte da condição humana. Não importa onde você vive ou qual é o seu nível de educação, todos lutam pela superação. Os jogos não abordam temas femininos como comunidade, socialização ou interação e é por isso que a maioria dos adeptos do videogame são homens. Na uWink, acreditamos que as mulheres foram desfavorecidas no passado, deixando uma enorme oportunidade de mercado para ser explorada.

Como vai a uWink?

Esperamos abrir o primeiro restaurante em breve. Nossas pesquisas foram excepcionalmente bem e sentimos que temos algo criativo e que as pessoas querem. Melhor que isso, impossível.

Você já disse que após a uWink se firmar voltará aos games com o Atari versão 2.0. Ele tem chance contra concorrentes como Sony e Nintendo?

A uWink está focalizando no futuro dos videogames e em seu mais novo gênero: games sociais. Sony e Nintendo são líderes em seus segmentos. Nós queremos ser os líderes em games sociais.

O que são games sociais?

São games que incentivam a conversação. Nós vemos uma série de jogos que irá unir as pessoas e proporcionar a cola para a interação social e divertimento. Mas você tem de vir para a inauguração da uWink para entender essa idéia.

Steve Jobs foi seu empregado na Atari e dizem que ao fundar a Apple ele adotou sua máxima de que trabalhar deve ser divertido. É verdade?

Steve era muito criativo e incrível para se trabalhar. Tive muitas conversas com ele e Woz (Steve Wozniak, que fundou a Apple com Jobs) sobre o sentimento de libertação obtido quando se dá mais importância à jornada do que ao objetivo. Ou seja, você será mais feliz se aproveitar a viagem sem se preocupar muito com o destino.

Muitos consideram o Atari o melhor de todos os tempos. Você concorda ou acha que essas pessoas deveriam deixar de dirigir olhando pelo retrovisor?

O Atari era especial não apenas pela jogabilidade, mas pela inovação. Inovação é onde a atual indústria de games peca. A hora de inovar é agora e a uWink está liderando o bando.

Nolan Bushnell

- Nasceu em fevereiro de 1943 em Utah.
- Tem 8 filhos.
- Ao sair da faculdade, queria trabalhar na Disney porque achava a companhia a melhor desenvolvedora de tecnologia para entretenimento. Mandou currículos e nunca obteve resposta.

- *É obcecado por jogos. Seus favoritos são Go, xadrez, Advance Wars, Ages of Empires e Warcraft.*
- *Atari é uma palavra japonesa para um aviso em Go, jogo inventado na China há cerca de 4 mil anos e jogado até hoje na Ásia.*
- *Após sair da Atari, Bushnell fundou a rede de restaurantes Chuck E. Chesse, um lugar onde pais e filhos podiam se divertir jogando videogames e comendo pizza.*

Entrevista 18 - Edição 224 - 03/2006

> SUPER > papo > Superpapo

A caminho de Mercúrio

Coordenador da missão da Nasa que vai levar uma sonda ao planeta vizinho do sol, Mario Acuña explica o que a ciência pode aprender em um ambiente de extremos.

Por Eduardo Szklarz

Mercúrio é o planeta mais difícil de avistar da Terra. Está tão perto do Sol que o telescópio Hubble nunca o fotografou - a intensidade da luz queimaria as lentes. As poucas imagens que temos dele foram feitas pela sonda Mariner 10, há 30 anos. E só abrangem a metade de sua superfície. "Chegou a hora do reencontro", diz o astrofísico argentino Mario Acuña, que trabalha na Nasa e coordena a Messenger, uma das mais ousadas missões já arquitetadas pela agência espacial americana.

Para que a nave lançada em 2004 chegue lá, a equipe de Acuña a fará viajar por 7 anos em malabarismos siderais: serão 15 voltas em torno do Sol, uma ao redor da Terra e duas em Vênus. O desafio vale a pena? Segundo Acuña, Mercúrio guarda a chave para entender a origem do sistema solar.

Especialista em campos magnéticos, Acuña tem atraído as medalhas mais importantes da Nasa. Recebeu até o Prêmio por Mérito e Excelência no Serviço, a maior honra da agência espacial. Concedeu esta entrevista do Centro Goddard de Vãos Espaciais, em Maryland, onde trabalha.

O que torna Mercúrio um planeta tão curioso?

Mercúrio vive de extremos. A temperatura chega a 450 °C de dia e cai para 150 °C negativos à noite. Devido à pequena inclinação do eixo, as zonas polares estão sempre na sombra e talvez até contenham gelo. Não há atmosfera, mas apenas gases transitórios gerados pelo choque de cometas ou meteoritos. Por fim, para dar uma volta em torno do Sol (um ano) Mercúrio demora 88 dias terrestres. Mas na superfície do planeta, a distância entre dois amanheceres (um dia) é de 176 dias terrestres - ou seja, se você estiver em Mercúrio, verá um dia ser mais longo do que um ano.

E o que podemos aprender em um planeta com características tão diferentes da Terra?

Assim como a Terra, Vênus e Marte, Mercúrio é um planeta rochoso. Isso quer dizer que tem superfície sólida, núcleo denso e crosta de densidade mais leve. Uma das coisas que despertou nossa atenção quando a sonda Mariner 10 passou por lá, em 1974, foi a presença de um campo magnético. A teoria aceita demonstra que a origem do campo magnético está nas correntes elétricas geradas a partir da rotação do planeta. Mas a rotação de Mercúrio é muito lenta, o que nos trouxe uma incógnita: por que alguns planetas produzem campos magnéticos e outros não? Queremos pesquisar Mercúrio para entender como se formaram os planetas rochosos. Ao estudá-lo, saberemos mais sobre a evolução da Terra.

Como a Messenger conseguirá suportar o calor provocado pela proximidade com o Sol?

Construímos um grande pára-sol, feito de tela de cerâmica, que garante a blindagem térmica contra a radiação solar. A sonda viaja na sombra desse pára-sol, onde a temperatura se mantém em torno dos 25 °C. Outro problema é o calor que Mercúrio irradia. Por isso, a nave foi desenhada para suportar até 200 °C. Mas se a missão se desviar num ângulo maior do que 15 graus em relação ao Sol, ficará diretamente exposta à radiação solar e fatalmente se destruirá.

Por que a Messenger dará tantas voltas até entrar em órbita ao redor de Mercúrio?

Como a sonda está praticamente "caindo" no Sol por causa da enorme atração gravitacional, precisamos freá-la. A idéia é consumir sua energia para diminuir a velocidade. Fazemos isso de uma maneira muito complexa, utilizando as trações de gravidade da Terra, de Vênus e de Mercúrio. Por isso o trajeto é tão longo. A nave viaja no espaço ao redor do Sol e essa órbita vai mudando à medida que ela se aproxima dos planetas. Ela se aproximou da Terra no final de 2004 e neste momento está passando por Vênus. Uma vez que tenhamos reduzido sua velocidade o suficiente, ela poderá se aproximar de Mercúrio utilizando os motores de bordo e entrar em órbita em volta dele, não do Sol. No final, terá percorrido cerca de 6 bilhões de quilômetros para cumprir uma distância de apenas 180 milhões. O trajeto só termina em 2011.

E o que você vai fazer enquanto espera?

Temos coisas demais para fazer na Nasa. Essa é apenas uma entre as várias missões que coordenamos. Estamos trabalhando com as naves Voyager 1 e 2, que nos mandam informações sobre o limite do sistema solar. Também temos naves em órbita ao redor de Marte e preparamos uma volta à Lua.

Você trabalhou na primeira missão a Mercúrio, em 1974. Que tecnologia temos hoje que nem sonhávamos ter naquela época?

Primeiro, a tecnologia de alta temperatura. Os painéis de energia solar da Messenger podem trabalhar a mais de 300 °C. Eles fornecem a eletricidade que nos possibilita operar a nave. Hoje também podemos orbitar os planetas. Quando começamos a explorar o sistema solar, nos anos 60, a estratégia da Nasa era mandar sondas que se aproximassem dos planetas em vez de ficar em órbita. Em 1974, a sonda Mariner 10 passou perto de Mercúrio apenas 3 vezes. A Messenger ficará um ano em órbita.

A Nasa gasta em média 10 bilhões de dólares por ano para explorar o espaço. O que todo esse investimento nos ensinou?

Estamos tentando responder a duas perguntas. De onde saímos? Para onde vamos? Explorar o sistema solar nos dá acesso a laboratórios impossíveis de obter na Terra. Algum dia, todo esse conhecimento será aplicado aqui. Por exemplo: o que aconteceria se o campo magnético da Terra desaparecesse? Todo mundo pensa que ele vai durar para sempre. Mas sabemos que o de Marte desapareceu, que o de Mercúrio é muito fraco e que o de Vênus não existe mais. Quando o campo magnético desaparece, a radiação solar chega diretamente à atmosfera e, aos poucos, os ventos solares levam a atmosfera para o espaço. Essa é uma das razões pelas quais Marte perdeu um oceano que tinha 500 metros de profundidade e hoje é um deserto.

O futuro do homem é no espaço?

Cedo ou tarde, a Terra desaparecerá. Se não for por nossas bombas, será pela ação do Sol em 5 bilhões de anos. Se quisermos pensar num futuro distante, temos de pensar no espaço e em habitar outro planeta, algo que não conseguimos hoje. É nisso que pensamos diariamente na Nasa: como é possível sermos os únicos? Deve haver outras respostas.

Mario Acuña

- *Participou de quase todas as missões planetárias da Nasa - só Plutão não recebeu sua visita.*
- *Está por trás de engenhocas usadas nas sondas Mariner 10, Pioneer 11 e Voyager 1 e 2.*
- *Garante ser uma pessoa normal. "A única diferença é que tenho acesso a coisas estranhas", afirma.*
- *Gosta de fotografar como hobby, mas trabalha até 80 horas por semana. Como ele diz, "os astros não têm horário".*
- *Acredita em Deus "com D maiúsculo".*
- *Entre idas e vindas à Argentina, casou com uma americana e teve 4 filhos. Mas não perdeu o forte sotaque de Córdoba, sua cidade natal.*

Entrevista 19 - Edição 228 - 07/2006

SUPER > Revista > Edição 228 > papo > Marcia Angell



© Nelson Provazi

Doutores sabem nada

Ex-editora de uma das mais respeitadas revistas médicas do mundo, Marcia Angell fala sobre os bastidores da indústria farmacêutica e diz que os médicos estão sendo educados para receitar os tratamentos mais caros – mas não necessariamente os melhores

Por Tania Menai

A médica americana Marcia Angell é capaz de curar sem dificuldade dores de cabeça. Mas ela prefere mesmo é causá-las. Acadêmica sênior do Departamento de Medicina Social da Universidade Harvard, Marcia escreve textos que cutucam a ética na medicina. Seu livro mais recente, *The Truth About Drug Companies* ("A Verdade sobre as Empresas Farmacêuticas", sem tradução em português), causou enxaquecas na indústria de remédios ao colocar do avesso questões como a prescrição de medicamentos recém-lançados, remédios com campanhas publicitárias mais caras que as dos tênis mais modernos e, principalmente, a controversa relação entre médicos e a indústria farmacêutica. Durante 21 anos, Marcia assinou artigos na *New England Journal of Medicine*, uma das mais prestigiadas revistas de pesquisa médica do planeta. Deixou a redação no ano 2000, quando ocupava o cargo de editora-executiva. Grande defensora da ciência e mãe de duas filhas, Marcia já foi considerada pela revista *Time* uma das 25 personalidades mais influentes dos EUA.

Você causou polêmica ao criticar a maneira como as empresas farmacêuticas se relacionam com os médicos. Em que medida esse vínculo realmente afeta aos pacientes?

Ele é péssimo para os pacientes. As farmacêuticas gastam dezenas de bilhões de dólares para seduzir os médicos oferecendo viagens e convenções. E o pior, muitas vezes fazem isso fingindo que os estão educando. O resultado dessa convivência é que os médicos aprenderam um estilo de medicina que se baseia em remédios. E mais: que remédios recém-lançados, normalmente mais caros, são melhores do que os antigos, ainda que não haja qualquer evidência científica que sustente essa idéia. Os médicos estão aprendendo que para cada reclamação de um paciente há um medicamento que soluciona o problema.

O primeiro contato entre empresas e médicos muitas vezes é feito ainda nas universidades. Isso é saudável?

Universidades e hospitais deveriam proibir que isso acontecesse. Esses estabelecimentos dão liberdade total para profissionais que não passam de vendedores farmacêuticos. Eles distribuem amostras grátis para os médicos jovens nos corredores, pagam almoços e dão brindes de todos os tipos. São pizzas,

canetas e blocos de anotações que no futuro vão se transformar em presentes bem maiores, como viagens para o Havaí ou a resorts para jogar golfe. Se essas mesmas instituições proibem a entrada de vendedores de refrigeradores, elas poderiam, facilmente, banir qualquer outro vendedor. Basta querer.

É cada vez mais comum encontrar anúncios publicitários de medicamentos. Que tipo de resposta os pacientes dão a essas propagandas?

É comum escutar que "um consumidor educado é algo desejável". E isso não deixa de ser verdade. Mas, nesses casos, os consumidores não estão sendo educados, eles são apenas alvos de marketing. A resposta aos anúncios é o paciente pressionar seu médico a receitar esses remédios mais novos - e mais caros - que viram na televisão. Para os médicos, é mais rápido receitar o tal remédio para o paciente do que explicar por que ele não precisa daquele medicamento. E já que hoje os médicos são obrigados a atender pacientes em consultas cada vez mais rápidas, eles acabam abocanhados por essa armadilha. Deveriam bater o pé e tratar o paciente da forma que ele realmente precisa.

As empresas farmacêuticas afirmam que investem bilhões de dólares em pesquisa de novos medicamentos e usam a propaganda como estratégia para reaver seus investimentos. Você concorda?

Isso é no que as farmacêuticas gostariam que nós acreditássemos. Mas não é assim que funciona. Primeiro, elas são muito menos inovadoras do que se pensa e fazem pouco em termos de pesquisa contra doenças sérias, como aids ou câncer. Elas fazem experimentos clínicos, mas não o trabalho essencial, que é realizado pelos cientistas ligados às redes de saúde de vários países e pelas universidades. E isso acontece porque a indústria farmacêutica está mais preocupada com o marketing do que com a pesquisa e desenvolvimento. Em 2004, o conjunto das 9 principais farmacêuticas americanas teve lucros sobre vendas 3 vezes maiores que a média das outras 500 empresas mais rentáveis dos EUA. Elas gastam 15% do orçamento em pesquisa e desenvolvimento - isso é menos do que a metade do que gastam com administração e marketing.

Mas, apesar da fama de ter ótimos resultados financeiros, a indústria farmacêutica vem perdendo espaço ano a ano entre as mais lucrativas. Após duas décadas na liderança do ranking das 500 mais rentáveis, feito pela revista *Forbes*, as farmacêuticas agora estão na 5ª colocação. O que está acontecendo?

Essa queda começou em 2001, quando expirou a patente do Prozac. A seguir, várias empresas tiveram problemas similares. Por uma coincidência, alguns dos medicamentos mais vendidos - estamos falando de uma receita anual de cerca de 35 bilhões de dólares - estão com suas patentes para vencer nos próximos anos. E, para piorar, há muito poucos remédios prontos para ocupar o espaço desses "blockbusters de farmácia". Das 78 drogas aprovadas pela FDA em 2002, por exemplo, apenas 7 foram classificadas como avanços em relação a outras drogas. As outras 71 não passavam de variações de outras drogas que já existiam no mercado.

O que poderia ser feito para aprimorar a atuação dessas empresas?

Uma das reformas mais importantes que poderiam entrar em vigor imediatamente é exigir que as empresas testem suas novas drogas em comparação às já existentes, e não a placebos. Também seria saudável que elas trouxessem a público os detalhes de seus gastos com pesquisa e com marketing.

É comum ouvir que as farmacêuticas não investem na pesquisa de remédios contra doenças do terceiro mundo, como malária ou leishmaniose, porque países pobres não conseguem garantir o retorno financeiro do investimento. Como a medicina deve se portar diante desse tipo de questão?

Essa é uma situação terrível. Há 20 anos, realidades como essa eram mostradas escancaradamente em revistas médicas, quando o resultado de novos medicamentos eram medidos por seus benefícios em dólares. Colocava-se um preço nos anos de vida ganhos pelo tratamento: se um executivo de propaganda ganhava 500 mil dólares por ano, a vida dele era medida a partir daquele preço. Portanto, os tratamentos mais caros seriam justificáveis. Nesses parâmetros, se uma dona-de-casa tivesse a mesma doença, sua vida valeria quase nada. Felizmente, não vejo mais isso acontecer, apesar de acreditar que a indústria ainda se comporte assim, mesmo que implicitamente.

Você escreveu uma resenha positiva sobre o filme *O Jardineiro Fiel*, do diretor brasileiro Fernando Meirelles, que trata de pesquisas de medicamentos em países de terceiro mundo. Quão importante foi levar o tema para o cinema?

Muito importante. O filme é muito bom, concordo com o ponto de vista da história. Eu gostaria, apenas, que ele tivesse explicado por que as farmacêuticas estavam fazendo aquilo. Creio ser possível que muitas delas conduzam testes de novas drogas em pacientes na África para não ter de seguir as linhas de conduta de comitês de ética e da FDA.

Como ex-editora de uma das mais importantes revistas de divulgação científica, como você viu a recente descoberta de que um pesquisador coreano fraudou seus estudos sobre células-tronco publicados em jornais científicos?

Não há nada que nós editores possamos fazer. Informações fabricadas são feitas meticulosamente e, se forem plausíveis, não há como detectá-las. Editores recebem os manuscritos, eles não estão no laboratório ou ao lado da cama do paciente examinando passo a passo. Não há maneiras de verificar se o material é totalmente fidedigno. Quem acaba por revelar as fraudes, normalmente, são os colegas de trabalho que deduram os cientistas. E, infelizmente, a publicação de fraudes acontece com remédios também. Resultados indesejados são simplesmente abafados. Houve o caso de um medicamento para a artrite chamado Celebrex. Um teste publicado na revista da Associação Médica Americana dizia que ele causava menos efeitos colaterais do que drogas existentes. Só depois da publicação os editores descobriram que os resultados eram baseados apenas nos 6 primeiros meses de teste. Quando o teste inteiro foi analisado, não havia vantagem no uso do Celebrex a longo prazo.

Em uma palestra recente, você disse que os EUA têm dado as costas à ciência. O que está acontecendo?

Temos visto uma grande adoção de noções anticientíficas. Há escolas sendo pressionadas a ensinar criacionismo em vez de evolucionismo. Há várias tentativas de desacreditar descobertas científicas, como o aquecimento global. O governo apresenta esse assunto como controverso, algo que, na verdade, ele não é. A medicina alternativa está ressurgindo depois de ter quase desaparecido por conta dos grandes avanços medicinais pós-2ª Guerra. Muitos desses métodos, além de não serem provados, viram as leis científicas de cabeça para baixo.

O que tem levado essas pessoas a se afastarem da ciência?

Uma das razões é a educação científica precária. Professores ganham mal, então as pessoas mais talentosas não são atraídas para ensinar. Além disso, para ser professor de ciências não é preciso ser cientista. Então, muitas vezes esses professores não sabem o que estão ensinando. O que se aprende em ciências, em vários casos, não passa de uma coleção de fatos. As crianças aprendem como os animais são classificados e como as coisas são vistas pelo microscópio. Mas elas não aprendem a pensar cientificamente - e isso é justamente o oposto de decorar fatos. Pensamento científico envolve ceticismo, até que haja provas. Deveríamos ensinar a maneira de avaliar evidências e como fazê-lo de forma crítica.

Marcia Angell

•Foi editora-executiva da *New England Journal of Medicine*. Quando deixou o cargo, escreveu um livro sobre os bastidores da indústria farmacêutica.

•É apaixonada por música e adora ir a concertos.

•Tocava piano e violino, mas uma artrite nas mãos obrigou-a a largar os instrumentos.

•Está lendo *Dark Ages America* ("América Anos Negros", sem tradução em português), em que o historiador Morris Berman defende a tese de que os EUA estão em trajetória irreversível de declínio.

•Nas últimas eleições dos EUA, votou em John Kerry contra o vencedor George W. Bush.

Entrevista 20 - Edição 229 - 08/2006

> [SUPER](#) > Revista > [Edição 229](#) > [papo](#) > SuperPapo



O caçador de tesouros

A costa brasileira tem alguns dos mais valiosos naufrágios do mundo. só em um navio estariam 4 toneladas de ouro. Denis Albanese comanda a expedição que quer resgatar fortunas como essa
Por Marcelo Bortoloti

Há 30 anos, Denis Albanese fez fama entre os caçadores de tesouros submarinos ao encontrar o Vacama, um navio naufragado no litoral de Búzios que era alvo de expedições inglesas e alemãs. Para localizar o barco, contou com a ajuda de um único assistente - um pescador da região. Hoje ele trabalha com um pouco mais de tecnologia. Sua empresa, a Salvanav, gasta até 3 milhões de reais num único projeto e conta com o apoio logístico dos maiores especialistas na área, como os americanos da Odyssey Marine Exploration. Mas o custo compensa. A Salvanav detém os dois principais projetos de resgate de naufrágios na costa brasileira atualmente em curso: os galeões Rainha dos Anjos e Santa Rosa - este último, possivelmente dono da maior carga mundial de ouro perdida no mar.

Em uma bela cobertura de frente para o mar no Leblon, no Rio, Albanese leva uma vida tranqüila, mas garante que nunca conseguiu ficar rico com essa caça a tesouros submersos. Para ele, a imprensa é que "colore demais" sua atividade. "Não precisa fazer sensacionalismo: é sensacional", diz.

A costa brasileira é rica em navios naufragados?

É rica porque o Brasil estava em uma rota colonial importante. Fosse em viagens da Europa para cá ou da Europa para a Índia, todas as embarcações passavam por aqui nos séculos 17 e 18. Como na época não havia muitas cartas de navegação, muitos navios afundavam. Os que naufragaram aqui eram, em sua maioria, navios comerciais.

E como encontrá-los?

A pesquisa histórica representa 80% do trabalho. Catalogamos informações sobre cerca de 650 navios naufragados na costa brasileira. Sobre alguns temos apenas notícias de jornais da época informando que a embarcação não chegou ao destino - e não sabemos mais nada, onde afundou ou o que tinha a bordo. Outra dificuldade é que a maioria dos arquivos portugueses foi perdida no incêndio de Lisboa, em 1755. Mas nos arquivos espanhóis, franceses e ingleses dá para encontrar todas as informações náuticas desde o século 16.

Alguns estudiosos dizem que a carga dos navios deveria permanecer submersa, para preservar o patrimônio histórico. Você concorda?

Isso é uma besteira. O mar está ficando cada vez mais ácido com as saídas de esgoto e assim as cargas submersas se deterioram rapidamente. Daqui a 50 ou 100 anos, tudo pode sumir. Então acho que o melhor é retirar e colocar em museus, para todo mundo ver, como se faz no mundo inteiro.

Como é feito o trabalho de resgate?

Pesquisamos na superfície com um magnetômetro, aparelho que mostra grandes massas metálicas assentadas no fundo do mar. Âncoras, balas de canhão e aglomerações atípicas provocam uma pequena deformação do campo magnético. Depois, é preciso saber como conservar os achados antes de retirá-los. Eles devem ficar dentro d'água por algum tempo. Um objeto submerso há 300 anos que é colocado diretamente em contato com o ar resseca e some em poucos meses. Canhões de ferro e porcelanas desaparecem. Para evitar problemas assim, fazemos um processo de dessalinização em que mantemos o material recuperado num recipiente com água salgada. Durante semanas injetamos água doce cuidadosamente até que os sais impregnados sejam removidos.

A escolha do navio a ser resgatado depende do valor da carga?

Empresas como a nossa encontram um patrocinador e trabalham ao lado da Marinha e de arqueólogos para fazer algo decente pelo patrimônio histórico e, evidentemente, encontrar riquezas para pagar os investimentos. Temos um projeto de resgate do navio Santa Rosa, por exemplo, que está há 4 mil metros de profundidade no Nordeste. É mais fundo do que o Titanic e não sabemos o ponto exato do naufrágio - são mais de 5 mil quilômetros quadrados que precisam ser varridos metro a metro. É necessário trabalhar com robôs, navios e gastar milhões. É um capital de risco que as pessoas não vão aplicar para perder.

Dizem que o Santa Rosa guarda um dos tesouros mais cobiçados do mundo.

Ele é realmente um dos poucos grandes tesouros do mar que existem até hoje. A grande diferença para outros navios encontrados na região é que o carregamento das outras embarcações era somente de prata. O Santa Rosa só tem ouro.

Quanto?

Entre 1700 e 1760 foram enviadas cerca de 1000 toneladas de ouro do Brasil para Portugal. Dessa época, o Santa Rosa é o único navio luso afundado. Há quem insista que pode haver 1 bilhão de dólares lá. Não é verdade. Acho que encontraremos apenas o equivalente em ouro a 100 milhões ou 120 milhões de dólares. Isso se conseguirmos encontrá-lo, se der para retirar tudo, se conseguirmos vender bem.

Qual foi seu primeiro resgate?

Foi o Vacama, um navio alemão que supostamente trazia bens de nazistas em fuga quando tentou furar um bloqueio marítimo inglês. O barco foi perseguido e acabou afundado por um destróier na região de Búzios. Quando comecei a me interessar por esse naufrágio muita gente já estava de olho nele. Mas nunca conseguiram achar nada. Foi quando um amigo me contou sobre um pescador que ia uma vez por mês à região do naufrágio porque lá havia muito peixe. Eu decidilevar esse pescador como assistente. Achamos o navio no primeiro dia, em 1915 de pesquisa. Um sucesso. Mas quando a embaixada alemã ficou sabendo da descoberta, exigiu a posse do navio alegando que havia um tesouro secreto da 2ª Guerra escondido nele. Houve até uma pequena crise diplomática, mas conseguimos da Marinha a liberação para explorar o barco. Dois dias depois, o presidente da maior companhia de salvamento do mundo me ligou para vir ajudar. Eles vieram com um navio, mas não conseguimos tirar nada.

Você já encontrou grandes tesouros?

Quando cheguei à baía de Todos os Santos, na Bahia, na década de 1980, tinha autorização para explorar quase toda a área. Cerca de 5 navios já haviam sido descobertos pelos mergulhadores locais, que retiraram todos os canhões de bronze e venderam. Mas eles não sabiam que as cargas continuavam lá, enterradas. Encontramos muita coisa ali. Há casos de resgates milionários, mas eu mesmo não ganhei muito dinheiro. Do Central América, por exemplo, naufragado nos EUA, foram retirados 150 milhões de dólares. Recentemente, parceiros nossos retiraram 60 milhões de dólares do Republic, também nos EUA.

O navio Rainha dos Anjos, naufragado na baía de Guanabara, será resgatado?

O Rainha é um navio do século 18 que vinha da China com presentes do imperador para o papa e o rei de Portugal, e que explodiu aqui no Porto do Rio. Sabemos que o naufrágio está numa região bem

pequena, de 1 milha quadrada (o equivalente a 2,5 km²). Mesmo assim, é bastante difícil encontrá-lo, porque são 300 anos numa área portuária. São centenas de milhares de navios que passaram por ali e jogaram coisas no fundo do mar. Aconteceram batalhas naquela região e outros navios afundaram. Além disso, o fundo está cheio de esgoto que sai da Praça 15. A água é nojenta, a visibilidade pequena e temos de trabalhar com roupas especiais para não pegar doenças. Tem até uma locomotiva afundada nessa região - ela estava sendo transportada por um navio que virou - além de carros, âncoras, sujeira e metros de lama e de lodo.

Como achar um navio nessas condições?

Sabemos que o navio explodiu e que tinha 55 canhões de 2 ou 3 toneladas. Eu já trabalhei com dois navios explodidos, e aprendi que os canhões se espalham a uma certa distância. Então, uma das maneiras é encontrar a posição dos canhões. Além disso, o Rainha vinha com 150 mil peças de porcelana. Com a explosão, uma parte foi quebrada e produziu milhares de cacos. Então, se nós encontrarmos uma quantidade grande de cacos saberemos que estamos perto. Temos 4 meses para realizar uma pesquisa com instrumentos, utilizando sonares de baixa frequência para varrer o fundo e retirar algumas amostras. Se descobrirmos o navio, a retirada das peças leva mais uns 9 meses. No entanto, se depois de 4 meses não encontrarmos nada, o projeto morre. Pretendemos começar essa exploração ainda no 2º semestre deste ano.

Denis Albanese

- *Sua empresa é detentora dos dois principais projetos de resgate de navios naufragados na costa brasileira.*
- *Completo 74 anos, mas não aparenta ter mais do que 60.*
- *É francês e veio ao Brasil pela primeira vez de carona num veleiro. A viagem durou quase um ano.*
- *Trabalhou 20 anos como fotógrafo. Foi o único a registrar imagens de Brigitte Bardot (de quem ficou amigo), quando ela veio ao Brasil nos anos 60.*
- *Começou a carreira de mergulhador procurando ânforas no Mediterrâneo.*

OS NÁUFRAGOS NO BRASIL

Santa Clara

Levava ouro e prata de Portugal para a Índia, em 1573. Naufragou ao fazer escala no Brasil.

Onde está: Próximo a Arembepe, na Bahia.

Quanto tem: Não existe valor estimado. Segundo relatos da época, tripulantes morreram afogados tentando nadar até a praia com os bolsos cheios de ouro.

Rainha dos Anjos

Naufragou em 1722, vindo de Macau. Trazia presentes da corte chinesa para o papa e o rei de Portugal.

Onde está: Na baía de Guanabara, no Rio.

Quanto tem: Cerca de 450 mil dólares em peças. São 128 vasos de porcelana e 136 raríssimos vasos de vidro de Pequim.

Santa Rosa

Explodiu em 1726 levando um quarto da produção anual de ouro do Brasil. É um dos mais ricos naufrágios do mundo ainda não localizados.

Onde está: Em algum lugar no litoral pernambucano.

Quanto tem: Estima-se que a carga teria cerca de 4 toneladas de ouro.

Prince

Navio francês, viajava com destino à Índia. Afundou em 1752.

Onde está: Entre Pernambuco e Rio Grande do Norte. Uma segunda versão dá conta de que estaria próximo da ilha da Ascensão, no meio do Atlântico.

Quanto tem: A carga em ouro é avaliada em 5 milhões de libras.

Madagascar

Navio inglês, afundou em 1853 quando voltava da Austrália.

Onde está: Próximo a Bragança, no Pará. Mas alguns estudiosos acreditam que ele possa estar no lado oposto do Brasil, na costa gaúcha.

Quanto tem: Acredita-se que o navio transportava 1020 toneladas de ouro.